

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

GISELLE FERREIRA COTA

**Cinema de Quebrada: oficinas audiovisuais na
periferia paulistana e seus desdobramentos**

São Paulo
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GISELLE FERREIRA COTA

**Cinema de Quebrada: oficinas audiovisuais na
periferia paulistana e seus desdobramentos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de mestre.

Área de concentração em Estudos dos Meios e da Produção Mediática; Linha de pesquisa: Técnicas e Poéticas da Comunicação.

Orientador: Professor. Doutor Roberto Franco Moreira.

São Paulo

2008

Aos realizadores do Cinema de Quebrada

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Universidade de São Paulo e à Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) pela oportunidade de participar do curso de pós-graduação.

Em especial, ao Prof. Dr. Roberto Franco Moreira, por direcionar meu trabalho aos caminhos mais objetivos durante as etapas de realização da pesquisa, lidando com paciência diante da minha ansiedade de informação e das minhas dificuldades em geral.

Agradeço ao Prof. Dr. Jean-Claude Bernardet por ter acreditado no projeto quando esse ainda era apenas um apanhado de idéias.

Sou grata à Prof. Dra. Rose Satiko Hikiji e à Prof. Dra. Esther Hamburguer, integrantes da banca do exame de qualificação, por terem apresentado sugestões valiosas para que o texto fosse aperfeiçoado.

Recebam meu agradecimento também: Associação Cultura Kinoforum por ter cedido alguns materiais de seu acervo, ao cineasta e coordenador das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual Christian Saghaard.

Ao pessoal dos núcleos audiovisuais: Vanice Deise e Eder Augusto (Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo); JC e Tio Pac (Filmagens Periféricas); Vânia (Mucca - Mudança com Conhecimento, Cinema e Arte) e Luciano Oliveira (Nerama). Eles mostraram como o seu trabalho é rico.

Meus familiares: ao Harley Cabral Furtado por ter compreendido minhas longas madrugadas de trabalho, aos meus filhos Helena e Giovanni por serem fontes de motivação nos momentos difíceis. À minha mãe Hilda S. S. Ferreira, minha

sogra Roseli Cabral e à Dona Lindinalva Cabral que ajudaram a cuidar das crianças e de alguns afazeres para que eu pudesse dedicar mais tempo à pesquisa. Aos meus irmãos: Márcia R. F. Cota, Daniel F. Cota e Rita de Cássia Hiramoto, que colaboram de diversas formas.

À amiga Caroline Maldonado que ajudou na revisão do exame de qualificação e me incentivou a acreditar que o trabalho estava no caminho certo.

Ainda que seus nomes não estejam neste texto, agradeço a todos os que trouxeram contribuições, de qualquer natureza ou amplitude, pois, sem elas, esta dissertação não seria possível.

RESUMO

COTA, G. F. **Cinema de Quebrada: oficinas audiovisuais na periferia paulistana e seus desdobramentos.** 2008. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Descreve como a experiência das *Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual* desdobra-se a partir de seus limites, gerando mobilização na área de produção e exibição audiovisual. Um dos objetivos da pesquisa é acrescentar uma contribuição contemporânea ao estudo das oficinas de cinema e vídeo em São Paulo. A metodologia associa as estratégias de pesquisa estudo de caso e observação participante. O percurso a ser desenvolvido na dissertação é o seguinte: no primeiro capítulo detalharemos as origens das *Oficinas Kinoforum*, como funcionam os cursos ministrados na periferia de São Paulo e os limites desse projeto. Depois apresentaremos os desdobramentos das oficinas: no capítulo dois, a *Formação do Olhar (KinoOikos)* com as mostras e debates que a integraram. Os núcleos audiovisuais criados por ex-alunos fazem parte do capítulo três e no capítulo quatro temos o *Cinema de Quebrada*, sobre o qual chegamos à conclusão que é um movimento articulado e ativo.

Palavras chave: Oficinas Audiovisuais, Associação Cultural Kinoforum, Cinema de Quebrada, Vídeo Comunitário, Antropologia Audiovisual.

ABSTRACT

COTA, G. F. **Cinema de Quebrada: oficinas audiovisuais na periferia paulistana e seus desdobramentos.** 2008. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

It describes how the experience of workshops *Kinoforum Workshops of Audiovisual Realization* breaks down from its limits, generating mobilization in the area of audiovisual production and screening. One of the aims of the research is to add a contemporary contribution to the study of film and video workshops in Sao Paulo. The methodology applied as a strategy for research is participant observation associated with the case study about *Kinoforum Workshops*. The route being developed in the dissertation is: in the first chapter we present the origins of the *Kinoforum Workshops of Audiovisual Realization*, the teaching of audiovisual to the young people on workshops in the peripheries of Sao Paulo and the limits of this project. After that, we present the unfolding of the workshops: in chapter two, the *Developing New Visions (KinoOikos)* with the screenings of movies produced in workshops and production centers and debates about audiovisual literacy among other discussions. The audiovisual production centers created by former students are part of the chapter three and in chapter four we have the *Cinema of Periphery*, on which we come to the conclusion that it is a movement articulated and active.

Keywords: Audiovisual Workshops, Cinema of Periphery, Kinoforum Workshops of Audiovisual Realization, Video at Community, Audiovisual Anthropology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 KINOFORUM.....	24
1.1 INTERVENÇÕES URBANAS (Ó DO BOROGODÓ).....	27
1.2 MÓDULO I.....	31
1.3 MÓDULO II.....	39
2 FORMAÇÃO DO OLHAR (KINOOIKOS).....	42
2.1 CURTA-METRAGEM	43
2.2 ALFABETIZAÇÃO AUDIOVISUAL.....	44
2.3 KINOOIKOS.....	48
3 NÚCLEOS AUDIOVISUAIS DE EX-ALUNOS.....	51
3.1 NERAMA – NÚCLEO DE ESTUDOS E REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL.....	52
3.2 ARROZ, FEIJÃO, CINEMA E VÍDEO	58
3.3 FILMAGENS PERIFÉRICAS	61
4 CINEMA DE QUEBRADA	70
4.1 FÓRUM NA INTERNET E DOCUMENTAÇÃO	71
4.2 A MOSTRA.....	73
4.3 O OLHAR DO OUTRO EM QUESTÃO	77
CONCLUSÃO	81
BIBLIOGRAFIA	83
FILMOGRAFIA.....	88
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

Não é mais possível pensar em arte como uma produção restrita a determinados espaços ou como atividade de profissionais especializados. Ela está em toda a parte, penetrando o nosso cotidiano¹.

O interesse pela pesquisa, a respeito do objeto em questão, surgiu a partir de experiências pessoais com as oficinas audiovisuais da Kinoforum. A primeira delas ocorreu em 2001, ao participar, como aluna, do projeto piloto, na etapa do Centro Cultural São Paulo (CCSP)². Realizar curtas-metragens em equipes era o objetivo prático dessa oficina. O resultado da participação foi o vídeo experimental *507,00 por hora*³, produzido por um grupo de cinco alunos, dos quais: um arquiteto, uma designer, uma jornalista e duas estudantes de comunicação (entre as últimas, a autora deste texto). A equipe era um pouco fora dos padrões do público alvo da Kinoforum: o jovem da periferia que, em muitos casos, reside em favelas e não tem experiência anterior na área de cinema e vídeo. Os outros grupos da mesma etapa pareciam mais heterogêneos em questão de idade, escolaridade e condição sócio-econômica.

A oficina durou do dia 24 de agosto a 2 de setembro de 2001. Houve aulas⁴ práticas com explicações sobre planos de filmagem, movimentos de câmera,

¹ COSTA, Cristina. **Questões de Arte**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

² Concebido inicialmente para abrigar uma extensão da Biblioteca Mário de Andrade, o CCSP passou por uma série de adaptações para se transformar em um dos primeiros espaços culturais multidisciplinares brasileiros. Inaugurado em 1982, oferece espetáculos de teatro, dança e música, mostras de artes visuais, projeções de cinema e vídeo, oficinas, debates e cursos, além guardar expressivos acervos da cidade de São Paulo: a Pinacoteca Municipal, a Discoteca Oneyda Alvarenga, a coleção da Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade, o Arquivo Multimeios e um conjunto de bibliotecas que ocupa uma área superior a 9 mil m². Site: www.centrocultural.sp.gov.br.

³ Para assistir ao vídeo acesse: <http://www.kinoikos.com/acervo/videos/215/>.

⁴ Notas de aula (ANEXO1).

exibição de filmes, treino com equipamentos e reunião dos grupos orientados a criar roteiros para seus curta-metragens. O último fim de semana foi dividido em gravações (acompanhadas por um profissional da equipe da Kinoforum, para cada grupo), no sábado e, edição, no domingo. Fechou-se a etapa com uma sessão onde foram exibidos os vídeos produzidos na oficina, seguidos da palavra dos realizadores (os alunos) sobre como foi processo de trabalho.

Começamos por relatar algumas das dificuldades que tivemos ao realizar nosso curta-metragem. Duas delas se destacaram: primeiro as divergências de idéias entre os realizadores. Todos concordaram que haveria uma performance baseada num poema sobre o metrô, com a participação de uma atriz convidada. Quando a moça e autora do poema chegou, para a encenação, o grupo começou a discutir se as cenas com a participação dela entrariam ou não, na edição final. Ela acabou se irritando com a indecisão e desistiu. O saldo do ocorrido foi a perda de um contato que poderia ser interessante no futuro. Esse exemplo de divergência entre alunos é citado aqui para ilustrar um fato que constatamos no decorrer da pesquisa, ao acompanhar outras etapas das oficinas: que as dificuldades de relacionamento entre os membros dos grupos são freqüentes, assim como pode ocorrer em qualquer outro tipo de relacionamento interpessoal.

O segundo problema, quanto à realização do vídeo, era filmar clandestinamente nas estações, plataformas e trens, sem a autorização que nos foi prometida durante uma semana, pelo departamento de marketing do metrô. Faltando apenas um dia para as gravações, fomos informados, por telefone, que seria necessário pagar uma quantia em dinheiro para um funcionário nos acompanhar, “sabe como é, hora extra, almoço: vai custar R\$ 507,00 por hora”. Valor absurdo para nós, que apenas participávamos de um projeto de inclusão

audiovisual. Durante a captação das imagens, o grupo foi abordado algumas vezes pelos seguranças. Como desculpa utilizamos o nome do responsável pelo departamento de marketing, na época, dizendo ser ele quem nos autorizou a trabalhar. Mais uma atitude transgressora, em nome da realização do nosso objetivo, mas aparentemente menor, diante do preço que nos foi cobrado. Esse episódio do custo da captação das imagens, imposto ao nosso grupo, inspirou-nos a criar o título do curta. Há quem pense que *507,00 por hora* seja uma referência à rapidez do metrô, o que não deixa de ser uma leitura interessante, por acrescentar o sentido duplo ao título em questão.

Um momento que marcou a experiência foi a exibição, que pareceu não agradar muito ao público presente naquela sessão do *Festival Internacional de Curtas*. Mal iniciou-se a projeção do vídeo, no CCSP, as pessoas começaram a se levantar de seus lugares e a saírem com ares de indignação. Poderíamos até esperar por tal reação, afinal, era um filme experimental. Contudo, a importância da oportunidade é o fato de ter proporcionado ao grupo o contato com um evento, a oficina, que é parte de um movimento maior do audiovisual brasileiro, o cinema de quebrada, que dialoga com outros movimentos sociais e estéticos.

Assim como outros ex-alunos de oficinas, com os quais conversamos, a autora deste texto também desejou trabalhar em audiovisual por já ter uma predileção anterior pelo cinema e uma experiência com vídeo⁵. Na tentativa de obter um estágio ou trabalho na Kinoforum, o currículo foi enviado algumas vezes, sem resposta. Talvez por uma irônica coincidência, alguns anos mais tarde (em 2006), o

⁵ O documentário *De Sol em Sol* (2000) sobre os músicos de rua no centro de São Paulo. O vídeo realizado em parceria com a colega Rosângela Romano é o nosso TCC do Curso de Comunicação Social- Jornalismo. Em 2000, foi selecionado para dois festivais brasileiros: A 7ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico, no Rio de Janeiro (<http://www.mostraetnografica.com.br/index.php?url=anteriores&mostra=7&ln=pt>) e a XXVII Jornada Internacional de Cinema na Bahia (<http://www.geocities.com/jornadaba/27bra03.html>).

coordenador pedagógico das oficinas Christian Saghaard comentou, durante a entrevista concedida para esta pesquisa, que queria encontrar o garoto que filmou aquelas cenas na estação Sé do metrô. Na verdade, quem escreveu o simplificado roteiro de filmagem do *507,00 por hora*, constituído basicamente por planos e locações estudadas anteriormente para outro projeto, foi uma garota⁶. O ocorrido é mencionado aqui para mostrar um momento de identificação da pesquisadora com uma das questões apresentadas na dissertação: o anseio dos egressos de projetos de inclusão audiovisual pela profissionalização na área ou a expressão artística. As aspirações, muitas vezes, são frustradas por diferença entre os objetivos dos jovens e os da instituição, demandas geradas além do esperado que podem ou não chegar a serem atendidas, de acordo com a capacidade ou vontade de atendê-las.

Essas questões iniciais levaram-nos a pensar numa pesquisa acadêmica sobre o tema, ainda na graduação.

Durante uma aula de Teoria da Comunicação, em 2001, sobre os dois usos dos meios de comunicação segundo a diferenciação proposta por Hans Magnus Enzensberger⁷: o repressivo e o emancipador, decidimos fazer o trabalho da disciplina comparando o estudo do autor citado com as práticas das Oficinas Kinoforum. Depois disso, o ingresso no curso de mestrado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) passou a ser a melhor forma de ampliar o escopo da pesquisa.

Em algumas conversas com Luiz Fernando Santoro⁸, descobrimos o livro *A imagem nas mãos*, uma importante referência no estudo do vídeo comunitário e a

⁶ Giselle F. Cota. Também gravou algumas das cenas citadas por ele, assim como os outros colegas também o fizeram.

⁷ ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

⁸ Ele é o docente quem ministrou as aulas de telejornalismo na graduação desta autora.

democratização da produção audiovisual, que poderia ser exercitada a partir do uso do vídeo como suporte da produção audiovisual de movimentos sociais.

Ao ingressar no curso de pós-graduação, sob a orientação do Prof. Roberto Moreira, fizemos algumas modificações no projeto: a primeira opção era mapear as oficinas audiovisuais brasileiras, a segunda versão seria uma comparação entre as oficinas *Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual* e do *Nós do Cinema*. A escolha definitiva foi estudar apenas as oficinas da Kinoforum. O estudo de caso é adotado nesta dissertação como meio de detalhar a experiência da Kinoforum.

Utilizamos também a observação participante como estratégia auxiliar de pesquisa, associada aos dados fornecidos pela instituição, entrevistas e levantamento da bibliografia. Embora o objeto desta pesquisa sejam as oficinas, a proposta do presente trabalho não é abarcar apenas a Kinoforum. Procuraremos demonstrar os limites a partir dos quais as oficinas passaram a não dar mais conta das demandas e daí surgem os desdobramentos que vão além da experiência original, apontando para um movimento que pode tomar corpo no audiovisual brasileiro: o *Cinema de Quebrada*.

Desde o início da pesquisa, houve mais facilidade em reunir material acadêmico sobre os antecedentes ou experiências próximas às oficinas audiovisuais do que o assunto em si.

Na bibliografia trabalhada, até o momento, não encontramos um estudo mais detalhado sobre as *Oficinas Kinoforum*. Há textos acadêmicos que dedicam citações ou capítulos sobre o assunto – enfocando o vídeo comunitário e com breves análises de curtas - os quais mencionamos no decorrer deste texto.

Entre as nossas referências bibliográficas iniciais está a definição do conceito de oficina cultural⁹ de Teixeira Coelho e aqui aplicada às oficinas audiovisuais. Coelho inicia explicando a parte etimológica da palavra oficina: que é, segundo ele, um tradução mais próxima para o termo *workshop*, muito utilizado na cultura anglo-saxã e em outras partes do mundo. O termo é aplicado para designar "uma espécie de seminário originalmente conduzido por profissionais de destaque (atores e diretores conhecidos de teatro, cinema, dança, literatura, etc.)" com o objetivo de promover o "intercâmbio de idéias e a demonstração de técnicas e habilidades desenvolvidas". O caráter ideológico que as oficinas culturais passaram a ter no Brasil, nas últimas décadas, teve origem entre os anos 60 e 70 do século passado, um período histórico em que os artistas e intelectuais de esquerda saem em defesa dos interesses dos oprimidos em geral, destacadamente dos trabalhadores. Esses defensores dos menos favorecidos "decidiram combater as idéias da arte como fruto de qualidades especiais de origem imprecisa e apresentá-la não só como resultado de um trabalho, mas igualmente como algo que colocava o trabalhador comum e o artista em uma relação de igualdade". Coelho também considera um exagero igualar o poder de realização deles com os da população comum devido aos "mecanismos especiais de apoio público de que gozam os artistas mesmo em períodos difíceis"¹⁰.

Em nossa pesquisa podemos constatar essa realidade pois os núcleos audiovisuais formados pelos ex-alunos da Kinoforum apresentaram como dificuldade corrente a obtenção de patrocínios ou apoios que permitam a continuação de seus trabalhos, sejam eles projetos de exibição de filmes na periferia, produção de curtas como expressão artística, militância social ou mesmo a realização de oficinas audiovisuais em suas comunidades.

⁹ COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997, p.282.

¹⁰ COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997, p.282.

A definição de Teixeira Coelho foi adotada por abordar esse tipo de manifestação cultural de forma multifacetada, tratando desde a tradução e a etimologia até a questão da desigualdade social que se busca combater por meio da arte.

Por mais que tentemos manter uma certa reserva quanto às questões políticas, o próprio ato de realizar oficinas culturais traz consigo essa conotação. Como disse o Prof. Roberto Moreira, “não se faz um trabalho desses apenas com boa-vontade”, é preciso muito mais do que isso: patrocínio e a habilidade para lidar com políticas culturais. Além disso, as entidades ou artistas realizadores de oficinas podem trazer para a prática seus projetos ideológicos. Uma citação extraída do site da Associação Kinoforum ilustra essa situação: “Através das oficinas pretende-se desvendar novos olhares, universos e concepções de imagem, oriundos de grupos sociais que habitam essas regiões, que não têm acesso aos circuitos de produção e exibição do cinema brasileiro”¹¹. Apesar de apresentarmos a conotação política do ato de se realizar oficinas audiovisuais, o objetivo desta dissertação não é se aprofundar nas questões ideológicas, mas demonstrar que elas existem e têm importância, somadas a outros fatores existentes no interior de um processo que se desenvolve, do qual o *Cinema de Quebrada* faz parte.

Nos próximos parágrafos sintetizamos algumas experiências que precederam as oficinas e que podem ter influenciado a Kinoforum na criação de seu projeto. O pequeno histórico é traçado tendo como referência as características e questões suscitadas pelas Oficinas Kinoforum (alteridade, socialização dos meios de produção audiovisual e do acesso ao cinema, sensibilização de público, movimentos

¹¹ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. Apresenta informações sobre as oficinas já realizadas, vídeos e objetivos da instituição. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org/oficinas>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2005.

sociais, projetos realizados em parcerias com comunidades etc) também identificadas em experiências anteriores.

Começamos com a Caravana Farkas, que despertou nosso interesse ao ser citada durante a pesquisa. Tratava-se da participação de jovens, sem experiência profissional, nas equipes de filmagens dos documentários produzidos pela expedição: “Esses grupos arregimentavam e trabalhavam com jovens e interessados de vários lugares do país. Isso já foi uma primeira experiência de transmissão de conhecimento e realização de filmes em outras regiões¹²”. O conjunto de filmes documentários produzidos entre 1968 e 1970 por um grupo de cineastas paulistas se convencionou chamar de Caravana Farkas¹³. O produto da caravana é um acervo com dezenove filmes que retratam o cotidiano no sertão.

A ABVP, Associação Brasileira de Vídeo Popular, utiliza o vídeo comunitário como ferramenta de reivindicação social desde a década de 80 do século XX,, época em que se iniciava a abertura política, ao mesmo tempo em que a tecnologia do vídeo começava a ser barateada, o que facilitou a popularização do formato entre os movimentos sociais.

Considerada “primeira televisão comunitária a céu aberto da América”¹⁴, a *TV Viva* existe desde 1984 e foi fundada pelo jornalista Eduardo Homem - também coordenador do projeto. A *TV Viva* era o principal projeto do Programa de Comunicação do Centro de Cultura Luiz Freire, organização não governamental

¹² SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota. Continuação da citação: O cineasta e documentarista Thomas Farkas, já nos anos 70, não fazia exatamente oficinas, mas organizou grupos que percorreram o Brasil fazendo filmagens de documentários.

¹³ D'ALMEIDA, Alfredo Dias. *O diálogo entre culturas presente nos filmes documentários da Caravana Farkas: uma proposta de análise*. s/d. **Aruanda**. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/aruanda/caravanafarkas.htm>>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2006.

¹⁴ TV VIVA. **TV Viva**. O site apresenta informações sobre a instituição e seu acervo. Disponível em: <<http://www.tvviva.org.br>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

fundada em 1972, na cidade de Olinda, Pernambuco. Dentro do processo de democratização pelo qual passava o Brasil da década de 80, era preciso uma contrapartida ao sistema de redes de televisão, sediado no sudeste do país. O objetivo da *TV Viva* era a descentralização da produção e a veiculação de informações, que deveriam ser geradas a partir das reivindicações e ações culturais, políticas, sociais, econômicas de organizações populares como: sindicatos, associações de moradores, grupos de mulheres, de jovens, de pequenos agricultores, indígenas, quilombolas.

Os programas mensais produzidos pela *TV Viva* eram veiculados através de telões em praça pública pelos 24 bairros da Região Metropolitana do Recife e, às vezes, em cidades do interior de Pernambuco. São diversas temáticas abordadas tais como a diversidade cultural nordestina, em especial, a pernambucana. Fazem parte do acervo alguns documentários sobre os bairros de Recife, o que demonstra uma preocupação de cada comunidade ser mostrada e se ver nos meios de comunicação.

O *Vídeo nas Aldeias*¹⁵ foi fundado pelo indigenista e cineasta Vicent Carelli e iniciou suas atividades em 1987, quando ainda fazia parte do Centro de Trabalho Indigenista (CTI)¹⁶. O projeto é voltado ao registro em vídeo dos índios por eles mesmos e sob sua ótica. Através da exibição de vídeos produzidos por uma determinada aldeia a outras, o *Vídeo nas Aldeias* promove uma sensibilização de público em relação à alteridade indígena¹⁷. Desde 1998, existem oficinas

¹⁵ VÍDEO NAS ALDEIAS. **Vídeo nas Aldeias**. O site contém informações e artigos sobre a instituição. Disponível em: < <http://www.videonasaldeias.org.br>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

¹⁶ CTI. **Centro de Trabalho Indigenista**. Apresenta informações sobre a instituição que atua em projetos ligados aos índios desde 1979. Disponível em: < <http://www.trabalhoindigenista.org.br>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

¹⁷ BERNARDET, Jean-Claude. **Vídeo nas Aldeias**. *Vídeo nas aldeias, o documentário e a alteridade*. Disponível em: <http://www.videonasaldeias.org.br/textos_ok/video_das_aldeias_o_documentario_ok.htm>. Acesso em: 20 de janeiro de 2008. Trecho do artigo: Como sabemos, o trabalho das oficinas *Vídeo nas*

audiovisuais de formação de realizadores em comunidades indígenas ministradas pela documentarista e diretora do *Vídeo nas Aldeias* Mari Corrêa. No ano 2000, o *Vídeo nas Aldeias* tornou-se independente do CTI e passou a ser uma associação.

Como foi exposto anteriormente, encontramos poucos estudos acadêmicos que aprofundem a investigação sobre as oficinas audiovisuais. Os textos contemporâneos apresentaram-se mais volumosos no jornalismo impresso e *on line*, nas revistas especializadas em cinema e nas críticas de festivais. Após algum tempo de pesquisa sem os resultados esperados, deparamo-nos com alguns textos acadêmicos que apresentaremos resumidamente a seguir.

A dissertação de mestrado de Clarisse Alvarenga sobre o vídeo e a experimentação social¹⁸. O trabalho da autora delinea o contexto histórico do vídeo comunitário e estuda algumas iniciativas contemporâneas que incluem o uso do vídeo por diferentes tipos de comunidades. Clarisse também define o que vem a ser comunidade para esses movimentos comunitários e analisa a produção de curtas das diferentes entidades, inclusive, dedica um capítulo aos vídeos de 2001 das Oficinas Kinoforum¹⁹.

Aldeias prevê que os vídeos circulem em diversas aldeias e que membros de uma aldeia filmem em outras. "Iniciação do jovem Xavante" descreve a festa da furação de orelha na aldeia Sangradouro, filmada por cinegrafistas desta aldeia bem como por cinegrafistas convidados da aldeia Pimentel Barbosa. Um cinegrafista de angradouro explica a necessidade dessa filmagem com a seguinte frase dita em português: "Tem que mostrar a cultura de outro para outro, para ele reconhecer como que é a festa dele, como que é a cultura, a língua... né?". Uma tal afirmação - mostrara cultura de outro para outro - implica que o cinegrafista Winti Suyá não só vê Pimentel Barbosa a partir do centro que é Sangradouro, onde se realiza a festa e será feita a filmagem, como, simultaneamente, vê a si mesmo e à sua aldeia como "outro" a partir do centro que é Pimentel Barbosa. Isso é realmente uma filosofia da alteridade.

¹⁸ ALVARENGA, Clarisse Maria Castro de. **Video e experimentação social: um estudo sobre o vídeo comunitário contemporâneo no Brasil**. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes.

¹⁹ *Ibidem*, p. 99. Citando um caso particular de vídeo que a autora que analisou: Entre os do Centro Cultural, temos *507,00 por hora*, trabalho que faz do metrô uma experiência estética. Ainda na estação, as tomadas produzem abstração a partir tanto da espacialidade como da materialidade da estação, tendo como referência as escadas-rolantes, roletas ou uma clarabóia. O teto esvai-se em uma profusão de listas. Uma personagem entra no metrô, as imagens se aceleram e há inserção de planos fechados de rostos, mãos, objetos, placas de identificação, uma imagem de câmera de vigilância. Até que a personagem salta de um metrô e tenta se comunicar com uma pessoa na

Um dos pontos de referência para o nosso estudo é a tese de Eduardo do Nascimento Aurélio, especialmente no que se relaciona à profissionalização dos jovens em atividades artísticas. As oficinas aliadas ao esforço pessoal proporcionaram a alguns ex-alunos, tornarem-se profissionais do audiovisual, o que ocorreu comprovadamente com os jovens que fundaram os núcleos audiovisuais estudados na nossa pesquisa. O trabalho de Aurélio trata do fazer artístico entre os jovens, incluindo o cinema, e tem como objetivo principal mostrar como um estilo de vida torna-se uma profissão. Apresenta algumas trajetórias de vida de jovens artistas em sua pluralidade de condições para “analisar como o processo de socialização, em seus diferentes aspectos, pode influenciar as escolhas profissionais dos jovens artistas”. Aborda o fazer artístico em suas dimensões múltiplas, “com ênfase nas rotinas da produção artística, nos modos de inserção no mercado de trabalho e de emprego e nos significados que os jovens entrevistados imprimem ao fazer arte”²⁰.

A socialização das artes, o amadorismo e a profissionalização, entre outras questões e polêmicas - como o belo e o bonito, são assuntos abordados no livro de Cristina Costa, *Questões de Arte*. Segundo Cristina, o artista precisa de aprendizado para estar integrado a seu tempo e “não é menos verdade que também o público, para participar desse processo, precisa ser adequadamente informado” e assim “ele desenvolve sua sensibilidade e pode estar em sintonia com a arte e os critérios de julgamento artístico”²¹. Daí, deduzimos uma justificativa da existência das oficinas de sensibilização de público para o audiovisual, em específico as da Kinoforum, para a produção de curtas.

plataforma de mesma direção e sentido oposto. Entretanto, o metrô atravessa entre eles, que não chegam a estabelecer efetivamente contato.

²⁰ AURÉLIO, Eduardo do Nascimento. *Fazer arte entre jovens: escolha, formação e exercício profissional*. São Paulo, 2005. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

²¹ COSTA, Cristina. **Questões de Arte**. São Paulo: Editora Moderna, 2001, p.60.

.A tese de Henrique Luiz Pereira Oliveira sobre as *Tecnologias audiovisuais e transformação social*, também traz um pouco da história da ABVP, entre outras experiências, assim com estuda historicamente a apropriação dos meios audiovisuais por movimentos sociais²².

Continuando o desenvolvimento da pesquisa, no início da etapa da coleta dos dados, foi permitido pela Kinoforum que entregássemos os questionários qualitativos e quantitativos a serem distribuídos a todos ex-alunos, inclusive aqueles que se tornaram monitores e aos alunos das oficinas. A pesquisa de campo com os alunos iniciou-se na etapa da oficina no Real Parque, com o projeto *Ação Pankararu*, no dia 13 de maio de 2006. Entregamos 20 cópias de dois questionários (quantitativo e qualitativo), sendo dezesseis para os alunos e quatro para ex-alunos monitores²³. Um total de 12 participantes (11 alunos e uma monitora) devolveu os questionários. Por serem poucos os dados obtidos, ele não foram aproveitados para a redação final.

Num outro momento, a coordenação da Kinoforum decidiu que contrataria terceiros para realizarem a pesquisa e que os dados trabalhados por essas pessoas é que, segundo a coordenação, deveriam ser divulgados. A estrutura básica do questionário quantitativo e qualitativo inicialmente apresentado por nós (o qual foi respondido pelos alunos da oficina em Paraisópolis) à Associação Kinoforum foi reaproveitada, com algumas alterações²⁴. Duas sociólogas prepararam o relatório de

²² OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. **Tecnologias audiovisuais e transformação social: o movimento do vídeo popular no Brasil**. São Paulo, 2001. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

²³ Um dos questionários sobre as experiências dos alunos com o audiovisual, o curso e o outro com questões que levam a definição do perfil sócio-econômico (ANEXO 3).

²⁴ SAGHAARD, Christian. **Questionário** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <gisellecota@gmail.com> em 30 maio 2006. Segue um trecho da mensagem de e-mail que embasa a afirmação contida na frase anterior: "Alteramos pouca coisa no seu questionário, inserimos uma outra coisa, seu questionário estava muito bom. A Adriana Campos, que começou a trabalhar conosco, adorou o questionário e deve organizar uma conversa com os alunos neste final de semana em

avaliação das oficinas²⁵ com os dados de alguns ex-alunos. O documento em referência será uma das fontes de informações desta dissertação. Para efeito de comparação, anexamos os textos das duas versões dos questionários para os alunos das oficinas Kinoforum²⁶.

A construção da amostra do relatório de avaliação das oficinas Kinoforum foi baseada no universo dos alunos participantes, que na época era composto por 500 pessoas, distribuídas em 29 cursos ministrados ao longo de cinco anos, a contar de 2001 até 2006. As variáveis de controle da amostra são: (1) o gênero dos alunos, (2) a idade e, (3) os locais em que se realizaram as oficinas. A amostra selecionada é formada por 100 participantes da pesquisa, o que corresponde a 20% do universo total de alunos, distribuídos proporcionalmente nas áreas em que se realizaram as oficinas audiovisuais²⁷. O questionário respondido de auto-preenchimento tem 42 questões fechadas e três abertas. A Associação Kinoforum propôs a intenção de detectar o alcance ou não dos objetivos do projeto e traçar o perfil socioeconômico dos alunos²⁸.

A Kinoforum oferece dois tipos de cursos: o Módulo I ministrado geralmente na periferia e o Módulo II, que já teve algumas edições no CCSP. Por esse motivo explicamos a ênfase que um deles recebe neste trabalho. Destacamos o curso chamado de Módulo I porque é uma iniciação ao cinema e ao mesmo tempo

Sapopemba. Vamos conversar nesta semana porque acho que o questionário, mesmo com poucas mudanças, deve ser este que fizemos aqui alterando minimamente o seu".

²⁵ CAMPOS, Adriana; RODRIGUES, Sílvia V. **Relatório de Avaliação das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2006, p.6 (ANEXO 2).

²⁶ ANEXO 3.

²⁷ CAMPOS, Adriana; RODRIGUES, Sílvia V. **Relatório de Avaliação das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2006, p.6 (ANEXO 2).

²⁸ *Ibidem*, p.6. Conforme consta no relatório: "O objetivo central é testar a hipótese de que os participantes ou parte considerável dos mesmos adquirem a capacidade de compreensão dos meios audiovisuais de comunicação; de acessar e articular as informações apreendidas para ampliá-las no processo de transformação individual e de seu entorno social; e de se expressarem através da linguagem cinematográfica".

originou os desdobramentos: uma demanda para a realização do Módulo II (curso mais voltado para a parte técnica do audiovisual) e a criação de núcleos audiovisuais em comunidades carentes, assuntos que detalharemos nos capítulos a seguir. Cabe acrescentar que, o Módulo II é tratado como sendo de importância secundária tanto pelo motivo citado, quanto por ainda não estar tão bem sistematizado como o Módulo I, o qual conta com material didático em apostilas e uma estrutura pedagógica consolidada.

Participamos de alguns momentos da produção de vídeos exibidos no *Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo* de 2006. Um deles foi realizado pelos alunos da oficina no Real Parque, citada acima, o documentário *Na visão dos Pankararu*.

Presenciamos a elaboração do questionário para os moradores do local e as filmagens das entrevistas. O vídeo mostra a situação atual dos índios Pankararu sob a ótica deles mesmos. É curioso que, apesar de os índios da aldeia Pankararu serem mestiços e sofrerem preconceitos dos outros moradores da comunidade por “não terem cabelos lisos e nem parecerem índios”, muitos deles mantêm vivas as tradições religiosas/ritualísticas e a obediência hierárquica ao pajé em Pernambuco e seus representantes que atuam em São Paulo. Essa representação se faz por meio da *Ação Cultural Índigena Pankararu* que tem um site na internet²⁹. Ainda na oficina do Real Parque, recebemos convite para uma pequena ponta na encenação do curta de ficção *X-Lobo*³⁰, que teve uma equipe formada por jovens de classe média que não eram moradores da comunidade em referência.

²⁹ AÇÃO CULTURAL ÍNDIGENA PANKARARU. **Ação Cultural Índigena Pankararu**. O site contém informações sobre a aldeia Pankararu e a atuação de seus membros na comunidade do Real Parque, em São Paulo. Disponível em: < <http://www.setor3.com.br/sitesolidario/pankararu>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

³⁰ Para assistir ao curta acesse: <http://www.kinooikos.com/acervo/videos/289/>.

Os outros dois curtas, cuja produção acompanhamos, em alguma das suas etapas, foram realizados por núcleos audiovisuais criados depois da participação de seus integrantes nas oficinas Kinoforum. São eles: *Augusta ao gosto* (assistimos à edição enquanto aguardávamos uma entrevista a ser concedida por JC e Tio Pac das Filmagens Periféricas) e *Linha Contrária* (também assistimos à edição durante a conversa com Luciano Oliveira do Nerama).

Entre os filmes de oficinas apresentados neste texto, do qual não acompanhamos nenhuma etapa de elaboração, está *Tato*³¹, que faz parte dos vídeos de um grupo de alunos de 2001, entre eles, Luciano do Nerama que se tornou um profissional do audiovisual. *Tato* é, provavelmente, um dos filmes mais comentados pela crítica da imprensa e também em alguns trabalhos acadêmicos³².

Com o exame de qualificação, recebemos uma nova direção quanto à continuidade da pesquisa: de modo geral, era preciso tornar o texto mais enxuto e denso. Uma idéia muito proveitosa para o nosso trabalho surgiu nessa fase de qualificação: em vez de imprimir os anexos da dissertação e tornar o texto volumoso, a banca sugeriu que esses documentos fossem gravados em CD e assim o fizemos.

Seria preciso valorizar mais os desdobramentos das oficinas, levantar e problematizar algumas questões importantes³³ trazendo casos para exemplificá-las. Rose Satiko Hikiji ao participar da banca sugeriu, entre outras coisas, uma bibliografia com o conteúdo voltado para a antropologia audiovisual e também valorizou o fato de que os jovens da periferia podem estar utilizando as mesmas referências acadêmicas e dos cineastas do “centro”, já que eles têm acesso uma

³¹ Link para o curta: <http://www.kinooikos.com/acervo/videos/16/>.

³² ALVARENGA, Clarisse Maria Castro de. **Video e experimentação social: um estudo sobre o video comunitário contemporâneo no Brasil**. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Mídias) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes, p.14-15 e p.103.

³³ Como a profissionalização dos jovens versus a expressão artística, a periferia e o centro, o olhar do outro.

lista bibliográfica fornecida pela apostila do curso e, mesmo que não queiram pesquisar, os filmes de cineastas de vários movimentos são apresentados em sala de aula.

Outro parecer importante na qualificação foi o de Esther Hamburguer que apontou a necessidade de a autora dar voz a si mesma, acrescentando mais experiências pessoais em relação à Kinoforum no decorrer da dissertação.

Conforme a estrutura da dissertação foi modificada, passamos a verificar que um outro enfoque poderia ser mais interessante. A principal hipótese a ser demonstrada é a extrapolação de limites dos objetivos iniciais das *Oficinas Kinoforum* em relação ao ensino do audiovisual e a inserção dessa experiência num contexto maior.

O caso Kinoforum desdobra-se em três núcleos audiovisuais³⁴ criados por jovens participantes dos cursos realizados na periferia. Os núcleos apresentam diferenças de enfoque em seu trabalho e deverão enriquecer o questionamento sobre a importância das oficinas, sendo que enfatizamos o movimento *Cinema de Quebrada*, um ponto de convergência no trabalhos dos núcleos. Esperamos que a presente Dissertação possa trazer uma contribuição contemporânea ao estudo das oficinas de cinema e vídeo em São Paulo.

De forma sintética, esta Dissertação será desenvolvida da seguinte forma: no primeiro capítulo detalharemos as origens das oficinas Kinoforum e como funcionam os cursos; no segundo capítulo, a Formação do Olhar com as mostras e debates que a integraram; e no terceiro capítulo trataremos dos os núcleos audiovisuais criados por ex-alunos; no quarto capítulo enfocaremos o Cinema de Quebrada.

³⁴ Ativos na época da coleta dos dados.

1 KINOFORUM

Tínhamos uma idéia de formação do público para o cinema brasileiro porque esses jovens poderiam servir como agentes audiovisuais, vamos dizer assim, pessoas que passam a se interessar mais pelo cinema e que transmitam essa idéia à família e aos amigos, que possam desenvolver projetos afins junto com as parcerias locais que a gente faz. Foi uma ação conjunta minha e da Zita.³⁵

A Kinoforum é uma associação cultural sem fins lucrativos, fundada em março de 1995. Com as atividades voltadas ao desenvolvimento da linguagem e da produção audiovisual, seu enfoque está na divulgação da produção audiovisual brasileira e latino-americana. A atuação ocorre em âmbito nacional e internacional por meio de intercâmbio com associações e eventos.

Até 2002, a Kinoforum esteve envolvida na realização do *É Tudo Verdade - Festival Internacional de Documentários*. Entre os projetos da associação estão o *Guia Brasileiro de Festivais de Cinema e Vídeo*, o *Festival Internacional de Curta-Metragens de São Paulo*, além das *Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual*, desde o ano de 2001. O projeto das oficinas faz parte das atividades do *Festival Internacional de Curtas*.

O objetivo proposto pelas *Oficinas Kinoforum* é atender especialmente a população carente das comunidades periféricas da cidade de São Paulo³⁶. Selecionado o público alvo, as oficinas visam “aproximar a população do cinema,

³⁵ SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

³⁶ CAMPOS, Adriana; RODRIGUES, Sílvia V. **Relatório de Avaliação das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2006, p.24-38 (ANEXO 2). O relatório da Kinoforum enfatiza a parcela mais carente dos alunos. No entanto, a maioria dos participantes das oficinas cursa ao menos o 2º Grau, tem acesso a bens de consumo, equipamentos de lazer e cultura.

como forma de expressão popular; viabilizar a produção de filmes em formato digital - com baixo custo e facilidade de realização”³⁷, além de “estimular o crescimento e o interesse dessas comunidades no que se refere à produção cultural e audiovisual como um todo”³⁸.

As oficinas são dirigidas aos jovens, em geral na faixa de 17 a 25 anos, e não se exige experiência prévia na área. Essa informação, que sempre é divulgada pela Associação Cultural Kinoforum, obteve confirmação pela pesquisa de campo³⁹.

Levando-se em conta a amostragem selecionada, 40% dos participantes tem idade ente 15 e 20 anos; 34% dos jovens têm entre 20 e 25 anos. Somando-se os dois percentuais, chega-se ao total de 64%, contra 26% totalizado pelas outras faixas etárias.

A idéia original da Kinoforum de fazer oficinas de sensibilização de público relaciona-se com outros projetos de exibição e itinerância de filmes. “Começou com a Zita e eu (Christian Saghaard) querendo fazer as exibições na periferia. Inclusive, a primeira vez que alguém tocou no assunto de fazer as oficinas foi a Zita Carvalhosa”. Sobre o projeto das oficinas de 2001, Saghaard informa: “Ela me pediu para montar uma (oficina) e percebeu que as exibições não eram as ações completas que esperávamos”. Segundo o relato de Saghaard, Zita disse: “Vamos ver se fazendo um projeto de oficina conseguiremos sensibilizar mais as pessoas”⁴⁰.

Uma das formações da equipe responsável pelas *Oficinas Kinoforum* pode ser conferida no anexo 4, mais algumas informações sobre os profissionais que

³⁷ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. Apresenta informações sobre as oficinas já realizadas, vídeos e objetivos da instituição. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org/oficinas>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2005.

³⁸ Ibidem.

³⁹ CAMPOS, Adriana; RODRIGUES, Silvia V. **Relatório de Avaliação das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2006, p.21 (ANEXO 2).

⁴⁰ SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

trabalharam como professores e monitores nos cursos. Nos próximos parágrafos e nos capítulos seguintes, apresentaremos pequenas biografias importantes para o contexto do estudo.

A primeira das biografias é a de Zita Carvalhosa, presidente da Associação Cultural Kinoforum desde sua fundação em 1985 e também diretora do *Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo*. Como produtora, é sócia fundadora da Cinematográfica Superfilmes, onde atua desde 1983. Em seu currículo constam dez filmes de longa-metragem, algumas séries, documentários para TV e mais de 20 curtas-metragens.

Christian Saghaard está na coordenação geral das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual desde 2001. É cineasta, fotógrafo, programador e produtor. Dirigiu alguns filmes de curta-metragem, entre eles “O Palco” (1992) e “Meressias” (1994). Em 2008, lançou seu primeiro longa-metragem, intitulado “O Fim Da Picada”. Saghaard começou a trabalhar na Kinoforum em 1998, com a produção do Panorama Brasil. De 1996 até 2001, teve projetos que eram independentes do festival. A partir de 1998, passou a fazer exhibições na periferia, na Funarte ou no centro de São Paulo. Algumas sem periodicidade. Entre esses projetos de exhibições estão as *Intervenções urbanas*, que até o ano de 2001, já teriam exibido 170 filmes em cerca de 40 cidades do Estado, para projetos do Sesc e em sessões especiais do *Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo*⁴¹.

⁴¹ BASTOS, Rosa. **O Estado de São Paulo Digital**. *Em Pinheiros até parede de cemitério vira cinema*. Edição de 10 de maio de 2001. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2001/mai/10/267.htm>>. Acesso em: 22 de Junho de 2005.

1.1 INTERVENÇÕES URBANAS (Ó DO BOROGODÓ)

Um dos projetos que influenciaram a história das *Oficinas Kinoforum* é o das *Intervenções Urbanas*, idealizadas por Christian Saghaard. O início de atividades ocorreu no ano de 1996. Na época de seu lançamento, o projeto chamava-se *Curta Circuito*. Nos filmes exibidos nesses circuitos itinerantes, via de regra, a definição dos títulos respeitava as características culturais e históricas das regiões em que as sessões ocorriam⁴².

Entre 1999 e 2000, o projeto *Intervenções Urbanas* fazia exhibições de filmes toda a quarta-feira na parede do cemitério da Vila Madalena. Era o *Cine Ó do Borogodó*, chamado assim devido à parceria com o bar Ó do Borogodó, que apresentava música brasileira ao vivo. O público de música acabou se juntando com o público que estava interessado nos filmes.

Alguns registros das *Intervenções Urbanas* podem ser conferidos nas reportagens com depoimentos dos espectadores e a descrição do local das projeções:

O Ó do Borogodó ocupava um grande imóvel na Rua Horácio Lane. Fechou. Há um ano, o ex-estudante de economia e ciências sociais Luiz Yanez Rochel, de 24 anos, comprou por um valor irrisório - que não revela - uma pequena parte. Ele fica atrás do balcão onde mal cabem dois freezers e alguns engradados de cerveja. Na frente, quatro banquinhos e um corredor por onde as pessoas passam espremidas para ir ao banheiro. Nas prateleiras, coisas velhas, inutilidades. "Este lugar é um muquifo", comentou a advogada Ana Lúcia Miranda⁴³.

⁴² REVISTA EDUCAÇÃO. **CINEMA**. *Projetos que levam exhibições cinematográficas a comunidades carentes estimulam educação e cidadania*. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/apresenta2.php?pag_id=462&edicao=269>. Acesso em: 6 de Fev. 2005.

⁴³ BASTOS, Rosa. **O Estado de São Paulo Digital**. *Em Pinheiros até parede de cemitério vira cinema*. Edição de 10 de maio de 2001. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2001/mai/10/267.htm>>. Acesso em: 22 de Junho de 2005.

Há comentários do espectadores sobre a qualidade de exibição e o formato de curta-metragem:

Cinéfilo de carteirinha, o estudante de ciências sociais Marco Meirelles, de 22 anos, ficou alucinado ao saber do projeto *Intervenções Urbanas* de exibir filmes na rua, usando como tela paredes de estacionamentos de supermercados, de prédios ou diante de botecos como o Ó do Borogodó. "Nunca tinha visto isso em São Paulo, fiquei superinteressado em ver os curtas, um formato de que eu gosto muito e é pouco exibido"⁴⁴

Para o estudante Marco Meirelles, citado acima, "a grande beleza" do evento é o projetor móvel. "Olha que barato a qualidade da exibição, o som", elogiou. "E estar num bar, bebendo, com os amigos, numa situação que não é o escurinho do cinema, traz um outro encanto." Concentradíssimo, ele não se incomodava com outros ruídos que não os do filme. "A gente está conversando, de repente rola uma história que toma a atenção por algum tempo. Isso é o curta: um pensamento breve. A gente toma contato com ele de maneira rápida. Como mais uma conversa de bar"⁴⁵.

O público registrado em uma das edições chegou a 150 pessoas ⁴⁶. A tradicional pipoca consumida nos cinemas convencionais dá lugar à cerveja pura ou misturada à bebidas energéticas. "A platéia, atenta, ocupa a calçada, o meio-fio e o asfalto ao longo da Rua Horácio Lane, em Pinheiros"⁴⁷.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ BASTOS, Rosa. **O Estado de São Paulo Digital**. *Em Pinheiros até parede de cemitério vira cinema*. Edição de 10 de maio de 2001. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2001/mai/10/267.htm>>. Acesso em: 22 de Junho de 2005.

Na madrugada de hoje, sob uma lua três quartos iluminada sentados nas poucas cadeiras e no chão, encostados uns nos outros e deitados em mochilas, cerca de 150 jovens assistiram a três filmes curta-metragem. Os carros passavam rente. Alguns motoristas, sem saber se deviam passar ou não, acabavam parando na frente, bem na hora de uma cena "imperdível". Tudo encarado numa boa. "Como é bom ver filme sem legenda", comentou o cineasta goiano Eládio Garcia Sá Teles⁴⁸.

Quanto às exibições realizadas na periferia pelas *Intervenções Urbanas*, o que parece mais atrair a atenção do público é o filme feito numa periferia e exibido em outra.

"Causa a maior curiosidade esse intercâmbio entre regiões distintas; Heliópolis querendo assistir a filmes da Cidade Tiradentes, Cidade Tiradentes querendo ver os de Diadema", afirma. Saghaard ressalta que uma das diretrizes do projeto é exatamente a de dar espaço para produções, ainda que amadoras, feitas pelas próprias comunidades. Eventualmente, há sessões especiais, com trilha sonora ao vivo e discussões sobre os filmes⁴⁹.

A parceria de *Intervenções Urbanas* com o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP)⁵⁰, no ano de 2001, resultou na exibição de curta-metragens nacionais na periferia da cidade. A proposta era fazer exibições em 16mm nas praças, ruas, estacionamentos e outros locais, sempre no final da tarde. Um desses locais é o campo de futebol da Congregação Evangélica Luterana Ebenezer em frente à sede da ONG - Ação Comunitária do Brasil, que desenvolve um trabalho social e

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ REVISTA EDUCAÇÃO. **CINEMA**. *Projetos que levam exibições cinematográficas a comunidades carentes estimulam educação e cidadania*. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/apresenta2.php?pag_id=462&edicao=269>. Acesso em: 6 de Fev. 2005.

⁵⁰ O ESTADO DE SÃO PAULO. **O Estado de São Paulo Digital**. *Curta-metragem chega à periferia*. Edição de 25 de julho de 2001. Disponível em: <<http://www.copa.esp.br/divirtase/noticias/2001/jul/25/244.htm>>. Acesso em: Março 2005.

educativo nas regiões de Campo Limpo, Santo Amaro, Capela do Socorro e Heliópolis.

Destacamos dois, entre os curtas exibidos em parceria com o MASP: *Viver a Vida* (Direção: Tata Amaral/ 1991/ 10 min./ cor) sobre o cotidiano de um office-boy, repleto de filas, esperas, trambiques, música e gente; e o filme de animação com bonecos e massa de modelar *Frankstein Punk* (Direção: Cao Hamburger, Eliana Fonseca/ 1985/ 12 min./ cor) que conta a história de Frank, uma criatura diferente em busca da felicidade⁵¹. O motivo, para destaque dos dois filmes, é enfatizar a importância do curta-metragem como formato ao ser utilizado por cineastas brasileiros mais conhecidos pelo formato de longa-metragem como Tata Amaral e Cao Hamburger.

Em relação às exposições, Christian Saghaard disse ter percebido que era um movimento de mão única cultural. Falou sobre a produção que é realizada nos centros financeiros, não só na cidade de São Paulo, mas no Brasil e que seria preciso levar para as regiões onde as pessoas têm menos acesso a esse tipo de produção cultural, especificamente ao formato de curta-metragem⁵². O idealizador das *Intervenções Urbanas* faz algumas considerações sobre seu trabalho:

Era um projeto interessante. Mas, seria mais interessante fazer um projeto de mão dupla, ou seja, que você tivesse levando o conhecimento dessa programação, dessa produção nacional a essas regiões, para essas pessoas. No caso do nosso projeto, especificamente, mais para os jovens,

⁵¹ O ESTADO DE SÃO PAULO. **O Estado de São Paulo Digital**. *Curta-metragem chega à periferia*. Edição de 25 de julho de 2001. Disponível em: <<http://www.copa.esp.br/divirtase/noticias/2001/jul/25/244.htm>>. Acesso em: Março 2005. Outros filmes da programação foram: *Dizem que sou Louco* (Direção: Miriam Chnaiderman/ 1994/ 12 min./ cor) Através de relatos dos que vêm sendo chamados de "loucos de rua" a cidade é captada em seus diversos ritmos e pulsações; *Fast Frames* (Direção: Leonardo Hallal/ 1999/ 11 min/ cor) Um casal vive na velocidade da cidade de Nova Iorque; *Uma Casa muito Engraçada* (Direção: Toshie Nishio/ 1996/ 3 min./ cor) Animação. Era uma casa que não tinha teto, não tinha nada.

⁵² SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

para também produzir novos olhares, ou seja, ensinar a esses jovens, apresentando a eles as ferramentas básicas de linguagem cinematográfica e as condições práticas, técnicas com câmeras e computadores de edição, para que eles pudessem colocar o seu olhar durante uma oficina de cinema e vídeo. E foi daí que a gente, na verdade, começou a criar o projeto das oficinas, na percepção de que só a exibição não seria completa⁵³.

Saghaard acrescenta que “não é fácil sensibilizar as pessoas para acompanharem essas exposições”⁵⁴. Ainda que se tenha um “bom número de público, você passa os filmes e a coisa não caminha muito, não evolui muito porque o sujeito pode até se interessar por cinema, mas o que é que se faz depois?”⁵⁵. Para incentivar o público das exposições elas deveriam ser periódicas e “depois fica faltando a parte da aproximação desse jovem com as informações básicas de história do cinema, de linguagem, que só uma oficina poderia dar conta. Em 2001, fizemos um projeto piloto com quatro oficinas”⁵⁶. Surgem, assim, as *Oficinas Kinoforum* do Módulo I.

1.2 MÓDULO I

As atividades de cada etapa do Módulo I das *Oficinas Kinoforum* começam, na maioria das vezes, em um primeiro encontro com os 20 participantes (que depois são divididos em quatro grupos de cinco pessoas) selecionados em conjunto com os parceiros locais, na abertura das oficinas. É exibida na comunidade uma seleção de curta-metragens nacionais, aberta ao público e com entrada franca. Essa seleção

⁵³ SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Ibidem.

será composta por filmes já exibidos em outras edições do *Festival Internacional de Curta-Metragens de São Paulo*. Cada oficina tem duração total de 60 horas, distribuídas em seis dias, normalmente dispostos em três finais de semana.

A divisão do curso é feita em três partes: a abordagem teórica, a iniciação prática e a realização do produto final, que é o vídeo de cada grupo. O que se propõe é abrir um leque de possibilidades cinematográficas para os alunos, exibindo filmes de documentário e ficção, realizações que utilizam desde a linguagem clássica até a experimental, desvendando seus procedimentos e opções de realização. Com isso, espera-se que eles possam adquirir conhecimentos que possibilitem a expressão de suas idéias em audiovisual⁵⁷.

Os participantes desenvolvem, na primeira fase, argumentos e roteiros individualmente e depois em grupo, saem com o equipamento para treinar, fazem as gravações e editam, quatro vídeos por oficina (um para cada grupo). Além da direção dos vídeos, os jovens operam os equipamentos (câmeras digitais, microfones etc.) e participam do processo de edição que se desenvolve nas próprias comunidades. Todos os vídeos finalizados são exibidos em uma sessão pública de cinema para as comunidades que os produziram e também integram a programação do *Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo*.

A importância atribuída às parcerias com as comunidades e o porquê da escolha de certos bairros, em vez de outros, são pontos que recebem destaque por parte da Kinoforum. O apoio de agentes culturais das comunidades envolvidas é considerado uma condição fundamental para a realização do projeto⁵⁸.

⁵⁷ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. Apresenta informações sobre as oficinas já realizadas, vídeos e objetivos da instituição. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org/oficinas>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2005.

⁵⁸ Ibidem. O projeto também conta com algum apoio de parceiros da iniciativa privada. A partir de 2002, o projeto passou a ser patrocinado pela Petrobrás. As empresas Apple e a JVC foram parceiras do início do projeto, no entanto Saghaard afirma a Kinoforum já não tem esse apoio que consistiu

Na verdade, escolhemos parceiros locais e temos aprendido o quanto é importante ter um ou mais bons parceiros locais. (...) Todo final de ano, depois do Festival, de setembro a dezembro, realizamos uma pesquisa para conhecer novos projetos sociais, culturais, da cidade de São Paulo e cidades próximas. Também recebemos, durante todo o ano, propostas de parcerias⁵⁹.

Diversas entidades entram em contato com a Kinoforum por e-mail solicitando a realização oficinas. Durante a busca por novas parcerias, a equipe da instituição visita alguns projetos. É dada a preferência àqueles que:

Já tenham um trabalho desenvolvido já há alguns anos na comunidade, importando o interesse em pelo menos iniciar uma aproximação com a área audiovisual. Há projetos que tem uma estrutura física melhor e maior. Outros têm uma estrutura física muito pequena, como o que a gente está fazendo agora com a *Ação Pancararu* e o *Projeto Casulo* (..) Os dois projetos são muito próximos, estão na zona sul, ao lado da favela do Real Parque. Apesar de o lugar ser muito pequeno, e só existir há dois ou três anos, eles já fizeram alguns vídeos e têm um interesse muito grande em fazer exposições periódicas e de também formarem um núcleo de audiovisual no lugar. Alguns lugares já têm, inclusive, câmera, mas, isso é raro. É uma minoria que tem câmera e computador de edição. Alguns lugares não têm esses equipamentos, mas já desenvolveram algumas atividades ligadas à área audiovisual, sejam alguns vídeos ou algumas exposições. Alguns lugares não têm nem uma coisa, nem outra, mas tem vontade de dar continuidade. Então, o que me preocupa quando faço uma parceria, é que esse parceiro dê condições aos jovens que fazem a oficina de dar continuidade ao trabalho audiovisual. Isso não significa dinheiro, patrocínio e sim organização, responsabilidade com esses jovens, e iniciativa para continuar a ação no local⁶⁰.

apenas na venda de equipamentos mais baratos. Na troca das diretorias de marketing, perderam-se os contatos que estavam interessados em promover certas ações e não foi possível renovar o apoio. No momento atual as Oficinas Kinoforum ainda utilizam alguns computadores da Apple e algumas câmeras da JVC.

⁵⁹ SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

⁶⁰ Ibidem.

Pelo fato de a zona sul de São Paulo ser mais extensa e ter mais projetos culturais e sociais do que as outras regiões⁶¹, a maioria das oficinas se realizou nela. Apesar disso, a coordenação das *Oficinas Kinoforum* registra a tentativa de diversificar as regiões de atuação:

Na medida do possível, tentamos diversificar bairros e regiões. Mas, antes de fazer um mapeamento regional da cidade, o que fazemos é uma escolha muito mais baseada na qualidade das parcerias, dos projetos e na vontade de dar continuidade⁶².

Referente à evolução, desde a criação do projeto piloto de 2001, houve algumas mudanças nas oficinas audiovisuais, umas mais importantes, outras, talvez, nem tanto. O nome do projeto teve uma pequena modificação, pois antes de 2006, chamava-se *Oficinas Kinoforum de Realização e Produção Audiovisual*, depois, a palavra *produção* passou a ser omitida por uma questão de concisão⁶³. Outro exemplo de modificação é o aumento da carga horária das oficinas do Módulo:

A primeira (oficina) foi no Centro Cultural Monte Azul. Durante o processo dessas oficinas aprendemos a estruturar pedagogicamente, como fazer funcionar as gravações, as edições. Nós íamos moldando um pouco o projeto. Em 2001, a equipe era menor, a oficina tinha menos horas. Agora as oficinas têm mais de cinquenta horas/aula no Módulo I⁶⁴.

⁶¹ CAMPOS, Adriana; RODRIGUES, Silvia V. **Relatório de Avaliação das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2006, p.19 (ANEXO 2).

⁶² SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*.

A estrutura pedagógica passa por questionamentos, por parte da coordenação pedagógica, que tenta entender a forma como os alunos podem fazer o percurso até o produto esperado: a realização do curta-metragem:

E como, então, levar essa idéia até o ponto dele (o aluno) colocar isso no papel, que é um argumento, um roteiro de gravação e realizar seus próprios vídeos. Isso a gente foi conquistando a cada oficinas, até chegar num modelo, que já tem pelo menos uns dois anos que a gente tem mantido com poucas alterações⁶⁵.

No que se refere à construção do roteiro e do argumento do curta, a equipe de professores da etapa de 2001, no CCSP, deixava que os alunos desenvolvessem suas idéias livremente, com o mínimo de interferência. Entretanto, conforme os anos foram passando, pode ser que esse tipo de procedimento tenha sido um pouco alterado. Um indício dessa hipótese é que, em 2006, como pudemos constatar na etapa do Real Parque, um monitor opinava bastante na construção do roteiro e da pauta de um dos documentários realizados pelos alunos.

Na verdade, o desafio era esse: como ensinar as ferramentas básicas em uma oficina que tem um período limitado. Como apresentar isso, se nas faculdades onde se têm quatro anos para estudar tudo isso a pessoa não aprende⁶⁶.

Na época, em que foi lançado o Projeto Piloto do Módulo I, de 2001, as oficinas tinham uma estrutura de aulas bem parecida com a atual. Uma das

⁶⁵ SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

⁶⁶ *Ibidem*.

diferenças é a criação de um material didático que passou a ser entregue aos alunos na primeira aula. Trata-se de uma apostila de vinte e cinco páginas, montadas em pastas de papelão e com as folhas copiadas em xérox⁶⁷.

As apostilas contém textos com: a introdução, o cronograma personalizado dos três finais de semana para cada comunidade onde se realiza uma etapa, currículo da coordenação e dos orientadores, além da lista de monitores. Há explicações práticas sobre a linguagem cinematográfica (ângulos de filmagem, movimentos de câmera), enquadramento, *storyboard*, roteiro, desenvolvimento da idéia para um filme de cinco minutos, produção e direção. Tem até uma lição para os jovens desenvolverem em casa: desenhar um *storyboard*, o texto sugere que podem ser utilizados desenhos de bonecos de pauzinhos, que qualquer pessoa pode desenhar. Outras sub-divisões da apostila são: a fotografia, agenda da equipe (espaço para nomes, e-mails, telefones, responsabilidades e um quadro em branco para anotações importantes), planilha de locações (locação, data, horário, endereço, responsável pelo local com contato, elenco e figuração), dicas (filmes, livros, centros culturais, museus, cineclubes, bibliotecas, videotecas), planilha de minutagem (fita, *time code*, descrição da cena, observações), exibição dos vídeos, bibliografia (básica, outras opções), filmes nacionais e internacionais a serem assistidos, anotações (folhas em branco).

Desde o começo das atividades das oficinas audiovisuais, existe um padrão quanto ao referencial estético e teórico utilizado nas aulas de introdução à linguagem cinematográfica⁶⁸. A continuação da mesma abordagem, do início do curso em 2001, pode ser comprovada a partir do material didático oferecido pela

⁶⁷ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual. **Material pedagógico das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual.** São Paulo, 2006. 25 p.

⁶⁸ Para comparar o referencial cinematográfico das primeiras etapas do Módulo I com o que é utilizado atualmente, ver as anotações de aula da etapa do Centro Cultural São Paulo em 2001 (ANEXO 1) e a apostila do curso nas páginas 23-25 (ANEXO 4).

instituição aos alunos do Módulo I, posteriormente, com a diferença de haver maior quantidade de referências na bibliografia e na filmografia, com obras utilizadas nos cursos de graduação na área de cinema. A citação de vídeo-locadoras e cineclubes onde os alunos podem ter acesso a filmes raros e aqueles considerados como clássicos colabora com a popularização das obras em referência. Com a participação nas aulas expositivas das oficinas de 2001, que foram ministradas por Christian Saghaard e Alfredo Manevy, passamos a ter um referencial para a comparação com a bibliografia e filmografia atuais.

Para que possibilitar uma idéia sobre o referencial cinematográfico utilizado pela Kinoforum antes da introdução do material didático em apostilas, seguem algumas anotações de aula com títulos e comentários dos professores sobre os filmes e programas de TV exibidos durante as aulas teóricas das oficinas do Módulo I, em 2001, no CCSP. Algumas vezes, as anotações podem parecer muito sintéticas ou confusas. No entanto, o objetivo não é a reprodução exata das aulas e sim comprovar de forma simplificada o conteúdo apresentado na época.

Início das anotações: Na aula de Alfredo Manevy, ele citou *Notícias de uma guerra particular*, João Salles. *Câncer*, de Glauber Rocha, com o ator Antonio Pitanga.

O Programa: *Abertura* - TV Tupi, anos 70. Glauber Rocha pressionava os entrevistados, interrompendo-os, não crendo totalmente nos depoimentos e questionando o tempo todo. Ele assumia um posicionamento sempre crítico. Glauber foi o pioneiro na integração cinema/TV. Marca registrada: começava e terminava o programa com o microfone no nariz, lembrando um palhaço. Para assistir: Programa *Provocações*, TV Cultura.

Manevy define alguns conceitos. *Docfic*: Mistura de gêneros, banalizada pela TV, exemplo disso são as pegadinhas, uma forma de domesticação do *Docfic*. Tipos de montagem: horizontal e vertical que relaciona som e imagem. *Cinema Direto*: Documentário muito próximo da ficção, envolvimento emocional.

Filmes de reciclagem: Exemplo: *Paloma de Oro*. *Tabletop*: Filmar fotografias, páginas de revistas, etc. Ex.: Houve um filme que foi feito com uma única foto em diferentes enquadramentos, recortes, mudando o enfoque. Filme *Rap*: samplear imagens.

Comentários sobre planos de imagem: *Iracema. Fé*, de Eduardo Coutinho. A lente grande angular é usada para o gesto de mãos da mulher entrevistada. Manevy mencionou mais dois filmes *Santo Forte* também de Eduardo Coutinho e *Palace II*, de Fernando Meireles.

Fizeram parte da aula do Christian Saghaard alguns filmes experimentais seguidos de comentários: Man Ray: Antologia surrealista, 1920; Eisenstein: *Ivan o Terrível* foi pintado em cores na película; Méliès: truncagem; René Clair; Jair Ferreira: *Cinema de invenção*; Griffith: paralelismo, cortes; Buñuel: *Um cão andaluz*, com a participação de Salvador Dalí, também com cena da navalha no olho. *Noite final menos cinco minutos*, de Debora Waldman; *Mandarin*, de Julio Brennan. Foram citados o *Manifesto do Cinema Marginal: Quem estiver de sapato não vai sobrar* e o livro: *Esculpindo o tempo*, de Andrei Tarkovski sobre seus filmes.

Por essa descrição do conteúdo das aulas e pela quantidade de oficinas já realizadas, podemos concluir que o ritmo de trabalho tem sido mantido, até o presente momento. O projeto da Kinoforum prevê a realização de oito módulos de oficinas durante o ano, sendo que, em cada um dos semestres, serão três módulos

de produção e realização (Módulo I) sucedidos por um de aperfeiçoamento (Módulo II).

1.3 MÓDULO II

O projeto piloto do Módulo II, também denominado *Oficina de Desenvolvimento de Projetos*, foi realizado pela primeira vez em 2002. As aulas são divididas de acordo com as áreas de trabalho na produção cinematográfica: roteiro, direção, fotografia, edição e produção. Outra particularidade das oficinas do Módulo II é que, durante o período citado, todos os cursos foram ministrados no Centro Cultural São Paulo (CCSP), uma área central da cidade e não na periferia como as demais oficinas.

Cada professor convidado prepara seu próprio material e anotações. Para suprir a lacuna da estrutura pedagógica, ainda não consolidada,

sem material didático, falamos um pouco sobre a produção de curtas-metragens realizados de 2003 a 2007, num total de quinze filmes. Destacamos entre eles apenas dois filmes, por serem mais interessantes do ponto de vista do presente estudo. Em 2003, temos: *O último da fila*, sobre a disputa de 600 vagas de gari por 38 mil pessoas. Na equipe de alunos/realizadores estão Eder Augusto, na direção; Vanice Deise e JC, na montagem, os quais, mais adiante veremos, também participam dos núcleos audiovisuais de ex-alunos do Módulo I. Eder e Vanice do núcleo *Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo* e JC das *Filmagens Periféricas*.

Outro vídeo que teve a participação de um ex-aluno e membro de núcleo audiovisual é o *Aqui fora*, com direção e roteiro de Claudio Nunes (Tio Pac) das *Filmagens Periféricas*. A sinopse é a seguinte: os amantes e os amores que ultrapassam os muros do presídio e sobrevivem mesmo com a detenção.

Embora, a possibilidade de formar técnicos da área não seja uma prioridade da Kinoforum, já foram oferecidos outros cursos de aperfeiçoamento, além do Módulo II: os de *Making Off* (2004), de Animação (2004) e de Programação e Exibição (2007). As oficinas do Módulo II atendem à demanda de aprendizado gerada pela participação de alguns jovens no Módulo I e que desejam tornarem-se profissionais.

Alguns ex-alunos que se tornaram monitores substituem profissionais que não fazem mais parte da equipe. A explicação para tal fato é que os monitores têm a mesma faixa etária dos novos alunos e isso proporciona maior identificação e facilidade de comunicação entre ambas as partes. Outro motivo da substituição é o fato de que alguns profissionais da área se dedicam a muitos trabalhos extras, o que dificulta a dedicação ao ensino nos cursos oferecidos pela Kinoforum⁶⁹.

Segundo a pesquisa de avaliação da própria Kinoforum⁷⁰, os principais interesses dos alunos egressos das Oficinas Kinoforum são: dar continuidade ao aprendizado (25%), trabalhar (23%), utilizar como uma nova forma de expressão (20%), ampliar a capacidade crítica frente a TV (16%) e atuar na comunidade (14%). Os que não pretendem utilizar são apenas 1% e as outras opções têm 1% de participação.

⁶⁹ SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

⁷⁰ CAMPOS, Adriana; RODRIGUES, Sílvia V. **Relatório de Avaliação das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2006, p.53 (ANEXO 2). Gráfico sobre os Objetivos dos participantes após as Oficinas.

Depois da realização de uma oficina, incentivamos a continuidade dos trabalhos na área audiovisual com os parceiros locais e sua comunidade. Damos uma atenção especial para a formação de núcleos audiovisuais, iniciativas que partem dos próprios jovens⁷¹.

Chega um momento em que as oficinas de sensibilização ministradas no Módulo I passam a não dar conta das demandas surgidas entre os ex-alunos. O Módulo II apenas acrescenta mais conhecimento técnico. Mostra-se, então, um limite das experiências da Kinoforum e, com ele, os desdobramentos: a *Mostra Formação do Olhar (KinoOikos)*, os núcleos audiovisuais de ex-alunos e a própria articulação do *Cinema de Quebrada*. Nos próximos capítulos, serão desenvolvidos os desdobramentos das oficinas.

⁷¹ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. Apresenta informações sobre as oficinas já realizadas, vídeos e objetivos da instituição. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org/oficinas>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2005.

2 FORMAÇÃO DO OLHAR (KINOOIKOS)

Por uma questão de clareza, apresentamos este capítulo sobre a seção *Formação do Olhar (KinoOikos)*, antes dos núcleos audiovisuais de ex-alunos, apesar de a seção ter surgido um ano após o primeiro núcleo. O motivo é manter na sequência o capítulo sobre as oficinas, depois os desdobramentos que são iniciativas da Kinoforum, para diferenciar daqueles ocorridos com a participação dos ex-alunos (os núcleos audiovisuais e o *Cinema de Quebrada*). Completa a explicação inicial, continuamos com o assunto deste capítulo.

A *Formação do Olhar* teve a sua primeira edição em 2002. A seção faz parte do *Festival Internacional de Curtas de São Paulo*. Ela foi criada com o objetivo de ser um espaço de exibição para a produção de curtas-metragens das oficinas audiovisuais brasileiras. Ainda, era preciso dar conta de alguns questionamentos sobre essa produção cultural (inclusive da própria Kinoforum), discutir o trabalho de diferentes projetos de inclusão audiovisual, além de trocar informações sobre métodos de ensino. A respeito dos diálogos entre os projetos, Christian Saghaard declara: “Com certeza, muitas oficinas já utilizaram nossos processos pedagógicos para se desenvolverem. A gente também (utilizou idéias de outros projetos)”⁷². A *Formação do Olhar* compõe-se da mostra de projeções de curtas, os debates/seminários entre realizadores/críticos/público, a publicação de um tablóide e, após algum tempo, um *site* com o acervo de vídeos exibidos no *Festival de Curtas* e produzidos por oficinas.

⁷² SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

Na seqüência, abordamos tópicos que contextualizam e facilitam o entendimento da *Formação do Olhar*: o curta-metragem e sua importância, a questão da alfabetização audiovisual suscitada pela idéia de formação do olhar e a modificação de nome da *Formação do Olhar* para *KinoOikos*, acompanhada pela mudança de enfoque da seção.

2.1 CURTA-METRAGEM

A importância do curta-metragem tem crescido desde a década de 60, quando o formato deixa de fazer parte da ante-sala do cinema e adquire autonomia⁷³. No livro *Cineastas e imagens do povo*, uma referência no estudo da antropologia audiovisual, quase todos os filmes analisados por Jean-Claude Bernardet são curtas-metragens, exceto um deles. No contexto atual do cinema brasileiro, a importância do curta-metragem como formato pode ser comprovada com o *Festival Internacional de Curtas de São Paulo*, o qual tem sido uma vitrine de obras que trazem várias contribuições.

O próprio projeto das *Oficinas Kinoforum* foi criado por Christian Saghaard e Zita Carvalhosa, cineastas com destaque na produção de curtas-metragens. Outra cineasta, em cuja produção o formato de curta-metragem destaca-se é Moira Toledo, coordenadora da seção *Formação do Olhar* desde 2004. Ela chegou a dividir a coordenação das *Oficinas Kinoforum* com Christian Saghaard. Também

⁷³ BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.11.

trabalhou na área pedagógica do Instituto Criar⁷⁴, um projeto de oficina com enfoque diferente da Kinoforum. Moira também dirigiu, em 2005, o curta *Dói, mas passa*, que consta no acervo do site *KinoOikos*, o qual ela coordena, a ser descrito mais adiante. Ela esteve envolvida com a articulação do movimento *Cinema de Quebrada* e com a supervisão da mostra homônima (2005). No ano de 2006, passou a ser aluna do doutorado no Programa de Pós-graduação da ECA-USP.

Mais uma vez, a experiência da Kinoforum se desdobra e a instituição procura dar conta dos questionamentos dentro do *Festival de Curtas*. A publicação impressa em formato tablóide foi lançada em 2004, e, desde então, traz as informações sobre a mostra e artigos. Em 2006, ocorre a estréia da oficina *Kinoforum Crítica Curta*⁷⁵. O projeto reúne estudantes universitários com o intuito de escreverem textos para o tablóide do evento.

2.2 ALFABETIZAÇÃO AUDIOVISUAL

Um dos conceitos mais relacionados pela Kinoforum com o trabalho das oficinas audiovisuais é o da formação do olhar. Devido à sempre presente discussão do tema, em setembro de 2003, a seção *Formação do Olhar* tornou-se um evento permanente dentro do Festival *Internacional de Curtas de São Paulo*. Durante o debate do mesmo ano, o conceito de formar o olhar dos participantes das oficinas foi abordado no sentido de descondicionar o senso estético influenciado pelos programas de telejornalismo. Inserido nessa discussão, como mediador, o crítico de

⁷⁴ O projeto participou de algumas edições da *Formação do Olhar*. Para mais informações, acessar o site: <http://institutocriar.terra.com.br/>.

⁷⁵ Link com mais informações no site: <http://www.kinoforum.org.br/curtas/2005/criticaCurta.php>.

cinema e professor Jean-Claude Bernardet sugeriu que se estaria formando o ouvido, em vez do olhar, numa referência ao uso excessivo de entrevistas nos vídeos⁷⁶.

Ao entendermos a formação do olhar como descondicionamento de uma estética audiovisual (mais especificamente televisiva), predominante no repertório dos alunos, sugerimos, também, a aproximação com o ato de alfabetizar. Uma pessoa alfabetizada reconhece e compreende os símbolos de determinado alfabeto e é capaz de produzir, com eles, mensagens compreensíveis para outros alfabetizados, “melhorando desse modo a comunicação entre os sujeitos e incrementando, conseqüentemente, o seu nível e qualidade de vida⁷⁷”.

Outra forma de dar respaldo ao termo alfabetização é associá-lo ao conceito de *Media Literacy* que pode ser brevemente definido como: “um campo vasto de ensino e aprendizado que tenta desconstruir as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação para entender como se opera a formação de opinião, gostos e valores⁷⁸”. O *Media literacy* pode ser dividido em três campos⁷⁹: Alfabetismo visual, Alfabetismo midiático e Leitura Crítica da Mídia.

Alfabetizar pelo e para o audiovisual por meio das oficinas pode ser uma forma de inclusão social.

⁷⁶ COTA, Giselle F. DEBATE - FORMAÇÃO DO OLHAR. 14º Festival Internacional de Curtas-Centro Cultural Banco do Brasil. São Paulo: 2003. Notas do evento. Manuscrito.

⁷⁷ OLIVEIRA, Lia Raquel Moreira. **Alfabetização informacional na sociedade da informação**. 1997. 216 f. Dissertação de Mestrado - Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 1997. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/retrieve/52/LIVRO+Mestrado.pdf>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2005. p.59. Foi mantida a grafia original em português de Portugal.

⁷⁸ EDUCOM. *Alfabetização para as mídias: como ler o que não está escrito*. **MídiaCom Democracia**. Revista do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. N. 1, Janeiro de 2006, p.25. Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/MidiaComDemocracia-n1.pdf>>. Acesso em: 7 de julho de 2006.

⁷⁹ Ibidem, p.25.

Como consta na A Declaração de Persépolis (1975), foi assumido definitivamente que “a alfabetização como um acto político que deve assegurar a participação efectiva de cada cidadão na tomada de decisões a todos os níveis da vida: social, económico, político, cultural (Unesco, 1975), ou seja, uma ‘alfabetização crítica’ no dizer de McLaren”⁸⁰.

O conceito de alfabetização audiovisual está ligado à alfabetização lingüística e visual. Além disso, faz-se necessário, também, entender o contexto em que ocorre o ato de alfabetizar, numa sociedade em que predomina, de modo geral, o excesso de informações. Oliveira acrescenta:

A alfabetização visual (é) um processo que implica um envio, uma recepção e um processamento para uma comunicação bi-direcional, as pessoas alfabetizadas visualmente devem também desenvolver várias competências ao nível da utilização dos vários media disponíveis para comunicar⁸¹.

A comunicação bi-direcional, conforme a citação de Oliveira, tem um sinónimo na ideia que envolve a criação das *Oficinas Kinoforum*. As exposições de filmes do projeto *Intervenções Urbanas* (cap. 1.1) não seriam suficientes para gerarem uma comunicação com “via de mão-dupla”, para formar um público crítico para o audiovisual. Seria preciso pôr esse público em contato com a produção de filmes e uma bibliografia/filmografia própria dos cursos de graduação em cinema. Entendemos, a partir desta discussão, que as oficinas podem ser um processo de alfabetização mediática.

Há algum tempo, precisamente a partir dos anos setenta e início dos oitenta do século XX, a alfabetização passou a ser vista como sendo mais do que a aprendizagem da leitura e da escrita. Deveria abranger todo o audiovisual porque este começava a invadir o quotidiano das pessoas. Tornava-se necessário o

⁸⁰ Ibidem, p.63.

⁸¹ Ibidem, p.68.

indivíduo ter consciência do jogo mediático, para dificultar a sua manipulação pelos meios de comunicação⁸². Voltando às práticas pedagógicas das oficinas audiovisuais, podemos afirmar, citando Oliveira, que a alfabetização audiovisual

passava pela necessidade de aprendizagem em leitura de imagens, fixas e animadas e pelo conhecimento da linguagem particular do audiovisual. Por outro lado e porque se aprende ‘fazendo’, passava por uma aprendizagem dos media no aspecto de produção⁸³.

Observamos o intuito de inclusão de um público que vive às margens da crítica sobre os meios de comunicação, que ao ser alfabetizado, torna-se capaz, não só de ser receptor, mas de utilizar o código audiovisual para transmitir mensagens. Possibilita-se, a esses jovens, participantes das *Oficinas Kinoforum*, terem algum respaldo para a elaboração de um ponto de vista crítico diante da programação televisiva e do cinema.

Na edição de 2006, a seção *Formação do Olhar* completa cinco anos de existência⁸⁴. Dentro desse período, foram propostas, para debates, algumas questões ligadas ao conceito de formar o olhar. Uma frase dita por João Alegria, do Canal Futura, durante o debate, sintetiza o objetivo da Kinoforum com as oficinas: “a educação audiovisual é currículo para a vida, muito mais do que para o mercado de trabalho⁸⁵”. A cineasta Kátia Lund, também presente no evento, afirmou que: “se nós aprendemos a ler e escrever, nós temos que aprender também a ler cinema⁸⁶”.

⁸² EDUCOM. *Alfabetização para as mídias: como ler o que não está escrito*. **MídiaCom Democracia**. Revista do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação. N. 1, Janeiro de 2006, p.69. Disponível em: <<http://www.fndc.org.br/arquivos/MidiaComDemocracia-n1.pdf>>. Acesso em: 7 de julho de 2006.

⁸³ Ibidem, p.70.

⁸⁴ ALMEIDA, L. M. de. et al. *Formação do Olhar, cinco anos*. **Kinoforum Formação do Olhar**, São Paulo, ago. 2006. Tablóide integrante da seção Formação do Olhar do 17º Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo, p. 2.

⁸⁵ COTA, Giselle F. **Atitude e inserção profissional dos jovens formados em projetos de inclusão social**: palestra e debate integrantes da mostra Formação do Olhar, 29 de ago. de 2006. 9 f. Notas do evento. Manuscrito. João Alegria falou sobre a busca da TV Futura por fornecedores

2.3 KINOOIKOS

O nome da seção *Formação do Olhar* mudou, em 2007, para *KinoOikos*⁸⁷. *Kino* significa movimento e *Oikos* corresponde à casa, ambas as palavras são de origem grega. A seção agora tem um *site* na internet: *KinoOikos – a casa do seu vídeo*, que disponibiliza quase todo o acervo de vídeos produzidos pelas oficinas Kinoforum desde o começo do projeto e mais alguns filmes de outras oficinas brasileiras que participaram da *Mostra Formação do Olhar*, atual *KinoOikos*. O *site* contém vários artigos dos participantes de núcleos audiovisuais, pessoas ligadas à Kinoforum, pesquisadores e especialistas.

A modificação do nome da seção reflete a atitude da Kinoforum de redirecionar o enfoque da discussão, antes voltada à “formação de novos olhares” e, agora, evoluindo para “uma janela aberta para a produção audiovisual de oficinas e núcleos independentes”⁸⁸.

A KinoOikos compõe um panorama que reflete o repertório cultural, os principais temas e preocupações dos jovens das periferias das grandes cidades. Os núcleos de produção independentes revelam também um amadurecimento e alguns criaram suas próprias oficinas, passando o conhecimento adquirido à uma nova geração⁸⁹.

sociais de conteúdo audiovisual. Justificou essa opção dizendo: “Quando busco um fornecedor social, busco um olhar que não posso produzir”.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Festival Internacional de Curtas de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org.br/curtas/2007/atividades.php?c=20626&idioma=1>>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2008.

⁸⁸ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Festival Internacional de Curtas de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org.br/curtas/2007/atividades.php?c=20626&idioma=1>>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2008.

⁸⁹ *Ibidem*.

Para demonstrar a mudança de enfoque da antiga *Formação do Olhar*, acrescentamos uma síntese da programação da seção. O debate da *Kinoikos*, do dia 29 de agosto de 2007, na Cinemateca Brasileira, foi sobre a produção de conteúdo para a TV. O objetivo era traçar um panorama dos espaços de difusão oferecidos pela televisão aos integrantes de núcleos de produção independentes e ao público do festival em geral. A palestra sobre *Elaboração de Projetos Culturais e Audiovisuais* abordou a dificuldade de organização/continuidade de iniciativas que utilizam o audiovisual como instrumento de inclusão social. Fizeram parte da palestra questões práticas e legais para o desenvolvimento de um projeto, desde a formatação para captação de recursos até a prestação de contas. Também houve uma plenária do *Fórum de Experiências Populares em Audiovisual* (FEPA), fundado em junho de 2007, no Rio de Janeiro. A proposta do fórum é a unidade dos diferentes projetos de educação e difusão audiovisual em torno de objetivos comuns⁹⁰.

Estão acessíveis no site da *KinoOikos* as produções dos núcleos audiovisuais estudados nesta dissertação e de outras oficinas de diferentes estados, como *Nós do Cinema*, do Rio de Janeiro, fundado por Kátia Lund e Fernando Meirelles (diretores do filme indicado ao Oscar *Cidade de Deus*) ou com público-alvo diferente, como o *Vídeo nas Aldeias* (em 2007, recebeu o Prêmio TV Cultura com o documentário *Huni Meka - Os Cantos do Cipó*, de Tadeu Siã e Josias Maná Hunikui)⁹¹.

⁹⁰ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Festival Internacional de Curtas de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org.br/curtas/2007/atividades.php?c=20626&idioma=1>>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2008. O objetivo é a definição de propostas a serem apresentadas ao poder público que resultaram na Carta da Maré, documento enviado ao Ministério da Cultura. A 2ª edição do FEPA foi sediada pela Kinoikos e as Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual durante o 18º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo.

⁹¹ Para mais informações, acesse: <http://www.kinoikos.com/programacao/>.

Um trabalho que está indiretamente ligado às oficinas da Kinoforum é o curta *Táxi para o devaneio*⁹², resultado da co-produção entre a Associação Kinoforum (Zita Carvalhosa) e o projeto multimídia alemão *Daydream*⁹³. A parte do curta gravada no Brasil foi dirigida por Ansgar Ahlers, idealizador do projeto estrangeiro, e Dirk Manthey, trabalhando com uma equipe brasileira de ex-alunos das *Oficinas Kinoforum*. A outra parte foi rodada em Berlim e Kiel (Alemanha), com direção de Eder Augusto, ex-aluno do Módulo I e II da Kinoforum e um dos fundadores do núcleo audiovisual *Arroz, feijão, cinema e vídeo*, apresentado no próximo capítulo. *Táxi para o devaneio* foi exibido em 2007, na mostra *KinoOikos* e em algumas comunidades da periferia de São Paulo: na zona sul (Grajaú, Jardim Ângela, Parelheiros, Real Parque - Ação Pankararu); na zona oeste (Jardim São Remo); na zona leste (Jardim São Carlos); na zona noroeste (Perus).

⁹²Cf. <http://www.kinoforum.org/oficinas/texto.php?c=708>.

⁹³ Cf. www.weneedyourtalent.com.

3 NÚCLEOS AUDIOVISUAIS DE EX-ALUNOS

Alguns jovens, após a realização de seus curtas-metragens nas oficinas do Módulo I, decidem que querem continuar a fazer cinema e fundam núcleos audiovisuais. Em resumo, tratamos de diversos aspectos que influenciaram a criação dos núcleos, bem como suas características, dificuldades e realizações. Os três núcleos ativos foram selecionados de modo a serem estudados um para cada região da cidade (*Nerama*- zona sul; *Arroz, feijão, cinema e vídeo* – zona norte e *Filmagens Periféricas* – zona leste), além de serem aqueles que produziram filmes para o *Festival Internacional de Curtas* de 2006. Por isso, um deles não teve uma descrição mais aprofundada⁹⁴.

A Associação Kinoforum divulga que dá atenção especial à formação dos núcleos audiovisuais⁹⁵. O que ocorre, em geral, é um apoio para dar impulso inicial aos ex-alunos. Veremos que essa relação entre a instituição e esses núcleos tem seus pontos de tensão e que na verdade não há um controle ou acompanhamento sistemático da Kinoforum sobre eles. Alguns entrevistados apresentam até um certa frustração em relação às demandas surgidas nos núcleos e que eles acreditam que deveriam ser atendidas pela Kinoforum.

⁹⁴ MUCCA – Mudança com Conhecimento, Cinema e Arte - Núcleo formado em 2003 a partir da Oficina realizada na Casa dos Meninos. Ainda hoje contam com o espaço e o apoio dessa ONG. Já produziram filmes, embora esta não seja a sua prioridade. Eles trabalham, principalmente, com a exibição, a divulgação e a discussão do audiovisual em sua comunidade. As reuniões do MUCCA ocorrem semanalmente, às terças-feiras a partir das vinte horas. O local é peculiar: o Hipermercado Extra da Avenida João Dias. Vânia Silva é uma das representantes do núcleo audiovisual e ex-aluna da oficina da Kinoforum Módulo I de 2003. Atualmente trabalha na Superfilmes de Zita Carvalhosa como recepcionista.

⁹⁵ ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual.** Apresenta informações sobre as oficinas já realizadas, vídeos e objetivos da instituição. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org/oficinas>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2005. Conforme a citação do item 1.3.

Constatamos que em cada núcleo audiovisual apresentado aqui, também atua pelo menos um monitor das Oficinas Kinoforum. Alguns ex-alunos dos Módulos I e II trabalham como monitores da Kinoforum na oficina de fotografia, gravação, assistência de produção e edição. Existem casos em que um monitor trabalha em mais de uma área. Um exemplo disso é o Luciano Oliveira do Núcleo *Nerama* que é monitor de fotografia, de gravação e de produção. O Eder Augusto do *Arroz, feijão, cinema e vídeo* atua como monitor de gravação. JC, das *Filmagens Periféricas* é da área de edição. Apesar da presença desses ex-alunos nas oficinas como monitores, os núcleos audiovisuais são independentes da Kinoforum.

3.1 NERAMA – NÚCLEO DE ESTUDOS E REALIZAÇÃO AUDIOVISUAL

É o núcleo mais antigo, pois existe desde 2001, ano em que se realizou a primeira Oficina Kinoforum, em parceria com a Associação Comunitária Monte Azul, no bairro homônimo. A principal motivação do grupo de pessoas que fundou o NERAMA era estudar mais o cinema, adquirir conhecimentos na área.

A idéia do núcleo surgiu depois de uma experiência em uma oficina audiovisual da Kinoforum onde a gente fez um filme. Aí, os meus colegas de grupo ficaram bem entusiasmados e eu também, com a idéia de realizar um filme. Depois que o filme acabou, nós ficamos com essa vontade e quisemos, então, nos organizar para continuar realizando os filmes. E a gente fundou, a partir da organização dessa turma, o Nerama, que é Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul, que é o bairro onde moramos, núcleo de estudos porque nós temos a vontade de continuar a entender mais, a aprender mais. Achamos que o núcleo audiovisual poderia dar conta dessa nossa vontade. Aí, nós procuramos nossos ex-professores para saber se eles podiam nos apoiar e contamos com o apoio deles. No início, o enfoque eram os estudos dos próprios integrantes do núcleo,

orientados pelo Alfredo Manevy, que era professor da Kinoforum na época⁹⁶.

A citação do parágrafo anterior é de Luciano Oliveira, o membro mais ativo do núcleo que nos concedeu uma entrevista⁹⁷. Ele é um dos autores do comentado curta docfic *Tato* (2001). Demonstrou uma evolução no seu trabalho desde então, comprovando isto com o curta de ficção *Linha contrária* (de 2006, premiado no mesmo ano) o qual dirigiu e tem a fotografia mais elaborada e uma linguagem poética. Passou a cursar a faculdade de Rádio e TV na Faculdade Anhembi-Morumbi, tendo se tornado também um funcionário da instituição de ensino superior. Além disso, Luciano é monitor das Oficinas Kinoforum e trabalha como instrutor de câmera. Na área de audiovisual há cinco anos (em 2006), desde quando a Kinoforum o convidou para ser estagiário de câmera. Já foi estagiário na TV Cultura, no programa DocTV. Trabalhou como instrutor/monitor de câmera das Oficinas Kinoforum.

Sobre o núcleo e a formação do grupo em relação ao audiovisual:

O Nerama sempre foi formado por pessoas de vários lugares de São Paulo, embora o núcleo das pessoas mais engajadas em concretizar as realizações do núcleo fosse no Monte Azul, a gente sempre contou com pessoas de fora. Então, a gente já participou de coisas em vários lugares e várias pessoas de coisas diferentes. Eu já cheguei a fazer Módulo II da Kinoforum, um curso no Cinusp, outro no MAM, um curso de fotografia no Centro Cultural Monte Azul e o estudo mesmo, de buscar e ler livros para depois discutir com os ex-professores. A gente lia algum livro por eles indicados para depois discutirmos entre nós e com os ex-professores⁹⁸.

⁹⁶ OLIVEIRA, Luciano. **NERAMA - Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul**. São Paulo, Universidade Anhembi-Morumbi, 20 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ OLIVEIRA, Luciano. **NERAMA - Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul**. São Paulo, Universidade Anhembi-Morumbi, 20 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

Quando questionado sobre a existência de parceria com a Kinoforum ou à ausência de apoio da instituição, Luciano respondeu:

Firmada formalmente, não. A Kinoforum tem sempre nos ajudado, desde o início, já emprestou equipamento, já cooperou nos contatos, passando informações para a gente, já cooperou vinculando com a Formação do Olhar, um espaço para a gente expor nossos trabalhos, não só a gente, mas todos que seguem esse viés de cinema periférico, feito por oficinas, por pessoas que não têm acesso à faculdade para se estabelecerem. A Kinoforum é uma parceira constante nesses cinco anos, em graus diferentes: (os participantes do núcleos são) mais dependentes no início, menos dependentes agora, mas, ainda em contato⁹⁹.

Parcerias com outras instituições:

O Nerama não é vinculado a nenhuma ONG, a gente não tem o apoio de nenhuma associação. Nós somos um grupo de jovens organizados que acreditam no cinema como forma de expressão de arte, comunicação. A gente se organiza para poder produzir alternativas para nós e para o nosso público alvo, o público de periferia, o povo no sentido mais puro da palavra, as pessoas simples e trabalhadoras que não tiveram acesso à informação mas têm uma vida muito digna. Dentro desse caminho, realizamos ações: de exibição, de estudo e realização audiovisual. Quando a gente vai exhibir, temos, há dois anos, a parceria com o Centro Cultural Monte Azul, que é de uma ONG, onde a gente realizou duas mostras de cinema brasileiro, no primeiro ano com quatorze filmes, no segundo com dezessete filmes¹⁰⁰.

As mostras de filmes organizadas pelo Nerama foram gratuitas, todas com o direito de exibição concedido pelos produtores e realizadores, com mais de três mil espectadores em cada ocasião, segundo o Luciano. O dinheiro para o projeto resultou de doações que os participantes do Nerama realizaram em parceria com a

⁹⁹ OLIVEIRA, Luciano. **NERAMA - Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul**. São Paulo, Universidade Anhembi-Morumbi, 20 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

¹⁰⁰ Ibidem.

ONG sediada Centro Cultural Monte Azul, que disponibilizou a estrutura para receber a mostra e o núcleo forneceu os contatos, o conhecimento na área cinematográfica, a programação.

Existe uma escolha de parceria por parte do Nerama, de acordo com a ocasião:

Quando a gente vai realizar (fazer filmes), é um caso específico, depende muito do projeto. No filme anterior, fizemos parceria com o Centro de Educação Unificada (CEU). Num outro filme, em 2004, a gente fez parceria com a Kinoforum. Recentemente a gente fez com nenhuma ONG, mas com pessoas, projetos. Na verdade, estabelecemos parcerias de acordo com a possibilidade e com a necessidade¹⁰¹.

Adiante, transcrevemos alguns trechos da entrevista com Luciano Oliveira, do Nerama. Embora não seja um tipo de formato que se aplique num um texto acadêmico, o motivo dessa opção é dar voz ao outro, pois neste trabalho, a questão da alteridade tem seu espaço em alguns momentos. Seguem alguns trechos da entrevista.

Vocês promovem cursos, oficinas?

Quando vamos estudar, nós ligamos direto para as pessoas com quem queremos aprender e pedimos para fazer uma oficina. Então, as nossas parcerias são assim.

Então, vocês fazem oficinas entre os participantes do núcleo?

Como eu disse no início, nós produzimos alternativas, Nerama produzindo alternativas. Nós produzimos alternativas para nós mesmos e para as outras pessoas ao mesmo tempo.

¹⁰¹ OLIVEIRA, Luciano. **NERAMA - Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul**. São Paulo, Universidade Anhembi-Morumbi, 20 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

Mas, vocês não chegam a fazer cursos para jovens que ainda não conheçam a área audiovisual?

Isso ocorreu num momento em que a prefeitura de São Paulo abriu licitação para oficinas de vídeo e eu entrei com projeto, acabei vencendo e dei aula de audiovisual em dois CEUs (Campo Limpo e Casablanca), eles fizeram vídeos.

Você tem mais alguma informação a acrescentar quanto aos objetivos do Nerama?

Eu quero frisar que a principal ação do Nerama é que a gente se organiza em prol da realização artística. Então, arte para nós é muito importante, a arte é transformadora por si só, capaz de comunicar a todo mundo, evidentemente em níveis diferentes, porque as pessoas são diferentes, têm conceitos diferentes, bagagens diferentes. Mas, as bagagens importam menos do que os olhares, do que a maneira, a personalidade. Então, a gente acredita no cinema como arte. A gente realiza ou busca realizar o cinema artisticamente. A gente busca exibir filmes artísticos e busca aprender mais sobre a realização artística do cinema

Existe algum tipo patrocínio, ajuda financeira para o projeto? Como ele é mantido?

O projeto é mantido pelos integrantes dele. Ninguém recebe, não tem dinheiro, não tem parceria, não tem apoio financeiro. É evidente que, como eu falei, que num caso específico, fazemos uma captação de recursos para conseguir realizar um filme ou uma mostra de cinema. A gente consegue, às vezes, trazer um palestrante, um oficinairo. Com uma *vaquinha* entre os integrantes, participantes (do núcleo) a gente consegue viabilizar a vinda. Mas, apoio institucional, financeiro de alguma fonte, não, nenhuma, zero. A gente está sempre no vermelho.

Vocês desenvolvem algum outro tipo de atividade, como vídeos institucionais ou propaganda com objetivos financeiros?

O nosso núcleo não. O Nerama não é especificamente uma produtora, não é um cineclubes, ele não é um grupo de estudos. Ele é tudo isso ao mesmo tempo. A gente não tem como produzir um institucional, fazer uma propaganda. Mas, nós os integrantes, individualmente trabalhamos em outras coisas. Eu já fiz institucional trabalhando para outras pessoas.

Alguns integrantes do núcleo já trabalharam profissionalmente ou tentando se profissionalizar independente do Nerama.

Quantos vídeos vocês produziram?

Contando com os dois da Kinoforum, que a gente considera como nosso, dois dos alunos de oficinas que eu ministrei (CEU Casablanca) mais dois nossos, são seis filmes.

Como é a estrutura geral de produção?

Isso é feito de acordo com o projeto em questão. Eu tenho o papel, mesmo, de puxar as coisas, de convidar outras pessoas, de articular. Tem dois produtores no núcleo, um operador de câmera, um fotógrafo. A estrutura é a gente se organizar da melhor maneira para conseguir o melhor resultado dentro daquilo que queremos realizar.

Você coordena o núcleo?

Eu prefiro “articulo”. Eu articulo as pessoas para que contribuam com, a realização de um projeto que não é só meu, é outras pessoas também. O número de pessoas varia, mas eu estou sempre presente como articulador.

Tem uma equipe fixa que trabalha no núcleo?

É um núcleo de pessoas que se conhecem, amigos, que se dão bem . Elas ajudam no Nerama. Você não veste a camisa do Nerama. Enquanto você está a fim, você vem e faz alguma coisa com a gente. Não tem essa de “você é nosso ou não é”, não é um partido. É uma posição em relação à produção cinematográfica em São Paulo, no Brasil. Se você quiser, você vem e assume uma posição como a nossa ou simplesmente ajuda a gente a pensar e se você não quer, você vai fazer outra coisa que você queira. O nosso grupo é muito volátil, metamórfico, nesse sentido, porque as pessoas vão contribuindo. Nesses anos todos de projeto tem tijolo de muita gente. Um projeto que se mantém, mesmo com o fluxo de pessoas que vêm, que vão e que voltam. Eu acho que elas não deixaram de estar, elas apenas não participaram desse ou daquele projeto.

Vocês têm conhecimento da divulgação que o trabalho teve na mídia em geral? Quais veículos citariam?

A gente teve uma boa veiculação quando a gente se formou, inclusive em matérias do jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. Depois, quando o nosso núcleo se fundiu com o outro núcleo, o MUCCA. A gente ficou MUCCA, também é tático porque fazíamos juntos as mesmas coisas em posições próximas. Um cineclube na casa dos Meninos Depois de um ano essa parceria não foi mais possível devido a diferenças de posicionamento diante da atividade cinematográfica. O MUCCA tem uma postura mais direcionada ao lado educacional e o Nerama vai mais para o lado artísticos ... Então, a gente decidiu romper, no sentido mais leve da palavra.

É importante lembrar, que o MUCCA - Mudança com Conhecimento, Cinema e Arte, não foi descrito neste capítulo devido aos motivos já expressos na abertura do mesmo.

3.2 ARROZ, FEIJÃO, CINEMA E VÍDEO

O núcleo está em atividade desde 2003, época em que se realizou a oficina na Vila Brasilândia. Existe uma queixa de falta de recursos por parte dos coordenadores Vanice Deise e Eder Augusto, ex-alunos do Módulo I das Oficinas Kinoforum. Somente em 2006, eles passaram a receber o patrocínio da Prefeitura de São Paulo mediante o programa VAI (Programa de Valorização de Iniciativas Culturais)¹⁰².

No Centro Comunitário da Cohab de Taipas, próximo à sala de aula ocupada pelas atividades do núcleo *Arroz, feijão, cinema e vídeo* estava uma pequena mesa com café, fatias de bolo e biscoitos trazidos por Vanice para proporcionar um desjejum aos jovens alunos que chegavam para a oficina. Revelamos esta cena

¹⁰² AUGUSTO, Eder; DEISE, Vanice. **Núcleo Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo**. São Paulo, Centro Comunitário da Cohab de Taipas, 1^o jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

porque ela está ligada ao contexto do núcleo: a alimentação assume um lugar importante até na determinação do cronograma do curso.

Glauber Rocha disse que “onde houver um cineasta, de qualquer idade ou de qualquer procedência, pronto a pôr seu cinema e sua profissão a serviço das causas importantes de seu tempo, aí haverá um germe do Cinema Novo”¹⁰³. O Núcleo Audiovisual tem um nome sugestivo à estética da fome materializada nas dificuldades de alimentação dos jovens cineastas no sentido literal do assunto. A principal atividade do *Arroz, feijão, cinema e vídeo* é a realização de oficinas audiovisuais na comunidade Cohab, de Taipas, que duram treze finais de semana por não haver uma verba para que se prepare almoço para os alunos, por isso, eles são dispensados: “é uma maldade deixar os caras com fome ou então, eles terem que ir para casa almoçar e depois voltarem aqui. Até porque nós vivemos a mesma realidade que eles e sabemos que é difícil”¹⁰⁴.

Alguns minutos antes da realização de entrevista, os dois entrevistados ministravam uma aula da oficina oferecida pelo núcleo *Arroz, feijão, cinema e vídeo* na sede do Centro Comunitário da Cohab de Taipas. Os conteúdos abordados eram relacionados com a prática de roteiro, *storyboard* e edição. Ao final da exposição, alunos e monitores assistiram a um exercício de ficção gravado pela turma e fizeram comparações entre o arquivo editado e o não editado.

Vanice Deise informa que utiliza o *site* de relacionamentos *Orkut* para passar recados e lembrar os alunos durante a semana. Uma questão que preocupa a ambos osicineiros é a frequência dos alunos, pois muitos vêm à primeira aula e

¹⁰³ ROCHA, Glauber. *Eztetykaz*. **Tempo Glauber**. Disponível em: <<http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Textos/eztetyka.htm>>. Acesso em: 8 de julho de 2007.

¹⁰⁴ AUGUSTO, Eder; DEISE, Vanice. **Núcleo Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo**. São Paulo, Centro Comunitário da Cohab de Taipas, 1^o jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

não retornam mais. A evasão do curso é considerada um dos principais obstáculos relativo do curso.

A dupla Eder e Vanice insiste nas oficinas com os jovens, apesar da dificuldade em fazer com que esses participantes tenham interesse em continuar o trabalho audiovisual na comunidade, por acreditarem que eles possam ser multiplicadores dentro da comunidade:

Queremos despertar o interesse deles para que tenham seus projetos e os mantenham aqui porque a região é carente de tudo e qualquer coisa. A gente quer que eles façam as coisas por si próprios e não a gente ter que ficar chamando: “vem, volta!”, não queremos ficar forçando. Amanhã ou depois, nós podemos não estar mais aqui. Eu não planejo ficar a minha vida toda aqui em Taipas. Então, temos que jogar para eles também essa responsabilidade de conseguir continuar com isso nos próximos anos. Isso é o mais difícil mesmo: é plantar isso dentro deles¹⁰⁵.

A forma como o curso é ministrado tem um enfoque mais informal, o que pode ser comprovado pela seguinte afirmação de Vanice:

Temos a postura de que somos todos amigos e estamos trocando experiências, não somos professores deles, nem eles os alunos e nós os monitores. Às vezes a gente traz alguém que sabe mais do que nós para trocar experiências com eles. Aí eles vão interagindo, absorvendo e passando para nós alguma coisa. Muitas vezes nós aprendemos mais com eles do que eles com a gente. Ficamos o tempo todo tentando pegar deles o que eles querem, o que estão pensando. Então, nos acabamos aprendendo juntos. São idéias diferentes, referências diferentes, a gente já assistiu muita coisa, a gente já viveu alguma coisa¹⁰⁶.

Ainda em relação à postura informal adotada para o curso que ministra, Eder acrescenta: “não somos burocráticos com os alunos ao ponto de eles terem que assinar lista de presença, depois de tantas ausências eles são proibidos de entrar

¹⁰⁵ AUGUSTO, Eder; DEISE, Vanice. **Núcleo Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo**. São Paulo, Centro Comunitário da Cohab de Taipas, 1^o jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

¹⁰⁶ AUGUSTO, Eder; DEISE, Vanice. **Núcleo Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo**. São Paulo, Centro Comunitário da Cohab de Taipas, 1^o jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

aqui. Aqui é um espaço público, da comunidade”. Continua o assunto do controle de presença: “Não posso proibir ninguém de entrar aqui. Posso pedir a colaboração deles. Proibir as pessoas de entrarem eu acho inviável, pois arrumarei confusão com a comunidade em que trabalhamos¹⁰⁷.

Uma última dificuldade mencionada por Vanice é o processo de montar e desmontar os equipamentos porque tem que fazer isso sozinha, já que o colega mora em outro bairro e chega depois dela. Mas, o problema não fica sem solução: “Aí, eu saio procurando o povo na rua para me ajudar”. Participamos da coleta dos equipamentos que foram acomodados no porta-malas e numa parte do banco de trás do carro de Vanice.

Depois disso, ela convidou-nos para almoçarmos em seu apartamento, uma primeira experiência de visita à um imóvel de Cohab, que não deixa nada a dever em espaço a um pequeno apartamento de classe média, tem até vaga de estacionamento.

Valorizar a comunidade da Cohab Taipas, possivelmente construir uma identidade, é um dos pontos importantes na produção do núcleo. Eder e Vanicie mostraram-se incomodados com o esquecimento por parte das autoridades governamentais, em que eles acreditam, o bairro onde moram está mergulhado no descaso. O documentário *Taipas da cabeça aos pés* (2006) contém cenas do cotidiano do local.

3.3 FILMAGENS PERIFÉRICAS

¹⁰⁷ Ibidem.

O TeleCentro Cidade Tiradentes abriga as Filmagens Periféricas e a ONG Grupo Ecológico Cultural Tio-Pac. Os responsáveis pelas Filmagens Periféricas são João Carlos e Cláudio Souza, JC e Tio-Pac¹⁰⁸ respectivamente. Co relação às funções burocráticas exercidas por Tio-Pac no TeleCentro, ele afirma:

Eu sou presidente, mas não gosto muito da hierarquia estatutária. Sou muito democrático, um parceiro da comunidades. Mas, como presidente, tenho que fazer as coisas acontecerem junto com a galera. Eu sou o permissionário deste espaço, o responsável para falar com a Cohab, a Prefeitura, aliás, sou eu quem paga todas as contas. Aí, é onde existe a hierarquia e esse lance de que eu sou permissionário da Cohab e tenho que dar respostas a eles quanto aos projetos sociais. É muita cobrança, mas a gente está aí há cinco anos dando continuidade¹⁰⁹.

O Grupo Ecológico e Cultural Tio Pac nasceu depois da participação de Tio-Pac e JC em um curso de capacitação para elaboração de projetos e captação de recursos para projetos sociais. Tio-Pac falou sobre a experiência:

Quando eu me formei, achei que era desnecessário só fazer um curso muito bom que foi oferecido e não utilizar melhor esse curso através da criação de uma entidade para jovens. Eu não sou jovem, mas estou muito com essa galera, participo de muitas paradas junto com os caras. Aí, nós entramos em consenso para criar o Tio-Pac que é uma entidade que faz o trabalho cultural. Iniciamos esse trabalho em 2002, quando foi fundada a entidade. Desde então, temos somado parcerias com as pessoas do entorno. Nosso interesse é ajudar o pessoal da comunidade que não tem o espaço físico. Então, a gente quer montar uma micro-sala de cinema, temos a biblioteca e as salas de aula para educação de crianças e de adultos mais pré-vestibular. Tudo isso gratuito para a comunidade. Então, é importante ter o espaço físico, porque a gente sabe que um trabalho social precisa disso¹¹⁰.

¹⁰⁸ JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

No TeleCentro, existe material para que se crie uma sala de cinema, com várias películas e um projetor, doados. O próprio Tio-Pac apresentou o local e os equipamentos disponíveis.

O núcleo teve seu primeiro contato com as Oficinas Kinoforum em 2002, na Oficina realizada em Cidade Tiradentes e se estabeleceu em 2003. Passaram a receber o apoio financeiro do VAI em 2006. Apesar disso, os recursos são considerados poucos. O sonho de uma TV Comunitária, para poderem exibir seus trabalhos, é expresso por JC e Tio-Pac¹¹¹.

No dia em que a entrevista era concedida, o curta *Augusta ao gosto* estava sendo editado. O trabalho foi realizado pelos alunos da oficina promovida pelo núcleo Filmagens Periféricas no prédio do Instituto Itaú Cultural.

Cláudio Tio-Pac informou como surgiu a idéia de criar o Núcleo Audiovisual:

Tudo surgiu em 2003. Nós fizemos o curso de audiovisual pelas Oficinas Kinoforum e em 2002-2003 começamos a atuar. Já realizávamos um trabalho social aqui na Cidade Tiradentes há algum tempo. Um dia fomos fazer um show aqui e descobrimos que era preciso ter uma credencial, de uma empresa para poder gravar o evento. Então, eu e o J (JC) pensamos rápido e criamos Filmagens Periféricas. Era um momento único para gravarmos alguns grupos da grande mídia que estavam aqui na comunidade. E lá nós gravamos o evento e temos dado continuidade, participando de algumas oficinas e estamos aqui até hoje¹¹².

Quanto à quantidade de vídeos produzidos pelo do núcleo, JC disse: “Acho que uns treze vídeos, cada um com uma temática diferente” e Tio-Pac

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

complementou: “Treze diretamente, mas indiretamente tem muito mais. Trabalhos institucionais, nossa, tem muita coisa aí”¹¹³.

Há ocorrência de trabalhos institucionais ligados a ONGs. Novamente a TV comunitária é mencionada, desta vez por Tio-Pac:

Às vezes somos contratados por empresas como para o evento do Instituto Ethos, para fazer um trabalho institucional e a partir disso houve outras demandas. Nós temos a idéia de fazer material publicitário até mesmo para inserir no comércio local, onde eu concordo com o J que tem que ter uma televisão comunitária para veicular esse material e não uma TV elitizada que é a grande mídia. Temos também essa preocupação, de criar uma TV comunitária porque nós teremos muito material sendo produzido. Vamos formar um grupo de jovens da comunidade¹¹⁴.

Além dos cursos oferecidos pelas Oficinas Kinoforum, como citamos anteriormente, existe um busca por aprendizado, inclusive por curso superior:

Quanto aos cursos, cada qual do grupo tem um segmento e tem a sua vontade. Como eu já falei, eu e o J participamos do módulo básico e do específico acho que umas duas ou três vezes, a Kelly participou também duas vezes e algumas outras pessoas. Aí, eu saí um pouco mais e fui fazer um curso no Cinusp, no Jardim Monte Azul. Aonde eu vou e fico sabendo que tem um curso importante para mim, eu vou e indico para os outros do grupo. O J agora está na Uni Santana fazendo Rádio e TV, que é uma parada legal que ele vai poder multiplicar para nós como grupo. A gente sempre vai atrás das oficinas, a última foi em 2005. Este ano nós não participamos, mas fizemos algumas coisas de curso por aí fora. Sempre que tem, nós acompanhamos dentro das nossas possibilidades¹¹⁵.

¹¹³ Ibidem.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

A coletividade é sempre levada em conta, com demonstra o comentário de JC: "Essas coisas surgem da correria coletiva nossa, a gente tem uns contatos"¹¹⁶.

Em relação à questão da periodicidade da produção audiovisual do núcleo, Tio-Pac explica:

Não, acho que é aquele lance de surgir uma idéia. É como o J falou, é manifesto. Como a gente mora na periferia, na Cidade Tiradentes, andamos por aí afora e vemos vários problemas sociais, a gente transforma isso em vídeo. Não tem um período. Se acontecer um fato que é agravante do nosso ponto de vista, nós roteirizamos e posteriormente gravamos. Mesmo sem gravar, nós temos roteiros engavetados porque são temas que acontecem no dia-a-dia e a gente se preocupa e escreve o roteiro para no momento certo gravar. Mas, a freqüência, vamos dizer assim, todo ano sai um trabalho¹¹⁷.

Segundo JC, as Filmagens Periféricas recebem patrocínio desde 2005, do VAI e da Petrobrás:

Até ontem, nós nunca tivemos patrocínio de ninguém. Quando você falou do período de produção dos vídeos, a gente até se sentia limitado porque não tinha equipamento nenhum. Tínhamos as idéias e pedíamos algum equipamento emprestado para podermos desenvolver algum trabalho e a pessoa ou ONG que emprestava dava um prazo de vinte e quatro horas para devolver. Então, muitos dos nossos trabalhos *saíram pelas coxas* (sic) e não do jeito que nós gostaríamos e por isso, nos sentimos até frustrados, pela falta de estrutura. Nós nos sentíamos pressionados: "você tem que devolver esse equipamento hoje, você tem que devolver esse equipamento amanhã". Isso prejudicou bastante o nosso trabalho. Nos dias de hoje, nós estamos muito felizes porque conseguimos através do VAI, que eles chamam de valorização de iniciativas culturais, alguns equipamentos: uma ilha de edição e duas câmeras para nós podermos desenvolver nosso trabalho. E também conseguimos o patrocínio da Petrobrás que está viabilizando a compra de uma televisão, salário para nós, o que nos deixa muito contentes, porque todos os trabalhos que temos realizado desde 2002 foram voluntários, da gente querer fazer e vamos fazer mesmo. Hoje nós temos esse patrocínio que possibilita que a gente tenha uma renda mensal. Isso já ajuda bastante. Patrocínio mesmo, de verdade, são do VAI e da Petrobrás Cultural que está dando uma sustentabilidade ao projeto.

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Ibidem.

Uma parte das dificuldades parece ter sido sanada com a ajuda dos dois patrocínios, pois o grupo conseguiu obter equipamentos próprios, o que, segundo JC, pode ser um fator que melhore a qualidade da sua produção audiovisual.

Quanto ao relacionamento entre a Kinoforum e o núcleo Filmagens Periféricas JC demonstrou uma certa insatisfação:

A Kinoforum na verdade... Uma coisa que eu brigo bastante com o Christian é o fato de as Oficinas Kinoforum estarem nas comunidades, mas não criarem um segundo momento mais consistente para os alunos. Porque onde a oficinas passam elas deixam um rastro muito grande e nas comunidades há muitas pessoas interessadas em dar continuidade. Mas, como? Porque uma câmera é muito cara, uma ilha de edição é muito cara, o equipamento de audiovisual é muito caro. É uma coisa meio que da elite. Eu até brigo muito com o coordenador das oficinas, o Christian, para formatar, talvez, um projeto central das oficinas, onde os participantes das oficinas possam apresentar projetos de produção de vídeo e poder ter empréstimo de equipamentos para dar andamento ao trabalho. Às vezes, as pessoas têm grandes idéias, bons projetos, mas por falta de recursos o projeto fica engavetado. Acaba até frustrando¹¹⁸.

A avaliação da parceria com a Kinoforum feita por Tio-Pac acrescentou mais um ponto polêmico entre o que a instituição divulga e o que é sentido na prática:

É, a gente fica pensando, que a Cidade Tiradentes tem uma repercussão muito grande, nacional e internacional para o Festival (Internacional de Curtas) e para as Oficinas Kinoforum. A gente fica meio assim porque sabe que têm uma parceria teórica. Na prática, gostaríamos de ter pessoas, assim como o Christian (...) oferecer mais cursos específicos para a gente poder ministrar aulas¹¹⁹.

Como continuação do assunto parceria, JC afirma que não há apoio ou parceria por parte da Kinoforum:

¹¹⁸ JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

¹¹⁹ JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

Em relação à Kinoforum, eu trabalho lá, mas o projeto aqui não tem um apoio. Nós solicitamos reuniões ao Christian por e-mail e ele não respondeu. Então, a gente fica sem saber até que ponto nós podemos contar com as Oficinas Kinoforum. Na verdade, não existe uma parceria entre as Filmagens Periféricas e as Oficinas Kinoforum. Foi um momento, em 2002, onde foram realizadas aqui na Cidade Tiradentes as oficinas. Tudo o que a gente vem alcançando é correria nossa. Não que as oficinas tenham dado um aval para a gente. Lógico que, quando inserem algum vídeo nosso no festival da Kinoforum (O Festival Internacional de Curtas de São Paulo), isso dá uma janela muito grande. Mas, uma parceria, onde a oficinas apoiem a gente em algum projeto, a gente está brigando¹²⁰.

JC acrescenta que o pessoal das Filmagens Periféricas está tentando, de uma forma ou de outra, chamar as Oficinas Kinoforum para uma reunião, tendo Christian como representante. Porém, alegam que não são atendidos e desconhecem o motivo.

Na verdade ele não nos deu uma resposta. Já foram marcadas três ou quatro reuniões e ele não compareceu a nenhuma delas. Então, a gente fica sem saber se estamos sendo descartados, é descaso para conosco ou se ele está sem tempo. Nós ficamos até chateados em relação a isso. Muitos cineastas que a gente conhece aqui no Brasil, falam de apoio, de parceria, a gente quer ver isso na prática agora. Na teoria, a gente se encontra em debate, aí que legal, que bonito, e que não sei o que, legal. Agora a gente tá com um projeto em que convidaremos cineastas que a gente conhece, de nome, e pediremos para eles virem à Cidade Tiradentes dar um dia de aula para nós e mais pessoas da comunidade. Vamos ver a resposta que nós teremos. Pretendemos chamar o Edson Oliveira, o próprio Christian, a Moira, o Jorge Guedes, os professores da Kinoforum para poderem ministrar aulas. O André Costa, entre outros. A gente participa de várias entrevistas por aí fora, as pessoas dizem que quando a gente precisar pode contar com elas. Há alguns dias, fomos entrevistados pela TV Câmera, de lá, teve um produtor que disse que viria à Cidade Tiradentes ministra aula para a nossa comunidade. Agora, colocaremos isso no papel e iremos atrás dessas pessoas para saber realmente se haverá parceria ou não. Para saber se realmente existe ou se é só teoria. A gente não engole teoria, na verdade.

As Filmagens Periféricas têm parcerias locais e, segundo JC: “o projeto é de projeção itinerante, aberto ao público. Então, em cada setor da Cidade Tiradentes a gente quer formatar uma parceria com suas ONGs. Já foram feitos alguns contatos,

¹²⁰ Ibidem.

mas eu não me lembro bem os nomes”. E acrescenta: “a que está nos apoiando no momento é a ONG Poeiras, que é onde nós estamos realizando as sessões neste mês de julho”¹²¹.

Conforme explicou Tio Pac, existe certa disputa entre as numerosas entidades: “Porque na Cidade Tiradentes existem 350 entidades. É uma briga de placas muito grande aqui. Nós já fizemos alguns trabalhos e contactamos algumas ONGs e, depois, levaremos o projeto para esses locais”¹²².

Quando questionado se o núcleo tem o objetivo de formar profissionais para o audiovisual, JC respondeu: “sem dúvida, porque com a nossa idéia de montar uma TV comunitária, nós precisaremos de pessoas capacitadas dentro da Cidade Tiradentes para poderem desenvolver um bom trabalho”. Também é expresso por ele a necessidade de se especializar e aprender mais:

O nosso objetivo, sem dúvida nenhuma é adquirir cada vez mais conhecimento e de uma forma ou de outra tentar reproduzir esse conhecimento para outras pessoas da nossa comunidade. A gente também tem uma meta que é montar uma TV comunitária, porque a nossa visão em relação à mídia, os programas de televisão, o tipo dos apresentadores são coisas que pouco ou nada tem a ver com a nossa realidade. Você liga a televisão e vai ver uma notícia lá da *puta que pariu* (sic), mais um homem bomba explodiu, coisa e tal, e uma pessoa mal sabe o que está acontecendo aqui no seu próprio bairro. Então, o audiovisual, querendo ou não, possibilita o mercado de trabalho.¹²³

Surge, no entanto, uma pequena contradição no discurso de JC (ele estuda na faculdade de Rádio e TV) que diz que sua não é sua meta, assim como também a de Tio-Pac, fazer faculdade:

¹²¹ JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

¹²² Ibidem.

¹²³ JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

Muitos como eu, o Cláudio (Tio-Pac) e outras pessoas mais vivem do audiovisual. Tudo começou através de uma oficina. Então, a nossa meta é evoluir cada vez mais e não fazer uma faculdade de cinema, mesmo porque nós criamos o nosso rótulo: cinema de periferia. É um cinema que não terá uma linguagem acadêmica, é um cinema próprio, original nosso, que não virá de dentro da faculdade e será uma coisa diferenciada¹²⁴.

A afirmação anterior demonstra a necessidade de se criar uma identidade quanto à produção audiovisual das *Filmagens Periféricas* e seguir uma linha distante do cinema acadêmico, embora o curso ministrado pelas Oficinas Kinoforum seja impregnado de referências, basta retomar a bibliografia comentada no capítulo I.

“Fazer filmes no Brasil é difícil”, uma frase que simplifica um pouco uma idéia que os cineastas brasileiros já tem, quase como um aforismo. Os jovens participantes dos núcleos audiovisuais podem não ser atendidos em suas demandas quanto a realização cinematográfica. Entretanto, apenas reclamar não vai fazer com que o estado de coisas melhore. O que vai fazer a diferença entre consolidar esse movimento estético e político do audiovisual na periferia ou apenas um “fogo de palha” é a atitude diante das dificuldades a serem superadas. Como disse o Professor. Roberto Moreira: “Fazer cinema é difícil mesmo, para todo mundo e a regra é a reclamação generalizada. Até gente rica reclama”.

¹²⁴ JC, João Carlos; SOUZA TIOPAC, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

4 CINEMA DE QUEBRADA

Para que o povo esteja presente nas telas, não basta que ele exista: é necessário que alguém faça os filmes. As imagens cinematográficas do povo não podem ser consideradas sua expressão, e sim a manifestação que se estabelece nos filmes entre os cineastas e o povo. Essa relação não atua apenas na temática, mas também na linguagem¹²⁵.

O *Cinema de Quebrada* é um conjunto de iniciativas que resulta da vontade dos jovens egressos de projetos de inclusão audiovisual - como os que participaram das *Oficinas Kinoforum* e de outros projetos - trabalharem com o cinema e vídeo - se expressarem artisticamente e, ao mesmo tempo, mostrarem suas comunidades nas telas de cinema, a partir de seus próprios pontos de vista. Neste capítulo, buscamos reconstruir o percurso da articulação do Movimento *Cinema de Quebrada* e os seus principais agentes. Apresentamos o *Fórum Paulistano de Audiovisual e Cinema Comunitário Jovem* como ponto de partida da mobilização de jovens e instituições, a documentação, as principais questões propostas (como formação, espaços para exibição, equipamentos para produção e políticas de incentivo) e a lista de discussão na internet. Em seguida, a programação da mostra *Cinema de Quebrada*, com sua filmografia, participantes, organizadores e curadoria. Para complementar, inserimos um texto sobre o olhar do outro, o qual acrescenta alguns pontos críticos em relação à alteridade na produção audiovisual da periferia, não somente daqueles agentes ligados de forma direta ao fórum ou à mostra, mas referindo-se a algumas produções das oficinas da Kinoforum ou núcleos audiovisuais, curta-metragens também citados nos capítulos anteriores da dissertação.

¹²⁵ BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.9.

4.1 FÓRUM NA INTERNET E DOCUMENTAÇÃO

A articulação do *Cinema de Quebrada* teve início com um fórum de discussão entre jovens egressos de oficinas audiovisuais e outros agentes multiplicadores da área, como orientadores de projetos de inclusão audiovisual. A primeira reunião registrada em ata¹²⁶, no acervo *on-line*, é de julho de 2005. Trata-se do *Fórum Paulistano de Audiovisual e Cinema Jovem*, com participação de entidades atuantes no universo da educação audiovisual e núcleos de produção independente sediados na periferia da capital.

Foi no Fórum também que o termo "Cinema de Quebrada" começou a se impor entre os realizadores que compõem o movimento, e os núcleos passaram a rotular assim esse novo movimento estético e político. Criou-se uma identidade para essa produção (...)¹²⁷.

A lista de discussão do fórum na internet é uma central de produção de mensagens, que variam de uma até dez ou doze por dia, enviadas aos *e-mails* dos participantes da lista. Os assuntos abordados são os mais diversos: divulgação de cursos e oficinas, vagas de emprego na área de cinema, utilidades públicas dependendo da ocasião, políticas de incentivo à cultura, eventos, artes, música, cultura, lançamentos de filmes, atividades dos núcleos audiovisuais, entre outros. Já citamos os arquivos das atas, informamos também, que estão disponíveis para

¹²⁶ FÓRUM DE CINEMA. **Atas do Fórum Paulistano de Cinema de Quebrada**. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/forumcinema/files/Atas/>>. Acesso em: 27 de julho de 2007. (ANEXO 5).

¹²⁷ TOLEDO, Moira. *Renovando a imagem da periferia*. **Kinoforum**. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org.br/curtas/2005/formacao.php?m=9&o=2>>. Acesso em: 10 de julho de 2007.

download, desde que a pessoa interessada seja aceita como participante da lista. Também existem outros arquivos sobre o Cinema de Quebrada, folders e programações de eventos.

O *Fórum Paulistano de Cinema de Quebrada* é definido na lista de discussão da internet como:

Uma reunião permanente de realizadores da Região Metropolitana de SP que visa multiplicar, ampliar, dar visibilidade e acesso aos meios de produção, sensibilizando e potencializando outros jovens interessados na linguagem audiovisual. O fórum ainda objetiva consolidar núcleos (audiovisuais) e demais interessados para discutir e pensar sobre políticas públicas voltadas propriamente às produções de quebrada¹²⁸.

Para que possamos compreender um pouco a origem do fórum e a sua articulação, analisamos atas do período de julho de 2005, quando ocorreu a primeira reunião para a organização da *Mostra Cinema de Quebrada*, até março de 2007. Uma informação constatada é presença de pessoas já biografadas de forma sintética nos capítulos anteriores: Moira Toledo, Eder Augusto, Cláudio Nunes (Tio Pac). A coincidência, entre as pessoas citadas, é que elas têm ou tiveram alguma ligação com as *Oficinas Kinoforum*. Porém, não é somente de Kinoforum que sobrevive um *Cinema de Quebrada*. Wilk Vicente é um dos jovens mais atuantes no movimento que estamos descrevendo. Inclusive, ele é uma das pessoas que mais envia e-mails para a lista de discussão *on-line*.

¹²⁸ FÓRUM DE CINEMA. Lista de discussão mantida pelo Fórum Paulistano de Cinema de Quebrada. Disponível em: < <http://br.groups.yahoo.com/group/forumcinema/>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

Wilq Vicente é morador de periferia e realizador audiovisual. Participou de cursos e oficinas de formação audiovisual da Ação Educativa¹²⁹ pelo projeto *Vídeo: Cultura e Trabalho (VCT)*. Dirigiu alguns curtas-metragens, entre os quais: *O tempo e o ritmo* (Brasil-SP, 2005, cor, 6 min.) e *Bandeira da paz* (VCT, Brasil-RS, 2005, cor, 5 min.). Foi um dos curadores da mostra *Cinema de Quebrada*. Ganhou o segundo lugar no 1^o Prêmio Juventude (2006), na categoria ensino médio, com o artigo: *Democratização do acesso à cultura e as novas tecnologias de informação e comunicação*¹³⁰. É co-autor do FABICINE – A Fantástica Fábrica de Cinema¹³¹.

4.2 A MOSTRA

Em 2005, realizou-se a primeira edição (a única, até o presente momento) da *Mostra Cinema de Quebrada*, com a exibição de vídeos realizados por jovens produtores de comunidades periféricas e uma série de debates com convidados. A duração do evento foi de 1^o de outubro a 19 de novembro de 2005, na sala Lima Barreto do CCSP. Foram exibidos filmes em suporte VHS e DVD, com entrada franca. As entidades envolvidas na realização do evento foram: a Prefeitura da Cidade de São Paulo, Secretaria de Cultura, Centro Cultural São Paulo (CCSP), Secretaria de Participação e Parceria, Coordenadoria da Juventude, Associação Cultural Kinoforum e *Fórum Paulistano de Audiovisual e Cinema Comunitário Jovem*.

¹²⁹ AÇÃO EDUCATIVA. **Ação Educativa**. Apresenta informações sobre a instituição e seus projetos. Disponível em: < <http://www.acaoeducativa.org.br/> >. Acesso em: 27 de maio de 2008.

¹³⁰ AÇÃO EDUCATIVA. *Democratização do acesso à cultura e as novas tecnologias de informação e comunicação*. **Ação Educativa**. Disponível em: < <http://www.acaoeducativa.org.br/> >. Acesso em: 27 de maio de 2008.

¹³¹ FABICINE. Blog. A publicação é mantida por um grupo de estudantes de Comunicação e Letras que promovem encontros teóricos e práticos sobre as linguagens audiovisuais. Disponível em: < <http://fabricine.zip.net/> >. Acesso em: 27 de maio de 2008.

O CCSP forneceu o espaço e o material de divulgação. O apoio cultural ficou a cargo das seguintes instituições: ABD-SP (Associação Brasileira de Documentaristas – SP), Ação Educativa, Associação Comunitária Monte Azul, FCF Comunicações, Instituto Criar de TV e Cinema, NovOlhar. Houve a participação de jovens representantes de núcleos audiovisuais e da Kinoforum. Os responsáveis pela curadoria e produção: Cláudio Tio Pac (Filmagens Periféricas/Tio Pac Produções), Elton Rhymes (Joinha Filmes), Luciano Oliveira (NERAMA), Wilq Vicente (VCT – Ação Educativa). Supervisão de projeto: Moira Toledo (Associação Cultural Kinoforum).

A *Mostra Cinema de Quebrada* realizou-se com as seções iniciadas sempre às 14 horas, aos sábados. Acrescentamos a programação dos debates e exibições de filmes de cada dia do evento.

No primeiro dia, 1^o de outubro, o programa a ser discutido era: *"Fala Tu!" E surge o vídeo como forma de manifesto, reivindicação ou sensibilização*. Foram convidados os cineastas Jeferson De e Éder Augusto, o coordenador do *Arroz Feijão Cinema e Vídeo*. Os filmes exibidos foram: *Vida na rua* (Projeto Olho da Rua, POA-RS), *A passagem* (VCT-SP), *Atitude na cena* (Joinha Filmes-SP) e *Mulher de amigo* (Boca De Filme-RJ).

Em 8 de outubro, a discussão proposta foi: *A olho Nu: estética e linguagem sem frescura*. Os convidados a debater o programa eram os seguintes: O programador, produtor e cineasta Francisco Cesar Filho e Paolo Gregori – cineasta e professor (Kinoforum). Filmes exibidos: *Nas calçadas do rio* (Nós do Cinema-RJ), *Mental, físico e espiritual* (VCT-SP), *O ultimo da fila* (Oficinas Kinoforum/Arroz Feijão Cinema e Vídeo-SP), *Muros da mente* (Oficina de Imagem Popular-DF), *Um monte em mim* (NERAMA-SP), *Ícaro* (Secretaria de Cultura de POA-RJ).

Dia 15 de outubro, o programa era *Cola Ai!!!* e o debate sobre a formação de público. Os convidados foram: a diretora da área de Cinema do CCBB Giovanna Fernandes e o crítico de cinema José Carlos Avellar. Filmes exibidos: *João Candido* (Nós do Cinema – RJ), *Mais que um número* (Cinema e Vídeo Brasileiro nas Escolas – SP), *Improvise* (Joinha Filmes – SP).

O programa para o dia: 22/10 foi a seguinte: "Na *correria: os opostos se atraem*" (FAAP & Periferia). E contou com convidados como Reginaldo do *Projeto Cinefavela* – Heliópolis e José Gozze, Diretor do Curso de Cinema da FAAP. Os filmes exibidos foram: *Defina-Se* (Oficinas Kinoforum–SP), *Telepata* (Gustavo Brandão–FAAP–SP), *Tele Visões* (Oficinas Kinoforum–SP), *Bipedes* (Caetano Caruso–FAAP–SP), *Mulher De Amigo* (Boca de Filme–RJ).

Para o dia 29/10, foi o seguinte programa: "*Ampliando Outros Horizontes*". Com os convidados Mauricio Cardoso – Instituto Criar e Christian Saghaard – Cineasta e Coordenador das Oficinas Kinoforum. Os filmes exibidos foram: *Arroz, Feijão E Macarrão* (Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo-SP), *Bairro Sem Calçadas* (MUCCA–SP), *O Banho* (Joinha Filmes-SP), *Cinema De Periferia* (Filmagens Periféricas-SP), *Dia De Visita (Realidade Cruel)* – (Instituto Criar- SP), *O Tempo E O Ritmo* (VCT–SP).

Em 05/11 o programa foi *Mobilização e o Papel das ONG's* . Tendo como convidados: Zita Carvalhosa – Associação Cultural Kinoforum e Alexandre Kishimoto – Ação Educativa. Os Filmes exibidos neste dia foram: *Aqui Fora* (Oficinas Kinoforum-SP), *Angelica, Augusta E Consolação* (VCT–SP), *Programa De Senhoras* (Projeto Olho Vivo–PR).

Para o dia 12/11 desenvolveu-se o seguinte Programa: *Máquina Pública de Cultura*, com a exibição dos filmes *Vida Loka* (Filmagens Periféricas–SP), *Gentileza*

(Nós do Cinema–RJ), *Bandeira De Paz* (VCT–SP), *Fiquei* (Video Brasileiro nas Escolas – Ação Educativa–SP).

Em 19/11, com o Programa *Mercado de Trabalho e Sustentabilidade* e a participação dos convidados Maria do Rosário, Coordenadora do VAI; e Alfredo Manevy, Assessor do Ministério da Cultura. Neste dia foram exibidos os filmes *Materia Ltda* (Boca de Filme–RJ), *Oficina Cinescola* (NERAMA–SP), *João Candido* (Nós do Cinema–RJ) e *A Jogada* (Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo–SP).

Neste parágrafo, desenvolvemos um pouco da programação citada acima, especificamente de 22 e 29 de outubro de 2005, partindo de algumas anotações relativas às discussões apresentadas no decorrer dos dois dias de debate. No dia 22, o tema foi: *Na correria: os opostos se atraem... FAAP & Periferia*. Na mesa de discussão estava um convidado não previsto na programação. Era um aluno da ECA-USP, que se apresentou pelo primeiro nome, Guilherme. Ele fez uma sugestão interessante: os núcleos audiovisuais da periferia deveriam fazer filmes com seu olhar sobre a elite e, não somente sobre a periferia¹³². A discussão do dia 29, intitulada *Ampliando Outros Horizontes*, contou com dois coordenadores de oficinas audiovisuais: Christian Saghaard da Kinoforum e Maurício Cardoso do Instituto Criar. Ambos falaram dos respectivos projetos que representavam. Saghaard reafirmou que o objetivo principal das *Oficinas Kinoforum* é formar público para o cinema brasileiro, apresentar uma contrapartida à estética de TV nos filmes, mostrando outras linguagens. Entender o que está por trás dos programas de TV e desvendar intenções deveriam ser matérias obrigatórias nas escolas. Sobre a organização dos

¹³² COTA, Giselle F. *Na correria: os opostos se atraem... FAAP & Periferia*. **Mostra Cinema de Quebrada**. São Paulo: 22 out. 2005. Notas do evento. Manuscrito.

jovens da periferia em núcleos audiovisuais, Saghaard exclamou: “É uma revolução, sim, no audiovisual brasileiro”¹³³.

4.3 O OLHAR DO OUTRO EM QUESTÃO

Who has the responsibility and legitimacy (or power and authority) to represent, not only in the sense of rendering likeness but also in the sense of “stand for” and “prepare an argument about” others? Evaluating the degree of difficult attempted and level of sophistication attained is how “we” (objective, professional, “disciplined”) vex each other more precisely at expense of others. The asked question is in what way does this representation matter to those it represents¹³⁴?

Conforme o questionamento de Nichols, quem teria a legitimidade de representar o outro e qual seria a importância dessa representação para esse outro? Quando Tio Pac e JC, do núcleo audiovisual *Fimagens Periféricas*, manifestam o desejo de que exista uma TV Comunitária na Cidade Tiradentes (onde estão ativas diversas ONGs e movimentos sociais), logo se justificam dizendo que a programação da televisão comercial nada tem a ver com a comunidade, com eles e com o seu cotidiano. Ambos os jovens citados são produtores de conteúdo e buscam formas de exibirem seus trabalhos em audiovisual, o seu próprio olhar.

Partindo de alguns casos de produção de curtas dos núcleos audiovisuais e das *Oficinas Kinoforum*, discutimos questões como a identidade que os cineastas da quebrada buscam construir em seus curtas-metragens e a alteridade. A imagem da

¹³³ COTA, Giselle F. *Ampliando os horizontes. Mostra Cinema de Quebrada*. São Paulo: 29 out. 2005. Notas do evento. Manuscrito.

¹³⁴ NICHOLS, Bill. *The ethnographer's tale*. In TAYLOR, Lucien (Org). **Visualizing Theory**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1994, p.61.

periferia legitimada pelas novelas, filmes e seriados brasileiros parece, à primeira vista, voltada para o lado obscuro: lá estão os miseráveis, necessitados, vitimados pela sociedade e pelos traficantes de drogas com poderes de governo paralelo. Citamos este aspecto apenas para demonstrar uma das visões que se tem da periferia, não que isto seja uma generalização¹³⁵. A questão do olhar sobre o outro passa por certos preconceitos entre as classes sociais, mencionados aqui sem aprofundamento, os qual modificam, de certo modo, as formas de vivenciarem a alteridade.

Parecem existir alguns paradoxos na auto-imagem da periferia. Um exemplo dessa afirmação é o curta *O lado B da periferia*¹³⁶ que tem o objetivo de mostrar o melhor lado das regiões periféricas, entretanto, alguns comentários podem soar como auto-preconceito. O vídeo foi realizado em uma das oficinas da Kinoforum e contém alguns depoimentos de jovens moradores de uma comunidade carente, que transparecem um ressentimento em relação à sua imagem e seu cotidiano, divulgados, na sua opinião, de modo negativo na mídia:

Você assiste à uma novela ou seriado, qualquer coisa relacionada à mídia, eles não vão mostrar o lado feio dos ricos. Existe, mas eles não vão mostrar, você entendeu? Agora, da periferia, eles mostram porque tem muita gente que assiste e quer ver *pra* se preocupar (...) Acho que choca muito mais para o lobo eles mostrarem a miséria, do que se eles mostrassem o lado bom(...). Sabe, as pessoas querem viver preocupadas tentando achar a solução para os problemas. Então, quanto mais a pessoa assiste no Datena, no outro, ah, 'eu tenho que me preocupar com isso'. Esse é o preço que o próprio brasileiro paga, que a própria capital paulista paga por ter colocado o lixo embaixo do tapete. Um dia você vai lá e vê que o lixo está intacto embaixo do tapete e que você é que está se estragando. O lixo tá lá do mesmo jeito. O lixo aprendeu a se organizar¹³⁷.

¹³⁵ Um exemplo desse tipo de teledramaturgia é a novela *Vidas opostas*, exibida pela Rede Record de Televisão.

¹³⁶ **O lado B da periferia**. 2007, Indefinido, COR, São Paulo – SP, 5:26 minutos, Oficinas Kinoforum.

¹³⁷ Idem.

O discurso citado no parágrafo anterior está impregnado de clichês aplicados à pobreza e à riqueza, principalmente quando o entrevistado sugere que os pobres são o lixo escondido embaixo do tapete. O olhar da periferia sobre si mesma ainda carrega certa contradição, no que se refere à produção do *Cinema de Quebrada*.

Enfoque diferente é o encontrado por um grupo de jovens da periferia que realizou o curta-metragem documentário *Augusta ao gosto*, durante uma oficina promovida pelas *Filmagens Periféricas*. O local onde ocorreram as aulas foi o Instituto Itaú Cultural, na Avenida Paulista. Na maioria das vezes, as experiências das *Oficinas Kinoforum* ou originadas a partir delas têm como sede as comunidades carentes. O tipo de localidade diferente anuncia também uma mudança de enfoque que o documentário apresenta. Enquanto a tendência dos jovens participantes de oficinas é mostrar um pouco do bairro onde vivem, em *Augusta ao gosto* o grupo extrapolou essa fronteira e passou a lançar seu olhar sobre outro ambiente mais heterogêneo nos mais diversos aspectos: a Rua Augusta com seus Cinesesc e Espaço Unibanco, casas noturnas e garotas de programa, botecos. No sentido Jardins, a rua cruza com verdadeiras vitrines do luxo, como a Rua Oscar Freire e assim por diante. Alguns, dentre os personagens entrevistados, são uma *striper*, um senhor animado com ares de poeta, uma mulher que passeia com seu cachorro *poodle*. Tem também um grupo de garotos que se diverte num barzinho, entre os quais um deles se destaca e provoca um episódio cômico: começa a dançar um *break* engendrado e cai sob a mesa, quase derrubando, sobre sua cabeça, um copo de vidro. Esse documentário pode ser uma evolução de uma estética que olha para si mesma e que passa a olhar para os outros.

O documentário *Na visão dos Pankararus* foi realizado por descendentes de índios moradores da favela do Real Parque e trata da situação dos integrantes da

Aldeia Pankararu nos dias de hoje, na cidade de São Paulo através do ponto de vista deles mesmos. O documentário contém entrevistas com os moradores da favela que também são da Aldeia Pankararu, que se localiza no nordeste do país, mas que mantém sua unidade com os membros que estão na capital paulista. Uma descoberta surpreendente é o fato de uma aldeia com índios mestiços, dispersos pelo Brasil, que vivem na pobreza nos centros urbanos, tentarem manter suas tradições, respeitando a hierarquia da tribo, através do cacique e seus representantes. Também são valorizados os rituais da cultura, que é representada pela ONG sediada na favela, *Ação Pankararu*.

Durante as gravações das entrevistas, nas casas dos membros da tribo Pankararu, verificamos que, apesar de eles morarem em barracos, tinham acesso a alguns bens de consumo como TV, máquina de lavar roupa, aparelho de som, computador. Tal constatação também é reafirmada pela pesquisa da Associação Kinoforum que comprovou que o acesso aos bens citados é bem difundido entre os alunos¹³⁸. Mesmo a pesquisa realizada pela própria Kinoforum comprovando o acesso aos bens de consumo, o enfoque da instituição parece ser o de demonstrar, na prática, que realmente seu trabalho é necessário, que as comunidades são carentes. Mas, em que medida ou até que ponto elas seriam carentes? Todo o contexto deste parágrafo lembra uma frase de Glauber Rocha: "Nenhuma estatística pode informar a dimensão da pobreza. A pobreza é a carga autodestrutiva máxima de cada homem"¹³⁹.

¹³⁸ CAMPOS, Adriana; RODRIGUES, Silvia V. **Relatório de Avaliação das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2006, p.6 (ANEXO 2). Lembrando que, o universo total da pesquisa é de quinhentos alunos, dos quais foi pesquisada uma amostra de cem indivíduos.

¹³⁹ ROCHA, Glauber. *Eztetykaz*. **Tempo Glauber**. Disponível em: <<http://www.tempglauber.com.br/glauber/Textos/eztetyka.htm>>. Acesso em: 8 de julho de 2007.

CONCLUSÃO

Voltando um pouco no tempo, a partir da década de 80 do século XX, o vídeo surge com a força de um suporte capaz de democratizar o acesso à produção audiovisual. Os movimentos sociais que se apropriaram dos meios de produção videográfica tinham reivindicações ligadas à ação contra a ditadura, sindicalismo e a questões da posse da terra. Nos anos 90, do mesmo século, começa a ocorrer uma movimentação que se diferencia em relação ao uso do vídeo. Os projetos de inclusão audiovisual passam a utilizar a realização de oficinas audiovisuais para poderem dar a voz ao outro, ou melhor, abrir espaço ao olhar do outro. Agora, as reivindicações dos agentes populares são outras. Num âmbito individual, os jovens que participam de oficinas querem ser profissionais da área ou se expressar artisticamente.

O cinema já não é privilégio de um determinado grupo de realizadores. O cinema está espalhado, do centro à periferia. Nas grandes salas de exibição, em praça pública ou na parede do cemitério. Não importa. Muitos, que apenas sonhavam em ser cineastas, hoje, podem sentir o gosto de exibir seus curtas-metragens numa grande sala de cinema e, ainda, falarem sobre seus filmes, como fazem os cineastas famosos. Com todas as glórias e mazelas, do ato de fazer um filme no Brasil, o saldo positivo é uma produção diferenciada que, a cada dia, ganha mais espaço. Parafraseamos Cristina Costa, com cujo texto abrimos a introdução desta dissertação. O texto de Cristina remete ao que as oficinas de vídeo fazem quanto à inclusão de jovens, sem formação anterior na área de produção audiovisual. No mínimo, eles podem constituir um público mais crítico em relação ao

cinema e à programação televisiva. Além disso, é comprovado que uma parcela desses alunos pode tornar-se profissional ou alguns podem tornarem-se artistas, de acordo com a forma de expressão de cada um. Para lembrar, o capítulo sobre os núcleos audiovisuais de ex-alunos traz a demonstração de algumas aspirações dos jovens: o Nerama tem mais a vocação para a expressão artística, enquanto o *Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo* e as *Filmagens Periféricas* carregam consigo uma militância ligada às suas comunidades de origem e mesmo, quanto ao cinema.

Mostrar o lado B da periferia pode não ser uma tarefa fácil, mas com a produção atual do *Cinema de Quebrada*, é possível construir, desconstruir e reconstruir as relações de alteridade expostas neste trabalho.

É evidente que o tema desta pesquisa foi explorado de forma limitada. No entanto, esta é a tentativa de adicionar uma contribuição a um campo de pesquisa em expansão. O *Cinema de Quebrada* é um movimento que se mantém ativo, com seus altos e baixos. Agora, só o tempo responderá como esse roteiro se desenvolverá e como será a continuação da história.

BIBLIOGRAFIA

AÇÃO CULTURAL ÍNDIGENA PANKARARU. **Ação Cultural Índigena Pankararu**. Disponível em: < <http://www.setor3.com.br/sitesolidario/pankararu>>. Acesso em 20 de janeiro de 2008.

AÇÃO EDUCATIVA. **Ação Educativa**. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/>>. Acesso em: 27 de maio de 2008.

ALVARENGA, Clárisse Maria Castro de. **Video e experimentação social**: um estudo sobre o video comunitario contemporaneo no Brasil. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes.

AURÉLIO, Eduardo do Nascimento. **Fazer arte entre jovens**: escolha, formação e exercício profissional. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM 14^º **Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo**: catálogo. Associação Cultural Kinoforum. São Paulo, 2003. 160 p.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. **Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. Disponível em: <<http://www.kinoforum.org/oficinas>>. Acesso em 9 de dezembro de 2005.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual. **Material pedagógico das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**.. Mensagem recebida por <gisellecota@gmail.com> em 8 maio 2006.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM. Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual. **Material pedagógico das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo, 2006. 25 p.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM, 17^º **Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo**: catálogo. São Palo: Associação Cultural Kinoforum, 2006. 160 p.

AUGUSTO, Eder; DEISE, Vanice. **Núcleo Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo**. São Paulo, Centro Comunitário da Cohab de Taipas, 1º jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: companhia das Letras, 2003.

BERNARDET, Jean-Claude. A prática da dramaturgia como laboratório social. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 8 de set. 2002, Caderno 2, p.D4.

BERNARDET, Jean-Claude. **Vídeo nas Aldeias**. *Vídeo nas aldeias, o documentário e a alteridade*. Disponível em <http://www.videonasaldeias.org.br/textos_ok/video_das_aldeias_o_documentario_o_k.htm>. Acesso em 20 de janeiro de 2008.

CAMPOS, Adriana; RODRIGUES, Silvia V. **Relatório de Avaliação das Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual**. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2006. 74 p.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COSTA, Cristina. **Questões de Arte**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

COTA, Giselle F. **Atitude e inserção profissional dos jovens formados em projetos de inclusão social**: palestra e debate integrantes da mostra *Formação do Olhar*, 29 de ago. de 2006. 9 f. Notas do evento.

COTA, Giselle F. DEBATE - FORMAÇÃO DO OLHAR. **14º Festival Internacional de Curtas-Centro Cultural Banco do Brasil**. São Paulo: 2003. Notas do evento. .

COTA, Giselle F. DEBATE - FORMAÇÃO DO OLHAR. **17º Festival Internacional de Curtas**. Novas Mídias: perspectivas para os jovens formados em projetos de educação audiovisual. Sala Multimídia-MIS, São Paulo, 2006. Notas do evento.

CTI. **Centro de Trabalho Indigenista**. Disponível em <<http://www.trabalhoindigenista.org.br>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2008.

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. *O diálogo entre culturas presente nos filmes documentários da Caravana Farkas: uma proposta de análise*. s/d. **Aruanda**. Disponível em < <http://www.mnemocine.com.br/aruanda/caravanafarkas.htm>>. Acesso em 7 de fevereiro de 2006.

EINSENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Trad. OTTONI, Terezai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

FÓRUM DE CINEMA. Lista de discussão mantida pelo Fórum Paulistano de Cinema de Quebrada. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/forumcinema/>>. Acesso em 25 de julho de 2007.

FÓRUM DE CINEMA. **Atas do Fórum Paulistano de Cinema de Quebrada**. Disponível em < <http://br.groups.yahoo.com/group/forumcinema/files/Atas/>>. Acesso em 27 de julho de 2007.

GIANINNI, Alessandro. **O Estado de S. Paulo**. Oficinas devem incentivar a criação de núcleos de cinema independente. São Paulo, 22 de agosto. 2002, Caderno 2, p. D12.

GIANINNI, Alessandro. **O Estado de S. Paulo** Festival de Curtas sob o signo do terror. São Paulo, 28 de ago. 2003, Caderno 2, p. D5.

JC, João Carlos; SOUZA, Cláudio N. de. **Núcleo Audiovisual Filmagens Periféricas**. São Paulo, TeleCentro Cidade Tiradentes, 16 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

KINOFORUM FORMAÇÃO DO OLHAR. São Paulo: Associação Cultural Kinoforum, 2004-. Tablóide Anual.

MANEVY, Alfredo; SAGHAARD, Chistian. **Oficinas Kinoforum**. Abordagem teórica e iniciação prática. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 23-24 agosto de 2001. Notas de Aula.

NICHOLS, Bill. *The ethnographer's tale*. In TAYLOR, Lucien (Org). **Visualizing Theory**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1994.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **O Estado de São Paulo Digital**. *Curta-metragem chega à periferia*. Edição de 25 de julho de 2001. Disponível em: <<http://www.copa.esp.br/divirtase/noticias/2001/jul/25/244.htm>>. Acesso em: Março 2005.

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. **Tecnologias audiovisuais e transformação social: o movimento do vídeo popular no Brasil**. São Paulo, 2001. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, Luciano. **NERAMA - Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul**. São Paulo, Universidade Anhembi-Morumbi, 20 jul. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

PREFEITURA MUNICIPAL. Secretaria da Cultura. Centro Cultural São Paulo - CCSP (São Paulo, SP). **Cinema de Quebrada**: catálogo. CCSP (São Paulo), 2005. 10 p. Catálogo

REVISTA EDUCAÇÃO. *Projetos que levam exibições cinematográficas a comunidades carentes estimulam educação e cidadania*. Disponível em <http://www.revistaeducacao.com.br/apresenta2.php?pag_id=462&edicao=269>. Acesso em 6 de Fev. 2005.

ROCHA, Glauber. *Eztetykaz*. **Tempo Glauber**. Disponível em <<http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Textos/eztetyka.htm>>. Acesso em 8 de julho de 2007.

SAGHAARD, Cristian. **Oficinas Kinoforum**. São Paulo, Associação Cultural Kinoforum, 2 mai. 2006. Entrevista concedida a Giselle Ferreira Cota.

SAGHAARD, Christian. **Questionário** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <gisellecota@gmail.com> em 30 maio 2006.

SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos**. São Paulo: Summus, 1989.

SANTOS, Wilq Vicente. *Cinema (Vídeo) Quebrada - Parte 1*. **KinoOikos**. Disponível em <<http://www.kinooikos.com/artigos/ta-pensando-o-que/169/>>. Acesso em 27 de maio de 2008.

SEMPRE APRENDIZ. *MAM faz parceria para exibição de filmes ao ar livre.* **APRENDIZ.** Edição de 15 de Janeiro de 2002. Disponível em <http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_noticias/satelite/id130701.htm>. Acesso em 7 Ago 2005.

TOLEDO, Moira. *Renovando a imagem da periferia.* **Kinoforum.** Disponível em <<http://www.kinoforum.org.br/curtas/2005/formacao.php?m=9&o=2>>. Acesso em 10 de julho de 2007.

TV VIVA. Disponível em <<http://www.tvviva.org.br>>. Acesso em 20 de janeiro de 2008.

VÍDEO NAS ALDEIAS.. Disponível em < <http://www.videonasaldeias.org.br>>. Acesso em 20 de janeiro de 2008.

FILMOGRAFIA

Augusta ao Gosto. Filmagens Periféricas. Brasil (São Paulo/SP), 2006. Doc – 8min. - Cor DV. Disponível em :<http://www.kinoaikos.com/acervo/videos/37/>. Acesso em 18 de dezembro de 2007.

De Sol em Sol. COTA, Giselle Ferreira e ROMANO, Rosângela. Brasil (São Paulo/SP), 2000. Doc – 20 min. - Cor Betacam.

Dói, mas passa. Oficinas Kinoforum. Brasil (São Paulo/SP), 2005. Doc – 5 min. - Cor DV. Direção Moira Toledo. Disponível em <http://www.kinoaikos.com/acervo/videos/5/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2008.

Linha contrária NERAMA - Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul. Brasil (SP), 2006. Fic – 10 min. - Cor DV. Disponível em <http://www.kinoaikos.com/acervo/videos/24/>. Acesso em 21 de dezembro de 2007.

Na visão dos Pankararu. Oficinas Kinoforum. CRUZ, Deise Mary; SILVA, Eliene Santos; BATALHA, Sidney Bezerra; NASCIMENTO, Taciane Maria. Brasil (São Paulo/SP), 2006. Doc. 6 min., Cor, Mini-DV.

O lado B da periferia. Oficinas Kinoforum. Realizadores: Brasil (São Paulo/SP), 2007. Indefinido. 5'26", Cor. Disponível em <<http://www.kinoaikos.com/acervo/videos/32/>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2008.

O último da fila. Oficinas Kinoforum. Direção: AUGUSTO, Eder; VALADARES, Rodrigo; SANTOS, Marilze. Brasil (SP), 2003. Fic. 10 min, cor.

Taipas da cabeça aos pés. Arroz, feijão, cinema e vídeo. Realizadores: (?). Brasil (São Paulo/SP), 2006. Doc. ? min., Cor, Mini-DV. Disponível em <http://www.kinoaikos.com/acervo/videos/28/>. Acesso em 21 de dezembro de 2007.

Tato. Oficinas Kinoforum. Realizadores: OLIVEIRA, Luciano; ROCHA, Wesley Campos; FIUZA, Thaise; NOGUEIRA, Alex. Brasil (SP), 2001. Doc 6 min. - Cor.

Táxi para o devaneio. Daydream/Oficinas Kinoforum. Direção: AHLERS, Ansgar; MANTHEY, Dirk; AUGUSTO, Eder. Alemanha/Brasil, 2007, 12 min. Fic - Cor DV.

X-Lobo. Oficinas Kinoforum. Realizadores: SANTOS, Deivison; LACERDA, Felipe A. C.(Caldeirão), SANTOS; Felipe Fortes da Silva M.(Tigreis), SILVEIRA, Rafael Fortes. Brasil (São Paulo/SP), 2006. Fic – 5 min. - Cor DV. Disponível em <http://www.kinooikos.com/acervo/videos/289/>. Acesso em 5 de fevereiro de 2008.

507,00 por hora. Oficinas Kinoforum. Realizadores:OLIVEIRA, Eduardo M.; COTA, Giselle F.; ELIASQUEVITCH, Lenita, NISHIJIMA, Raquel; CARVALHO, Vivian. Brasil (SP), 2001. Exp. 4 min, cor.

ANEXOS

Por uma questão de praticidade e economia, os anexos que fazem parte da documentação deste trabalho estão gravados em uma mídia CD, num envelope preso ao final deste volume único. Os títulos também constam na bibliografia.

A lista dos arquivos no CD é a seguinte:

ANEXO 1 – Notas de Aula

ANEXO 2 – Relatório de Aproveitamento das Oficinas Kinoforum

ANEXO 3 – Questionários para alunos e ex-alunos das oficinas

ANEXO 4 – Material pedagógico do Módulo I das Oficinas Kinoforum

ANEXO 6 – Pasta com atas do Fórum Cinema de Quebrada

ANEXO 7 – Pasta com arquivos da Mostra Cinema de Quebrada

ANEXO 1

Notas de aula¹

Conforme anotações pertencentes ao nosso acervo², o texto abaixo está todo redigido em tópicos. O que se quer demonstrar é o referencial cinematográfico sofisticado que as oficinas apresentaram desde o início do projeto. Seguem alguns dos tópicos mencionados que são tratados durante duas aulas da etapa do Módulo I no Centro Cultural São Paulo em 2001:

Filme: *Notícias de uma guerra particular*, João Salles.

Conceito de decupagem: transformar em imagem e som, em planos como primeiro plano, plano médio, plano conjunto etc. Importante: enquadramento e fundo.

Ficção: contraste. Exemplo: depoimentos de polícia e traficantes.

Ao se fazer um documentário, deve-se evitar os líderes com discurso pronto.

Entrevistar sempre a coluna do meio. Exemplo: numa corrida, nem o primeiro colocado, nem o último, mas o quarto lugar.

Filme: *Câncer*, de Glauber Rocha, com o ator Antonio Pitanga. A técnica utilizada nessa produção é avó da pegadinha.

Programa: *Abertura* - TV Tupi, anos 70.

Glauber Rocha pressionava os entrevistados, interrompendo-os, não crendo totalmente nos depoimentos e questionando a todo tempo. Ele assumia posicionamento crítico.

¹ Cf. MANEVY, Alfredo; SAGHAARD, Chistian. **Oficinas Kinoforum**: Abordagem teórica e iniciação prática. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 23 -24 agosto de 2001. Notas de Aula. Manuscrito.

² O texto foi obtido pela autora desta dissertação ao participar das oficinas como aluna.

Glauber foi o pioneiro na integração cinema/TV. Marca registrada: Abria a fechava o programa com o microfone no nariz, lembrando um palhaço.

Para assistir: Programa Provocação, TV Cultura.

DOCFIC: Mistura de gêneros banalizada pela TV, exemplo disso são as pegadinhas, uma forma de domesticação do DOCFIC.

Tipos de montagem: horizontal e vertical que relaciona som e imagem.

CINEMA DIRETO: Documentário muito próximo da ficção, envolvimento emocional.

Filmes de reciclagem: Exemplo: Paloma de Oro.

TABLETOP: Filmar fotografias, páginas de revistas, etc. Ex.: Houve um filme que foi feito com uma única foto em diferentes enquadramentos, recortes, mudando o enfoque.

Filme RAP: samplear imagens.

Planos de imagem:

Filme: *Iracema*

Fé, Eduardo Coutinho. A lente grande angular é usada para o gesto de mãos da mulher entrevistada.

CINEMA AMERICANO: É uma orquestração do olhar.

Filme: *Santo Forte*

Plougé: Plano picado, de cima para baixo.

Contra-Plougé: de baixo para cima.

Filme: *Palace II*, Fernando Meireles

DS: Digital System, ilha de edição digital.

Efeito de câmera: shulter, que borra a cena.

Aula do Christian Saghaard - Filmes experimentais

Man Ray: Antologia surrealista, 1920.

Méliès: truncagem

Renné Clair

Jair Ferreira: Cinema de invenção.

Griffth: paralelismo, cortes.

Eisenstein: *Ivan o Terrível* foi pintado em cores na película.

Aula de câmera – Rodolfo

Mini-DV (Cannon) é uma câmera digital que possibilita a troca de lentes.

Shulter: obturação, exposição que deve ser usada acima de 60, pois menos que isso borra a cena.

Na câmera pequena, a exposição é controlada ao girar uma rodela.

Manifesto do Cinema Marginal: Quem estiver de sapato não vai sobrar.

Buñuel: *Um cão andaluz*, com a participação de Salvador Dali, também com cena da navalha no olho.

Filme: *Noite final menos cinco minutos*, Debora Waldman.

Livro: *Esculpindo o tempo*, de Tarkovisck.

Mandarin, Julio Brennan

ANEXO 2

**Relatório de Avaliação
das Oficinas Kinoforum
de Realização Audiovisual**

Adriana Campos

Silvia Viana Rodrigues

São Paulo, 05 de Julho de 2006

SUMÁRIO

1. Introdução ... 3
 - 1.1. Oficinas Kinoforum – Apresentação ... 3
 - 1.2. Objetivos do relatório ... 4
 - 1.3. Metodologia ... 5

2. Realizações das Oficinas Kinoforum ... 7
 - 2.1. Oficinas e filmes produzidos ... 7
 - 2.2. Núcleos Audiovisuais ... 17
 - 2.3. Distribuição das Oficinas já realizadas ... 18
 - 2.3.1. Cidades abarcadas pelo projeto no Estado de São Paulo ... 18
 - 2.3.2. Distritos da cidade de São Paulo abarcados pelo projeto ... 19

3. Perfil dos alunos ... 20
 - 3.1. Dados gerais ... 20
 - 3.1.1. Faixa etária ... 20
 - 3.1.2. Gênero ... 20
 - 3.1.3. Ligação com instituições parceiras da comunidade ... 21
 - 3.1.4. Ano em que participaram das Oficinas ... 21
 - 3.1.5. Módulos realizados ... 22
 - 3.1.6. Local em que realizaram o curso ... 22
 - 3.2. Perfil socioeconômico ... 23
 - 3.2.1. Classe socioeconômica e renda ... 23
 - 3.2.2. Desenvolvimento local ... 31
 - 3.2.3. Acesso à cultura e lazer ... 34

4. Impressões sobre as Oficinas ... 37
 - 4.1. Expectativas e Dificuldades ... 37
 - 4.2. Aprendizado e Concepções ... 42
 - 4.3. Continuidade na área do audiovisual ... 52

5. Perspectivas dos alunos no mercado de trabalho ... 57

6. Relação com entidades das comunidades ... 61

7. Conclusão ... 67
 - 7.1.As Oficinas e o Mercado de Trabalho ... 67
 - 7.2.Coletivo ... 69
 - 7.3. Localização das Oficinas ... 69
 - 7.4.Continuidade ... 69
 - 7.5.Novas Pesquisas ... 73

1. Introdução

1.1. Oficinas Kinoforum – Apresentação

O principal objetivo das Oficinas Kinoforum é levar a linguagem e a produção cinematográfica para toda a cidade, priorizando a periferia, cujo acesso a essa arte é limitado. Desta forma, o projeto busca colaborar com a formação de público para a sétima arte e, a partir da sensibilização dos mesmos, colabora também, na construção de uma visão crítica em relação a esses produtos e, sendo esta um dos aspectos mais importantes para o exercício pleno da cidadania.

As Oficinas fomentam novos pontos de vista para seu público, mas também para o próprio audiovisual que, então, passa a contar com uma expressão popular. Para a Kinoforum, tornar o cinema acessível, tanto em sua apreensão como em sua produção, é um meio para a melhoria das comunidades nas quais se insere. Nesse sentido, as Oficinas buscam incentivar o trabalho coletivo, as discussões acerca da realidade social retratada em filmes e novas formas da comunidade falar sobre si. Por fim, com a projeção de curtas nas comunidades selecionadas, a Kinoforum busca levar o Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo para toda a cidade.

Tendo em vista esses objetivos, as Oficinas se direcionam para jovens com interesse no campo audiovisual, sem necessidade de experiência prévia na área. O projeto pretende atender especialmente a população carente das comunidades da periferia da cidade de São Paulo. Por isso as Oficinas são itinerantes, buscando seu público em suas próprias comunidades. Isso não quer dizer que as Oficinas sejam restritas aos moradores da região, pelo contrário, são aceitos alunos de toda a cidade em todas as Oficinas.

Nas Oficinas, aulas práticas e teóricas ocorrem simultaneamente. Os trabalhos começam com o desenvolvimento de argumentos e roteiros coletivos. Depois, em grupos, os alunos passam à gravação dos filmes. Além da direção e produção dos vídeos, os jovens operam os equipamentos de câmera e acessórios. Na última fase de produção, os grupos participam do processo de edição, que acontece nas próprias comunidades. Ao fim da Oficina, todos os vídeos são exibidos para as comunidades que os produziram. Desse

modo, todos os alunos têm contato com os vários momentos e especialidades que fazem parte da realização de audiovisuais.

Além das Oficinas básicas (módulo I), a Kinoforum oferece oficinas de aperfeiçoamento (módulo II) para aqueles que já participaram anteriormente. Ainda são oferecidas oficinas de animação e de making of. Todas elas têm como ponto de chegada a produção de filmes por parte dos alunos.

Os filmes produzidos nas Oficinas são exibidos em algumas salas que compõem o circuito do Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo desde 2001.

As Oficinas Kinoforum são oferecidas pela Associação Cultural Kinoforum que realiza o Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo. Os cursos são ministrados por profissionais da área do audiovisual. O projeto conta com o apoio financeiro da Petrobras e com a parceria da Quanta e da Alternativa, que fornecem os equipamentos necessários à realização das oficinas. Além disso, o projeto conta com o apoio de instituições das comunidades atendidas.

1.2. Objetivos do Relatório

Em seus cinco anos de existência, as Oficinas Kinoforum rodaram a cidade de São Paulo e outras cidades do Estado levando consigo o acesso ao audiovisual. Muitos são os resultados dessa iniciativa, os mais palpáveis são os muitos vídeos produzidos por pessoas que até então jamais tinham tomado contato com essa linguagem. No entanto, há resultados não tão palpáveis que caberá a esse relatório analisar.

Trata-se das impressões dos alunos; de possíveis mudanças em suas concepções; das relações com as instituições parceiras nas comunidades; das dificuldades e surpresas no processo do aprendizado de uma nova linguagem; das possibilidades e impossibilidades de mudanças nas comunidades mediante o audiovisual etc. Trata-se, portanto, de uma avaliação do projeto tendo como referência seus próprios objetivos acima citados.

O segundo objetivo desse relatório é propor, a partir dos pontos positivos e negativos levantados pela análise, novas possibilidades para a continuidade das Oficinas.

Partindo desses objetivos, esse relatório (capítulo 2) faz um levantamento das realizações concretas das Oficinas: locais em que ocorreram, Oficinas e filmes realizados e núcleos audiovisuais criados pelos alunos. (3) Traça um perfil dos participantes das oficinas visando, principalmente, seu perfil sócio-econômico. (4) Analisa as impressões dos alunos sobre as Oficinas e o audiovisual; e analisa as possibilidades de continuidade abertas pelas oficinas para seus alunos. (5) analisa as perspectivas de entrada no mercado de trabalho por parte dos participantes das Oficinas (6) Analisa as relações estabelecidas entre a Kinoforum e as instituições parceiras das comunidades. (7) Parte das conclusões alcançadas pelas análises para propor melhorias no projeto.

1.3. Metodologia

A metodologia de pesquisa utilizada nos itens de 3 a 5 tem como objetivo a análise das Oficinas do ponto de vista de seu público. O objetivo central é testar a hipótese de que os participantes ou parte considerável dos mesmos adquirem a capacidade de compreensão dos meios audiovisuais de comunicação; de acessar e articular as informações apreendidas para ampliá-las no processo de transformação individual e de seu entorno social; e de se expressarem através da linguagem cinematográfica.

Para tanto, optou-se pela pesquisa quantitativa a qual sugere a aplicação de um questionário portador de questões com respostas alternativas (fechadas) e algumas respostas abertas, para uma amostra pré-selecionada baseada no universo dos alunos que participaram das Oficinas Kinoforum entre os anos de 2001 e 2006.

Ao todo, participaram desta pesquisa 100 alunos, o que corresponde a 20% do universo total de alunos, distribuídos proporcionalmente às áreas em que se realizaram as oficinas de realização audiovisual. Tratou-se de um questionário de auto-preenchimento com 42 questões fechadas e três abertas, com a intenção acima citada, ou seja, de detectar o alcance ou não dos objetivos do projeto como também, traçar o perfil socioeconômico de seus participantes.

Para construção da amostra de pesquisa, baseada no universo dos alunos participantes das oficinas – universo composto por 500 alunos distribuídos em 29 cursos ministrados ao longo desses cinco anos – foram selecionadas como variáveis de controle da amostra (1) o gênero dos alunos, (2) a idade e, (3) os locais em que se realizaram as oficinas.

No item 6, o relatório abarcará uma pesquisa qualitativa sobre a hipótese de que o projeto colabora para o processo de transformação e abertura de novas possibilidades para as instituições parceiras locais. Para isso, foram selecionadas instituições que participaram da realização do módulo I das oficinas ao longo dos cinco anos de realização das mesmas, tendo como variável de controle as regiões dessas instituições.

Vale ressaltar, que a metodologia empregada neste relatório além de buscar a confirmação ou a não confirmação das hipóteses, pretende levantar outras questões que possivelmente ajudarão no processo de investigação de futuras pesquisas do projeto.

2. Realizações das Oficinas Kinoforum

Entre os resultados mais palpáveis das Oficinas Kinoforum estão (1) os filmes realizados por seus alunos e (2) os núcleos audiovisuais formados por eles tendo em vista um trabalho coletivo e sistemático na área do audiovisual. No total já foram produzidos 111 vídeos e há quatro núcleos audiovisuais criados a partir das 29 Oficinas realizadas. Muitos dos vídeos realizados fizeram parte de festivais nacionais e internacionais, todos eles foram exibidos nas comunidades nas quais foram produzidos.

2.1. Oficinas e Filmes Produzidos

2001 – Projeto Piloto

OFICINA 1 – módulo I

- Local de Realização: Jardim Monte Azul – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural Monte Azul
- Filmes realizados:

- *Tato*

Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002.

- *Uma Menina Como Outras Mil*

- *Rumo*

- *Vira-Vira*

OFICINA 2 – módulo I

- Local de Realização: COHAB Raposo Tavares – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural da COHAB Raposo Tavares
- Filmes realizados:

- *Maravilha Tristeza*

Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002

- *Fascinação*

- *O Que é Que a Cohab Tem*

- *As Causas Impossíveis do Santo Expedito*

OFICINA 3 – módulo I

- Local de Realização: Freguesia do Ó – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural da Freguesia do Ó
- Filmes realizados:
 - *Super-Gato Contra o Apagão*
Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002
 - *Mangue Paulistano*
Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002
 - *O Impulso*
Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002
 - *Mentiras Verídicas*
Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002

OFICINA 4 – módulo I

- Local de Realização: Paraíso – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural São Paulo
- Filmes realizados:
 - *507,00 por Hora*
Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002
 - *Em Busca de Identidade*
 - *O Contra-Tempo*
 - *Um Mal Invisível*
Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002

Temporada 2002

OFICINA 5 – módulo I

- Local de Realização: Cidade Tiradentes – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Movimento cultural Cidade Tiradentes – MOCUTI
- Filmes realizados:
 - *Vitória*
Participação em festivais: Festival Guarnicê, 2003; ZoomCineEsquemaNovo, 2003.

- *Assim que É*

Participação em festivais: Festival Brasileiro de Cinema Universitário, 2002;
Mostra BR Geração Futura, 2003.

- *Cataclisma*

Participação em festivais: Mostra BR Geração Futura, 2003.

- *Lágrimas de Adaobi*

Participação em festivais: Mostra BR Geração Futura, 2003.

- *Defina-se*

Participação em festivais: Toronto Film Festival (Canadá), 2003; Guelf Festival
(Canadá), 2003

OFICINA 6 – módulo I

- Local de Realização: Lapa – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Espaço Cultural Tendal da Lapa
- Filmes realizados:
 - *Tempo-Tempo*
 - *Cidade*
 - *Um Filme de Cinema*
 - *Homo Infirmus*
 - *Roleta*

OFICINA 7 – módulo I

- Local de Realização: Jardim São Remo – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Programa Avizinhar – USP; Circo Escola São Remo;
Instituto Criança Cidadã
- Filmes realizados:
 - *Interior Favela*
 - *Corrupção*Participação em festivais: Mostra BR Geração Futura, 2003.
 - *Beco Sem Saída*Participação em festivais: Mostra BR Geração Futura, 2003.
 - *Um Passeio Inusitado*

OFICINA 8 – módulo I

- Local de Realização: Diadema – SP
 - Instituições parceiras: Casa do Hip Hop – Centro Cultural Canhema
 - Filmes realizados:
 - *Imigrantes*
 - *A Hora*
 - *Resistência*
 - *Matiz*
- Participação em festivais: 26º Festival Guarnicê de Cinema e Vídeo do Maranhão, 2003.
- *Politicopagem*

OFICINA 9 – módulo I

- Local de Realização: Santos – SP
 - Instituições parceiras: Oficina Cultural Regional Pagu
 - Filmes realizados:
 - *Muito Prazer, Mulher!*
 - *Coisa Ruim*
 - *Rua da Loucura*
 - *Morte em Santos*
- Participação em festivais: 2º Curta Santos, 2003.

OFICINA 10 – módulo I

- Local de Realização: Centro – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB
- Filmes realizados:
 - *Os Descendentes da 3ª Dinastia*
 - *Valores de Bolsa*
 - *Espandongado*
 - *As Aventuras de Paulo Triunfo*

OFICINA 11 – módulo II (Oficina de desenvolvimento de projetos – piloto)

- Local de Realização: Lapa – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural Tendam da Lapa
- Filmes realizados:

- *Úlalapa*

- *Tele Visões*

Participação em festivais: 8 FAM – Florianópolis Audiovisual Mercosul; 26 ° Festival Guarnicê de Cinema e Vídeo do Maranhão, 2003; ZoomCineEsquemaNovo, 2003; 13° Mostra Curta Cinema, 2003.

- *O Outro Lado da Moeda*

Participação em festivais: Mostra do Audiovisual Paulista, 2003.

Temporada 2003

OFICINA 12 – módulo I

- Local de Realização: Heliópolis – São Paulo-SP
- Instituições parceiras: União de Núcleos Associação e Sociedade dos Moradores de Heliópolis e S. J Climaco – UNAS
- Filmes realizados:

- *Armando o Barraco*

Participação em festivais: Toronto Latino Film & mpli Festival, 2003

- *Dia-a-Dia*

- *A Favela é Assim*

Participação em festivais: Toronto Latino Film & mpli Festival, 2003

OFICINA 13 – módulo I

- Local de Realização: Vila Brasilândia – São Paulo-SP
- Instituições parceiras: Associação Cantareira; Projeto Sala 5; Paróquia Santa Terezinha – Pastoral da Juventude
- Filmes realizados:

- *Cão de Fogo*

Participação em festivais: CineEsquemaNovo # 6, 2004; Toronto Latino Film & mpli Festival, 2003

- *Estupra mas não Mata?*
- *Terror na Escola.*
- *Um Filme de Paulo Coelho*

OFICINA 14 – módulo I

- Local de Realização: Paraisópolis – São Paulo-SP
- Instituições parceiras: Barracão dos Sonhos
- Filmes realizados:
 - *O Paraíso não é aqui*
 - *Gestando*

Participações em festivais: Mostra do Audiovisual Paulista 2004; 13º Mostra Curta Cinema, 2003.

- *A Pira (Morro para Viver)*
- *Cai na Real*

OFICINA 15 – módulo II

- Local de Realização: Paraíso- São Paulo-SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural São Paulo
- Filmes realizados:
 - *O Último da Fila*

Participação em festivais: Mostra do Audiovisual Paulista, 2002; Toronto Latino Film & mpli Festival, 2003.

- *Sentença*

Participação em festivais: Toronto Latino Film & mpli Festival, 2003

- *Oswaldo São Paulo*

OFICINA 16 – módulo I

- Local de Realização: Santos – SP
- Instituições parceiras: Secretarias da comunicação (SECOM) e Cultura (SECULT); Oficina Cultural Regional Pagu; Museu da Imagem e do Som de Santos (MISS)
- Filmes realizados:
 - *Partidas e Chegadas*

Participação em festivais: Mostra do Audiovisual Paulista, 2003; 1º Festival de Belém de Cinema Brasileiro, 2004.

- *Walt Disney Apresenta*

Participação em festivais: 1º Festival de Belém de Cinema Brasileiro.

- *Cara e Coroa*

- *Visões Ocultas*

Temporada 2004

OFICINA 17 – módulo I

- Local de Realização: Jardim São Luis – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Casa dos Meninos
- Filmes realizados:
 - *Não é o que é*
 - *Alheio*
 - *Do Lado de K da Ponte*
 - *“Celebridadi”*

OFICINA 18 – módulo I

- Local de Realização: São Sebastião – SP
- Instituições parceiras: Projeto “São Sebastião tem Alma” – ECOCINE; Universidade Aberta do Mar
- Filmes realizados:
 - *Cadê o Caiçara?*
 - *Pipoco No Topo*
 - *Maré*

OFICINA 19 – módulo I

- Local de Realização: Interlagos – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: CEDECA
- Filmes realizados:
 - *Sonho de Várzea*
 - *mpl*

- *As múltiplas versões de Um Erro*
- *O Sofrimento de Uma Mãe*

OFICINA 20 – módulo I – Festa do Jongo

- Local de Realização: Guaratinguetá – SP
- Instituições parceiras: Associação Cultural Cachuera!; Programa Escola Família
- Filmes realizados:
 - *Jongo Vivo!*
 - *A Lenda de Maria Augusta*
 - *Jongo do Amanhã*

OFICINA 21 – animação

- Local de Realização: Pinheiros – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: A Cor da Letra
- Filmes realizados:
 - *Blues de Sarjeta*
 - *Sobre Frutas e Garotas*

Participação em festivais: V Festival Brasileiro Estudantil de Animação

- *Um Amor Salgadinho*

Participação em festivais: Mostra do Filme Livre, 2006.

OFICINA 22 – módulo II

- Local de Realização: Paraíso – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural São Paulo
- Filmes realizados:
 - *Aqui Fora*

Participação em festivais: FESTIVAL DE ATIBAIA Internacional do Audiovisual 2006, pelo qual está indicado ao Festival de Cinema de Contis, França.

- *Roda Real*

- *Ou Dá ou Desce*

OFICINA 23 – making of – 15º Festival De Curtas Metragens De São Paulo

- Filmes realizados:
 - *Bastidores*
 - *Realizadores*
 - *Público*
 - *Curta o Formato*

Temporada 2005

OFICINA 24 – módulo I

- Local de Realização: Belenzinho – São Paulo/SP
- Instituições parceiras: Associação dos Moradores do Casarão
- Filmes realizados:
 - *Gritos da alma*
 - *Sabia que isso faz mal?*
 - *Sonrria, mplia*
 - *Filhos do trem*

OFICINA 25 – módulo I

- Local de Realização: Santo André/ SP
- Instituições parceiras: Movimento em Defesa dos Direitos dos Moradores em Favelas de Santo André; Projeto Criança Cidadã; E.E. Nelson Pizzotti Mendes; EMEIEF Dom Jorge Marcos de Oliveira
- Filmes realizados:
 - *Capuava Unida*
 - *Making Of?*
 - *Vidinha*
 - *Hormônios à flor da pele*

OFICINA 26 – módulo I

- Local de Realização: Atibaia/ SP
- Instituições parceiras: Instituto de Arte e Cultura Garatuja; Projeto Curumim/Casa do Caminho; E.E. José Ribeiro; Consciência Solidária
- Filmes realizados:
 - *A bomba*Participação em festivais: 13º Festival de Cinema e Vídeo de Cuiabá.
 - *Maníacos do Parque*
 - *João 100 Medo*
 - *Crepúsculo*

OFICINA 27 – módulo I

- Local de Realização: Jardim Ângela – São Paulo/ SP
- Instituições parceiras: Projeto RAC – Redescobrimo o Adolescente na Comunidade; Centro de Atenção Psico-Social para Álcool e Drogas – CAPS-AD
- Filmes realizados:
 - *Motos*
 - *O lado B da periferia*Participação em festivais: 9ª Mostra de Cinema de Tiradentes.
 - *Malditos*
 - *Mal quisto, mal visto*Participação em festivais: 9ª Mostra de Cinema de Tiradentes.

OFICINA 28 – módulo I

- Local de Realização: Jaguaré – São Paulo/ SP
- Instituições parceiras: Projeto Cala-boca já Morreu
- Filmes realizados:
 - *Dói, mas passa*
 - *Organicidade*Participação em festivais: 9ª Mostra de Cinema de Tiradentes.
 - *Recorte Paulistano*Participação em festivais: 9ª Mostra de Cinema de Tiradentes.

- *Para todos?*

Participação em festivais: 9^a Mostra de Cinema de Tiradentes.

OFICINA 29 – módulo II

- Local de Realização: Paraíso – São Paulo/ SP
- Instituições parceiras: Centro Cultural São Paulo
- Filmes realizados:

- *Cactos*

Participação em festivais: 9^a Mostra de Cinema de Tiradentes.

- *mplia e Palhações*

Participação em festivais: 9^a Mostra de Cinema de Tiradentes.

- *Amanhã*

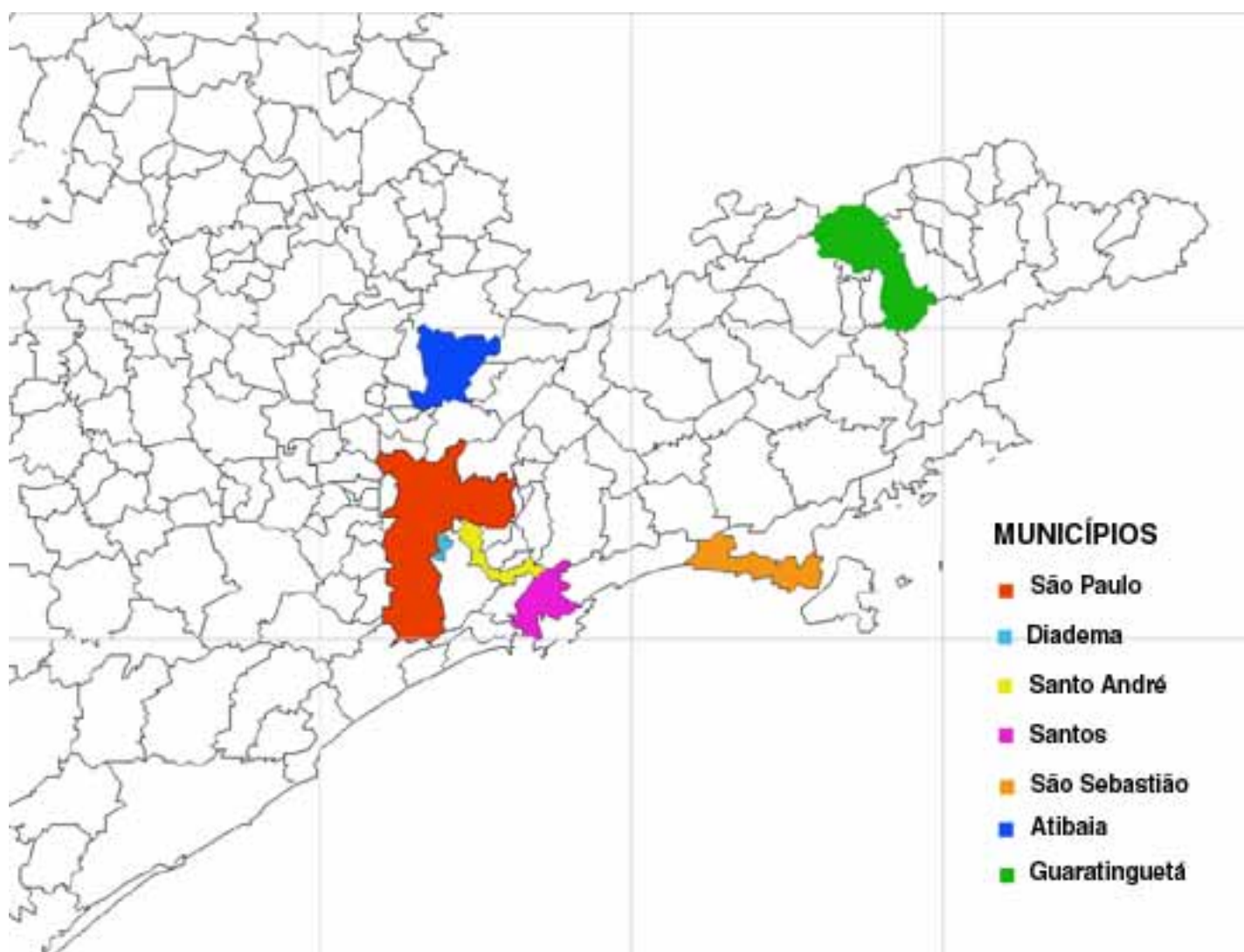
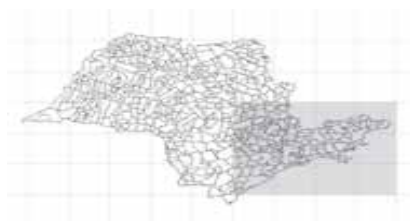
Participação em festivais: 9^a Mostra de Cinema de Tiradentes.

2.2. Núcleos Audiovisuais

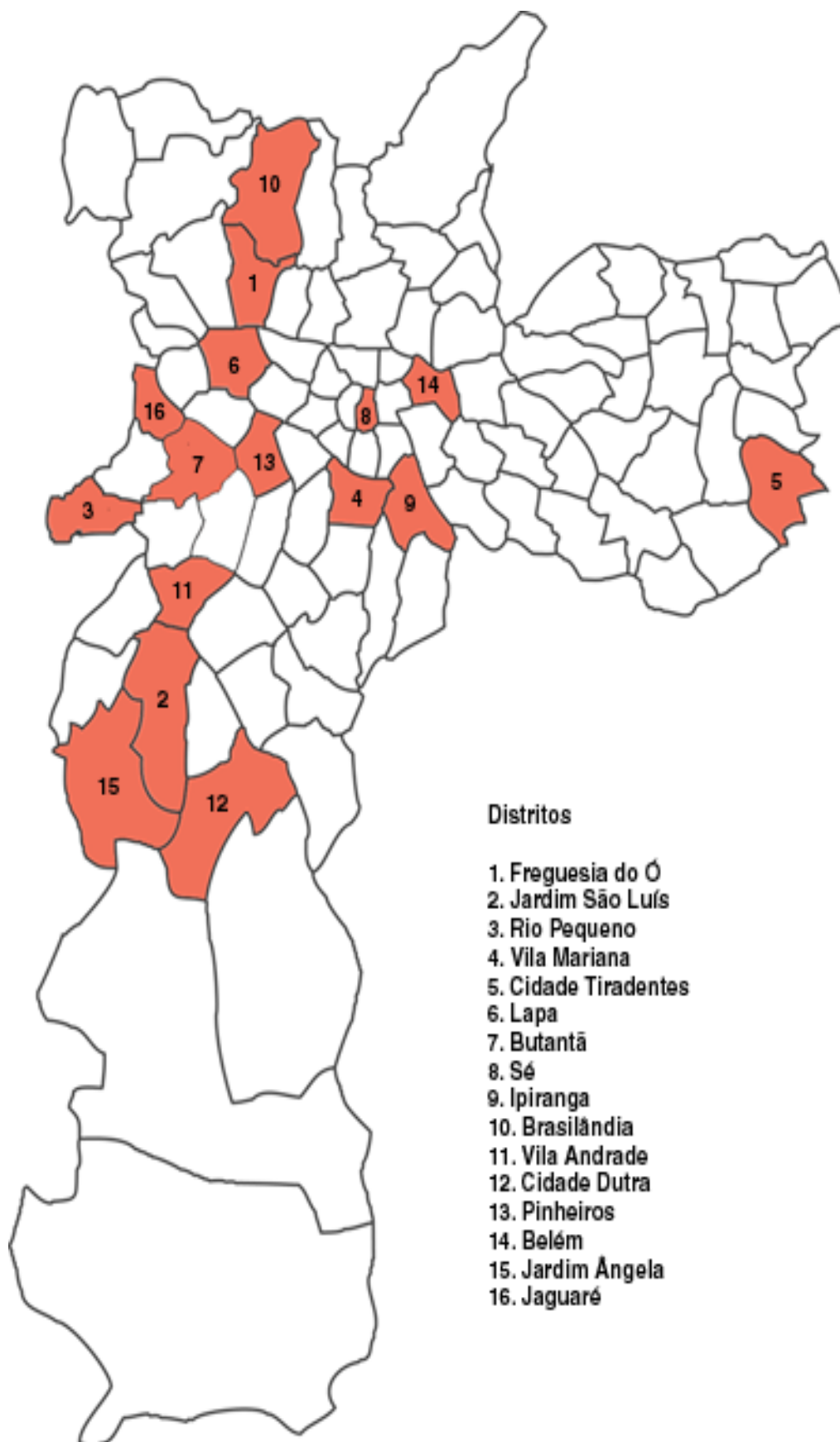
- Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo – Grupo formado em 2003 durante a Oficina realizada na Vila Brasilândia. Conta com o patrocínio da Prefeitura de São Paulo mediante o programa VAI (Programa de Valorização de Iniciativas Culturais).
- Filmagens Periféricas – O grupo se estabeleceu em 2003, mas teve seu primeiro contato com as Oficinas Kinoforum em 2002, na Oficina realizada em Cidade Tiradentes. Contam com o apoio financeiro do VAI.
- MUCCA – Mudanças com Conhecimento, Cinema e Arte – Coletivo formado em 2003 a partir da Oficina realizada na Casa dos Meninos. Ainda hoje contam com o espaço e o apoio dessa ONG. Sua prioridade não é tanto a produção de filmes, mas principalmente a divulgação e discussão do audiovisual em sua comunidade.
- NERAMA – Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul – Surge da primeira oficina realizada pela Kinoforum, na Favela Monte Azul, em 2001.

2.3. Distribuição das Oficinas já realizadas

2.3.1. Cidades abarcadas pelo projeto no Estado de São Paulo



2.3.2. Distritos da cidade de São Paulo abarcados pelo projeto

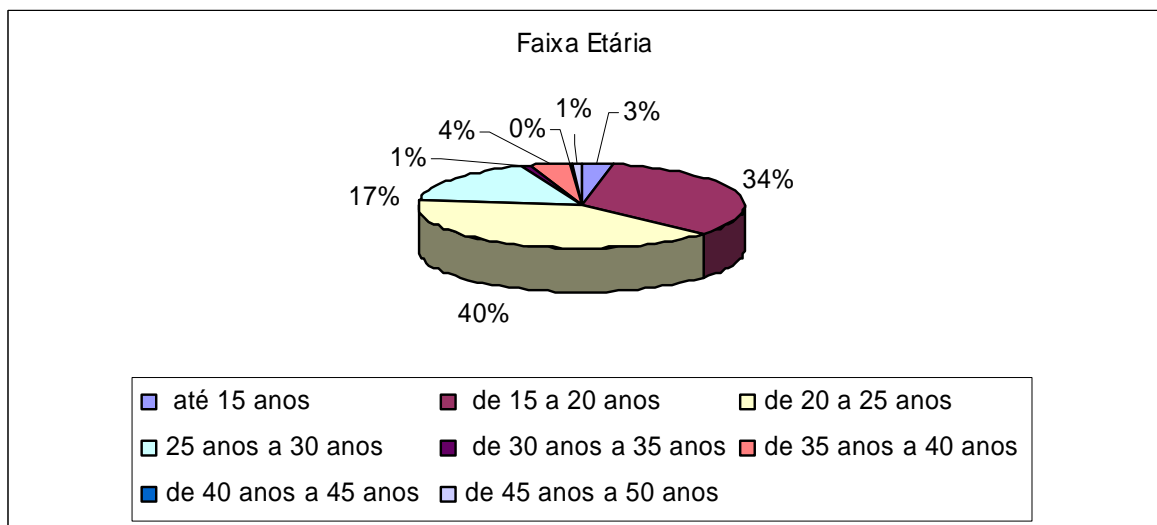


3. Perfil dos alunos (na amostragem selecionada)

3.1. Dados gerais

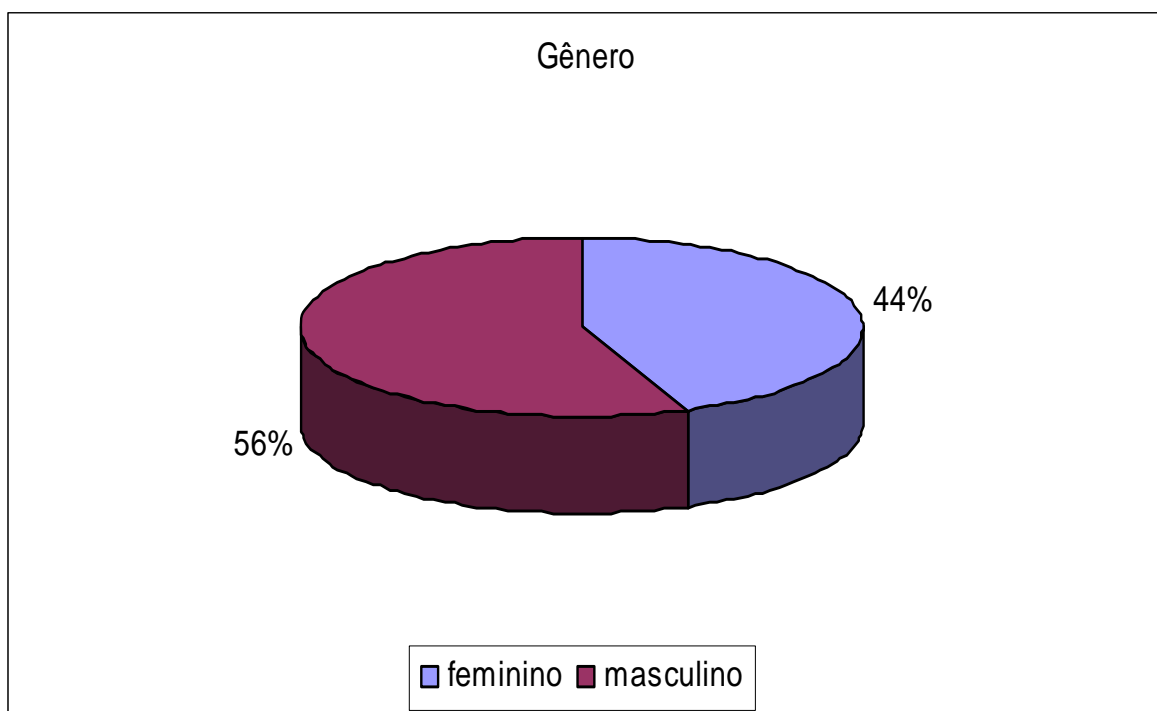
3.1.1. Faixa etária

Gráfico 1



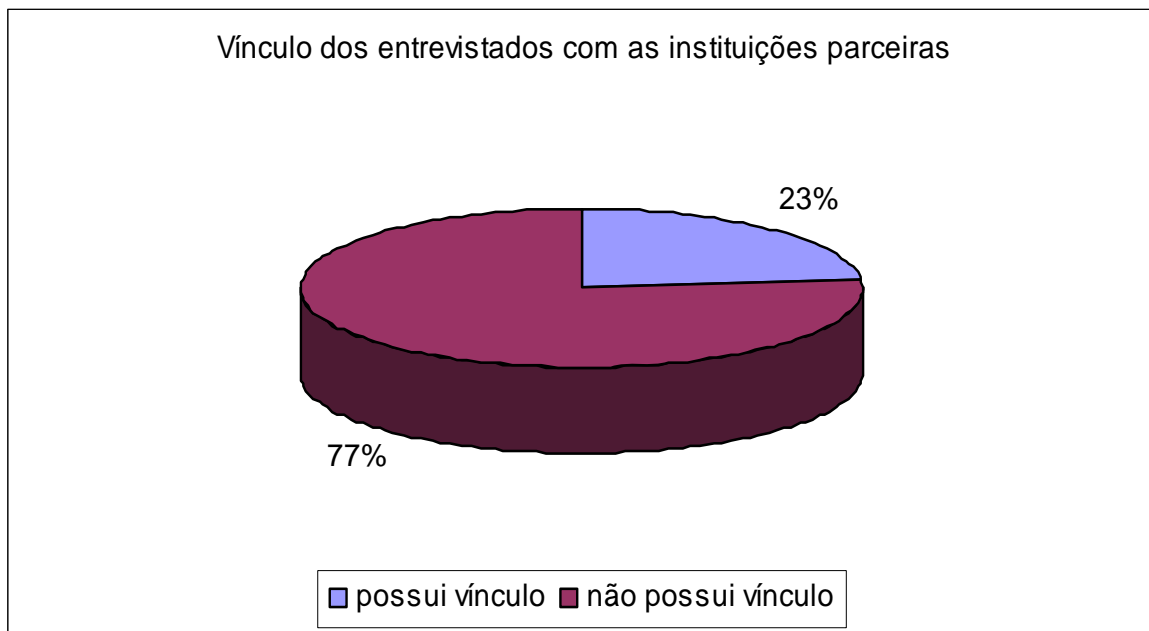
3.1.2. Gênero

Gráfico 2



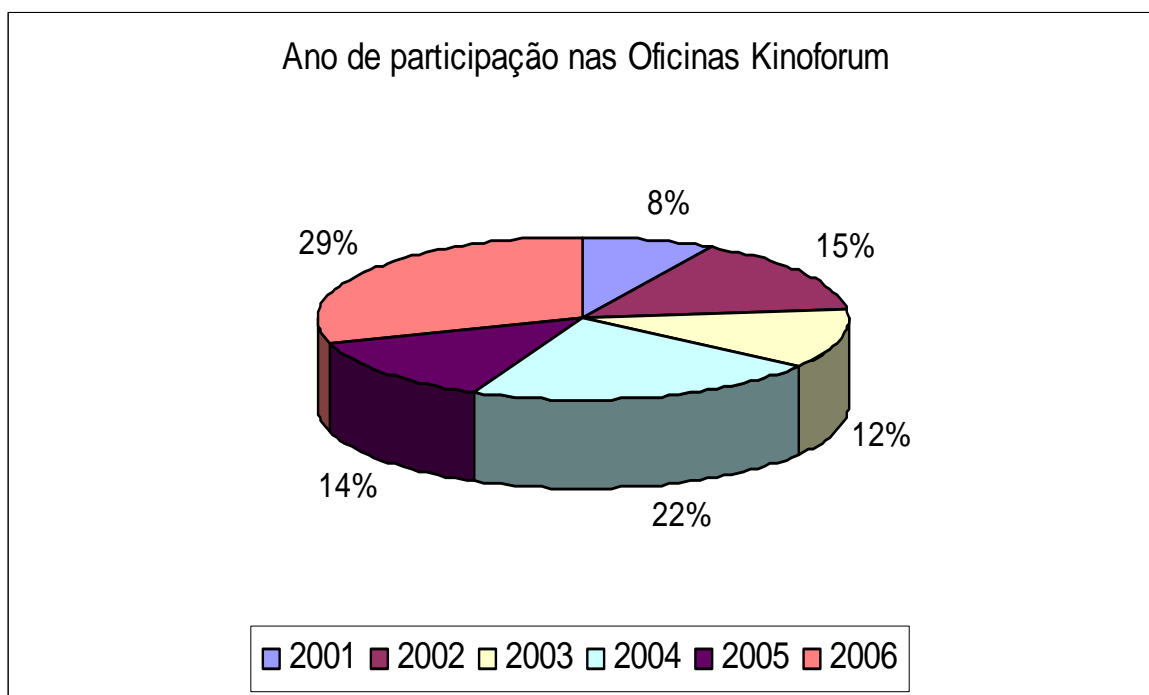
3.1.3. Ligação com a instituição parceira da comunidade

Gráfico 3



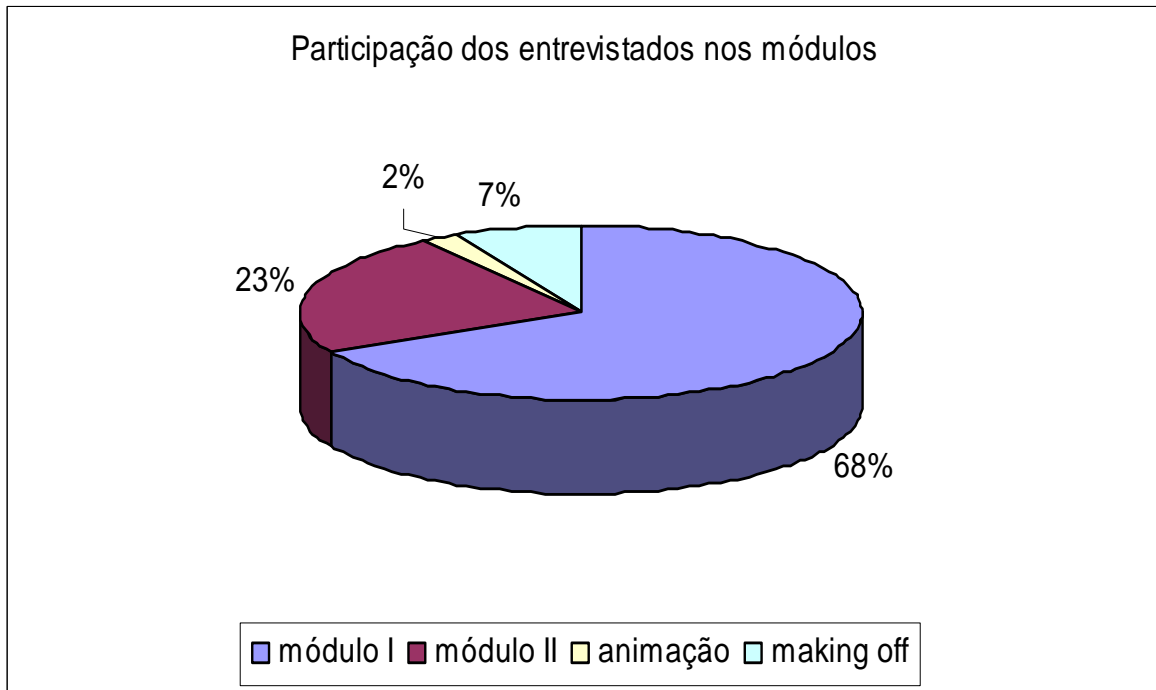
3.1.4. Ano em que participaram das oficinas

Gráfico 4



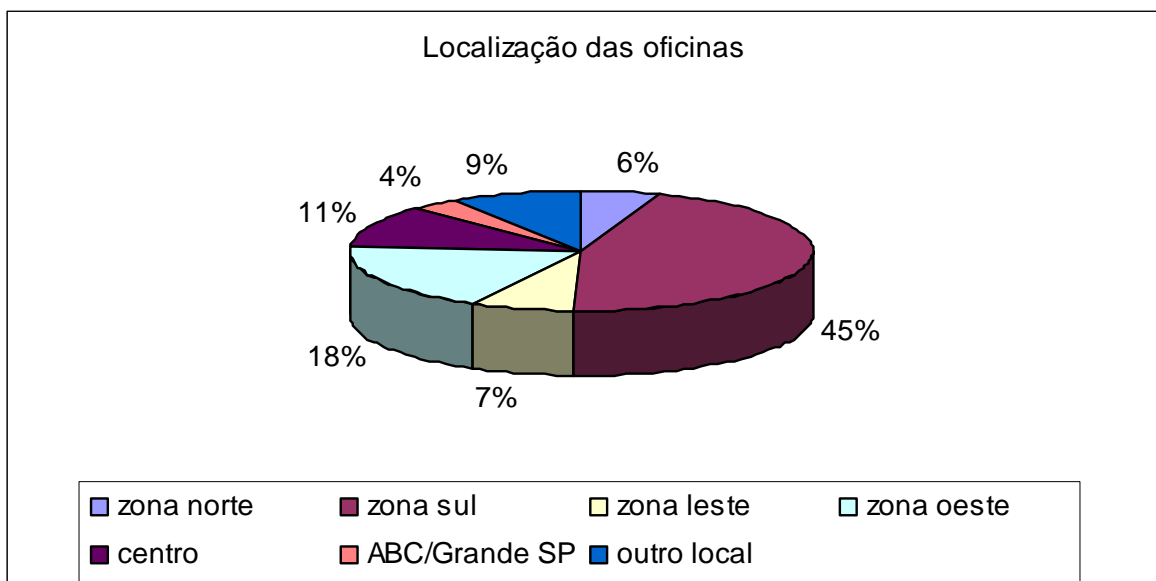
3.1.5. Módulos realizados

Gráfico 5



3.1.6. Local em que fizeram o curso

Gráfico 6



3.2. Perfil socioeconômico

O perfil socioeconômico dos participantes das Oficinas Kinoforum foi investigado levando em consideração aspectos tangentes à inclusão econômica, social e cultural dos mesmos. Para tanto, na constituição deste perfil, contemplamos as seguintes variáveis primárias: (1) o acesso desses e seus familiares a bens de consumo – aqui definidos por classes socioeconômicas – renda familiar e posição no mercado de trabalho; (2) o acesso dos participantes e familiares a equipamentos e atividades culturais e de lazer; e (3) o desenvolvimento urbano local das comunidades em que esses estão inseridos.

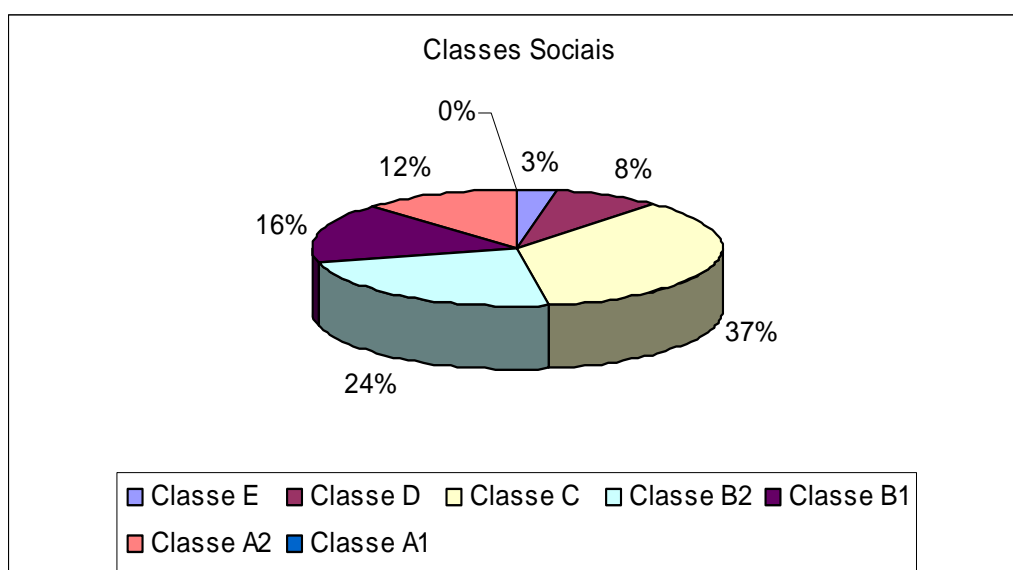
Vale ressaltar que primeiro analisaremos cada uma dessas variáveis para, posteriormente, discorrermos sobre o resultado oriundo da combinação das mesmas.

3.2.1. Classe socioeconômica e renda

Os gráficos deste item denunciam uma disparidade entre classe socioeconômica e a renda familiar. Essa falta de congruência entre a renda das famílias e o consumo das mesmas sugere uma inclusão precária¹ desses na sociedade. Contudo, antes de nos atermos a essa questão que envolve a análise de todos os dados presentes neste tópico (3.2) é preciso elucidar a construção da variável classe socioeconômica.

¹ Termo utilizado por José de Souza Martins para promover a discussão sobre a nova desigualdade social, seus mecanismo de efetivação e propagação - **MARTINS, José de Souza** “*Exclusão Social e A Nova Desigualdade*” Ed. Paulus; 1997: São Paulo/SP.

Gráfico 7



O critério de definição de classe socioeconômica, adotado neste relatório, denominado Critério Brasil², leva em conta o grau de escolaridade dos membros das famílias e a quantidade de bens de consumo que essas possuem, ou seja, a posse de bens duráveis como, geladeiras, rádios, aparelhos de DVD, vídeo cassete, freezer, máquina de lavar roupa, carro e televisão.

Ao nos depararmos com o índice de grau de instrução dos principais membros das famílias, pais e mães, encontramos índices baixos de escolaridade.

² Critério de classificação socioeconômica, construído e utilizado pela ABEP (Associação Brasileira de Empresas de pesquisa).

Gráfico 8

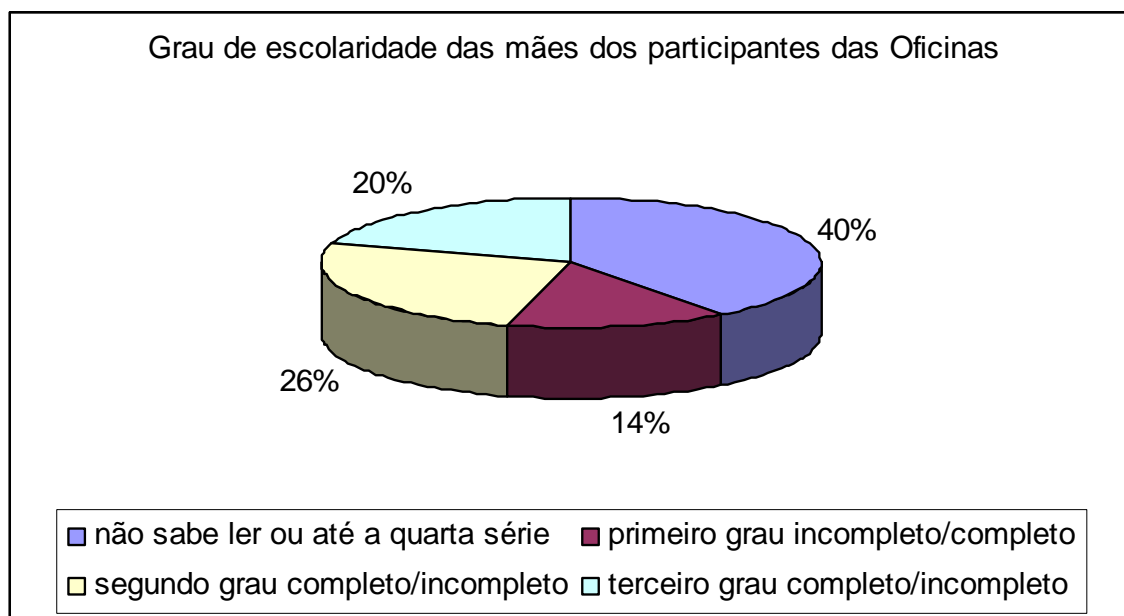
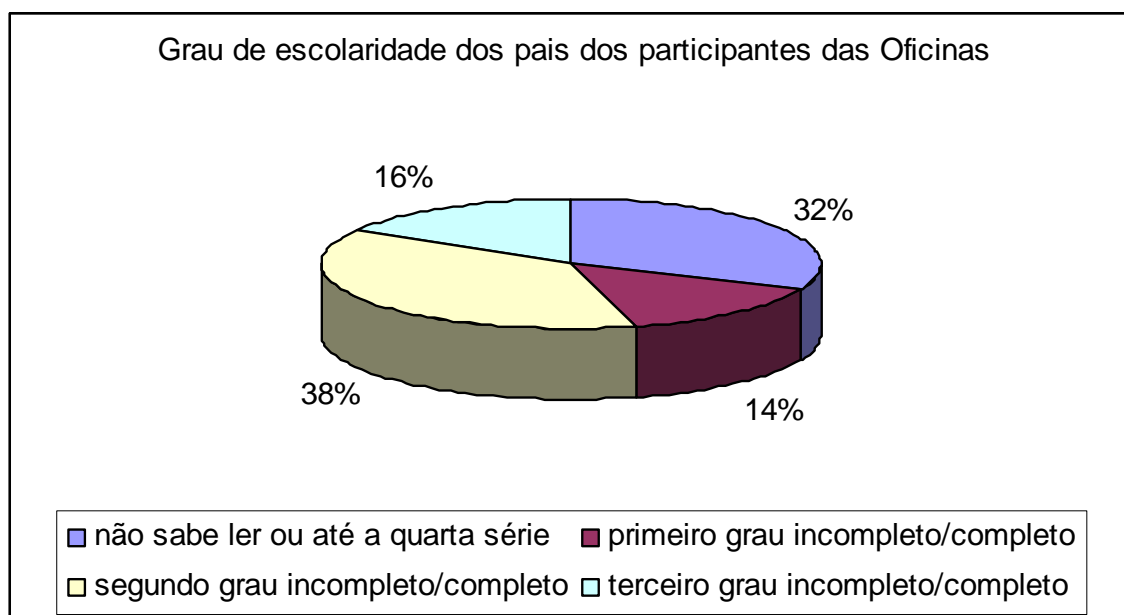


Gráfico 9

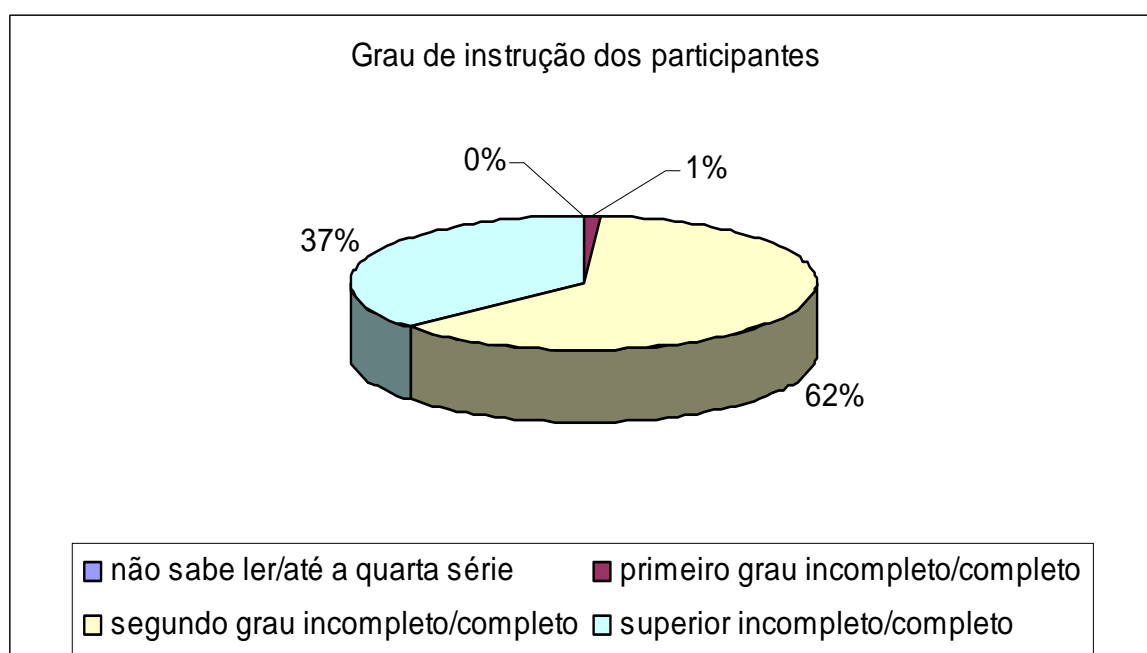


Quadro 1

Parentesco	Pai	Mãe
Grau de escolaridade		
Não sabem ler ou até a quarta série	32%	40%
Primeiro grau incompleto/completo	14%	14%
Segundo grau incompleto/completo	38%	26%
Terceiro grau incompleto/completo	16%	20%

O baixo índice de escolaridade dos pais não influencia a contagem de pontos para escala de classes socioeconômicas, não somente por ser somada aos índices de escolaridade dos entrevistados, os que por sua vez são altos, pois a grande maioria encontra-se no processo de conclusão do segundo grau ou já o concluiu, como podemos verificar no gráfico abaixo:

Gráfico 10



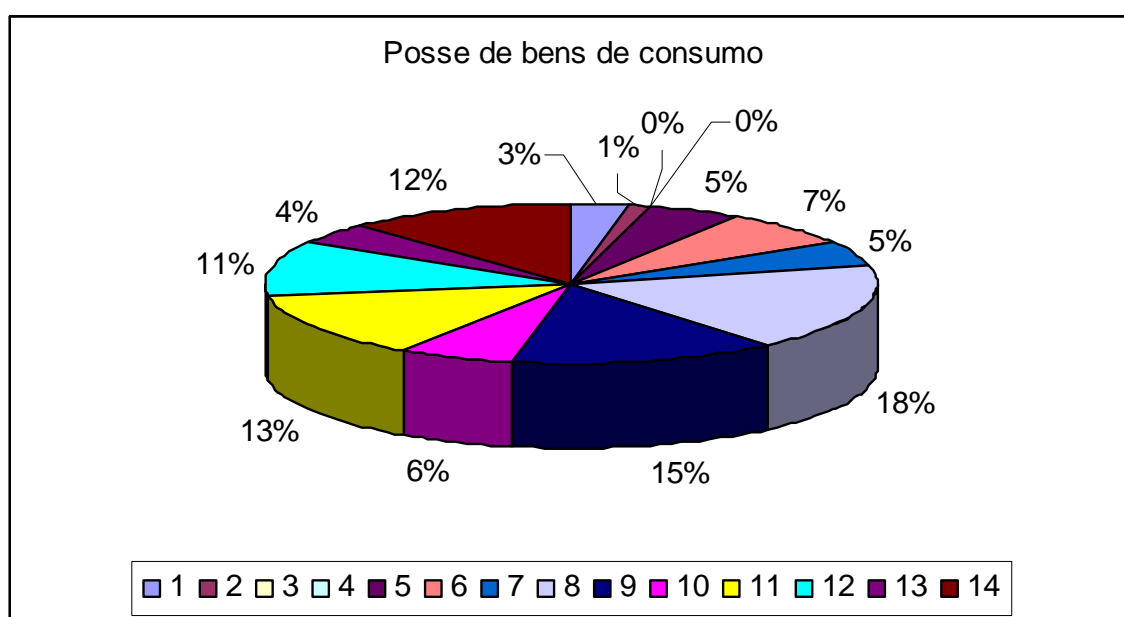
Mas, sobretudo por ser somada ao índice de posse de bens da família. Este índice pode ser considerado um dos principais fatores para elevação da condição de classe dessas famílias.

A posse desses bens é elucidada em uma escala que varia de 1 a 14, ou seja:

- Aparelho de rádio: 1 ponto
- Aparelho CD player: 1 ponto
- Máquina de lavar roupa: 1 ponto
- Aspirador de pó: 1 ponto
- Geladeira: 2 pontos
- Freezer: 2 pontos
- Aparelho de TV: 2 pontos
- Aparelho de DVD ou vídeo cassete: 2 pontos
- Carro: 2 pontos

O gráfico abaixo apresenta a porcentagem desses bens distribuídos pelas famílias dos participantes:

Gráfico 11



Como podemos constatar 40% dos entrevistados encontram-se nos níveis mais altos da escala de posse de bens – de 11 a 14 pontos – o que pressupõe que todos possuem máquinas de lavar, televisão, aparelhos de rádio, CD player, aparelho de DVD ou vídeo cassete, geladeira e freezer (11 pontos), os demais que se encontram nessa faixa de escala possuem carro e/ou aspirador de pó.

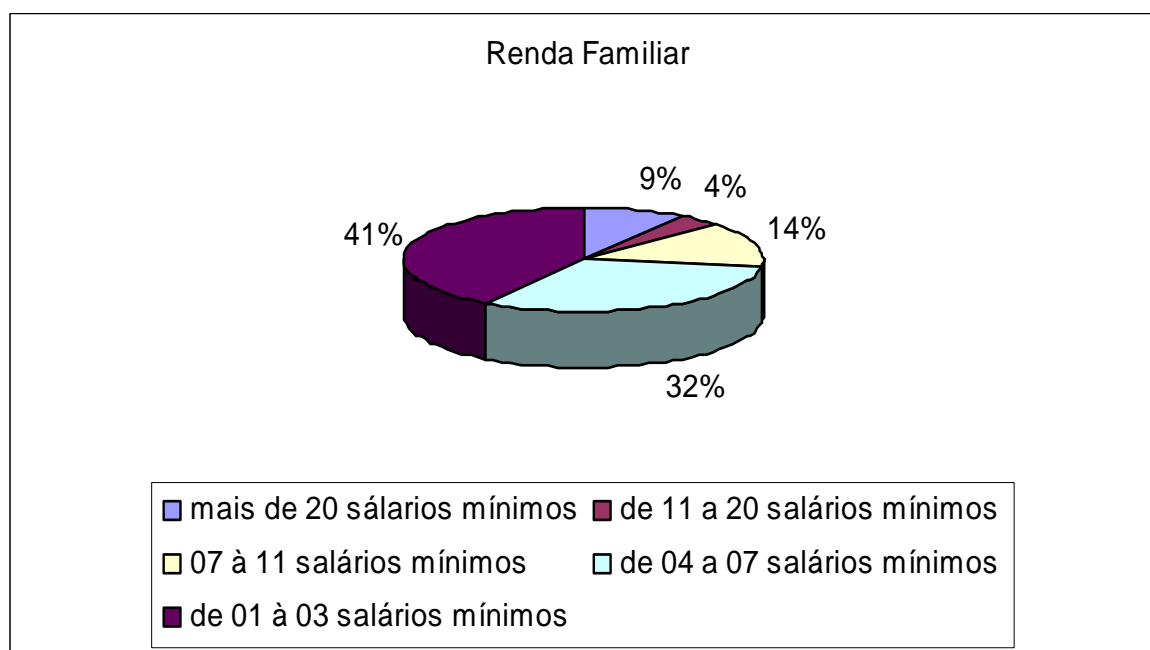
Quadro 2

Escala de pontos	Bens de Consumo	Porcentagem
11 a 14.	Maquina de lavar, televisão, aparelho de rádio, CD player, DVD ou vídeo cassete, geladeira, freezer, carro, aspirador de pó.	40% dos participantes
06 a 10.	Maquina de lavar, geladeira, televisão, CD player, rádio, DVD e/ou vídeo cassete e carro.	51% dos participantes
01 a 05	Aparelho de CD player, geladeira e televisão	09% dos participantes

A maioria (51%) encontra-se na escala de 06 a 10 pontos, o que pressupõe também uma taxa alta de acesso a bens de consumo. Do total de entrevistados apenas 9% se encontram no intervalo da escala que pressupõe um baixo acesso aos bens de consumo.

Contudo, constata –se também que a maioria possui as faixas de renda mais baixas, qual seja, de 04 a 07 e de 01 a 03 salários mínimos. Tal situação de renda dos participantes se justifica pela posição no mercado de trabalho dos principais membros das famílias.

Gráfico 12



Muitos dos pais, mães e até mesmo participantes das oficinas encontram-se alocados no mercado de trabalho na posição de autônomos. Esta posição sugere, entre outras coisas, ocupações que se desenvolvem no setor informal do mercado de trabalho, qual seja, atividades como pedreiros, diaristas, pintores e fazedores de “bicos” em geral. Todavia, trata-se de atividades sem tutela das leis trabalhistas e, portanto, são pessoas privadas de direitos sociais.

Gráfico 13

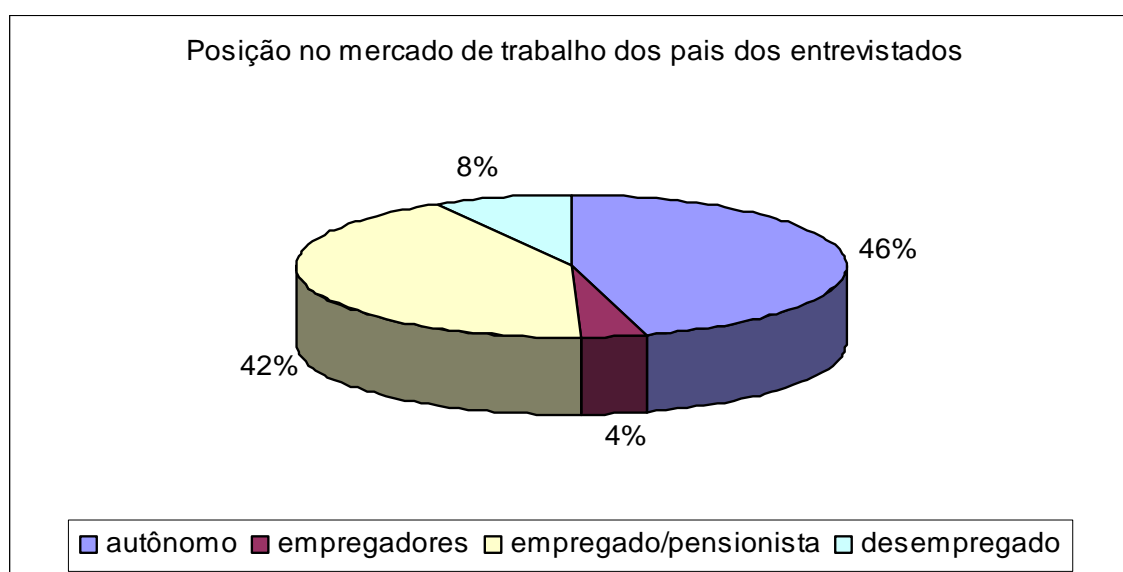
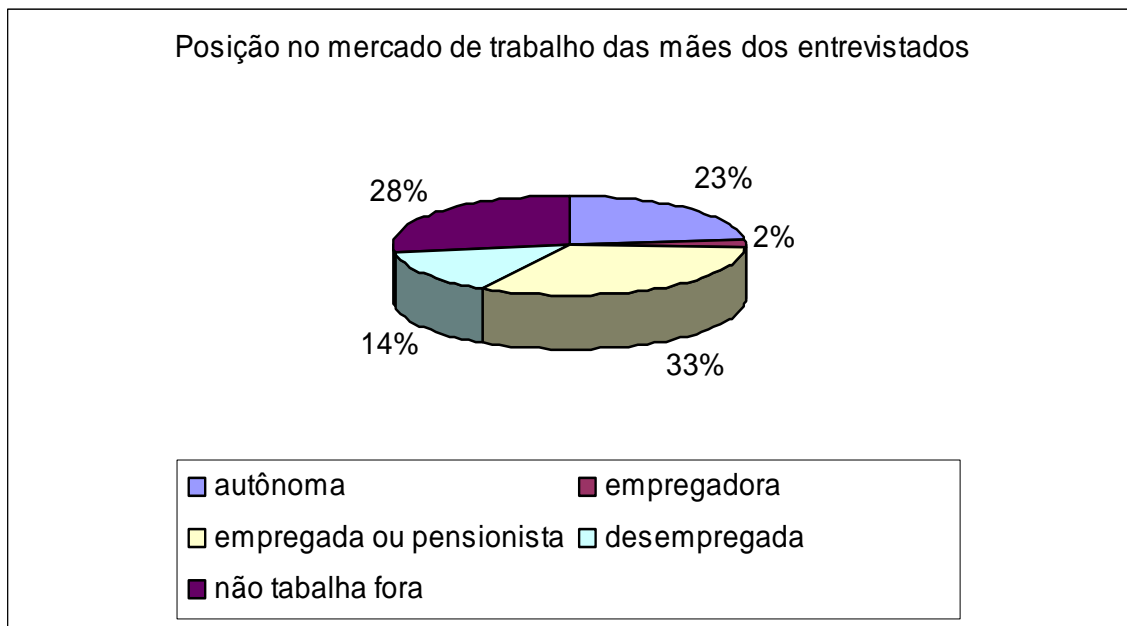


Gráfico 14



Quadro 3

Renda familiar	Porcentagem	Posição dos pais no mercado de trabalho	Porcentagem	Posição das mães no mercado de trabalho	Porcentagem
Mais de 20 salários mínimos	09%	Autônomo	46%	Autônoma	23%
De 11 a 20 salários mínimos	04%	Empregador	04%	Empregadora	2%
De 07 a 11 salários mínimos	14%	Empregado/ pensionista	42%	Empregada/ pensionista	33%
De 04 a 07 salários mínimos	32%	Desempregado	08%	Desempregada	14%
De 01 a 03 salários mínimos	41%	-	-	Não trabalha	28%

O problema da pesquisa voltada para dados socioeconômicos está justamente nessa aparente contradição entre os dados ligados à renda e os dados ligados ao consumo. Essa contradição, no entanto, é apenas aparente. Isso porque, de aproximadamente dez anos para cá o crédito para aparelhos eletro – eletrônicos, tais como os utilizados para a pesquisa de classes, vem sendo ampliado para as classes D e E. Desse modo, a caracterização das classes, tendo como base bens de consumo, não responde mais ao que podemos caracterizar exclusão social. Mesmo que incluídas na esfera do consumo, grande parte do público das Oficinas está excluída ou apenas precariamente incluída no mercado de trabalho. O problema é ainda maior se considerarmos que os direitos sociais básicos, nesses mesmos dez anos, vêm sendo desmantelados em benefício da iniciativa privada.

Nesse sentido, torna-se mais interessante para nossos propósitos nos pautarmos pelos dados ligados à renda dos participantes das Oficinas. Eles indicam que 73% dos participantes têm como renda familiar até 07 salários mínimos, o que configura uma situação precária. Mas cabe ressaltar que há participantes em outras situações sócio-econômicas, o que configura uma situação interessante para as Oficinas do ponto de vista da diversidade social.

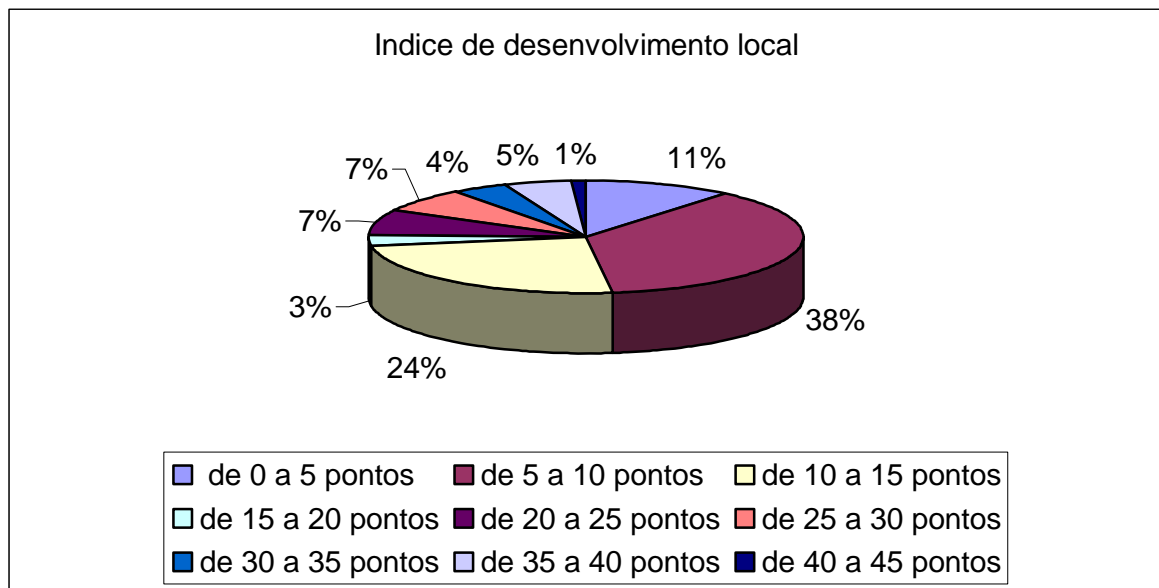
3.2.2 Desenvolvimento local

Este índice contempla a existência de serviços públicos ou privados ligados ao bem estar público ou ao desenvolvimento econômico local. Portanto, é questionada neste item a existência de equipamentos ou serviços como saneamento básico, iluminação pública, coleta de lixo, atendimento público ou privado de saúde, salas de cinema, teatros, bibliotecas entre outros como se pode averiguar abaixo:

- Água encanada: 1 ponto
- Luz: 1 ponto
- Esgoto: 1 ponto
- Coleta de lixo: 1 ponto
- Coleta seletiva de lixo: 2 pontos
- Asfalto: 1 ponto

- Áreas de lazer como parques e praça: 2 pontos
- Cinema: 2 pontos
- Bibliotecas: 2 pontos
- Posto de saúde: 1 ponto
- Delegacia: 1 ponto
- Clube: 2 pontos
- Feira livre: 1 ponto
- Correio: 1 ponto
- Banca de jornal: 2 pontos
- Orelhão: 1 ponto
- Consultório dentário: 2 pontos
- Farmácia: 2 pontos
- Teatro: 2 pontos
- Igreja: 1 ponto
- Indústrias: 2 pontos
- Lojas: 2 pontos
- Bancos: 2 pontos
- Supermercado: 2 pontos
- Posto de gasolina: 2 pontos
- Hospital: 3 pontos
- Ponto inicial ou terminal de ônibus: 1 ponto
- Outros: 2 pontos

Gráfico 15

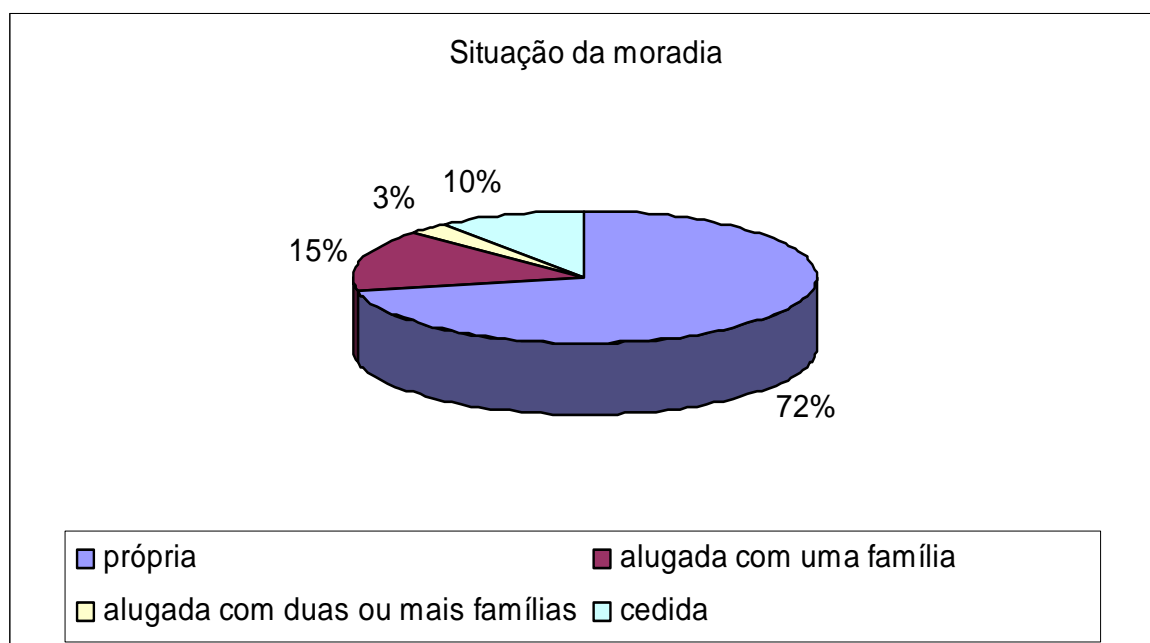


O gráfico acima apresenta 49% dos entrevistados morando em locais de baixo desenvolvimento local – com pontuações que vão de 0 a 10 pontos – ou seja, a maioria dos entrevistados reside em comunidades detentoras de no máximo serviços básicos como luz, asfalto, esgoto, água encanada, posto de saúde, ponto inicial e terminal de ônibus, lojas, feiras livres e a existência de igrejas.

Os locais de residência dos entrevistados que contemplam a existência de equipamentos culturais ou de lazer públicos (Bibliotecas, Centros culturais, áreas de lazer, teatro) ou privados (cinema e teatro) não chegam atingir 30% do universo total de entrevistados.

Um outro fator problemático relacionado ao desenvolvimento local das regiões de moradia dos estudantes das Oficinas Kinoforum é a situação de moradia dos mesmos. O gráfico abaixo nos apresenta um índice alto de famílias que possuem a casa própria (72%). Ora, diante deste dado se poderia inferir que essas famílias conseguiram atingir um item importante ligado à questão do bem estar.

Gráfico 16



Todavia, se analisarmos esse dado levando em consideração a realidade da habitação nas regiões periféricas da cidade e da grande São Paulo, o que este nos revela é a ilustração de problema social crescente, ou seja, o que muitos consideram como casa própria na verdade, diz respeito a construções irregulares, não somente em sua construção – muitas vezes são feitas sem o aval da prefeitura, sem o parecer técnico de profissionais especializados etc – mas, sobretudo por serem construídas em terrenos ocupados ou vendidos irregularmente.

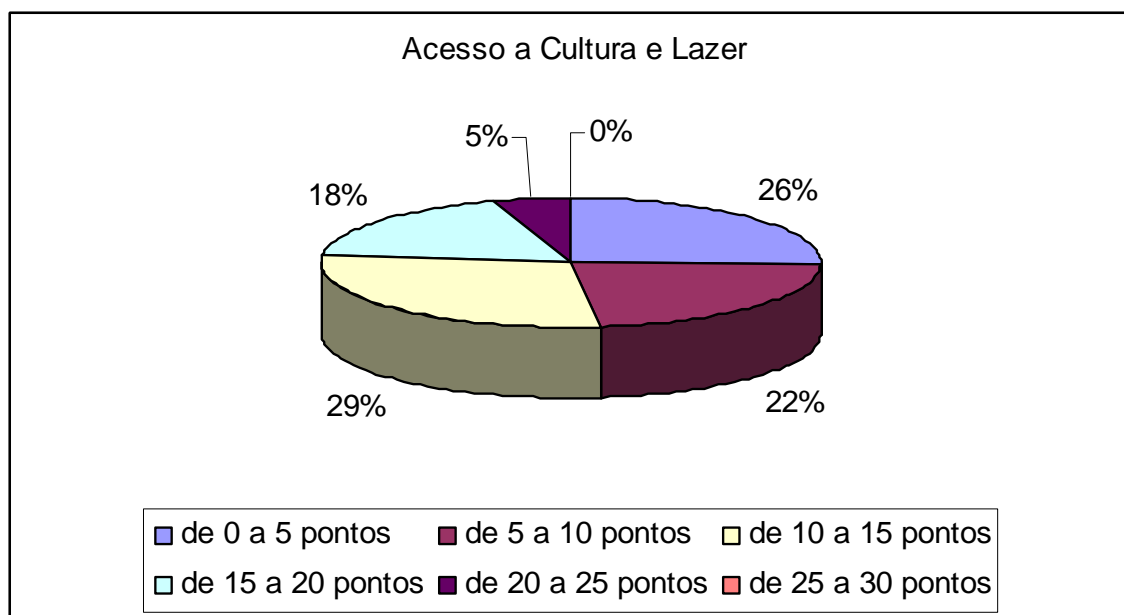
3.2.3 Acesso à cultura e lazer

O índice de acesso à cultura e lazer pressupõe as atividades realizadas individualmente pelos entrevistados e/ou as atividades que esses realizam com seus familiares. O acesso às atividades culturais e de lazer é elucidada por uma escala que varia 01 a 30 pontos, como se pode verificar abaixo:

- Viajar: 3 pontos
- Freqüentar clube esportivo: 2 pontos
- Assistir TV: 1 ponto

- Ir ao cinema: 3 pontos
- Usar a Internet como fonte de informação e entretenimento: 2 pontos
- Conversar na rua: 1 ponto
- Ouvir música: 1 ponto
- Alugar DVD: 2 pontos
- Não sai de casa : 0 ponto
- Ir ao shopping: 2 pontos
- Frequentar parques: 3 pontos
- Fazer passeios culturais em museus e equipamentos afins: 3 pontos
- Ler livros fora dos requeridos pela escola: 3 pontos
- Ir a balada: 1 ponto
- Jogar vídeo game: 1 ponto
- Outros: 2 pontos

Gráfico 17



O que se pode notar é um alto percentual dos indivíduos que não têm acesso a equipamentos e dispositivos culturais, ou seja, 48% dos indivíduos da amostra estão na faixa de 0 a 10 pontos da escala de acesso à cultura e lazer.

Ao se considerar a distribuição de equipamentos culturais públicos e privados da cidade de São Paulo, podemos inferir que o quadro apresentado acima não se revela

surpreendente. O indicativo possível para essa questão pode encontrar lugar nos argumentos e índices que apontam para uma baixa correspondência entre crescimento urbano/populacional e a distribuição dos equipamentos culturais.

É claro que os dados e análise aqui apresentados não levam em conta as práticas culturais não legitimadas, quais sejam a diversidade dessas – desde Hip Hop, a coral de igreja, entre outros. No entanto, tais práticas, mesmo que culturalmente significativas, ainda encontram poucos espaços para sua produção e difusão. Daí a importância da presença das Oficinas nesses locais, atingindo seus moradores. As oficinas oferecem justamente os meios e condições necessárias para que essas formas culturais não legitimadas encontrem novos meios de realização.

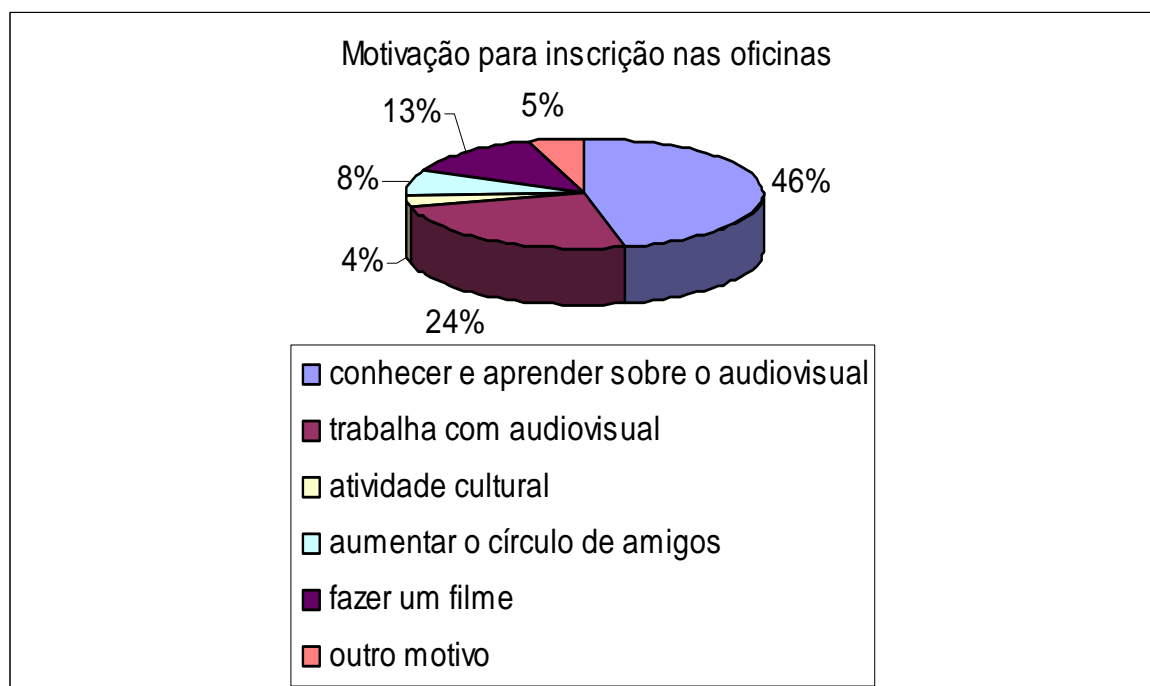
4. Impressões sobre as Oficinas Kinoforum

As impressões dos participantes sobre as Oficinas serão analisadas em três momentos. No primeiro momento será realizada uma avaliação da relação dos estudantes com as oficinas tendo em vista suas expectativas e as dificuldades encontradas por eles. Em um segundo momento, focaremos as mudanças subjetivas provocadas pelas oficinas, ou seja, serão analisadas as habilidades adquiridas e as possíveis transformações em suas concepções a respeito do audiovisual. Por fim, será analisada a continuidade do aprendizado adquirido.

4.1. Expectativas e dificuldades

A primeira questão a ser feita sobre as expectativas dos participantes das Oficinas diz respeito aos motivos que os levaram ao curso. O gráfico que se segue indica as respostas obtidas pelos questionários.

Gráfico 18



Segundo os dados colhidos, a maior motivação para a participação nas oficinas está de acordo com o principal objetivo do projeto que é a difusão de uma linguagem ainda restrita às classes superiores. Quase a metade dos alunos busca nas oficinas o aprendizado sobre o audiovisual.

Na categoria aberta³ “outro motivo”, destaca-se a vontade de “ajudar” e “conscientizar” as pessoas em geral ou a comunidade em que vivem. Tais respostas mostram-se interessantes por indicarem que há uma demanda anterior ao curso por mais um dos objetivos das Oficinas. Nesse caso, é a cultura como uma possibilidade de transformação social que leva as pessoas a aprender sobre o audiovisual.

À primeira vista os dados indicam que há uma convergência entre as motivações dos alunos e os objetivos das Oficinas. Porém, uma parte significativa se inscreveu com o objetivo de trabalhar na área. Além dos números, algumas respostas abertas reafirmam esse motivo: “Querida trabalhar na área”, “Oportunidade de trabalhar”. Isso pode ser explicado pelo próprio público das Oficinas que engloba dois perfis diversos, mas cujo objetivo é o mesmo. Trata-se, por um lado, de pessoas de classe média que já possuem algum conhecimento na área e querem engrenar na carreira e, por outro, do público preferencial das oficinas, ou seja, de pessoas das classes baixas que vêem nos cursos uma oportunidade de entrada no mercado de trabalho. Visto que as Oficinas não visam a profissionalização, há um desencontro de objetivos que pode gerar frustração naqueles levados por esse objetivo. Isso pode ser observado pelas respostas referentes à expectativa. No quadro que se segue está a porcentagem daqueles que atingiram suas expectativas e daqueles que não a atingiram:

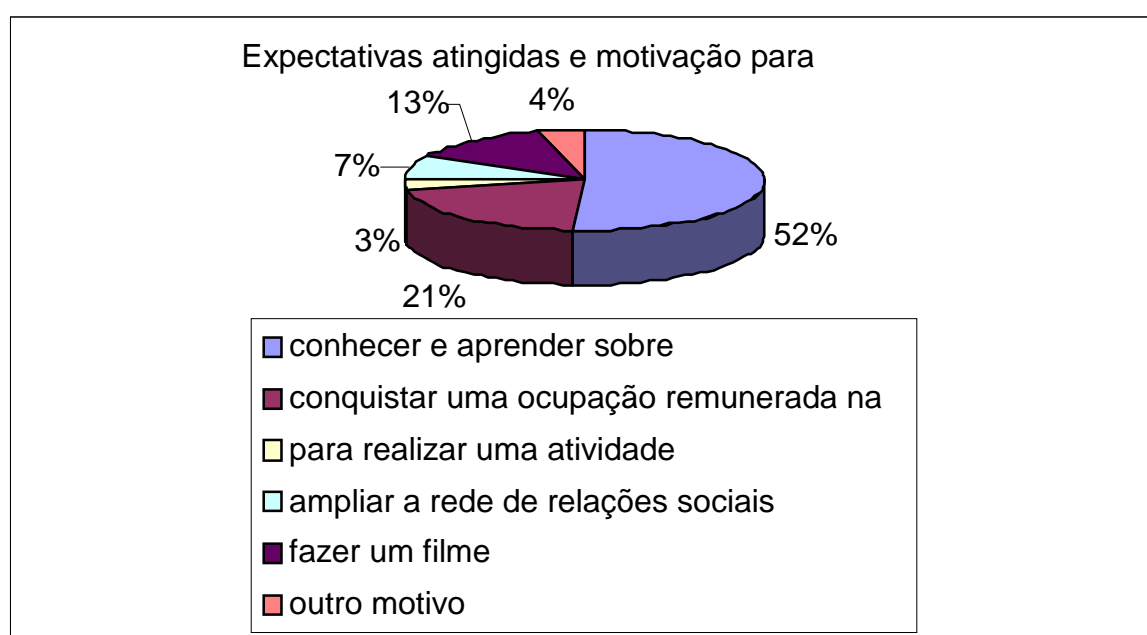
³ Categoria aberta é aquela em que o questionário apresenta um espaço em branco para uma resposta espontânea. Nessa questão, a categoria “Outro motivo” é seguida da pergunta “Qual?”, deixando os alunos livres para citarem novos motivos ausentes nas alternativas propostas.

Gráfico 19

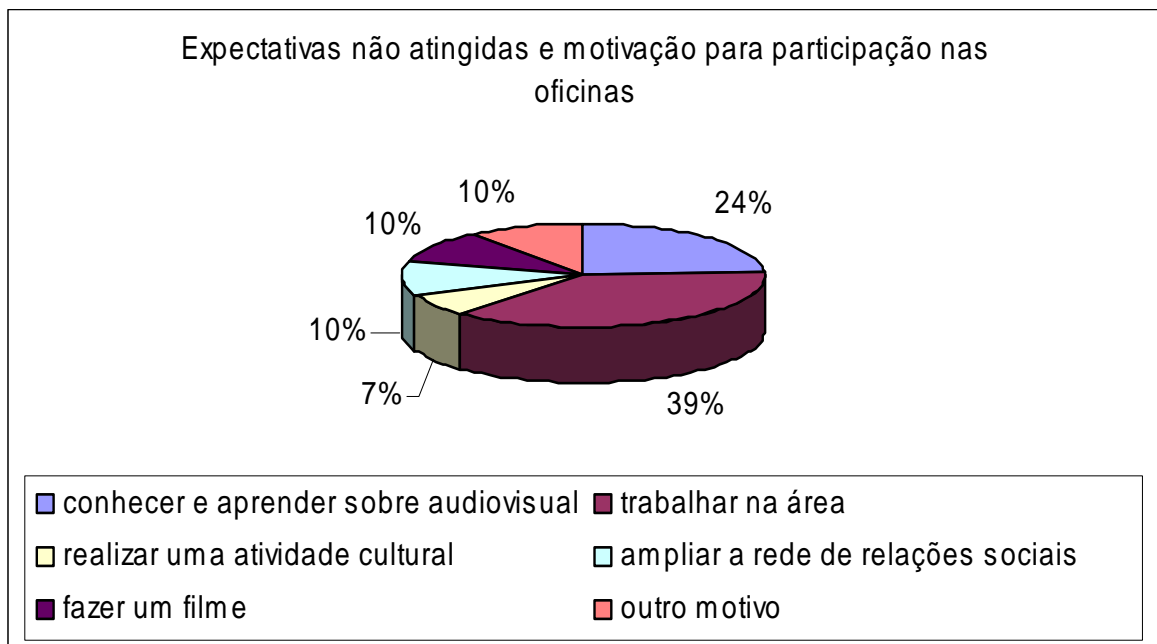


Os números indicam que as Oficinas contentaram a grande maioria de seu público. Cabe nos questionarmos sobre aqueles que não atingiram suas expectativas. Os próximos gráficos indicam quais das motivações tiveram ou não suas expectativas frustradas.

Quadro 20



Quadro 21



Nesse ponto torna-se evidente o problema dos objetivos divergentes quanto à questão do mercado de trabalho. Enquanto a maioria (52%) dos que buscavam conhecer mais sobre o audiovisual tiveram suas expectativas realizadas, apenas 21% dos que buscavam trabalhar na área realizaram, na oficina, seu propósito. Entre os que não atingiram suas expectativas os números se invertem, 39% gostariam de trabalhar na área e 24% fizeram a oficina para aprender sobre o audiovisual.

Esses dados indicam como o fator profissionalização tem grande peso no sucesso do projeto diante de seu público. O problema é menos do projeto e mais da concepção usual que relaciona educação com mercado de trabalho sem maiores mediações. É bastante comum que se enxergue qualquer forma de curso com oportunidades futuras de empregos. Esse não parece ser, no entanto, o objetivo do projeto. Nesse caso, a educação se liga mais à noção de formação. Tal noção lida com a educação como um fim em si, como um meio para a transformação social ou como uma forma de ampliação dos modos de pensar o mundo. A entrada no mercado de trabalho, segundo essa concepção, é mais uma consequência eventual do que um objetivo próprio à formação. Não que o trabalho na área do audiovisual seja indesejável, pelo contrário, é interessante para um projeto que busca incentivar produções populares na área do audiovisual. No entanto, pelo modo como as oficinas funcionam – com pouco tempo de duração, com

ênfase no trabalho em grupo, visando um conhecimento amplo e não especializado etc – essa possibilidade tem grandes chances de se ver frustrada. Ou seja, as oficinas não apenas não têm como objetivo imediato a profissionalização, como não têm um formato correspondente a um curso profissionalizante, o que gera o descontentamento verificado.

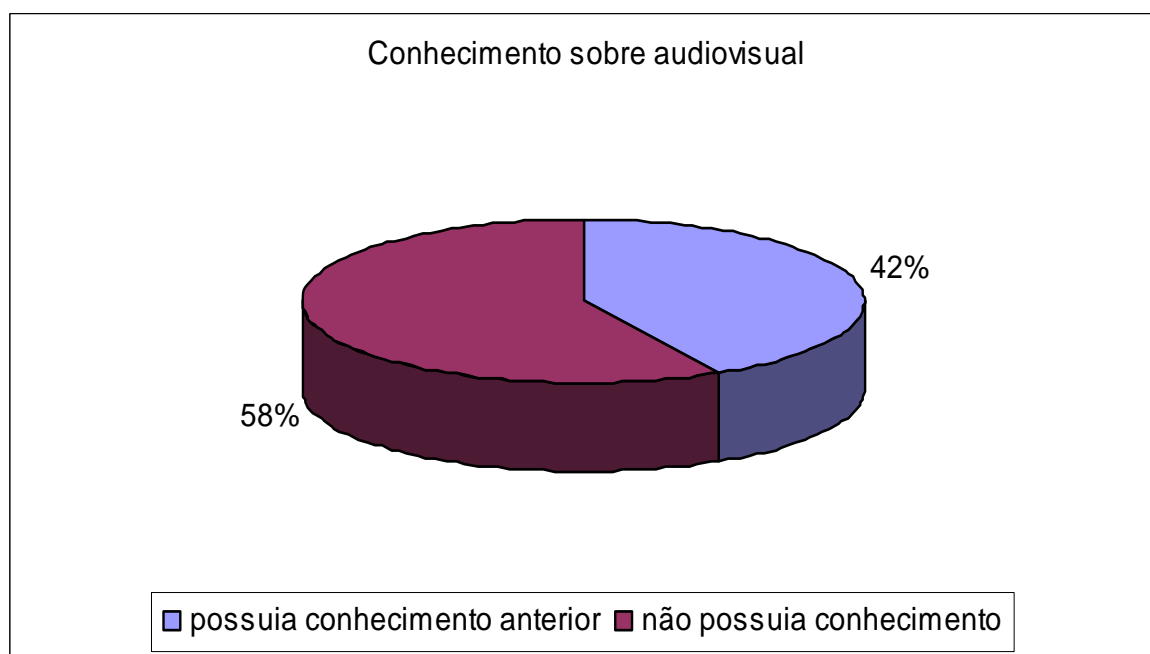
A questão das Oficinas como porta de entrada para o mercado de trabalho será mais desenvolvida em outros momentos desse relatório. No momento, basta frisarmos essa distinção entre educação profissionalizante e formação como uma diferenciação necessária às Oficinas.

Ainda sobre a relação entre as expectativas dos estudantes e suas motivações, cabe frisar que também se viram mais frustrados do que satisfeitos aqueles que buscavam realizar atividades culturais e aumentar o círculo de amigos. Visto que esses objetivos são bastante secundários, isso não constitui um problema relevante. Já entre aqueles que buscavam apenas realizar um filme a taxa de contentamento foi maior. Isso se deve a motivos evidentes, pois todos os participantes acabam por realizar um vídeo.

Outro ponto relevante sobre a questão das expectativas diz respeito àqueles que, antes de participar da oficina, não possuíam conhecimento na área do audiovisual. Foi constatado um número maior de descontentes entre aqueles que não tinham esse conhecimento do que entre aqueles que já o possuíam. Tendo em vista que o público preferencial das Oficinas é justamente aquele que não possui conhecimento prévio na área, isso pode se configurar como um problema.

Como se pode observar no gráfico seguinte, a maioria dos alunos não tinha conhecimento sobre o audiovisual antes de participar das oficinas:

Gráfico 22

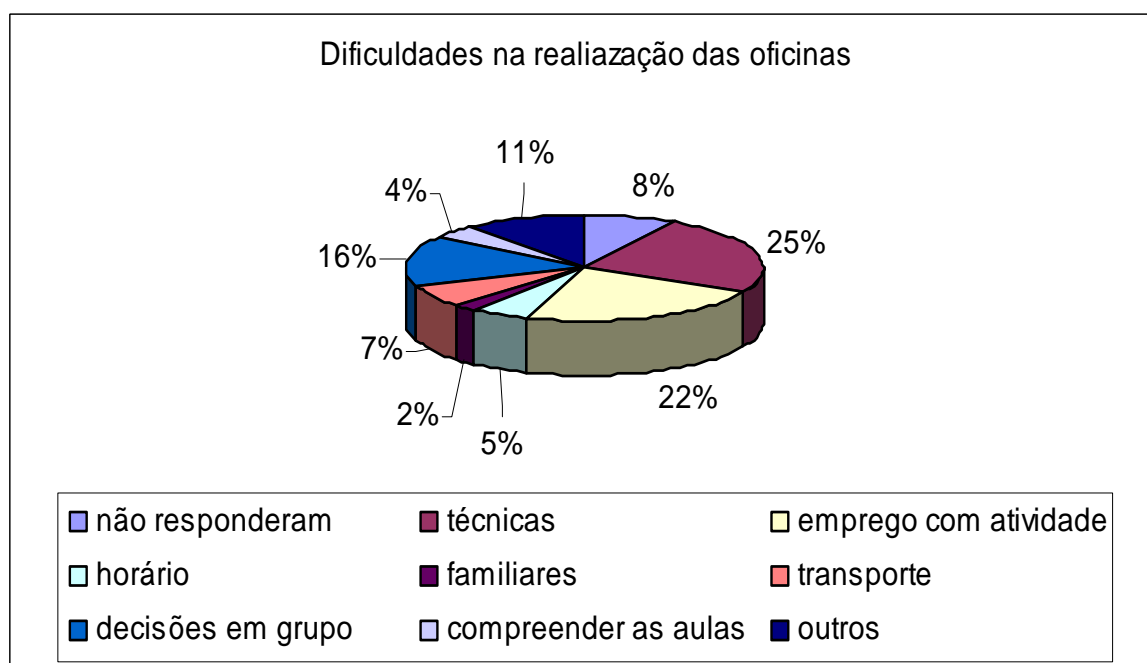


Entre eles, a taxa de descontentamento é maior do que entre aqueles que já tinham tal conhecimento, como se pode observar no quadro que se segue:

Quadro 4

Conhecimento prévio	Expectativas	
	Atingiu	Não Atingiu
Possuía	90%	10%
Não possuía	79%	21%

Gráfico 23



Em primeiro lugar, temos os problemas de caráter técnico, ou seja, ligados à filmagem em si, como operação de equipamentos e elaboração do roteiro. Em segundo lugar, temos as questões ligadas à compreensão das aulas. Como se pode observar no quadro que se segue, as pessoas que não possuíam conhecimento anterior encontraram mais dificuldade em ambos os itens:

Quadro 5

Dificuldades	Conhecimento prévio	
	Possuía	Não possuía
Técnicas	20%	29%
Compreensão das aulas	3%	4%

Apesar de parecer óbvio que as dificuldades daqueles que estão tomando contato pela primeira vez com o audiovisual sejam maiores, a possibilidade de que isso resulte em descontentamento deve ser vista com maior apuro pela Kinoforum. As Oficinas devem levar em consideração a disparidade de conhecimento entre seus alunos e sempre focar

aqueles que estão começando a aprender sobre o audiovisual, de outro modo, tal disparidade tende a se manter.

Mas é interessante notar que, em ambos os casos, as dificuldades de caráter técnico são bem mais expressivas do que aquelas ligadas às aulas propriamente ditas. Como se pode observar no quadro geral de dificuldades (Gráfico 23) a realização do filme foi o momento mais difícil das Oficinas para seus alunos. Nesse caso, cabe um acompanhamento maior dos professores a todos os alunos na fase mais prática do aprendizado.

Ainda sobre dificuldades do curso em si, temos uma nova questão levantada na categoria aberta (“outras dificuldades”), trata-se de sua pequena duração. Segundo os alunos, “a curta duração da oficina é suficiente apenas para um primeiro contato”. E, retomando o problema do conhecimento prévio sobre o audiovisual: “Tem pouco tempo para muitas informações. Só consegue absorver o conteúdo quem já teve contato com a área”. Essa última resposta aponta uma solução que pode ser interessante para a resolução do problema levantado anteriormente. Sua implementação, no entanto, depende de uma discussão sobre o próprio formato do curso. A ampliação do tempo pode ser interessante do ponto de vista didático e também para o fortalecimento dos vínculos entre os membros do grupo. Por outro lado, oficinas mais longas podem tirar a mobilidade do projeto, o que permite a integração de toda a cidade.

Outra dificuldade que chama a atenção é a questão do relacionamento com o grupo. Essa alternativa não apareceu apenas em números, ela foi reafirmada na grande maioria das respostas abertas. Tomemos alguns exemplos dessas respostas:

- “Faltou planejamento entre as pessoas do grupo. Foi difícil as pessoas estarem todas em todos os momentos do processo”
- “Teve problemas de comunicação entre os membros do grupo, principalmente porque as pessoas não moram próximas. Outro problema foi o desgaste”
- “Ser diretor exige um certo grau de autoridade e foi difícil conseguir isso”
- “Negociar roteiro, ajustar, impor, executar, criar, viabilizar”
- “Tive que brigar com a editora para ela fazer o filme direto e mesmo assim não consegui”
- “Não consegui realizar meu projeto”

Planejamento e comunicação são questões organizacionais que permeiam o trabalho em grupo. Já a questão da negociação e da autoridade – também expressa como imposição – são problemas substantivos do relacionamento coletivo. Por fim, temos a questão da decepção por parte daqueles que não realizaram seus projetos ou não os realizaram da forma como queriam. Esse último ponto toca na relação entre o indivíduo e o grupo, ou seja, também é uma questão substantiva no trabalho coletivo. Mas o que é um problema substantivo? Trata-se daquilo que faz de um grupo um coletivo. À revelia dos objetivos proclamados ou do trabalho específico realizado, o trabalho em grupo exige contínua negociação, o que toca a questão da autoridade.

De fato, essa questão é bastante relevante para o projeto, pois um dos aspectos estruturais do audiovisual é o trabalho de várias pessoas em áreas diversas, como fotografia, som, direção, câmera etc. A produção cinematográfica convencional estabeleceu hierarquias para lidar com essa diversidade. Porém, tal hierarquia é histórica, ou seja, obedece ao critério social que diz ser o trabalho intelectual superior ao manual. Dessa forma, o diretor sempre se encontra no topo da hierarquia, estando o câmera, por exemplo, abaixo. A questão que o projeto da Kinoforum deve necessariamente se colocar é se esse parâmetro é aceitável. Caso seja, deve-se levar os grupos a se organizarem em torno da hierarquia estabelecida, minimizando as dificuldades de relacionamento.

No entanto, caso a Oficina de fato busque uma mudança social, a transformação desse parâmetro se torna o ponto crucial de todo o processo. Trata-se de alterar as relações de produção vigentes na área do audiovisual, visando a transformação das relações de produção como um todo. Isso significa que, mediante o estabelecimento de um trabalho cooperativo entre os alunos se estabelece uma nova forma de resolução de problemas por parte deles. Um dos objetivos centrais das Oficinas é a “ação cultural”, ou seja, o uso da cultura como forma de melhoria das condições sociais em que o público se vê inserido. O incentivo do trabalho coletivo faz com que esse objetivo se torne menos abstrato.

Porém, ao contrário do estabelecimento de hierarquias, que facilita o trabalho – pois, afinal de contas, aprendemos todos que mandar e obedecer é natural – o incentivo do

trabalho igualitário coletivo amplia as dificuldades do projeto. Nesse caso, a transformação da realidade é trazida para o centro do projeto e isso é, sem dúvida, o mais difícil.

Concluindo, há duas soluções para a dificuldade de relacionamento apontada no questionário. A mais plausível, tendo em vista os objetivos do projeto, seria ampliá-la. Ou seja, levar as contradições da produção artística ao centro do projeto, explicitando-as e levando seu público a novas reflexões. Nesse sentido, talvez valha à pena o projeto ir além nessa questão, discutindo com os alunos e criando novas formas de relacionamento.

Outra questão suscitada pelos questionários diz respeito a dificuldades de ordem estrutural. A questão do horário, do transporte e, principalmente, da conciliação das aulas com o emprego é uma dificuldade do próprio projeto. Trata-se da dificuldade em lidar com um público que não dispõe de meios materiais suficientes para uma maior dedicação ao curso. Aqui o obstáculo é o mesmo enfrentado por projetos semelhantes e soluções simples, tais como a profissionalização, não resolvem. Outras soluções já vêm sendo postas em prática pelas Oficinas. Levar os cursos à periferia é uma forma de minimizar esse problema. Já o incentivo à criação de núcleos audiovisuais é um modo interessante de “correr por fora” no mercado de trabalho do audiovisual, isto é, trata-se do estímulo a uma nova forma de produção que não abre mão da contrapartida monetária. A questão que se coloca é como vêm funcionando esses núcleos, questão que não é abarcada por esse relatório, mas que deve ser estudada pela Kinoforum.

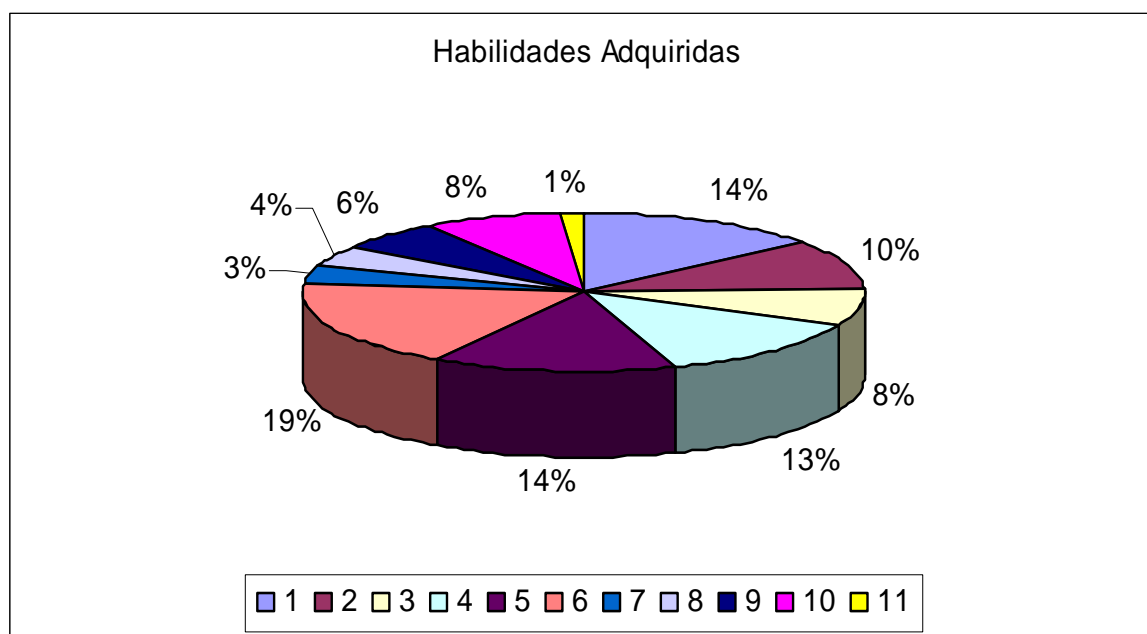
Por fim, deve-se levar em consideração um número expressivo de pessoas que não responderam à questão (8%), do que se infere que não encontraram dificuldade de nenhuma ordem.

4.2. Aprendizado e Concepções

Não é fácil mesurarmos os conhecimentos e habilidades adquiridas em um processo de aprendizado, principalmente em um curso que busca incentivar inúmeros outros aspectos que vão além do próprio objeto estudado. Para além do aprendizado sobre o audiovisual em si, as Oficinas se voltam para o ensino de uma perspectiva crítica sobre produtos audiovisuais, para o trabalho coletivo, para a difusão do audiovisual como forma de expressão e para o estímulo de trabalhos sociais na comunidade em que se insere seu público. Nesse sentido, faz-se necessária uma pesquisa mais aprofundada, de caráter qualitativo, que leve em consideração variáveis subjetivas que uma pesquisa quantitativa não é capaz de abarcar sozinha. Tendo em vista tais limitações buscaremos aqui apenas levantar algumas questões que possam ser úteis para a reflexão sobre o curso e, eventualmente, para o desenvolvimento de novas pesquisas nesse sentido.

O gráfico que se segue indica as respostas dos alunos diante da questão sobre mudanças geradas em suas capacidades e habilidades.

Gráfico 24



1. Adquiriu capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo
2. Adquiriu capacidade de atuar em seu entorno social
3. Adquiriu capacidade para localizar, acessar e usar melhor as informações acumuladas.
4. Passou a assistir a programas de TV com olhar mais crítico
5. Aprendeu uma nova linguagem
6. Ampliou a capacidade imaginativa e criativa
7. Passou a freqüentar salas de cinema
8. Passou a assistir filmes nacionais
9. Passou a freqüentar mostras de cinema
10. Sentiu mais facilidade em compreender os filmes que assiste
11. Outros

Como se pode observar, as questões ligadas ao acesso ao audiovisual como fonte de informação, aprendizado ou mesmo de cultura geral – respostas 3, 7, 9 – foram pouco citadas. Deve-se buscar entender se esse é um problema do curso que não vem dando atenção especial aos instrumentos disponíveis para tal acesso (tais como bibliotecas públicas, sessões gratuitas ou baratas de cinema, sites na internet etc) ou se esse é um problema estrutural que inclui a dificuldade de transporte para se chegar a esses locais, a dificuldade do acesso à internet etc. O mais provável é que se trate de ambos, cabendo

às oficinas ampliar ainda mais a difusão dessas informações. Como em qualquer outro projeto desse tipo, é mais interessante incutir nas pessoas a autonomia na busca de aprendizado do que a dependência dos cursos para o acesso às informações.

Outro item menos citado é o que se refere à produção nacional de cinema, nesse caso se está lutando contra uma concepção cultural arraigada que vê no cinema nacional uma produção de menor qualidade. O interessante nesse caso seria menos a louvação da nacionalidade do filme e mais o questionamento a respeito do que quer dizer essa qualidade.

A resposta mais citada se relaciona menos ao aprendizado em si e mais às possibilidades geradas pela disponibilização de meios de expressão. Não se aprende criatividade ou imaginação, no entanto, essas são faculdades que exigem tempo, meios e dedicação para aflorarem, e é também isso que as Oficinas oferecem.

No que tange ao conhecimento propriamente dito, o mais interessante é o respaldo dos alunos à noção de que o audiovisual é uma linguagem e que, como tal, pode ser criticado, suscitar reflexões e ser compreendido também como forma e não apenas em seu conteúdo. Esse aspecto pode ser notado pelo alto índice de citação dos itens 4,5 e 10.

As mudanças no ponto de vista dos alunos diante do audiovisual são tratadas nos gráficos seguintes. Neles estão retratadas concepções dos alunos sobre cinema antes e depois da realização das Oficinas.

Gráfico 25

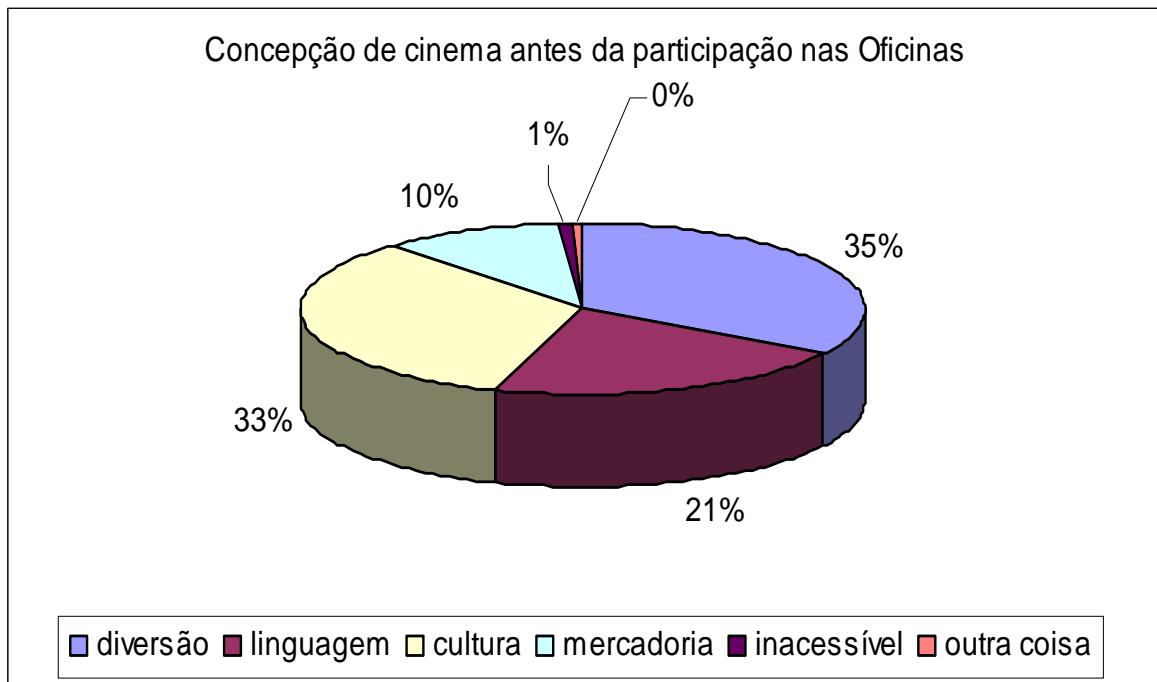
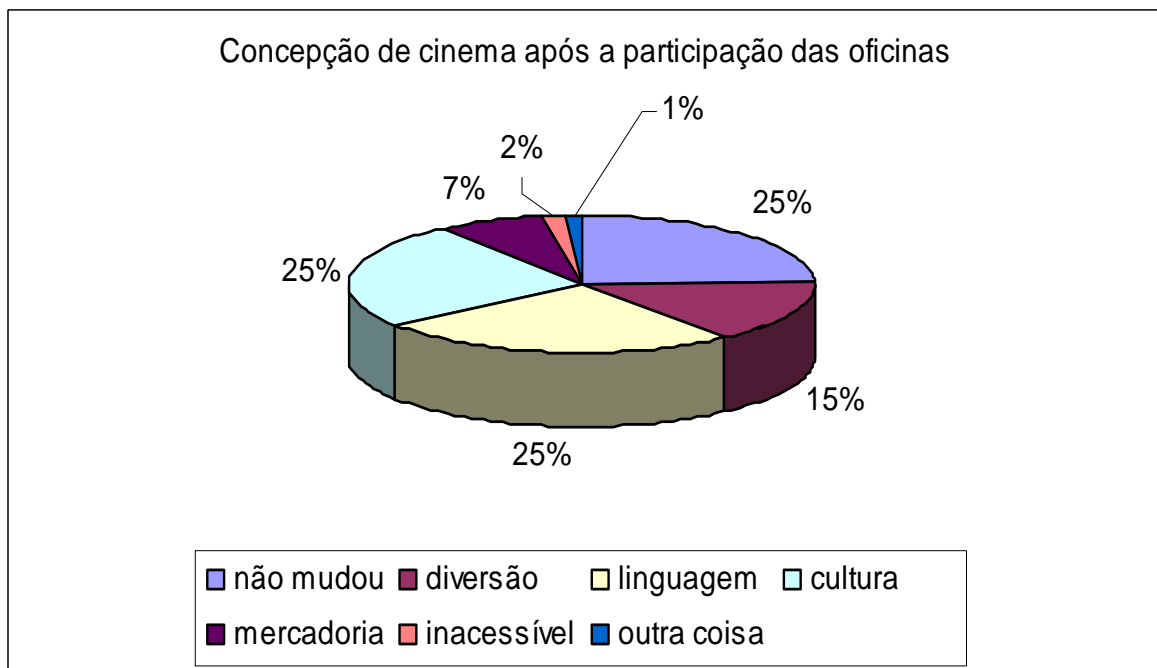


Gráfico 26



A escolha dos termos utilizados nos questionários não é arbitrária. A concepção de cinema usualmente está relacionada ao modo como o senso comum o enxerga. Por isso,

esses dados devem ser analisados à luz dos significados geralmente relacionados a essas definições. Nesse sentido, é bastante interessante que as ocorrências de cinema como cultura tenham diminuído de 33% para 25%. Apesar de ser um termo visto positivamente pela sociedade, seu uso é genérico e diz pouco sobre as especificidades da arte tratada.

Por outro lado, o entendimento do cinema como linguagem aumenta após as oficinas. Isso também é positivo, visto que uma linguagem é um meio de expressão, pode ser lida e criticada, pois carrega em si o peso da forma. Esse termo retira o audiovisual da visão mais comum de produto acabado e o coloca como processo. Isso explica também por que a noção de cinema como mercadoria diminui após a realização do curso. A noção de mercadoria se atrela ao consumo, o cinema, nesse sentido, é um objeto diante do qual o público encontra-se passivo. Visto que linguagem é processo, o aluno passa a ser agente em seu contato com o audiovisual. Esse aspecto é bastante relevante, pois não se trata apenas da produção do filme, mas de um papel ativo em sua leitura. Isso quer dizer que o projeto vem realizando um papel importante em um dos aspectos mais empobrecedores do cinema tal como é tratado pela maioria das pessoas. Esse papel é o de formador de público em contraposição à platéia, nessa segunda acepção as pessoas são objetos do cinema, como público elas se tornam sujeitos. Esse dado pode ser reafirmado pelo alto índice de respostas nos itens 4 e 10 do gráfico 24.

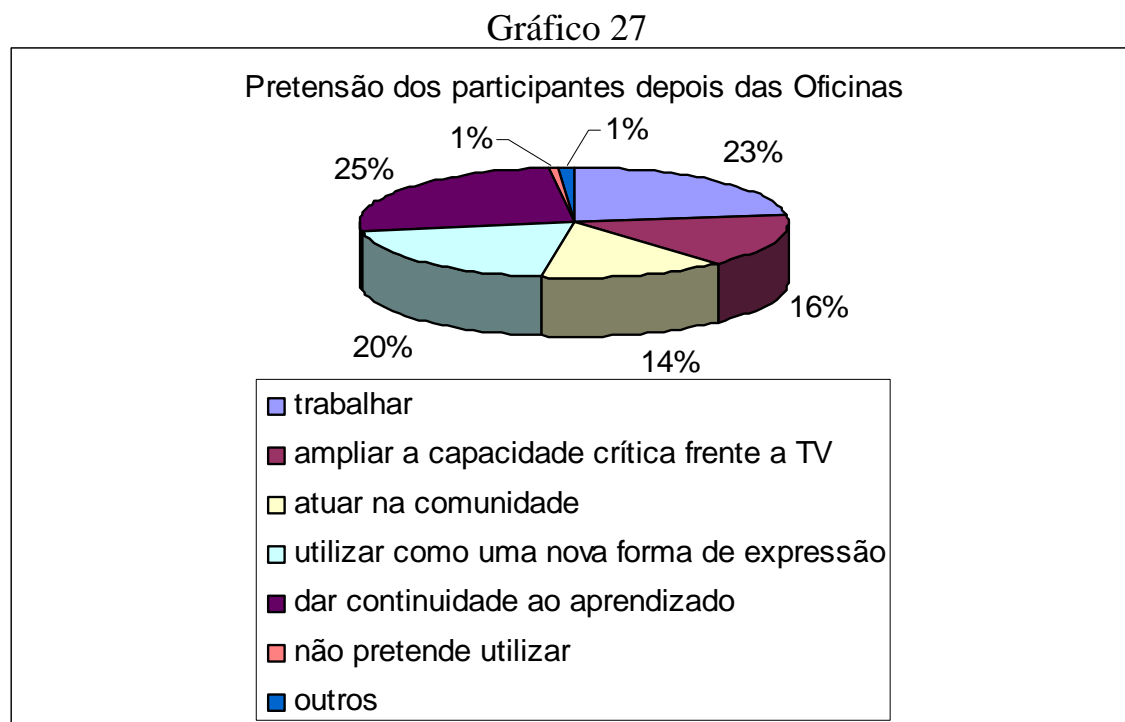
Outro dado interessante a respeito das concepções dos participantes das oficinas diz respeito à expressiva diminuição do conceito de diversão. Isso não quer dizer que o cinema perde a graça, mas que deixa de ser visto como coisa sem seriedade, ou seja, como mero entretenimento. Ele passa a ser visto como meio de expressão, de protesto ou de crítica, como se pode constatar por algumas respostas na categoria aberta.

Apesar da categoria “inacessível” ter sido pouco citada tanto antes como após as Oficinas, ela foi justificada em alguns casos. Nesses, o maior problema é a distância da moradia do aluno com relação aos centros difusores do audiovisual.

Por fim, é interessante ressaltarmos que, em alguns casos, no item para respostas abertas o cinema foi apresentado como oportunidade de trabalho ou profissão.

4.3. Continuidade na área do audiovisual

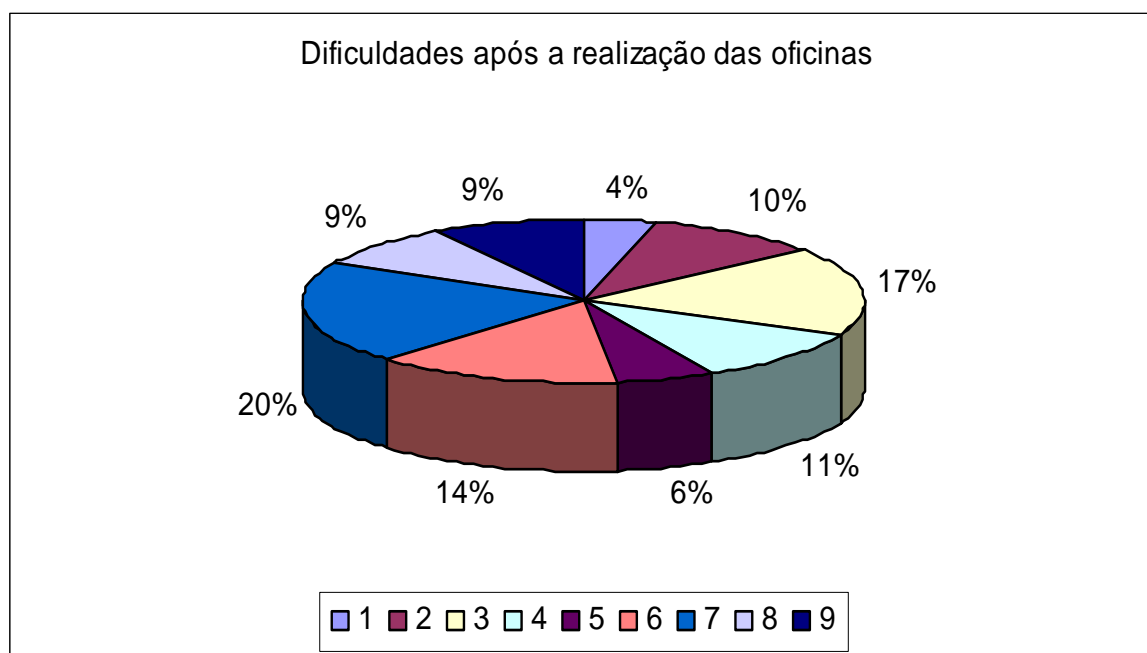
A seguir analisaremos os caminhos trilhados pelos alunos após as oficinas. A forma com que pretendem utilizar o conhecimento adquirido está no gráfico seguinte:



A maior parte dos alunos pretende continuar aprendendo sobre o audiovisual. Já a quantidade de alunos que anteriormente buscavam trabalhar na área (ver gráfico 18) permanece praticamente a mesma após a realização das oficinas. Tendo em vista os objetivos do projeto, é bastante interessante que 20% dos alunos pretendam utilizar o que aprenderam como nova forma de expressão e que 14% busquem aplicar seu conhecimento na comunidade em que vivem. Também é notável que 16% dos participantes queiram aplicar seus conhecimentos em algo geralmente considerado inútil, mas que, de fato, é essencial: a ampliação da capacidade crítica sobre a TV. Um dos alunos que respondeu na categoria aberta afirmou que gostaria de lecionar sobre o audiovisual. Essa possibilidade é bastante interessante tendo em vista a difusão do conhecimento recebido e deve ser incentivada pelo projeto.

Diante dessas perspectivas, as maiores dificuldades encontradas após as Oficinas foram:

Gráfico 28



1. Nenhuma – não tem interesse em continuar
2. Ter acesso aos locais de exibição
3. Ter acesso aos locais de estudo
4. Exibir o filme produzido nas Oficinas em outros locais de exibição fora da comunidade
5. Exibir o filme produzido na comunidade em que vive
6. Articular na comunidade meios de viabilizar a produção e exibição de curtas metragens
7. Conseguir uma ocupação remunerada
8. Acessar informações sobre o audiovisual
9. Aplicar o conhecimento para o processo de transformação social de sua comunidade

A frequência das respostas 2, 3 e 8 reafirma a dificuldade de acesso dos estudantes aos meios necessários à continuidade do aprendizado. É especialmente preocupante que 17% dos alunos que responderam ao questionário venham encontrando dificuldade no acesso a locais como bibliotecas, museus etc. Isso porque essas são justamente as pessoas que estão tentando continuar seus estudos sobre o audiovisual de forma autônoma.

Como era de se esperar, a dificuldade para a exibição dos filmes produzidos é maior em outros locais do que na comunidade em que foram produzidos. Por outro lado, como se observa pela frequência de respostas na alternativa 6, a continuidade das produções audiovisuais nas comunidades parece bastante difícil. Isso pode ser explicado pelas respostas dadas na categoria aberta (“Aplicar o conhecimento adquirido para o processo de transformação social de sua comunidade. Por quê?”). Para grande parte dos que responderam esse item, o grande problema de fazer uso do audiovisual para transformações sociais é a falta de incentivo e a falta de interesse das pessoas da comunidade, como se observa nas respostas seguintes:

- “Falta de subsídios, tecnologia, interesse de patrocínio. Falta de interesse dos jovens que tem a auto-estima fraca, valores próprios vencidos e só querem saber de sexo, drogas e funk”
- “Não há equipamentos e espaços disponíveis”
- “Acesso aos meios de exibição e produção. Falta união da comunidade”
- “Falta de vontade das pessoas e falta de apoio de entidades”

Outras respostas recorrentes no item 9 dizem menos respeito à possibilidade de mudanças mediante a produção, e mais às possibilidades relativas às concepções sobre cinema, como se observa nas citações que se seguem:

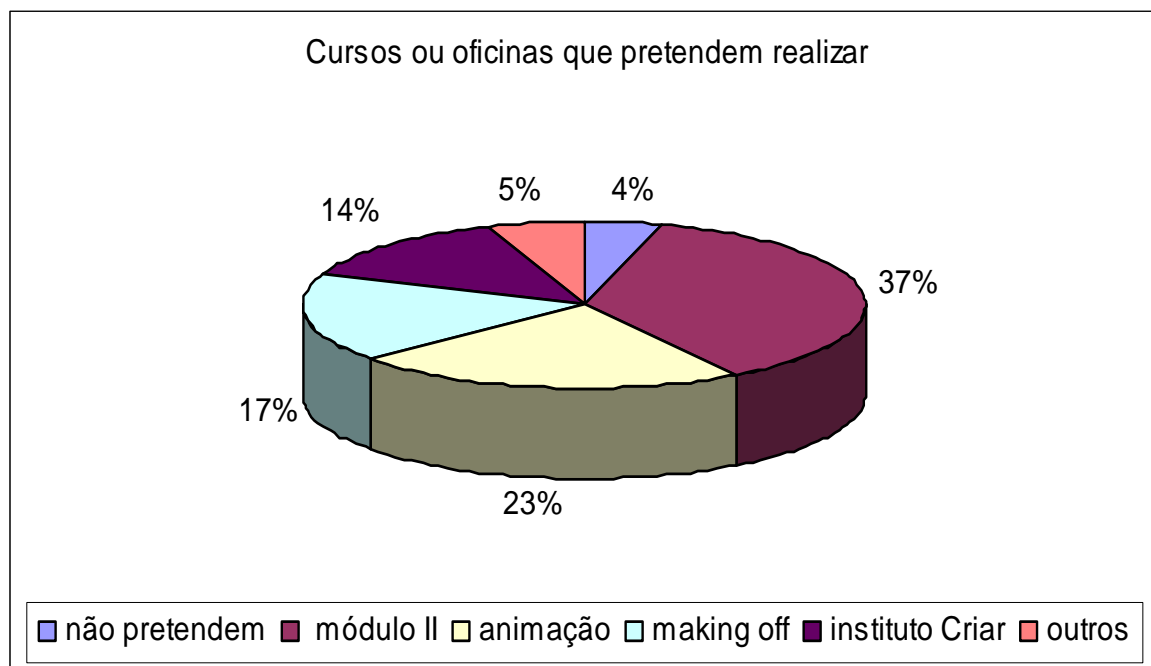
- “Processo difícil e gradativo de aceitação do público para visões diferentes”
- “Dificuldade em passar um ponto de vista novo à comunidade e à sociedade”
- “As pessoas não estão acostumadas a assistir filmes nacionais e nem a refletir sobre o que assistem. Sem reflexão fica difícil transformar”

A maior dificuldade encontrada, no entanto, foi a colocação dos alunos no mercado de trabalho do audiovisual. Essa dificuldade reafirma a necessidade da Kinoforum em refletir (1) sobre a distinção de um processo formativo e profissionalizante, como já fora afirmado anteriormente, e (2) o estímulo a novas formas de produção tais como os núcleos audiovisuais.

Sobre a continuidade no aprendizado, apenas 4% não pretendem fazer novos cursos ligados ao audiovisual, 77% gostariam de fazer outros cursos nas Oficinas Kinoforum,

14% gostariam de realizar cursos no Instituto Criar e 5 % pensam em outras possibilidades. Entre esses, uns poucos se mostraram dispostos a fazer uma faculdade ligada ao audiovisual e muitos demonstraram que gostariam de fazer outros cursos, mas não têm recursos suficientes para isso. Esses dados estão dispostos no gráfico que se segue:

Gráfico 29

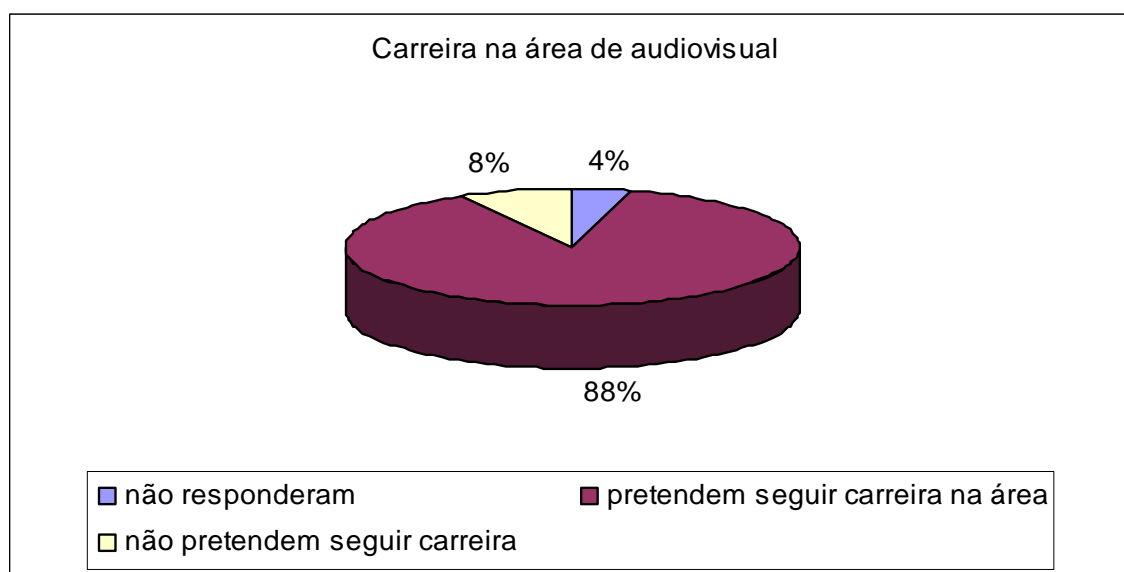


5. Perspectivas dos alunos no mercado de trabalho do audiovisual

Como sugerido pelos objetivos das Oficinas e mencionado em outros momentos deste relatório, os cursos promovidos pelo projeto não têm a intenção e vocação de inserir seus alunos no mercado de trabalho do audiovisual. Contudo, essa questão surge não somente nas expectativas dos alunos como também se releva como uma das possíveis conseqüências derivadas da ação desenvolvida pelas Oficinas.

Dos estudantes que participaram da pesquisa utilizada por este relatório, 88% pretende algum dia seguir carreira na área, como se verifica no gráfico abaixo:

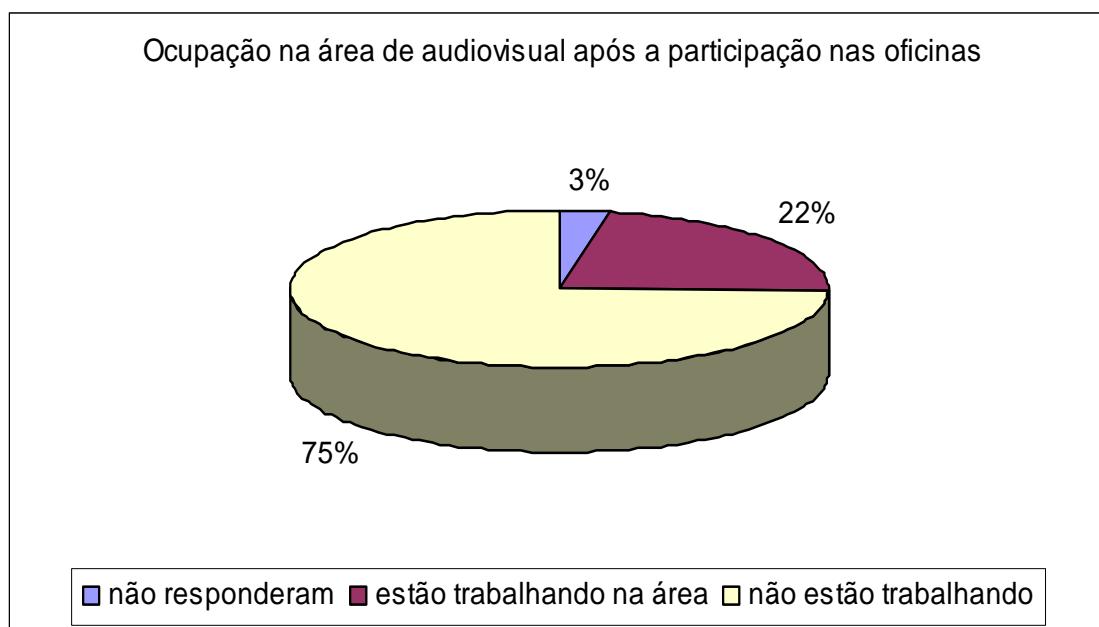
Gráfico 30



Essa pretensão pode encontrar sua origem tanto no interesse pelo audiovisual suscitado pela Oficina em seus participantes, quando por questões cruciais que se apresentam no cenário da nossa sociedade. Ou seja, a crise geral do mercado de trabalho, a dificuldade de inserção dos jovens no mesmo e a necessidade desta colocação por esses indivíduos que não possuem meios para o financiamento de sua inatividade.

O gráfico abaixo reforça o indicativo de que essa pretensão reside no problema de inserção no mercado de trabalho.

Gráfico 31



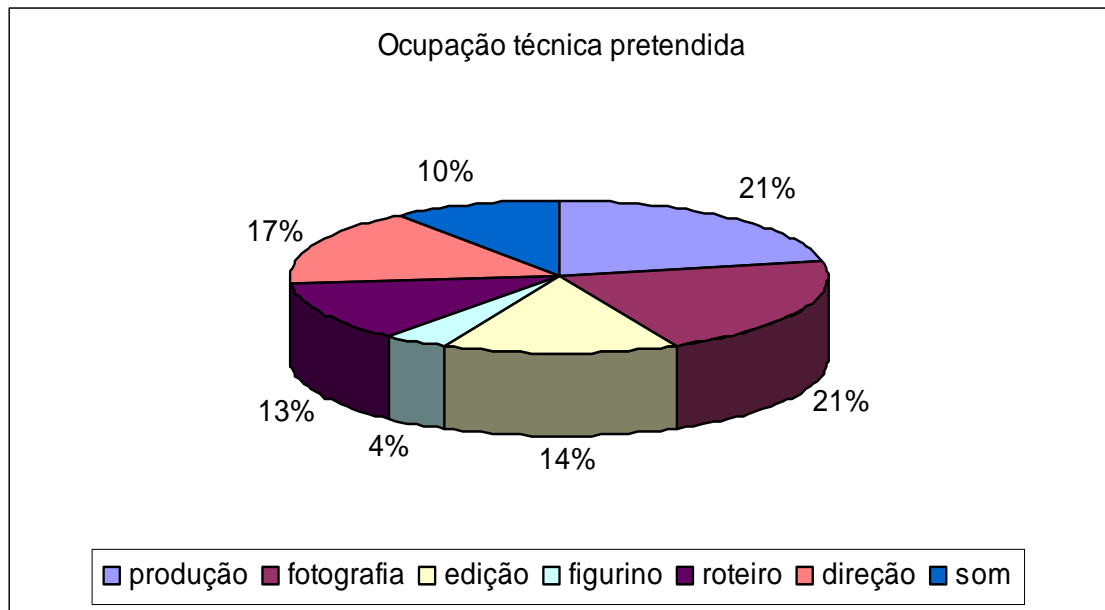
Pois, 75% dos entrevistados se encontram fora do mercado. E, possivelmente, esperam uma oportunidade para que sejam inseridos, mesmo que precariamente.

Diante das últimas possibilidades de indicativos para o alto índice de pretensão de se iniciar uma carreira na área audiovisual, poucas saídas podem ser encontradas e tomadas pelo projeto. Primeiro, a idéia de torna as Oficinas um curso profissionalizante só aumentaria o exército de reserva da área e não necessariamente se criariam novas oportunidades de ocupação.

Segundo, as Oficinas entrariam em uma seara complicada, pois tal atitude poderia culminar na perda de resultados que garantem a formação desses alunos para além da questão do mercado de trabalho.

Muitos jovens, quando questionados sobre quais ocupações seguiriam caso tivessem a oportunidade de se inserir no mercado apontam as seguintes áreas, como se verifica abaixo:

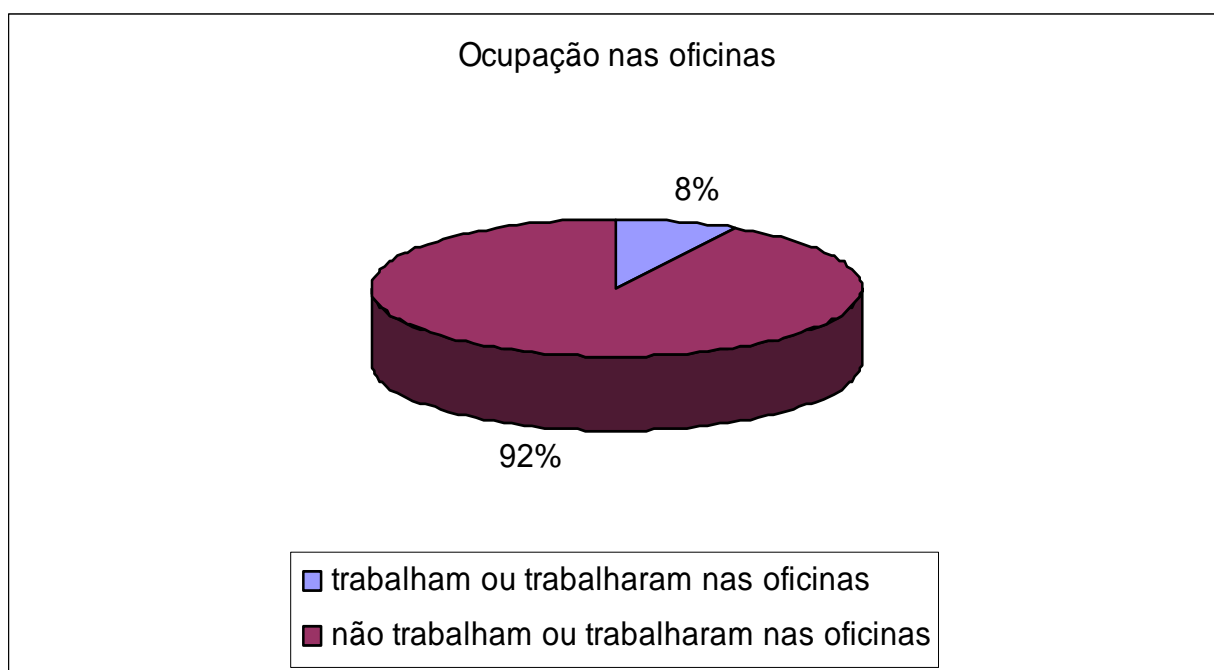
Gráfico 32



Esses dados podem ser levados em conta para disponibilização em um eventual banco de dados criado pelo projeto.

De certa forma, as Oficinas Kinoforum também se colocam no lugar de contratantes em potencial dessas futuras mãos de obra, contudo, não se deve tomar isto como um objetivo do projeto, sobretudo em relação aos números que essa ação representa.

Gráfico 33



Os números indicados pelo gráfico acima denotam que esta ação das Oficinas não possui representatividade no que diz respeito à colocação dos participantes no mercado audiovisual. Somente responde à questão de que sendo a Kinoforum, entre outras coisas, uma instituição que presta serviços e, portanto, requer mão de obra, se dispõe a buscá-la em seu quadro de alunos.

O balanço desta ação, como positivo, pode ser dito como um reforço para a criação de um banco que disponibilize dados referentes aos participantes para que outras instituições afins sigam o mesmo caminho.

6. Relação com entidades das comunidades

Neste tópico investigaremos os resultados alcançados pelas Oficinas a partir do ponto de vista de suas instituições parceiras e, concomitantemente, os pontos negativos, positivos e dificuldades encontradas por esses parceiros.

Para tanto, buscamos contemplar o universo das instituições em que se realizaram as oficinas, selecionando uma amostra de entidades que fosse coerente à distribuição geográfica das ações do projeto e a diversidade das entidades que esse atende.

Desde modo, contamos com a participação das seguintes instituições:

1 – Centro Cultural Monte Azul (zona sul do município de São Paulo): promove oficinas culturais de diversas áreas para um público composto por crianças, jovens, adultos, terceira idade, moradores da comunidade e do entorno. Parceira das Oficinas em 2001.

2 – Centro Cultural Canhema (Diadema- Grande São Paulo): Centro cultural da prefeitura de Diadema, promove oficinas culturais para público infantil, jovem e adulto em diversas áreas como: Teatro Infantil, Artes Plásticas, Iniciação Musical, Dança Contemporânea Infantil, Dança de Salão, Circo, Hip Hop, Dança de Rua, Grafite, Discotecagem e RAP/MC. Parceira das Oficinas em 2002

3 – Associação Cantareira (zona norte do município de São Paulo): promove inúmeras atividades culturais, para os membros da comunidade. Parceira das Oficinas em 2003

4 – CEDECA Interlagos (zona sul do município de São Paulo): Trabalha em defesa da promoção do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), atuando com jovens em sistema de Liberdade Assistida. Parceira das Oficinas no ano de 2004.

5 – ONG Cala Boca Já Morreu (zona oeste do município de São Paulo): Trabalha com a formação em comunicação social de pessoas de diversas faixas etárias. Foi parceira das Oficinas em 2005.

6 – Sede Escola Ação Cultural Indígena Pankararu (zona sul do município de São Paulo): Trabalha com o grupo de índio Pankararu habitantes da periferia da cidade de São Paulo com a intenção de preservar e divulgar a cultura indígena Pankararu, levando em conta as novas ferramentas tecnológicas, desenvolvendo práticas de interação ecológica que privilegiem a sustentabilidade do grupo e a economia solidária.

7 – Instituto Arte e Cultura Garatuja (localizado no centro do município de Atibaia): Atua com um público diverso, composto por crianças, jovens e adultos, na realização de cursos e oficinas culturais.

Essas instituições foram questionadas sobre (1) a motivação para sediar as Oficinas; (2) as mudanças que identificam nos alunos das Oficinas com os quais têm vínculo; (3) quais dificuldades encontraram durante a realização das Oficinas

As instituições apresentaram motivações similares para o estabelecimento da parceria com o projeto. Das sete instituições citadas acima, seis apontam como motivação para o estabelecimento da parceria com as Oficinas a intenção de apresentar aos participantes, membros da entidade, uma nova linguagem, da qual esses podem se apropriar para utiliza – lá no processo de transformação da comunidade.

Quatro instituições possuíam também a intenção de apresentar uma nova linguagem para que esses participantes ampliassem seus conhecimentos gerais. Apenas duas revelaram acreditar que o aprendizado conquistado com a participação nas Oficinas colaborasse com a inserção desses no mercado de trabalho audiovisual.

As intenções mais citadas convergem para os objetivos das Oficinas. Porém, quando questionados sobre o alcance dessas intenções, ou seja, sobre quantos participantes de fato atenderam a essas expectativas, aplicando o conhecimento conquistado para atuar na comunidade, somente três instituições indicam ações atuais que tendem para esse caminho.

O Centro Cultural Monte Azul revela que três jovens desenvolveram e atuam no núcleo audiovisual NERAMA e colaboram com a entidade na realização de duas mostras de cinema que esta promove.

A Associação Cantareira indica que alguns jovens que estão envolvidos em projetos e atividades comunitárias, utilizam o audiovisual como recurso didático. Já a Sede Escola de Ação Pankararu, aponta um jovem que a partir das oficinas passou a compor a equipe da instituição que está realizando um documentário sobre a nação indígena Pankararu, localizada na favela do Real Park (na zona sul do município de São Paulo), em parceria com CUFA (Central Unida das Favelas/RJ) e o LISA-USP (Laboratório de Som e Imagem em Antropologia da USP).

Nota-se diante deste número, portanto, um entrave entre a intenção e a concretização da mesma.

Quanto à origem desse entrave se pode indicar, como já mencionado neste relatório (item 4), a questão do relacionamento com o grupo, ou seja, a problemas encontrados pelos próprios alunos durante o processo de trabalho coletivo das Oficinas.

Todavia, não se pode invalidar os resultados apresentados nesses casos. Esses têm relevância como ações positivas, tanto como conseqüências relacionadas ao estímulo gerado pelas Oficinas quanto, por se tratar de um provável exemplo de atitude e autonomia dos participantes. Sendo essas, atitude e autonomia, questão central para o debate entre projetos que visem contribuir com o aumento e o estímulo das ações afirmativas dos jovens.

Partindo deste pressuposto, se coloca aqui um caso ocorrido com participantes vinculados à entidade CEDECA Interlagos.

A instituição alega que dez participantes iniciaram um projeto, com apoio da instituição, que envolvia o audiovisual como ferramenta pedagógica. Para garantir a produção dos filmes, jovens e entidade articularam o empréstimo de equipamentos de filmagem e utilizavam a ilha de edição do CEU Cidade Dutra. Esta deixou de ser utilizada por dificuldades burocráticas que foram impostas a partir da mudança de gestão do CEU. Concomitante a esta ação, entidade e jovens encaminharam o projeto para seleção de

pontos de cultura do MINC (Ministério da Cultura), conseguindo a aprovação de seu financiamento. Contudo, até o presente momento, não foram enviados os equipamentos necessários para formação do núcleo audiovisual. Tais problemas paralisaram o projeto que se inviabilizou diante da falta de recursos técnicos.

O que se apresenta neste relato é um indicativo para uma das problemáticas que envolvem o não desenvolvimento de projetos propostos por entidades e/ou jovens. Ou seja, a falta de recursos financeiros e, por conseguinte, técnicos.

Diante disso, se coloca para as oficinas uma nova possibilidade de ampliação da ação que desenvolve. Qual seja, colaborar com os processos de articulação de jovens e/ou instituições com equipamentos do entorno das comunidades e outros equipamentos; ou órgãos que possuam os subsídios técnicos e financeiros para a prática de atividades audiovisuais propostas por alunos e parceiros.

Tal ampliação da ação das Oficinas não sugere a transposição de todos os entraves existentes para a consolidação desse tipo de atitude tomada por seus participantes e parceiros locais. Mas, acrescentaria força às capacidades que as Oficinas ajudam a despertar naqueles que participam de seus cursos.

Seis instituições apontam como transformações sentidas nos alunos das Oficinas – mesmo aqueles que somente participaram do módulo I – o aumento ou surgimento da capacidade nesses alunos em localizar, acessar e usar melhor as informações que conseguem alcançar e acumular. Essa informação contradiz as respostas obtidas pelos questionários voltados aos alunos (ver item 4.1). Porém, mesmo se considerarmos a resposta das instituições como verdadeira, essa habilidade não garante que esses participantes consigam transpor barreiras tais como: burocracia, descrédito a sua condição de jovem nos diálogos que estabelecem com outros atores da comunidade e, sobretudo, de se articularem entre si para consolidarem um grupo de trabalho coletivo.

Como não poderia deixar de constar neste item, as instituições parceiras apontaram dificuldades encontradas durante a realização das Oficinas. Essas dificuldades variam de entidade para entidade, mostrando que neste ponto não houve similaridade entre as respostas.

Essas dificuldades são mencionadas abaixo para o conhecimento do projeto e para que sejam consideradas em um futuro processo avaliativo do mesmo:

- “Dificuldades nas articulações iniciais da parceria. Os encaminhamentos tiveram ruídos de comunicação, os quais foram superados com dialogo posterior”.
- “Dificuldades em conciliar a linhas pedagógicas das Oficinas e da entidade”.
- “Dificuldades relacionadas ao comportamento dos jovens, movidos pela energia e pela agitação inerentes a idade”.
- “Dificuldade de dispor um espaço maior para realização das Oficinas”.
- “Dificuldades financeiras para colaborar com a realização das Oficinas”.
- “Dificuldade para disponibilizar um vigia para os equipamentos nos finais de semana”.

Apenas uma instituição alegou não ter tido nenhuma dificuldade durante a implementação e realização do curso.

Muitas das dificuldades acima citadas, não apontam relação direta com a teoria ou pratica das Oficinas. Todavia, mesmo sendo indicadas pela minoria das instituições investigadas, as dificuldades sugeridas como originarias de questões como ruídos de comunicação e incompatibilidade de linha pedagógica precisam ser aprofundadas e diagnosticadas pela equipe das Oficinas, para que de fato se delineiem ou não como problemas.

As sugestões indicadas pelas parcerias locais das Oficinas, sobretudo as que se encaminham para ações que garantam a continuidade do processo de aprendizado dos participantes, podem ser verificadas abaixo:

- “As Oficinas são pontuais e não mantém um processo de continuidade que atenda a todos os participantes. Essa atividade é bastante cara e para o jovem da periferia fica difícil manter sua vocação cinematográfica”.
- “De enfatizar mais a importância e a possibilidade de desenvolver esse tipo de oficinas para outros órgãos e instituições principalmente com pessoas que nunca tiveram contato com essas técnicas”.

- “A capacidade de organização e a didática desenvolvida pela Kinoforum é algo impressionante, o participante é protagonista em todo o processo. Porém é preciso pensar em uma forma de continuidade mais ampla para que esses aprendizados e possibilidades não se percam”.
- “Continuarmos parceiros em outras oficinas e módulos”
- “Reformular o processo de edição dos filmes, pois está deixando a desejar já que não é realizada pelos participantes. Além disso, seria importante aumentar o tempo da oficina para incluir discussões visando a formação crítica para as mídias”.
- “Acredito que a continuidade desta iniciativa tanto para o aperfeiçoamento daqueles que foram iniciados, como na iniciação de novos alunos da favela seria ótimo”.
- “Sugiro que com a imensa experiência das Oficinas se crie um núcleo permanente em São Paulo de produção audiovisual. E que também pesquisem sobre sócio – educação, pois são poucos os profissionais que têm conhecimento de audiovisual e noção sobre o processo educativo. No sentido de oportunizar aos jovens um processo de reflexão sobre si, convivência e valores, valendo-se do audiovisual”.

Com isso, mais uma vez se coloca para o projeto a necessidade de se pensar em mecanismos que busquem contemplar a continuidade da ação nos locais em que se insere.

As mudanças e resultados que as Oficinas geram naqueles que têm contato com a realização do projeto são inúmeras e aparecem no depoimento de jovens e parceiros. Porém, mesmo aqueles que buscam garantir algum tipo de continuidade, apontam dificuldades em garanti-la sem nenhum apoio técnico ou institucional.

As instituições, quando questionadas sobre a adoção do audiovisual como instrumento pedagógico após as Oficinas indicam, mais uma vez, a dificuldade financeira e a falta de recursos técnicos. Somente três instituições alegam ter adotado algumas modificações nas atividades que já realizavam com audiovisual, depois das Oficinas.

7. Conclusão

7.1. As Oficinas e o mercado de trabalho

Como se pôde constatar, a questão da abertura do mercado de trabalho para os alunos da Kinoforum é bastante complicada. Em primeiro lugar, temos cursos que não se voltam para a profissionalização e, caso se voltassem a isso, seriam totalmente descaracterizados. Isso porque o projeto visa uma formação mais ampla e objetiva a difusão do conteúdo do curso na própria comunidade.

No entanto, não se pode fugir a esse problema, visto a possibilidade de decepção por parte dos alunos quanto a isso. Nesse sentido, buscaremos indicar algumas alternativas. Não se tratam de soluções, pois a questão do mercado de trabalho tem caráter estrutural e as Oficinas sempre terão de lidar com ele. A questão que se coloca é: como lidar com esse problema?

Em primeiro lugar, é necessária uma apresentação do curso aos alunos que já leve em consideração o possível equívoco por parte deles quanto à natureza do projeto. Ou seja, logo que a Kinoforum toma contato com a comunidade, deve deixar claro que o projeto não se volta à profissionalização.

Também é bastante interessante que seja aberto um debate com a instituição da comunidade e com os alunos no sentido de se pensar conjuntamente os entraves no mercado do audiovisual (os próprios monitores das Oficinas podem apresentar suas dificuldades); a questão do desemprego; em que a formação no audiovisual pode ajudar como possibilidade crítica; soluções para um “novo” mercado audiovisual etc. Dessa reflexão conjunta, não apenas se esclarecerá os objetivos do projeto como podem surgir novas propostas, tais como rede de produtores de audiovisual, busca de todos por diversas formas de financiamento que não apenas as determinadas pelo mercado, rede de troca de informações entre os alunos etc. Esse debate pode ocorrer no fechamento das oficinas, quando a questão da continuidade deve ser posta não apenas tendo em vista a questão do mercado de trabalho, mas, principalmente, no que tange ao trabalho de transformação das comunidades mediante o audiovisual.

Outra idéia de fácil implementação é a disponibilização de informações para empresas na área do audiovisual sobre as Oficinas. Nesse caso, deve-se disponibilizar um banco de dados com currículos e produções dos alunos, que estejam dispostos a trabalhar na área, a essas empresas. Por outro lado, é interessante que as Oficinas mantenham uma lista de e-mail dos alunos para uma permanente divulgação de outros cursos, de empregos, de concursos, de financiamentos a projetos, de bolsas etc. No entanto, caso esse sistema seja implantado, deve-se informar aos alunos que a Kinoforum não é agência de emprego, mas apenas facilita a transmissão de informações entre os alunos e empresas da área. Deve ficar bastante claro aos alunos que, além de sustentar essa rede de informações, o projeto não se responsabiliza pela colocação do aluno no mercado de trabalho.

Por fim, a Kinoforum deve aprofundar a experiência dos núcleos, pois essa é a alternativa mais interessante no que tange às possibilidades de inserção no mercado. E isso justamente porque foge ao “normal” do mercado. Nesse sentido, é necessário um acompanhamento mais próximo da Kinoforum aos Núcleos já formados, a começar por uma pesquisa que trate dos caminhos e desafios encontrados por eles para posterior divulgação nas Oficinas. Para além de núcleos voltados à produção e divulgação do audiovisual, seria interessante o fomento de grupos voltados à pesquisa que podem se manter mediante bolsas de estudo. Nesse caso, é possível uma associação da Kinoforum ou das entidades das comunidades com agências financiadoras de pesquisa tais como a CAPES ou a FAPESP. Esse estímulo é interessante para a ampliação da formação crítica diante dos audiovisuais, fazendo com que o impulso de continuidade dos alunos vá além da produção de vídeos.

7.2. Coletivo

Como foi constatado no item 4.1 desse relatório, há muita dificuldade entre os alunos em sua relação com o grupo. Tal dificuldade é esperada, pois o trabalho coletivo é estranho não apenas à forma convencional de produção de audiovisuais, como é nova para qualquer um que esteja acostumado a trabalhar recebendo ou dando ordens. Nesse sentido, torna-se necessário um acompanhamento das Oficinas a aspectos restritos às questões de grupo. Esse trabalho extra das Oficinas é interessante não apenas para o funcionamento do curso em si, como para a mudança de paradigma na forma da produção artística. Nesse sentido, talvez seja interessante às oficinas explicitar o debate sobre as diversas formas de produção para que disso possam surgir novas formas de organização que não estejam baseadas na hierarquia.

Também pode ser importante para as oficinas a manutenção de um especialista de outra área, que não o audiovisual, para o acompanhamento dos grupos, tal como psicólogos ou sociólogos. Deve-se ressaltar que esse apoio pode ser relevante para outros aspectos do projeto, como a manutenção de avaliações permanentes, discussões sobre a questão do mercado de trabalho entre outras, acompanhamento e suporte dos Núcleos Audiovisuais ou de outras formas de continuidade por parte dos alunos etc.

7.3. Localização das Oficinas

Nesse item gostaríamos de ressaltar a alta concentração das Oficinas nas zonas Sul e Oeste da cidade de São Paulo, como se pode constatar no item 2.3 desse relatório. Tendo em vista o público visado pelo projeto, seria interessante que houvesse mais oficinas na Zona Leste da cidade.

7.4. Continuidade

Sobre a questão da continuidade da experiência das Oficinas, surgida nas respostas de alunos e instituições parceiras, nota-se a forte necessidade de elaboração de mecanismos que garantam a realização da mesma. Ou seja, se faz imprescindível o apontamento de

algumas soluções para que entidades e, sobretudo, alunos conquistem essa continuidade mesmo sem a participação direta das Oficinas.

Sabe-se que uma das grandes problemáticas para efetivação de meios de garantia do processo de continuidade, reside na falta de recursos financeiros e técnicos. E, como apresentado em outro momento deste relatório, sugere-se a colaboração do projeto nas tramitações entre os locais que podem ao menos disponibilizar esses recursos técnicos.

Abaixo colocamos a apresentação dos recursos disponíveis nos CEUS e o mapa de distribuição dos mesmos na cidade de São Paulo:

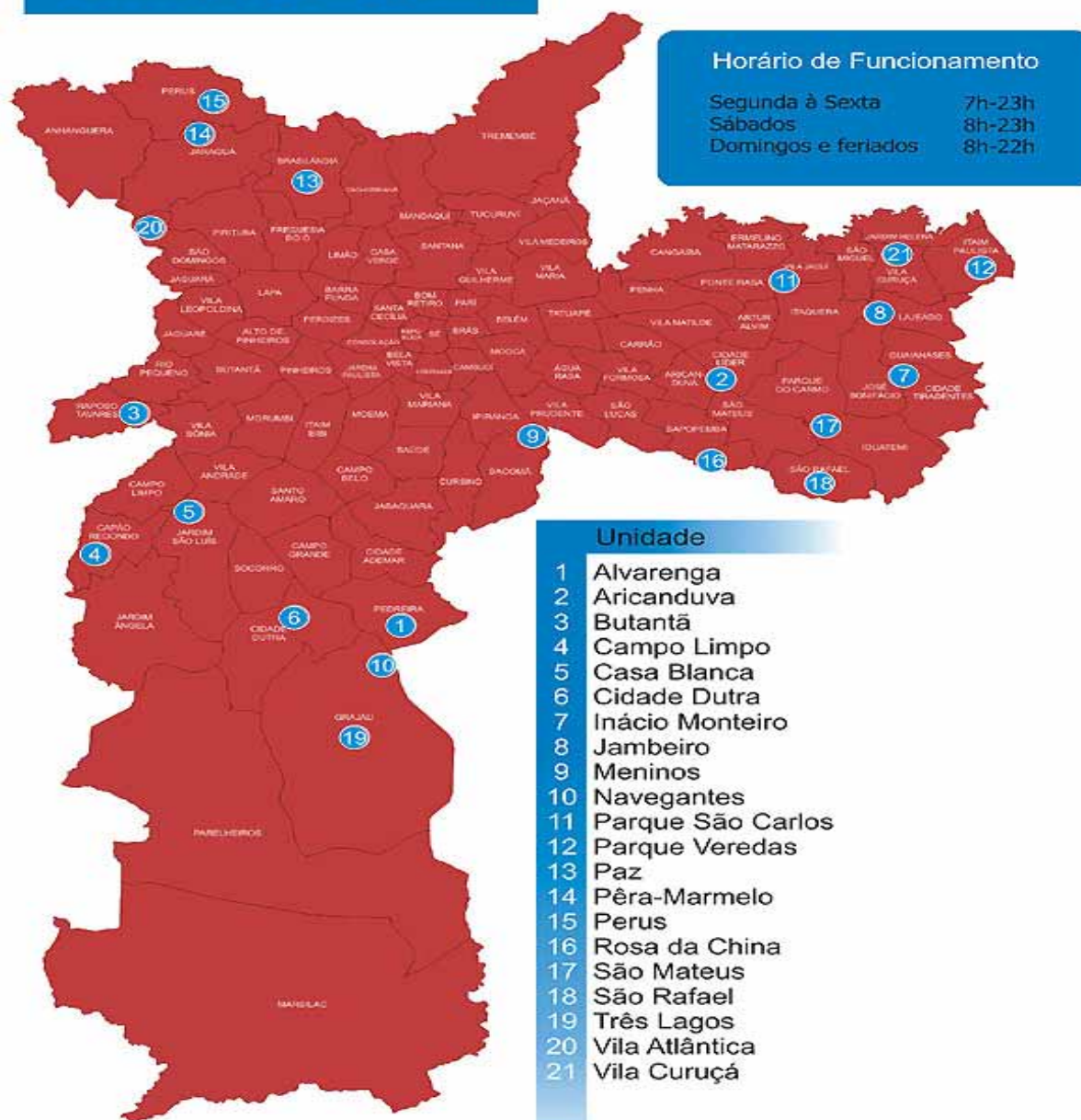
Apresentação da proposta do Centro de Educação Unificado – CEU versão oficial/ site

www.prefeitura.sp.gov.br

- Centros Educacionais Unificados - CEUs
- Desde 1º de agosto de 2003, a Prefeitura entregou 21 Centros de Educação Unificados (CEUs) na cidade de São Paulo. Os complexos educacionais incluem creche, Escola de Educação Infantil, Escola de Ensino Fundamental, playground, centro comunitário, teatro, cinema, biblioteca, quadras de esportes, piscinas, vestiários, ateliês, **estúdios para oficinas de vídeo, TV, rádio e fotografia**, telecentro, pista de skate e área verde, os CEUs oferecem educação, esporte, cultura, lazer e aulas de informática em um mesmo local.

- **O projeto oferece formação em recursos educativos e culturais, integrados com a realidade da comunidade e direcionada a toda a família. Trata-se de uma escola que visa formar cidadãos multiplicadores dos conceitos ali desenvolvidos.**
- **Os CEUs aproveitam o conceito das pracinhas das periferias e pequenas cidades do interior - ponto de encontro da comunidade. A concepção do projeto atende a três objetivos específicos:**
- **- Desenvolvimento integral das crianças e dos jovens.**
- **- Pólo de desenvolvimento da comunidade.**
- **- Pólo de inovação de experiências educacionais.**

Encontre o CEU mais próximo



fonte: www.prefeitura.sp.gov.br

Diante desses dados percebemos que existe, caso seja elaborada as formas de articulação, a possibilidade de apropriação desses equipamentos para garantia de continuidade da experiência das Oficinas por parte de seus parceiros e alunos.

Porém, existe uma outra saída plausível a questões não relacionadas aos recursos tecnológicos (ligados à posse de recursos materiais) e que apresenta um alto nível de dificuldade de solução. Trata-se de recursos pedagógicos de extrema importância para efetivação do processo de continuidade. Qual seja, o projeto se certificar da participação de um educador da instituição em que se inserem, que passe assumir o papel de referência e de propagador do conhecimento adquirido no curso. Garantida essa participação, o projeto passa a contar com um apoio para colaborar com os alunos que buscam atuar na comunidade através do audiovisual e difundir informações sobre área.

Ainda em relação à difusão de informações e ações que visem a continuidade da experiência das Oficinas, apontamos também a reconstrução do fórum de alunos do projeto. Esse possui as características de estreitar vínculos entre o projeto e alunos e entre esses próprios que contarão com a experiência de iguais pra definir e até mesmo ampliar ações que busquem realizar ou que já realizam.

7. 5. Novas pesquisas

Devido ao tempo escasso para a realização desse relatório, algumas questões sobre as oficinas foram pouco aprofundadas. Nesse sentido, indicamos algumas pesquisas para serem mais desenvolvidas posteriormente:

- Funcionamento dos Núcleos Audiovisuais;
- Censo com todos os alunos sobre dados gerais – idade, gênero, renda etc – para a manutenção de um banco de dados completo das Oficinas;
- Realização de pesquisa qualitativa com os alunos e também com aqueles que deram aulas nas oficinas visando um quadro subjetivo mais completo;
- Processo de avaliação permanente em cada uma das oficinas realizado pelo profissional de apoio (sociólogo ou psicólogo)

ANEXO 3

ANEXO 3

ANEXO 3A - QUESTIONÁRIOS ELABORADOS PARA A NOSSA PESQUISA INICIAL COM OS ALUNOS DA KINOFORUM

QUESTIONÁRIO 1

Sobre a participação nas Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual (para os alunos e ex-alunos).

1. De qual a oficina você participou (em que bairro de São Paulo)?

- a. Zona Norte. _____
- b. Zona Sul. _____
- c. Zona Leste. _____
- d. Zona Oeste. _____
- e. Centro. _____
- f. Outro local. _____

2. Em que ano participou?

- a. 2001 c. 2002 e. 2003
- b. 2004 d. 2005 f. 2006

3. Atualmente você é:

- a. Aluno.
- b. Ex-aluno.

4. Por que você se inscreveu na oficina?

- a. Curiosidade
 - b. Desejo de conhecer como se trabalha na área audiovisual.
 - c. Quer trabalhar na área de cinema e vídeo.
 - d. Quer preencher um horário vago com atividade cultural.
 - e. Outro motivo _____
- _____
- _____

5. Você já tinha algum conhecimento na área de cinema e vídeo antes de participar das oficinas?

- a. Não.
 - b. Sim. Qual? _____
- _____

6. O que você esperava dessa participação na oficina?

- a. Fazer um filme (curta).
 - b. Trabalhar na área de cinema e vídeo.
 - c. Preencher um horário vago com atividade cultural.
 - d. outro motivo _____
-

7. Quais tipos de programas são seus favoritos na TV?

- a. Novelas. Quais? _____
- b. Filmes. Quais? _____
- c. Telejornais. Quais? _____
- d. Entretenimento/ variedade. Quais? _____
- e. Culturais. Quais? _____
- f. Outros. Quais? _____

8. O que mudou depois de você participar da oficina? Descobriu algo novo? O que a experiência de fazer um filme acrescentou à sua vida?

- a. Realizou um sonho.
- b. Passou a assistir aos programas de TV e filmes em geral com o olhar mais crítico.
- c. Aprendeu a trabalhar em grupo.
- d. Sentiu-se um como se fosse um profissional do audiovisual.
- e. Saciou a curiosidade de saber como é “por trás das câmeras”, os bastidores da produção de curta-metragens.
- f. Nada.
- g. Outra coisa. O quê?

9. Quais foram as dificuldades que você enfrentou durante a sua participação nas oficinas?

- a. Técnicas: operação de equipamentos, roteiro, entrevistas, lugares para filmagens, atores, etc.
- b. Não conseguiu compreender bem todas as aulas ou parte delas. Quais? _____
- c. Conciliar o emprego com as atividades.
- d. O fato de ser sempre nos fins de semana com início pela manhã.

- e. () Pais, familiares ou companheiros não eram a favor.
 - f. () Meio de transporte.
 - g. () Outras _____
-
-
-

10. De quais oficinas participou?

- a. () módulo I
- b. () módulo II
- c. () Animação
- d. () Making Off
- e. () Instituto Criar
- f. () Outra Instituição. Qual?

11. Pretende participar de outras oficinas? Quais?

- a. () módulo I
- b. () módulo II
- c. () Animação
- d. () Making Off
- e. () Instituto Criar
- f. () Outra Instituição. Qual?

12. Passou a trabalhar na área audiovisual depois da oficina?

- a. () Não.
- b. () Sim. Onde? _____

13. Trabalha ou já trabalhou como monitor nas oficinas Kinoforum?

- a. () Não.
- b. () Sim. Em que área? _____

14. Pretende, algum dia, seguir carreira na área de cinema e vídeo?

- a. () Não.
- b. () Sim. Como e onde? _____

QUESTIONÁRIO 2

Perfil sócio-econômico¹ dos alunos das oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual.

1. GRAU DE INSTRUÇÃO

1 Você

- a. Superior
- b. 2º Grau completo
- c. 2º Grau incompleto
- d. 1º Grau completo
- e. 1º Grau incompleto
- f. Até 4ª série

2 Mãe

- a. Superior
- b. 2º Grau completo
- c. 2º Grau incompleto
- d. 1º Grau completo
- e. 1º Grau incompleto
- f. Até 4ª série

3 Pai

- a. Superior
- b. 2º Grau completo
- c. 2º Grau incompleto
- d. 1º Grau completo
- e. 1º Grau incompleto
- f. Até 4ª série

3.1 CONDIÇÕES FINANCEIRAS

2. Renda familiar²:

- a. Mais de 7 mil reais
- b. De R\$ 3850,00 a R\$ 7000,00
- c. De R\$ 2450,00 a R\$ 3850,00
- d. De R\$ 1400,00 a 2450,00
- e. De R\$ 350,00 a R\$ 1050,00

¹ Fonte: Adaptado do questionário enviado aos pais pela Escola Municipal de 1º Grau "Dr. Fábio da Silva Prado", fornecido pela Prof^a. Nanci Sperandio.

² Considerando a partir do salário mínimo atual, de R\$ 350,00 a vinte salários mínimos ou mais.

3. Quem trabalha na família:

- a. Pai
- b. Mãe
- c. Filhos maiores de 14 anos
- d. Filhos menores de 14 anos
- e. Outros

Quantas pessoas trabalham no todo? _____

4. Como trabalha?

Pai

- a. Autônomo
- b. Empregador
- c. Empregado
- d. Desempregado
- e. Não trabalha fora

Profissão

Mãe

- a. Autônoma
- b. Empregadora
- c. Empregada
- d. Desempregada
- e. Não trabalha fora

Profissão

Você

- a. Autônomo(a)
- b. Empregador(a)
- c. Empregado(a)
- d. Desempregado(a)
- e. Não trabalha fora

Profissão

CONDIÇÕES DE VIDA:

5. Em qual bairro você mora?

- a. Zona Norte. _____
- b. Zona Sul. _____
- c. Zona Leste. _____
- d. Zona Oeste. _____
- e. Centro. _____
- f. Outro local. _____

6. A casa onde mora é:

- a. Própria
- b. Alugada com 1 família
- c. Alugada com 2 ou mais famílias
- d. Cedida

7. Tipo de casa:

- a. Térrea
- b. Sobrado
- c. Apartamento
- d. Muitas famílias no mesmo quintal

8. Tipo de construção:

- a. Alvenaria (tijolo, concreto, etc.)
- b. Madeira, tábuas.

9. Há favela no bairro?

- a. Sim.
- b. Não.

10. Em sua casa há:

- | | |
|--|---|
| 1. <input type="checkbox"/> relógio | 13. <input type="checkbox"/> bate-deira |
| 2. <input type="checkbox"/> rádio | 14. <input type="checkbox"/> mp3 player |
| 3. <input type="checkbox"/> televisão | 15. <input type="checkbox"/> filmadora |
| 4. <input type="checkbox"/> geladeira | 16. <input type="checkbox"/> freezer |
| 5. <input type="checkbox"/> aspirador de pó | 17. <input type="checkbox"/> computador |
| 6. <input type="checkbox"/> máquina de lavar | 18. <input type="checkbox"/> secadora |
| 7. <input type="checkbox"/> bicicleta | 19. <input type="checkbox"/> moto |
| 8. <input type="checkbox"/> telefone fixo | 20. <input type="checkbox"/> celular |
| 9. <input type="checkbox"/> liquidificador | 21. <input type="checkbox"/> ipod, etc. |
| 10. <input type="checkbox"/> aparelho de som | 22. <input type="checkbox"/> lava-louças |
| 11. <input type="checkbox"/> vídeo/DVD | 23. <input type="checkbox"/> carro |
| 12. <input type="checkbox"/> microondas | 24. <input type="checkbox"/> Outros: Quais? |
-
-

11. Sua rua tem:

- | | |
|---|--|
| 1. <input type="checkbox"/> água encanada | 16. <input type="checkbox"/> correio |
| 2. <input type="checkbox"/> luz | 17. <input type="checkbox"/> banca de jornal |
| 3. <input type="checkbox"/> esgoto | 18. <input type="checkbox"/> orelhão |
| 4. <input type="checkbox"/> coleta de lixo | 19. <input type="checkbox"/> dentista |
| 5. <input type="checkbox"/> coleta seletiva de lixo | 20. <input type="checkbox"/> farmácia |
| 6. <input type="checkbox"/> asfalto | 21. <input type="checkbox"/> teatro |
| 7. <input type="checkbox"/> área de lazer | 22. <input type="checkbox"/> igreja |
| 8. <input type="checkbox"/> cinema | 23. <input type="checkbox"/> indústria |
| 9. <input type="checkbox"/> biblioteca | 24. <input type="checkbox"/> lojas |
| 10. <input type="checkbox"/> posto de saúde | 25. <input type="checkbox"/> bancos |

11. () consultório médico 26. () supermercado
12. () delegacia 27. () posto de gasolina
13. () clube 28. () hospital
14. () feira livre (dia _____) 29. () ponto inicial ou terminal de ônibus
15. () outro elemento, qual ?
-
-

12. Qual o transporte mais usado pela família?

- a. () carro b. () trem
c. () ônibus d. () metrô
e. () outro: _____

- Condição: a. () Má b. () Ruim c. () Regular
d. () Boa e. () Ótima

13. Sua rua é:

- a. () arborizada
b. () limpa
c. () suja
d. () é feita a limpeza das guias
e. () tem terrenos baldios sem cercar ?
f. () tem terreno baldio do Estado ou da Prefeitura ?
g. () são cercados? Quantos? _____

14. Sua casa tem:

- a. () jardim b. () espaço livre c. () não tem espaço
d. () horta e. () árvores frutíferas

15. Você tem registros deste bairro:

- a. () fotos antigas _____ atuais _____
b. () jornais antigas _____ atuais _____
c. () fitas de vídeo antigas _____ atuais _____
d. () outros: documentos do início do bairro, etc.
e. () nenhum dos itens anteriores.

16. Seu bairro tem centro comunitário, associação de moradores, casa de cultura ou outra instituição semelhante?

- a. () Não.
b. () Sim. Qual? _____
-

17. Dados relativos a saúde:

Membro da Família	Idade	Algum problema de saúde? Qual?
a. Pai	_____	_____
b. Mãe	_____	_____
c. Filho(a)	_____	_____
d. Outro(a)	_____	_____

Onde recebe atendimento médico?

a. Convênio b. INSS c. PAS

d. Outro. Qual? _____

LAZER:

18. Para quem estuda. O que você faz quando não está na escola?

- | | |
|--|---|
| a. <input type="checkbox"/> usa internet | f. <input type="checkbox"/> lê |
| b. <input type="checkbox"/> conversa na rua | g. <input type="checkbox"/> trabalha fora |
| c. <input type="checkbox"/> sai e não dá satisfação | h. <input type="checkbox"/> assiste TV sempre |
| d. <input type="checkbox"/> ajuda nos serviços de casa | i. <input type="checkbox"/> joga vídeo game |
| e. <input type="checkbox"/> Outros, quais? _____ | |

19. O que você e/ou a família faz para sua diversão?

- | | |
|---|--|
| a. <input type="checkbox"/> viaja | i. <input type="checkbox"/> vai ao shopping |
| b. <input type="checkbox"/> frequenta clube | j. <input type="checkbox"/> vai ao parque |
| c. <input type="checkbox"/> assiste TV | l. <input type="checkbox"/> faz passeios culturais |
| d. <input type="checkbox"/> vai ao cinema | m. <input type="checkbox"/> não sai |
| e. <input type="checkbox"/> usa internet | n. <input type="checkbox"/> lê |
| f. <input type="checkbox"/> conversa na rua | o. <input type="checkbox"/> vai à “balada” |
| g. <input type="checkbox"/> ouve música | p. <input type="checkbox"/> joga vídeo game |
| h. <input type="checkbox"/> aluga DVDs | q. <input type="checkbox"/> outros, quais? |

20. Acrescente qualquer informação, sugestão ou crítica que julgar importante:

ANEXO 3B - QUESTIONÁRIO ALTERADO PELA ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM PARA PESQUISA DO RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO

QUESTIONÁRIO

Interesse, Participação e Perfil dos alunos e ex-alunos nas Oficinas Kinoforum de Realização Audiovisual.

Nome:

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

1. Em que ano você participou das oficinas?

- a) () 2001
- b) () 2002
- c) () 2003
- d) () 2004
- e) () 2005
- f) () 2006/ está cursando atualmente

2. De quais oficinas participou / está participando?

- a) () módulo I
- b) () módulo II
- c) () animação
- d) () making off

3. Onde se localiza a oficina que você participou ou está participando (em que zona e bairro da cidade de São Paulo)?

- a) () Zona Norte
- b) () Zona Sul
- c) () Zona Leste
- d) () Zona Oeste
- e) () Centro

f) ABC – Grande São Paulo

g) Outro Local. Qual? _____

4. Qual o nome da instituição na qual aconteceu a oficina que você participou ou está participando?

5. Você possui vínculo com essa instituição?

a) sim.

b) não

6. Porque você se inscreveu na oficina?

a) Para conhecer e aprender sobre a área de audiovisual

b) Para trabalhar na área de cinema e vídeo

c) Para preencher um horário vago com atividades culturais

d) Para conhecer pessoas e aumentar o círculo de amigos

e) Fazer um filme

f) Outro motivo: _____

7. Você atingiu sua (s) expectativa (s)?

a) sim

b) não

8. Você já tinha algum conhecimento na área de cinema e vídeo antes de participar das oficinas?

a) Não

b) Sim.

9. Depois da realização da oficina como você pretende utilizar os conhecimentos adquiridos? (assinale mais de uma alternativa caso julgue necessário)

a) Trabalhando na área de cinema e vídeo

b) Assistindo TV ou ao cinema com um outro ponto vista.

c) Atuando na comunidade com o conhecimento adquirido

d) Utilizando o audiovisual como uma nova forma de expressão

e) Dar continuidade ao aprendizado sobre cinema e vídeo

f) Não pretendo utilizar

g) Outro. Qual? _____

10. O que mudou depois de você participar da oficina ou o que acha que poderá mudar? (assinale mais de uma alternativa caso julgue necessário)

- a) Adquiri a capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo
- b) Adquiri a capacidade atuar em seu entorno social a partir do conhecimento adquirido
- c) Adquiri a capacidade para localizar, acessar e usar melhor as informações acumuladas.
- d) Passei a assistir aos programas de TV com o olhar mais crítico.
- e) Apreendi uma nova linguagem.
- f) Ampliei minha capacidade criativa e imaginativa.
- e. Passei a freqüentar salas de cinema.
- f. Passei assistir filmes nacionais.
- g. Passei a freqüentar mostras de cinema.
- h. Senti mais facilidade em compreender os filmes que assisto.
- i. Outros. Quais? _____

11. Quais foram ou serão as maiores dificuldades enfrentadas por você após o término das oficinas (assinale mais de uma alternativa caso julgue necessário):

- a) Nenhuma. Pois não tenho interesse em dar continuidade às atividades relacionadas ao audiovisual.
- b) Ter acesso aos locais de exibição de filmes
- c) Ter acesso a locais de estudo sobre audiovisual (museus, bibliotecas etc)
- d) Exibir o filme produzido nas oficinas em outros locais de exibição fora da comunidade.
- e) Exibir o filme produzido nas oficinas em equipamentos da sua comunidade.
- f) Articular na comunidade meios de viabilizar a realização e exibição de curtas metragens
- g) Conseguir uma ocupação remunerada
- h) Acessar informações sobre área do audiovisual, tais como editais de realização entre outros.
- i) Aplicar o conhecimento adquirido para o processo de transformação social de sua comunidade. Porque?

j) Outros. Quais? _____

12. Quais foram as dificuldades que você enfrentou durante a sua participação nas oficinas? (assinale mais de uma alternativa caso julgue necessário)

- a) Técnicas: operação de equipamentos, roteiro, entrevistas, lugares para filmagens, atores etc.

- b) Conciliar o emprego com as atividades
 - c) O fato de ser sempre nos fins de semana com início pela manhã
 - d) Pais, familiares ou companheiros não eram a favor.
 - e) Meio de transporte
 - f) Tomar decisões em grupo
 - g) Não conseguiu compreender bem todas as aulas ou parte delas.
 - h) Outros. Quais?
-
-
-

13. Você pretende participar de outras oficinas? Quais?

- a) módulo I
- b) módulo II
- c) animação
- d) making off
- e) Instituto Criar
- f) Outra Instituição. Qual?

14. Caso tenha manifestado interesse em participar de outras oficinas explique quais são motivos que o levam a tê-lo? (assinale mais de uma alternativa caso julgue necessário)

- a) Desejo de ampliar seus conhecimentos para trabalhar na área do audiovisual
 - b) Ampliar seus conhecimentos gerais
 - c) Aumentar sua rede de relações sociais, ou seja, fazer amigos.
 - d) Ampliar sua capacidade crítica em relação aos diversos produtos audiovisuais as quais você tem acesso
 - e) Poder aplicar esses conhecimentos para melhoria de sua comunidade.
 - f) Outros motivos. Quais?
-
-

15. Antes das oficinas, cinema para você era (assinale mais de uma alternativa caso julgue necessário):

- a) diversão
- b) linguagem
- c) cultura
- d) mercadoria
- e) inacessível. Porque?

f) Outra coisa. O que? _____

16. Depois das oficinas, cinema pra você é (assinale mais de uma alternativa caso julgue necessário):

- a) () não mudou
- b) () diversão
- c) () linguagem
- d) () cultura
- e) () mercadoria
- f) () inacessível. Porque?

g) outra coisa. O que? _____

17. Atualmente você está trabalhando?

- a. () sim. Qual sua ocupação atual? _____
- b. () não

18. Passou a trabalhar na área de audiovisual depois da oficina?

- a. () Não
 - b. () Sim. Em que área?
-
-

19. Caso você fosse procurar emprego na área audiovisual á quais vagas você se candidataria?

- a) () Produção
- b) () Fotografia
- c) () Edição
- d) () Figurino
- e) () Roteiro
- f) () Direção
- g) () Som

20. Trabalha ou já trabalhou nas oficinas Kinoforum?

- a) () Não
- b) () Sim. Em que área? _____

21. Pretende, algum dia seguir carreira na área de cinema e vídeo?

- a) () Não

b) Sim. Porque?

22. Você gostaria de dar continuidade à experiência adquirida nas oficinas?

a) sim

b) não

23. Caso você tenha interesse em continuar essa experiência como você imagina que essa se daria? Explique

ANEXO 4



www.kinotorum.org

Material Pedagógico

Textos escritos por
Christian Saghaard (org)
Jorge Guedes
Maira Toledo (org.)
Paolo Gregori

Ilustrações
Débora Waldman

Produção Executiva
Zita Carvalhosa

Apresentação

Bem Vindo às Oficinas Kinoforum!

As Oficinas Kinoforum são um projeto itinerante de realização e produção de curtas-metragens digitais que desde 2001 percorre várias comunidades da periferia, centro e outras regiões da Grande São Paulo buscando promover o contato de jovens, entre 16 e 26 anos, com a realização audiovisual. Desde então foram ministradas 30 oficinas, atendendo a 470 alunos e produzindo mais de 110 vídeos.

A Equipe das Oficinas acredita no potencial da educação audiovisual como agente de transformação, tanto das comunidades quanto dos jovens atendidos pelas oficinas, não apenas pelas perspectivas profissionais que elas geram, mas também por despertarem debate, inquietação e fornecerem instrumentos para a expressão, gerando produtos de arte e de mídia nos quais os alunos e as comunidades se reconhecem.

Esperamos poder propiciar a você a vivência de todas as etapas de uma realização audiovisual e acreditamos no seu potencial para superar as dificuldades. Você foi escolhido porque demonstrou estar disposto a encarar esse desafio. Boa Sorte!

Nesta apostila você encontra todas as informações necessárias à sua participação: cronograma e horário das aulas, dados fundamentais sobre a estrutura e etapas da Oficina, contatos dos outros participantes e da Kinoforum, textos complementares ao conteúdo do curso, ilustrações, planilhas e espaços para realização de exercícios. Cuide bem de sua apostila e não deixe de trazê-la em todos os dias de aula, gravação e edição. Você vai receber textos de apoio às aulas, que juntamente com suas anotações, idéias e desenhos, transformarão sua apostila num guia do seu percurso pelo audiovisual.

Só para lembrar, em julho a Kinoforum oferece o Módulo 2 de suas oficinas, dedicado ao aperfeiçoamento das teorias e técnicas apreendidas anteriormente. A seleção se dá a partir de um roteiro enviado pelo aluno e da análise da postura e performance do aluno no primeiro módulo. Nunca é demais lembrar que um bom aluno não é apenas aquele que acompanha o curso integralmente, mas também aquele que participa, questiona e demonstra desejo pelo audiovisual. Assim, não deixe que as adversidades paralise seu processo de aprendizado. Se estiver com dúvidas, procure os professores. Se não souber como mexer em um equipamento, pergunte aos monitores. Esta oficina não tem um processo formal de avaliação, o que está em jogo não é o resultado final, e sim a riqueza do processo e a capacidade que você terá de aprender e se transformar com ele.

Divirtam-se e boa oficina!

Equipe das Oficinas Kinoforum



Cronograma

29/4 – Sábado	30/4 - Domingo	06/5 - Sábado	07/5 - Domingo	13/5 - Sábado	14/5 - Domingo
9h – 12h30: Introdução à Linguagem cinematográfica. Professor: Christian Saghaard	9h - 12h30: Iniciação à prática da utilização da câmera e exercícios de gravação. Monitores: André Oliveira, Éder Augusto, Luciano Oliveira e Regislaine Domingos.	9h – 12h30: gravação	9h – 12h30: gravação	9h - 12h30: edição dos vídeos	9h - 12h30: edição dos vídeos
12h30 – 13h30: Almoço	12h30 – 13h30: Almoço	12h30 – 13h30: Almoço	12h30 – 13h30: Almoço	12h30 – 13h30: Almoço	12h30 – 13h30: Almoço
13h30 – 18h: Introdução à Linguagem cinematográfica. Professor: Pedro Martins	13h30 – 15h30: Análise do material gravado nos exercícios de camera realizados 15h30 – 18h: Discussão sobre os roteiros e divisão dos grupos. Professores: Christian Saghaard e Pedro Martins	13h30 – 18h: gravação	13h30 – 18h: gravação	13h30 – 18h: edição	13h30 – 17h: edição 17h – 18h: apresentação, em sala de aula, dos vídeos editados.



Estrutura Pedagógica da Oficina

Sábado – 29 de Abril

4 9h – 12h30: Introdução à Linguagem cinematográfica (Aula 1)

O cinema mudo cria e experimenta a linguagem cinematográfica (decupagem, enquadramento, movimentos de câmera). Discussão sobre a experimentação no cinema. Primórdios do cinema, o cinema mudo, George Miliès, o Cinema Surrealista e outros Cinemas de Invenção. O filme é sonho: a orquestração do som e da imagem para criar sensações, ausência de narrativa. A utilização inventiva do som – grandes filmes de baixo orçamento.

4 13h30 – 18h: Narrativa ficcional e documentária (Aula 2)

Discussão do conceito de documentário, formas de abordagem do gênero, modo de produção, uso (ou não) de locução e depoimentos. Técnicas de entrevista para documentário. Personagem condutor da narrativa permeada de imagens documentais, discussão do “falso documentário” e do documentário ficcional. A Narrativa dos filmes e vídeos de ficção.

Domingo – 30 de Abril

4 9h – 15h30: Iniciação Prática com Câmera

Iniciação aos aspectos práticos da utilização da câmera de vídeo digital. A edição na própria câmera. Exercícios de reportagem e gravação de som e imagem fora da sala da oficina, onde os alunos se familiarizam com o equipamento e desenvolvem um olhar cinematográfico. Durante o exercício é recomendado que todos os alunos experimentem a operação da câmera e do microfone (“boom”), e aproveitem para verificar os diversos tipos de enquadramento, movimento de câmera e temas para filmagem.

4 15h30 – 18h: Formação dos Grupos de Gravação

Os participantes trazem propostas individuais de roteiro. Quatro grupos são formados para desenvolver um roteiro coletivo e estabelecer as necessidades de produção. Essa divisão dos grupos é, a princípio, uma sugestão, pois a partir da visão dos próprios alunos o tema e a formação de cada grupo costumam se modificar.

Sábado – 06 de Maio

4 9h – 18h: Gravação dos vídeos

Operando os equipamentos de gravação, selecionando os locais de filmagem e os personagens, viabilizando as condições de produção local, os participantes estarão envolvidos na realização e finalização de seus vídeos, que serão editados no próprio espaço onde foi realizada a oficina.

Domingo – 07 de Maio

4 9h – 18h: Continuação da gravação dos vídeos

Após a gravação dos vídeos, os participantes assistem ao material captado para selecionar as cenas.

Sábado – 13 de Maio

4 9h – 18h: Iniciação aos recursos da edição digital e início da edição dos vídeos

Domingo – 14 de Maio

4 9h – 18h: Edição e exibição dos trabalhos dos alunos.

Equipe das Oficinas

Coordenação do projeto e direção pedagógica: Christian Saghaard

Produção: Zita Carvalhosa

Colaboração Pedagógica: Pedro Martins

Direção de Produção: Jorge Guedes

Oficina de Fotografia: Luciano Oliveira

Monitores de Gravação: Luciano Oliveira, Eder Augusto, André Oliveira, Regislaine Domingos

Assistência de Produção: André Oliveira, Ingrid Golçalves, Luciano Oliveira, Vanessa Reis

Editores: Marcio Miranda Perez, Negro JC, Patrícia Melo, Eduardo Bezerra.

Finalização: Marcio Miranda Perez

Motorista e Ajudante Geral: Rogério de Paula

Parceria Local: Projeto Anchieta

Currículo dos Orientadores

- Christian Saghaard, 34 anos, é cineasta, fotógrafo, programador e produtor, tendo dirigido 5 filmes de curta-metragem; "O Palco" (1992), "Meressias" (1994 - Medalha de Bronze-Goldene Camera Film Festival, Alemanha), "Sinhá Demência e Outras Histórias" (1996 - Menção Honrosa-Festival de Hamburgo e Medalha de Prata-Goldene Camera Film Festival, Alemanha), "Demônios", (2003 - Menção Honrosa no 14º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo, Melhor Som e Melhor Filme - categoria Hardcore - Festival Zoom CineEsquemaNovo e Seleção para Mostra Competitiva no 19th Clermont-Ferrand Short Film Festival, França, 2004) e "Isabel e o Cachorro Flautista". Realizou a direção de fotografia e câmera em mais de 16 curta-metragens e 12 vídeos entre os anos de 1992 e 2004, entre eles "Manada" (em finalização, 35 mm) e "Demônios" (35 mm-2003). Membro do Comitê de Seleção do Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo desde 1997. Com Zita Carvalhosa, diretora do Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo, realiza (como coordenador geral) as OFICINAS KINOFORUM de Realização Audiovisual, projeto de produção e exibição itinerante que já produziu 110 vídeos em 30 oficinas de cinema, desde 2001. Atualmente está finalizando seu primeiro longa metragem, intitulado "O Fim Da Picada".

- Pedro Martins: estudou Artes Plásticas no Parque Lage, em 1990. Fez Desenho Industrial na PUC-RIO entre 1991-1995. Em 1995 e 1996 foi duas vezes para Cuba e estudou documentário e roteiro na escola de San Antonin de Los Baños. De 1996 a 1998 estudou no Instituto Dragão do Mar, em Fortaleza. Em 1998, iniciou a produção de Ama Cerá que tendo sido finalizado em 2000, correu diversos festivais: esteve entre os dez melhores no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo; foi premiado no Curta Cinema, do Rio de Janeiro, representou o Brasil no Festival de Primeiros Filmes em Anger, na França; ganhou o Candango em Brasília. Realizou um oficina de fotografia artesanal pra professores de escola pública em Maceió, no ano de 2001. É professor das Oficinas Kinoforum desde julho de 2005. Está finalizando o longa-metragem Camelô, o gênio da calçada - Pequeno Histórico do Trabalho no Brasil e o curta-metragem Cigano e Baiano.

□ Jorge Guedes é formado em cinema pela ECA/USP e começou sua vida profissional com curtas-metragens, tendo se dedicado mais a área da produção cinematográfica. Trabalhou como assistente de produção nos curtas "Noite final menos 5 minutos" de Débora Waldman; "O Palco" de Christian Saghaard; "Que Deus te Guie" de Georgia Costa Araújo; "Caixa de Pandora" de Luiz Adelmo; "Disseram que eu voltei americanizada" de Vitor Scippe. Em 1993 fez o roteiro e dirigiu um curta-metragem em 16mm, intitulado "Vício", com a participação de Jofre Soares. Foi diretor de produção no curta "Como acender um cigarro de dia de tempestade" de Sérgio Basbaun, assistente de direção no filme "O Piano" de Rosemary Saçashima e montador no filme "Assalto com Bis" de Malu Dias Marques. Dividiu a montagem do curta-metragem "A Espreita" de Eládio Sá. Foi Produtor de Set do curta-metragem "Janela Aberta" de Felipe Barcinski realizado pela O2 Filmes. Colaborou no roteiro e foi assistente de direção no filme "Demônios" de Christian Saghaard. Trabalhou em publicidade, programas de TV, projetos audiovisuais e culturais como produtor free-lancer. É diretor de produção das Oficinas Kinoforum desde 2001. Em 2004 foi Produtor Executivo e Diretor de Produção dos curtas "A Corrente" de Marcelo Toledo, "Isabel e o Cachorro Flautista" e do longa-metragem "O Fim da Picada", ambos de Christian Saghaard, rodado em 35mm, em fase de finalização.

□ Marcio Miranda Perez atua como montador. Formado em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, entre seus trabalhos, além de documentários e vídeos institucionais, estão os curtas-metragens "Entrega Rápida" (2002), de Alethea Silvestre; "Riso-Hiena" (2002), de Paulo Ferreira; "A Feijoadada" (2004), de Jaime Lerner; e "Em Nome do Pai" (2002), de Julio Maria Pessoa, premiado nos festivais de cinema de Gramado-RS (2002) e Vitória-ES (2002), assim como "O Pontal do Paranapanema" (2005), longa-metragem de Chico Guariba. Trabalha também como assistente de montagem em longas-metragens, como o último filme de José Roberti Torero "Como Fazer um Filme de Amor", e documentários como "O Mundo Cabe Numa Cadeira de Barbeiro" (2002), de Torero; "Vale a Pena Sonhar" (2004), de Stella Grisotti, e a série "Intérpretes do Brasil" (2001/2002), de Isa Ferraz, diretora da série "O Povo Brasileiro".

□ Zita Carvalhosa é diretora do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo. Como produtora, é sócia fundadora da Cinematográfica Superfilmes, onde atua desde 1983. Produziu dez longas, algumas séries e documentários para TV e mais de 20 curtas-metragens, compondo uma carteira reconhecida por sua qualidade e inovação. Preside desde sua fundação, 1985, a Associação Cultural Kinoforum, entidade sem fins lucrativos que, além de realizar o Festival de Curtas, promove atividades ligadas à difusão do cinema no Brasil e no Exterior.

Anotações



Uma arte e uma linguagem

A imagem constitui o elemento de base da linguagem cinematográfica. Ela é a matéria-prima e uma realidade particularmente complexa. A imagem resulta da atividade de um aparelho técnico capaz de reproduzir a realidade que lhe é apresentada, mas ao mesmo tempo da forma desejada pelo realizador.

O cinema jamais nos mostra "um cachimbo" ou "a árvore", mas "tal cachimbo" particular, "esta árvore" determinada, da forma que o realizador (ou realizadores) optou para registrar a imagem.

Você acha que o cinema reproduz fielmente a realidade? Qual realidade? Você acha que os telejornais mostram "a vida como ela é"?

Para gravar uma cena, para gravar uma simples imagem, o autor desta imagem necessariamente terá que colocar a câmera num determinado lugar, enquadrar a imagem de uma certa maneira que ele vai escolher (mais aberta ou mais fechada), optar entre movimentar ou não a câmera, e definir qual seria então este movimento. Também precisa pensar nas formas de captação que a câmera oferece, podendo, por exemplo, captar a imagem mais clara ou mais escura, com uma certa cor predominante ou não. E determinar finalmente qual a duração desta imagem.

Portanto acontece necessariamente uma recriação da realidade, a partir de diversos fatores que são chamados de elementos específicos fílmicos, ou seja, os elementos da linguagem que constituem a expressão em audiovisual como um todo.

O cinema nos oferece uma imagem artística da realidade, ou seja, se refletirmos bem, totalmente não realista e reconstruída em função daquilo que o diretor pretende exprimir, sensorial e intelectualmente.

A imagem fílmica proporciona, portanto, uma reprodução do real cujo realismo aparente é, na verdade, dinamizado pela visão artística do diretor.

Pretendemos através desta oficina apresentar e fornecer o máximo de condições possíveis para que os participantes saibam reconhecer e utilizar as ferramentas básicas da construção do discurso cinematográfico.

Cinema é uma linguagem com vários aspectos, tais como: enquadramento, movimentos de câmera, duração dos planos, montagem, sonorização etc...

É preciso aprender a "ler" um filme, a decifrar o sentido das imagens como se decifra o das palavras e conceitos, e a compreender as sutilezas da linguagem cinematográfica. Assim podemos interpretar criticamente a realidade modificada e apresentada (reconstruída) exibida pelos filmes ficcionais e documentários, telejornais, vídeos institucionais, clipes, comerciais de televisão e outras formas de expressão audiovisual, em todas as mídias.

Todas as possibilidades de expressão audiovisual utilizam-se da linguagem cinematográfica para se expressar, trazendo dados e características que variam, mas pertencem à mesma origem.

Reconhecendo os procedimentos lingüísticos utilizados num filme (enquadramento, movimentos de câmera, fotografia, etc) podemos perceber com mais precisão também as intenções dos realizadores da obra. Esta condição é fundamental para que cada participante da oficina possa exercer de modo mais eficaz sua cidadania: recebemos muitas informações através do audiovisual, em seus mais amplos aspectos, e a interpretação dessas informações necessita do mínimo entendimento das características da imagem e do som.

Principais elementos da linguagem cinematográfica

A história da técnica cinematográfica pode ser considerada em seu conjunto como a história da liberação da câmera. A emancipação da câmera, de fato, teve uma extrema importância na história do cinema.

No início da invenção do cinema, a câmera permaneceu fixa na posição que seria a de um espectador de teatro ou ópera numa platéia, de frente para a ação dos atores. A câmera permanece sempre imóvel, mantendo o mesmo enquadramento.

Nos primeiros filmes documentários produzidos, a câmera saía para as ruas com o objetivo de captar os acontecimentos, a realidade, e para isso posicionava-se em locais estratégicos, raramente mudando de ponto de vista.

A câmera não entrava na área limitada à ação dos atores e paisagens, funcionando segundo princípios de outras linguagens artísticas como a fotografia, o teatro, a literatura, as artes plásticas, etc. A linguagem cinematográfica foi surgindo pouco a pouco e principalmente filme a filme, constituindo uma linguagem com elementos específicos, próprios, que só passaram a existir na expressão artística com o seu desenvolvimento progressivo.

Plano: A Unidade Mínima do Cinema

Considera-se que o plano é a imagem que fica entre dois cortes num filme, ou seja, cada imagem de um filme é um plano. O plano pode ser estabelecido na câmera – cada plano seria a imagem entre disparar o REC (gravar/filmar) e disparar o STOP (parar a imagem). O plano é a unidade mínima do cinema, com a qual montamos cenas, seqüências, e então os filmes. Podemos chamar o plano também de take.

Os Ângulos de Filmagem

- Posicionar a câmera de cima para baixo ou "Plongée" (palavra francesa)
- Posicionar a câmera de baixo para cima ou "Contra-plongée"
- Enquadramento Frontal
- Enquadramentos inclinados
- Ponto de vista subjetivo: câmera que "vê" com os olhos do personagem, como se fosse a visão de algum personagem (ao contrário do ponto de vista objetivo)

Movimentos de Câmera

- Travellings (movimentos de câmera) para cima, para baixo, para os lados, para trás e para a frente. Ou movimentos combinados, com um ou mais movimentos diferentes
- Panorâmicas
- Zoons (Zoom-in e Zoom-out)
- Movimentos mesclados (que mesclam travellings com panorâmicas, por exemplo).

Sobre a idéia

o que é uma idéia como obtê-la, da observação do mundo,
das experiências, dramas pessoais

Pedro Martins

Dicas para pensar um roteiro

Dicas para se elaborar um roteiro simples.

Seqüência é como se fosse um capítulo de um livro enquanto os planos seriam os parágrafos e as frases, desta forma entendemos que quando escrevemos um roteiro para cinema devemos ser muito explícitos e passar a idéia de forma mais visual possível.

Dicas

Andar com um caderninho de anotações, gravadores (no caso de entrevistas é o mais indicado.) desenhos, e etc... " tirar a idéia do nosso mundo como se fosse uma pedra bruta para um escultor.

Cronograma

É como nos devemos organizar para a filmagens dos planos e seqüências, divididos pelo tempo que dispomos. Facilitando o trabalho de produção

Decupagem

A decupagem dos roteiros como é feita estudos dos planos e movimentos de câmera. A importância deste processo no sucesso do filme (direção, assistentes, arte assistentes e produção e assistentes) na decupagem encontramos os defeitos e as virtudes do nosso roteiro, e podemos discutir com a equipe a melhor forma de produzir as cenas que formam nosso filme. Neste momento o Storyboard ajuda muito no trabalho. Com ele podemos entender melhor através dos desenhos dos planos a seqüência das cenas.

Muitas pessoas pensam somente na importância que é ser um diretor cinematográfico, mas poucos sabem no entanto, que o trabalho de um diretor é intenso, incansável e talvez se analisarmos de um certo ponto de vista; é um trabalho de vida inteira dedicados a estudos da arte e da técnica por ele empregada. Ao diretor cabe o comando da equipe, mas um diretor "mandão" e que não sabe o que quer é a pior coisa, sobrecarrega os profissionais e tira a concentração no filme. Os grandes gênios do cinema na sua grande maioria eram muito concentrados e extremamente humildes com seus profissionais, tanto atores como técnicos.

Todo diretor por mais sonhador que seja, tem como objetivo contar sua história da melhor forma, daquela forma que ele a visualiza em sua mente, assim existe algumas técnicas que podem auxiliá-lo neste processo. Escrever suas experiências e pesquisar também pode e é muito importante para um diretor saber.

Hoje em dia, a tarefa de pesquisa fica muito mais fácil com a Internet. A Internet para um diretor em formação é uma ferramenta sensacional e é incrível a quantidade de coisas que se pode descobrir por ela, principalmente sobre histórias para seus filmes.

Mas sempre que se tem uma boa idéia, ela pode de alguma forma se tornar um filme basta imaginá-la desta forma.



Boa parte do que se quer para um bom filme, o diretor indica em seu próprio roteiro, o que ele pensa das ações dos personagens, o que ele quer para os figurinos, características do cenário, locações e outros detalhes que por mais claros que sejam, as vezes, não sugerem totalmente o que deve ser na cabeça do diretor e traz sempre alguma dúvida aos profissionais ligados ao filme, assim para facilitar o trabalho de todos inclusive o do próprio diretor, existe o processo de decupagem das seqüências com seus respectivos planos e tomadas na forma de desenhos e explicações adicionais aos mesmos. Em muitos casos deve-se até cronometrar o tempo gasto em cada plano.

Muitos diretores tem a sorte de desenharem muito bem, é o caso de: Akira Kurosawa, Felini, Glauber, Buñuel e etc, o que torna o trabalho ainda mais fácil, mas muitos não o sabem e preferem recorrer a um profissional desenhista para tal. Hitchcock era tão detalhista que não aceitava a menor interferência em seus roteiros, nem por parte dos atores e nem da arte.

Pode-se também oferecer a arte e a fotografia a sugestão de filmes para auxiliar no trabalho, isto é muito comum e viável. No caso de uma animação por exemplo, estes desenhos são ainda mais necessários, sendo quase obrigatório milhares de desenhos que vão do estudos dos personagens até o estudo de suas expressões e o story board para as seqüências animadas finais. Como vemos não é fácil fazer cinema, mas com um pouco de organização e alguma disciplina resolvemos muitos problemas de criação sem perdermos nossa liberdade de criar, pois como já dizia o músico e poeta Chico Cience " é preciso organizar para desorganizar e desorganizar para organizar".

Indicações dos planos e como devem ser feitas.

Story Board é o desenho dos personagens, servindo à compreensão das equipes de fotografia/ figurino / arte e outros profissionais que são importantíssimos no processo fílmico.

Desenvolvendo sua idéia

Desenvolver um roteiro para um vídeo com duração de até 5 minutos.

Na ficha de inscrição você descreveu o filme que gostaria de realizar. Esse pode ser o ponto de partida para o seu roteiro, mas se preferir você também pode trabalhar outra idéia. Pode-se usar a formatação que sugerimos ou criar uma original, desde que estejam presentes as informações necessárias. O storyboard também pode ser um bom caminho para você visualizar o que está criando.

O roteiro deve ser entregue aos monitores no início da aula de domingo, dia 5 de março. Enquanto parte da equipe das Oficinas estiver lendo os roteiros, as Oficinas continuam, com aulas teóricas e práticas de fotografia, câmera, e captação de som, onde todos os alunos, divididos em grupos, saem a campo para experimentar a câmera e o microfone.

O Roteiro

O primeiro passo na realização de um filme é o roteiro. Não existe uma regra obrigatória para organização de um roteiro. Cada roteirista, e mais especificamente cada teórico de roteiro, defende o uso de um modelo. O que é importante observar é que todos os modelos contêm as mesmas informações centrais, que permitem que o roteiro seja utilizado como um meio de comunicação entre o roteirista, o diretor e a equipe.

Sequências ou Cenas

Quando contamos uma história, ou fazemos um documentário, geralmente as cenas são gravadas em espaços diferentes, com personagens diferentes. Assim, um filme é dividido em pequenos blocos, cuja unidade se dá em torno de um mesmo espaço ou tema. Esses blocos são chamados de seqüências ou cenas. Um roteiro é constituído de várias seqüências/cenas. Alguns roteiros podem ter somente uma seqüência, principalmente vídeo/filmes curtos.

Escolher o Tema e Criar as Cenas

A primeira coisa que você deve saber quando for escrever seu roteiro é: de que ele trata? Qual o assunto que quer abordar, ou qual a problemática que seu personagem irá enfrentar? Após definir o tema de seu filme, é importante decidir onde ele se passa e quando. Se for um filme de ficção, quais são as suas personagens, principais e secundárias (se houver)? Se for um documentário, qual(is) o(s) objeto(s) que você pretende abordar?

No caso da ficção, após definir o universo do seu filme, você precisa criar cenas que ajudem a transmitir a mensagem e a atmosfera que você deseja, e se a proposta exigir, escrever os diálogos que as personagens dirão. Em seguida você pode definir como pretende visualmente mostrar as ações e criar a atmosfera, descrevendo um pouco da ambientação, das roupas que as personagens vestem e outros detalhes que possam orientar o resto da equipe, para que eles efetivamente produzam as roupas e as locações. No caso do documentário, você precisa decidir quem pretende entrevistar, que locais e situações pretende filmar, e qual será sua estratégia na realização do filme.

A Formatação do Roteiro

Existem vários padrões de roteiro, mas todos contemplam essencialmente as mesmas informações, às vezes apenas em ordens diferentes. Dessa forma, pra escrever um roteiro você tem que lembrar que ele é o responsável por passar todas as informações necessárias para a equipe e para os atores. Cada grupo pode escrever o roteiro da maneira que achar mais conveniente.



Produção

O produtor de cinema é o responsável por coordenar a realização do filme, definindo junto aos responsáveis pelas diversas áreas as suas necessidades, providenciando-as e administrando os recursos humanos, artísticos e financeiros para o melhor desenvolvimento do projeto.

A Produção dos vídeos na oficina

Para produzir o seu vídeo, cada grupo tem que se organizar e dividir as seguintes tarefas:

- Seleção de Locações (locais onde as gravações ocorrerão): Para selecionar os locais onde as gravações ocorrerão, precisamos ser transparentes e honestos na relação com os responsáveis por cada local desejado. O poder de convencimento e negociação de um produtor torna-se essencial. As locações poderão também ser negociadas, e cedidas sem custos, em primeira mão, por pessoas mais próximas, parentes, amigos, colegas e etc. Um fator importante é nunca subestimar o tempo que iremos levar realizando uma filmagem dentro de uma locação, pois isso pode prejudicar as relações com o responsável pelo local e um produtor sempre está de olho em oportunidades futuras. Além do mais o dono de espaço pode se irritar com informações erradas, filmagens que excedem o tempo previsto podendo inclusive interromper as filmagens.

- Ordem do Dia: O produtor também é responsável, juntamente com o assistente de direção, por organizar o calendário de filmagens, definindo a ordem do dia, onde constam todas as informações necessárias à melhor realização das filmagens. Nas Oficinas, todos podem ajudar a organizar o que vai ser filmado.

- Administrar o Tempo da Filmagem: Deve-se observar que mesmo a mais simples das idéias leva tempo para ser realizada e lembrar também que o deslocamento deve ser levado em conta no tempo da gravação. Também temos que prever que em cada locação precisamos preparar o equipamento e conferi-lo assim que as gravações terminarem. Assim, ao marcar o horário com o grupo, os atores e locações, é bom deixar uma margem para evitar atrasos.

Sugestão: para otimizar o tempo disponível para a realização dos vídeos, seria adequado simplificar a idéia do argumento ou roteiro para concentrar as gravações em poucas locações (locais de filmagem).

- Elenco: Os atores podem ser membros da comunidade ou eventualmente participantes de grupos de teatro da região. É importante lembrar que a mais simples das cenas pode ser de extrema dificuldade para alguém sem experiência na área, portanto ao organizar as filmagens é importante lembrar de reservar um tempo para ensaios. Atores profissionais, eventualmente, podem aceitar um convite para atuar em um filme de Oficina, como já ocorreu, e nesses casos o melhor caminho é enviar ao ator o roteiro do filme e explicar o contexto da produção, ressaltando a inexperiência da equipe e a ausência de cachê. É importante que isso fique claro para evitar mal-entendidos.

Direção

A Direção nas Oficinas Kinoforum

A direção, nos vídeos produzidos nas oficinas é realizada coletivamente, o que equivale a dizer que tudo o que diz respeito ao que vai ser enquadrado e de que forma isto vai ser deve ser definido pelo grupo, e se houver dissidência, ela deve ser resolvida democraticamente.

Isso não significa que as idéias de todos os integrantes vão estar presentes no roteiro final, nem que o roteiro escolhido, caso se baseie em um dos projetos apenas, será realizado como o autor original gostaria. A partir do momento em que os grupos começam a trabalhar, está pressuposto que todos aceitam abrir mão de sua idéia original em prol de um roteiro que será feito coletivamente.

O diretor de cinema ou vídeo trabalha tendo por base um roteiro previamente escrito que pode ser de sua autoria ou não, original ou adaptado ou baseado em obra literária já existente. A função do diretor é transformar esse roteiro em uma sucessão de imagens em vídeo ou película, construindo uma narrativa para ser apresentada ao público em cinemas, emissões de TV e/ou outros sistemas (Vídeo, DVD).

Decupagem e o Diretor no Set

De modo a garantir que a filmagem ocorra no menor tempo possível, o diretor procura definir, antes de chegar ao set, de que forma pretende filmar cada cena, informando aos demais membros da equipe qual é a decupagem.

Decupar é pensar nos planos que serão filmados, um por um: qual a duração aproximada de cada plano, qual o enquadramento, e como a câmera se posicionará e se movimentará em relação à pessoa, objeto ou situação filmada.

A decupagem costuma ser feita pelo diretor, muitas vezes em parceria com o fotógrafo e até mesmo com o diretor de arte e o produtor. Isso facilita a troca de informações e previne que ocorram mal entendidos, tais como incompatibilidade de cenário com proposta estética, enquadramento diferente do planejado, etc.

Assim, quando você fizer uma decupagem, o importante é que você descreva com clareza o que quer mostrar, e se houver movimento, de que forma ele se dá.

O planejamento prévio da decupagem não impede o diretor de criar novos ângulos no set, desde que os mesmos não sejam complexos demais, ou impliquem atraso para as demais filmagens programadas para o dia.

As vezes a decupagem já está escondida na forma como o roteiro é escrito. Por exemplo: "Vemos bem de perto uma lágrima escorrendo do olho esquerdo da menina. Em seguida ela se levanta e entra no ônibus. Pela janela, ela vê a cidade passando."

As descrições ajudam a definir o tamanho dos planos, e um realizador utiliza-se do roteiro para criar a decupagem, que não precisa necessariamente seguir todas as indicações do roteiro. Exemplo: uma lágrima escorrendo do olho esquerdo da menina só pode ser vista de perto, portanto podemos optar por um Plano Detalhe do olho, mostrando a lágrima. A menina entrando num ônibus precisa ser um pouco mais de longe, talvez um plano de conjunto ou um plano geral. Já ela vendo a cidade passar, pode ser uma subjetiva, ou seja, a imagem que seria correspondente ao que a menina vê.

São desejáveis as seguintes habilidades em um diretor:

- Domínio da linguagem cinematográfica;
- Capacidade de fazer uma decupagem (ver abaixo) do que vai ser filmado;
- Na pré-filmagem selecionar atores, escolher locações, cenários e figurinos adequados ao roteiro e ao estilo desejado junto com os devidos responsáveis, apontando referências;
- Na fase posterior à filmagem, supervisionar o trabalho de montagem, ordenando as cenas de acordo com a sua visão e do roteiro, supervisionar a sonorização, desde a dublagem (quando isso ocorre), passando pela montagem da trilha musical, pela gravação dos ruídos, até a mixagem (a mesclagem das pistas de diálogos, música e ruídos).

Desenhando a Decupagem: O Storyboard

É mais fácil visualizar o filme que se quer fazer quando se desenha, mesmo que esquematicamente, os planos que serão filmados, os enquadramentos previstos, e a movimentação (ou não) da câmera em cada um deles.

O desenho dos planos do filme é chamado de storyboard. Qualquer um pode fazê-lo, pois não é preciso habilidade de desenhista. E mesmo um desenho muito simples, com os personagens representados por pauzinhos, pode ser de grande ajuda no set.

Fotografia

A fotografia é uma parte importantíssima do cinema. O fotógrafo é quem opera a câmera durante as filmagens e define junto com o diretor a quantidade e o tipo de iluminação de cada cena.

Durante as Oficinas assim como as outras funções, a fotografia será realizada coletivamente. O grupo deverá decidir amigavelmente como dividir a função de câmera. Existem muitas maneiras de dividir essa responsabilidade e vocês escolherão a melhor possível.

O mais importante é que todos pensem a melhor maneira de utilizar os recursos da câmera para alcançar a fotografia que vocês sonham.

Resumo teórico para utilizar na prática

- Câmera

Lembre-se que antes de começar a gravar é preciso tomar alguns cuidados fundamentais.

- Ajustar a empunhadeira da câmera de modo que ela fique presa à sua mão.
- Conferir se as baterias estão na sacola e conectar uma bateria na câmera – “ferrinho com ferrinho.”
- Para colocar a fita (no caso da Mini-Dv) vire a câmera de cabeça para baixo e destrave o compartimento da fita pressionando a chave EJECT ao mesmo tempo empurrando com calma todo o deck para a esquerda conforme sinaliza a setinha. (figura)

Mantenha o deck aberto e aguarde até que a própria câmera abra o espaço para colocar a fita.

Depois é só por a fita com os “furinhos” voltados para dentro da câmera, empurre com calma todo o deck da fita para dentro até ouvir um click. Pronto é só esperar a fita abaixar e fechar o compartimento.

- Ligar a câmera: para ligar a câmera a gire a chave principal até o modo “M” nesse momento a câmera liga e você consegue ver imagens no visor LCD.

- Cuidados Fotográficos

Como vimos na aula de fotografia existem alguns elementos fundamentais aos quais precisamos prestar muita atenção para garantir a qualidade da imagem captada. Por isso antes de apertar o REC confira se os cinco elementos listados abaixo estão de acordo com a idéia do vídeo que estão gravando.

- Luz : Regule a entrada de luz utilizando a chave EXPOSURE que está no MENU da câmera, para mais ou menos luz, de acordo com sua proposta.
- Enquadramento: Faça o enquadramento planejado para a cena ou escolha enquadramento que o grupo esteja de acordo.
- Foco: A imagem precisa estar nítida ou seja precisamos enxergar os detalhes da imagem. Se a imagem estiver fora de foco você terá a impressão de ver tudo embaçado como mostramos na aula de fotografia. Para ajustar vá até o anel de foco que fica por cima da lente pelo lado de fora da câmera no caso da JVC gire para esquerda ou para direita, até a imagem ficar nítida. Ou dentro do MENU na chave FOCUS na câmera SONY ajustando para mais ou menos também até ficar nítida.

*OBS: Se você estiver fazendo um enquadramento onde existem objetos ou pessoas ao fundo e outras perto da lente, certifique-se de que o foco está no objeto que você deseja ajustando de modo a escolher entre o fundo ou a frente. Pois nesse caso dificilmente haverá foco em todo o campo do enquadramento.

- Cor: Agora é preciso prestar atenção à cor. Não se esqueça de escolher entre as possibilidades de: outdoor para situações externas – onde temos um efeito alaranjado na imagem; indoor para situações internas – onde temos um efeito mais azulado; auto* – onde a própria câmera realiza o ajuste automaticamente.

*OBS: Embora esta opção pareça a mais fácil lembre-se que nesse caso pode haver mudanças repentinas na cor da imagem.

- Movimento: Como exposto em aula existem inúmeros movimentos que podemos fazer com a câmera. Treine o movimento que você vai fazer antes de gravar até que você esteja pronto. (Pode ser no momento do ensaio dos atores ou mesmo só a câmera).

IMPORTANTE : Sempre quando surgir alguma dúvida peça a ajuda ao monitor. Ele estará todo o tempo com vocês para responder as perguntas e ajudar na realização de seu projeto.

Agora pode parecer muito complicado, mas se você realizar esses procedimentos passo-a-passo, em pouco tempo fará tudo isso quase sem perceber e estará garantindo uma imagem de qualidade para seu filme.

Agenda da Equipe

Nome	Telefone	E-mail	Responsabilidades

Anotações Importantes

Planilha de Locações

Locação	Data	Horário	Endereço	Responsável p/ Local (com contato)	Elenco e Figuração

Dicas

Para já começar assistir

Se vocês tiverem tempo esta semana, recomendamos que assistam a alguns desses filmes. Você pode encontrá-los em locadoras como a 2001 ou na videoteca da ECA-USP. Os endereços você encontra na ficha "Cinema em São Paulo".

- O Bandido da Luz Vermelha (1967), de Rogério Sganzerla
- Pixote (1981), de Hector Babenco
- Amarelo Manga (2003), de Claudio Assis
- O Prisioneiro da Grade de Ferro (2004), de Paulo Sacramento

Livros

Um bom livro introdutório sobre cinema é "O que é Cinema?", um apanhado básico e geral da história do cinema e de algumas questões sempre em pauta no meio cinematográfico.

- BERNARDET, Jean- Claude. O que é cinema? Col. Primeiros Passos Ed. Brasiliense R\$14,80

Cinema em São Paulo

São Paulo é uma ótima cidade para você expandir seu conhecimento cinematográfico. Aqui estão algumas dicas de como fazer isso pelo menor preço possível.

- Centro Culturais, Museus e Cineclubes

Centro Cultural São Paulo

Endereço: Rua Vergueiro, 1000 – Paraíso. Telefone:11 3277-3611

Exibe todo ano diversas mostras de cinema com entrada gratuita. Para conferir a programação é só procurar nos jornais ou no site www.centrocultural.sp.gov.br. O Centro Cultural também possui Biblioteca e um Arquivo Multimeios com vídeos abertos de Segunda a Sexta, das 10h às 17h.

Centro Cultural Banco do Brasil

Endereço: Rua Álvares Penteado, 112 , Centro. Telefone:11 3113-3651 e 3113-3652

Tem mostras de cinema e exposições de arte o ano inteiro com entrada a preços acessíveis e muitas vezes entrada franca.

Museu de Arte Moderna de São Paulo

Endereço: Parque do Ibirapuera, portão 3 - s/nº Telefone: 11 5549-9688 Site: www.mam.org.br

Além de exposições de arte e de seu acervo o MAM realiza eventualmente mostras de cinema com entrada franca. Vale a pena ficar de olho no jornal.

Museu da Imagem de do Som

Endereço: Av. Europa, 158 - Jd. Europa Telefone: 11 3062-9197

O MIS tem programação o ano inteiro com entrada franca. Para conferir a programação acesse o site do Museu www.mis.sp.gov.br ou procure nos jornais.

Cinemateca Brasileira

Endereço: Largo Senador Raul Cardoso, 207 Vila Clementino Telefone: 11 5084-2177

Tem programação o ano inteiro (conferir no site www.cinemateca.com.br ou nos jornais), custa R\$ 8,00 a inteira. Além de um centro de documentação com diversos dados, roteiros, imagens sobre o cinema brasileiro e cursos gratuitos. O centro de documentação funciona das 09h às 13h, segundas às sextas-feiras. O atendimento deve ser marcado com antecedência pelos telefones 5084-2177 e 5084-2153 ou pelo e-mail doc@cinemateca.com.br.

Cinusp Paulo Emílio

Endereço: Colméia Favo 04 - Cidade Universitária. Telefone: 11 3091 3540

Sessões com entrada franca de segunda a sexta às 16:00 e 19:00

Cinesesc

Rua Augusta, nº 2075 Cerqueira César 11 3082-0213

O Cinesesc tem programação regular com filmes internacionais e nacionais; faz mensalmente as sessões Cineclubes Cinesesc com filmes clássicos, restaurados, raros e consagrados a preços reduzidos (R\$ 4,00 – inteira; R\$ 2,00 – meia). Além disso realiza constantemente debates e oficinas.

Para conferir a programação acesse www.secsp.org.br ou acompanhe nos jornais.

- Para pesquisa e consulta de livros e vídeos

Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Endereço: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Butantã Telefone: 11 3091-4071/4047

Site: www.rebeca.eca.usp.br

Videoteca, Biblioteca com diversos títulos sobre cinema, tudo disponível para consulta local (cabines especiais).

Itaú Cultural

Endereço: Avenida Paulista, 149 Telefone: 11 2168 1700

Midioteca e Biblioteca, horário de funcionamento terça a sexta 12h às 20h sábado 11h às 19h. (consulta local de vídeos, CD-Rom e DVDs – mais de 31 mil títulos - e empréstimos mediante apresentação de RG, CPF e comprovante de endereço para cadastro.

- Para locação de vídeos de arte

2001 Vídeo

Locadora com títulos de arte

Seg a Sab - 10h às 24h Dom e feriados - 12h às 24h

Endereços: Av. Washington Luis, 1708 - Jd. Marajoara - São Paulo. Telefone: (11) 5687-0911

Avenida Paulista, 726 - Bela Vista - São Paulo. Telefone: (11) 3251-1044

Av. Sumaré 1744 - Perdizes - São Paulo. Telefone: (11) 3873-2017

Av. Pedroso de Moraes 1241 - Pinheiros - São Paulo. Telefone: (11) 3816-7666

Av. Cidade Jardim 1.000 - Itaim - São Paulo. Telefone: (11) 3093-3366

- Mostras

São Paulo é sede para diversos festivais e mostras com sessões gratuitas. Esses eventos são ótimas oportunidades para descobrir o que está sendo feito de novo e diferente no cinema e, ao mesmo tempo, conhecer pessoas que têm os mesmos interesses que você.

A Associação Cultural Kinoforum publica todos os anos o Guia Brasileiro de Festivais de Cinema e Vídeo com a listagem desses festivais que pode ser acessado no www.kinoforum.org/guia.

Exibição dos vídeos

Balanço Final

Bom, se você chegou até aqui é porque não desistiu do curso, não teve medo das dificuldades e achou um jeito de correr contra o tempo e terminar o trabalho, bem a tempo de a gente assistir aos vídeos e comentar...

Parabéns!

Durante o 17º Festival internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, a realizar-se no final do mês de agosto, acontecerá a Itinerância das Oficinas, uma série de projeções dos curtas da temporada 2006 em todas as comunidades onde as Oficinas foram ministradas. Além disso, os curtas serão exibidos em diversos cinemas do circuito paulista, dentro da programação do Festival. Após as projeções, vocês receberão o certificado e uma fita VHS contendo os vídeos produzidos no ano. Nos vemos lá!

Todos os filmes serão enviados para os principais festivais do Brasil e do Exterior, e você será comunicado caso ele seja selecionado. Caso você tenha interesse em integrar, futuramente, a equipe de estagiários das Oficinas Kinoforum ou do Festival Internacional de Curtas, demonstre seu interesse enviando seu currículo para a equipe.

No mais, a gente estará sempre na Kinoforum (site www.kinoforum.org), através do e-mail oficinas@kinoforum.org, e no telefone 3034-5538. Se você precisar de orientação para tocar um projeto em sua comunidade ou tiver uma oportunidade de exibir seu trabalho, mesmo que seja em VHS em uma associação comunitária, não deixe de nos avisar! É assim que a gente fica sabendo que o trabalho está rendendo frutos!

Foi um prazer tê-lo como aluno.

Muito Boa Sorte!
Grande Abraço,

Zita Carvalhosa
Diretora Kinoforum

Christian Saghaard
Coordenador Oficinas Kinoforum

Equipe das Oficinas

Bibliografia

Básica

- ISMAIL, Xavier. O Cinema Brasileiro Moderno. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 2001.
- GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento. Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1996.
- BERNARDET, Jean-Claude. O que é Cinema? Col. Primeiros Passos. E. Brasiliense, 1990.
- MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- ROCHA, Glauber. Revolução do Cinema Novo. Ed. Alhambra, Rio de Janeiro, 1981.
- CARRIÉRE, Jean Claude. A linguagem secreta do cinema. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1994.

Outras Opções

- BERNARDET, Jean Claude. Cineastas e Imagens do Povo
- BOGDANOVICH, P E. Afinal quem faz os filmes?. Ed. Cia das Letras, 1997.
- CARRIÉRE, Jean Claude. A linguagem secreta do cinema. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1994.
- COSTA, Flávia Cesarino. O Primeiro Cinema. Ed. Scritta, São Paulo, 1995.
- COSTA, Antonio. Compreender o cinema. São Paulo. Ed. Globo, 1989.
- EINSENSTEIN, Sergei. A Forma do Filme. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.
- EINSENSTEIN, Sergei. O Sentido do Filme. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.
- FERREIRA, J. Cinema de Invenção. Ed Limiar, 2000.
- FURHAMMAR, Leif & ISAKSSON, Folke. Cinema e Política, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.
- GRUNEWALD, José Lino. Um filme é um filme. Cia das Letras, São Paulo, 2001.
- GRUNEWALD, José Lino (org). Vários Autores. A idéia do Cinema. Ed. Civilização Brasileira, São Paulo, 1969.
- MACHADO, Arlindo. A Arte do Vídeo.
- MARQUEZ, G G. Como contar um conto. Casa Jorge Editorial, 2001.
- MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- MERTEN, Luis Carlos. Cinema, entre a realização e o artifício. Ed. Artes e Ofícios, 2002, SP.
- PASOLINI, P P. Caos: crônicas políticas. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ROCHA, Glauber. O Século do Cinema. Ed. Alhambra, Rio de Janeiro, 1985.
- ROCHA, Glauber. Revisão Crítica do Cinema Brasileiro. Ed. Cosac & Naify, São Paulo, 2003.
- XAVIER, Ismail (org). O Cinema no Século. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

Filmes nacionais para ver

Lábios sem beijos (1930), Humberto Mauro. *

A voz do carnaval (1933), Adhemar Gonzaga. *

Nem Sansão nem Dalila (1955), Carlos Manga.

Aviso aos navegantes (1950), Watson Macedo.

O Canto do Mar (1952), Alberto Cavalcanti.*

Tico-tico no Fubá (1952), Adolfo Celli.*

O Cangaceiro (1953), Lima Barreto.

Jeca tatu (1960), Amácio Mazzaroppi.

O Pagador de Promessas (1962), Anselmo Duarte.

Rio, 40 Graus (1955), Nelson Pereira dos Santos.

Rio Zona Norte (1957), Nelson Pereira dos Santos.

Vidas Secas (1963), Nelson Pereira dos Santos.

O Amuleto de Ogum (1974), Nelson Pereira dos Santos.

Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964), Glauber Rocha.

Terra em Transe (1967), Glauber Rocha.

O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro (1969), Glauber Rocha.

A Casa Assassinada (1971), Paulo César Sarraceni.

Macunaima (1969), Joaquim Pedro de Andrade.

Os Cafajestes (1962), Ruy Guerra.

Os Fuzis (1964) Ruy Guerra.

Menino de Engenho (1965), Walter Lima Jr.

Majoria Absoluta (1964,) Leon Hirzman.*

Cinco Vezes Favela (1962), Miguel Borges, Marcos Farias, Leon Hirszman, Joaquim Pedro de Andrade e Carlos Diegues.

O Bandido da Luz Vermelha (1967), Rogério Sganzerla.

Matou a Família e foi ao Cinema (1967), Julio Bressane.

A Margem (1967), Ozualdo Candeias. *

As Libertinas (1968), Carlos Reichenbach.*

A Ilha dos Prazeres Proibidos (1979), Carlos Reichenbach.*

A Dama da Lotação (1975), Neville d'Almeida.

Dona Flor e Seus Dois Maridos (1976), Bruno Barreto.*

Xica da Silva (1976), Cacá Diegues.

Bye Bye Brasil (1980), Cacá Diegues.

Lúcio Flávio, Passageiro da Agonia (1978), Hector Babenco.

Pixote (1981), Hector Babenco.

Toda Nudez Será Castigada (1973), Arnaldo Jabor.

Anjos da Noite, (1986), Wilson Barros.

Vera (1987), Sérgio Toledo.

Feliz Ano Velho (1988), Roberto Gervitz.

Cidade Oculta (1986), Chico Botelho.

A Marvada Carne (1985), André Klotzel.

Central do Brasil (1998), Walter Salles.

O que é Isso Companheiro?, Bruno Barreto.*

O Quatrilho (1995), Fabio Barreto.

Cidade de Deus (2002), Fernando Meirelles e Kátia Lund.

Carandiru (2002), Hector Babenco.

Amarelo Manga (2003), Claudio Assis.

Durval Discos (2002), Ana Muiyler.*

Contra Todos (2004), Roberto Moreira.

Filmes internacionais para ver

8 e ½ (Federico Fellini, 1963)
Ano Passado em Marienbad, O (L'Année Dernière à Marienbad, Alain Resnais, 1963)
Acossado (À Bout de Souffle, Jean-Luc Godard, 1960)
Bela da Tarde, A (La Belle de Jour, Luis Buñuel, 1967)
Cão Andaluz, Um (Un Chien Andalou, Luis Buñuel e Salvador Dalí, 1928)
Corpo que Cai, Um (Vertigo, Alfred Hitchcock, 1958)
Dama de Shangai, A (The Lady of Shanghai, Orson Welles, 1947)
Demônio das Onze Horas, O (Pierrot Le Fou, Jean-Luc Godard, 1965)
Desprezo, O (Le Mépris, Jean-Luc Godard, 1963)
Dançando no Escuro (Dancer in the Dark, Lars Von Trier, 2000)
Discreto Charme da Burguesia (Le Charm Discret de la Burgeoisie, Luis Buñuel, 1972)
Dr. Fantástico, ou Como Eu Parei de me Preocupar e Passei Amar a Bomba (Dr. Strangelove, or How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb, Stanley Kubrick, 1964)
Estrada Perdida, A (The Lost Highway, David Lynch, 1999)
Estrada da Vida, A (La Strada, Federico Fellini, 1954)
Europa (Lars Von Trier, 1991)
Esse Obscuro Objeto do Desejo (Cet Obscur Objet du Désir, Luis Buñuel, 1977)
Gilda (Charles Vidor, 1946)
Grande Roubo do Trem, O (The Great Train Robbery, Edward Porter, 1903)
Homem que Sabia Demais, O (The Man Who Knew Too Much, Alfred Hitchcock, 1956)
Idade do Ouro, A (L'Âge d'Or, Luis Buñuel, 1930)
Lolita (Stanley Kubrick, 1962)
Malvada, A (All About Eve, Joseph Mankiewicz, 1950)
Marca da Maldade, A (Touch of Evil, Orson Welles, 1958)
Noite Americana, A (La Nuit Américaine, François Truffaut, 1973)
Noites de Cabiria (Le Notti di Cabiria, Federico Fellini, 1957)
Quando Fala o Coração (Spellbound, Alfred Hitchcock, 1945)
Quanto Mais Quente Melhor (Some Like it Hot, Billy Wilder, 1959)
O Que Terá Acontecido com Baby Jane? (What Ever Happened to Baby Jane? , Robert Aldrich, 1962)
Passageiro Profissão: Repórter (The Passenger, Michelangelo Antonioni, 1975)
Psicose (Psycho, Alfred Hitchcock, 1960)
Scarface – A Vergonha de Uma Nação (Scarface, Howard Hawks, 1932)
Um Bonde Chamado Desejo (A Streetcar Named Desire, Elia Kazan, 1951)
Veludo Azul (Blue Velvet, David Lynch, 1986)
Verdades e Mentiras (F for Fake, Orson Welles, 1976) *

* Todos os filmes listados estão disponíveis em locadoras ou na videoteca da ECA-USP, excetuando-se apenas os marcados com asteriscos, que até o presente momento podem ser vistos apenas em mostras e festivais.

ANEXO 5

Ata Fórum Cinema - 19h00 do dia 01/08/2005

Cinema da quebrada / Criação de uma rede de produtores na periferia

INFORMES

- Dando seqüência ao último encontro, ficou acordado com o CCSP um horário de uso da sala de exibição – das 14h as 16h00 – por nove sábados entre outubro e novembro de 2005, compondo a mostra “Cinema da quebrada”(nome provisório) .
- O projeto “Formação do Olhar” irá realizar uma mostra, paralela ao Festival Internacional de Curtas Metragens (de 25/08 a 03/09), entre os dias 30/8 a 02/09, no MIS.
- O CCSP irá se responsabilizar por toda a logística da mostra e Seminário “Cinema da Quebrada” – divulgação.
- Data de entrega do formato da programação da mostra “Cinema da quebrada” – 15/08
- Cinefavela: festival com premiação para produtores, exibidores, ações de áudio-visual

PAUTA DO DIA

3 decisões:

- Quem e quantos irão escrever e entregar ao CCSP a programação até o dia 15/08?
- Sobre o Seminário, onde e quando: local:CCSP ou Olido? / data:?
- Quem vai representar o Fórum na mesa do “Formação do Olhar”?

Moira levará para a Zita da Knofórum a proposta de 4 representantes do Fórum de Cinema (Tio Pac, Wilq, Éder e Elton) comporem a mesa, que provavelmente será dividida também com a Juliana (CEUs), Orlando Sena e Assunção Hernandez. Este representante deverá propor políticas já discutidas.

Moira irá organizar a participação na mostra “Formação do olhar”. Propôs que um texto fosse escrito relatando os problemas de infraestrutura dos núcleos participantes – referentes ao deslocamento, seguro, alimentação, comunicação etc. Com este texto, formalizar um apoio financeiro entre as ONG’s parceiras. Disse ainda que supervisionaria a produção dos textos para a programação (sinopse, ficha técnica e texto de apresentação dos grupos) de todos os filmes junto aos 4 representantes.

Musa: divulgação será por conta do CCSP, mas é importante que os grupos se responsabilizem também pela divulgação na periferia.

QUANTO À PROGRAMAÇÃO:

- Cada dia do seminário será temático.
- 4 representantes e responsáveis pela curadoria: Elton, Luciano, Wilke e Tio Pac.
- Formato do seminário:
1º dia: filme / debate
2º dia: filme / debate
3º dia: filme / mesa (com grupos de trabalho e propostas de políticas públicas)

Data para os 3 dias: fim da mostra (curtas? Internacional?). Ficou acordado que nos dias:

24/11: 19h00 - filme (50') / 20h00 - debate – Galeria Olido

25/11: 19h00 - filme (50') / 20h00 - debate – Galeria Olido

26/11: 14h00 às 16h00 - filme (sala de exibição) - CCSP

QUANTO AOS 9 SÁBADOS: horário de exibição – (14h às 16h) no CCSP, nos dias 01, 08, 15, 22 e 29 de outubro, e 05, 12, 19, 26 de novembro de 2005.

PROJETO COLETIVO:

Os núcleos escolhem os temas para montar a programação. Cada dupla (dois núcleos) escolhe um tema para desenvolver o texto e debate, tendo até 5ª-feira 04/08 para enviar a proposta para a rede via Internet, contendo os seguintes itens:

1. Título
2. Questões sobre o tema
3. Sugestões de nomes para os debates
4. Sugestões de curadoria

TEMAS	DUPLAS
Formação	Moira (Knofórum)/ Novo Olhar
Linguagem / Estética	Luciano / Márcia (Joinha)
Sustentabilidade	CineFavela / Wilq
Poder Público	Tio Pac / Edu
Produção	Kelly (FP) / Márcia (Joinha)
Formação de Público	Brazuca / Eder
ONG's / Mobilização	Wilq / Paula (Casulo)
Expressão	Tio Pac / Elton

Moira propôs que uma carta fosse redigida à Knofórum para autorização de cópias dos filmes.

Os filmes que não tiverem cópia na Knofórum terão que ser levados pelos representantes para serem assistidos, selecionados e copiados.

04/08: 5ª-feira: 18h00: data limite para a entrega da proposta de cada dupla

06/08: sábado: 14h às 18h no CCSP (Arnaldo liberou): representantes irão selecionar vídeos para a programação da mostra.

08/08: 2ª-feira: data para representantes (Tio Pac/ Wilq / Luciano / Elton) fecharem a proposta

Outra carta deve ser redigida a todas as instituições parceiras para cotizarem uma forma de pagamento/ ajuda de custo aos 4 representantes que irão produzir a mostra. Musa escreverá a carta em nome do Fórum pedindo R\$100 reais para todos os parceiros. Também se compromete a tentar viabilizar o transporte para galera ir para os dias da mostra (talvez também para o público).

REGISTRO DO VI FÓRUM PAULISTANO DE AUDIOVISUAL E CINEMA COMUNITÁRIO JOVEM

Data: 06/09/2005

O Fórum teve início com a apresentação de todos os novos participantes, tais como Flavio – Espaço Artéria e Biblioteca Monteiro Lobato, Paulo do Instituto Criar, Cassius do Projeto Arrastão e os realizadores contemplados pelo VAI (Pari e Eder).

Alexandre da Ação Educativa (Cinema e vídeo nas escolas) descreve o Fórum para os novos. Renato Musa – coordenadoria - complementa sua fala, apresentando a mostra Cinema de Quebrada, resultado deste Fórum.

Ação Educativa irá se posicionar por escrito sobre a carta de cotização endereçada às ONGs parceiras, apresentando outra carta (propositiva) ao fórum.

A Coordenadoria da Juventude sentiu a necessidade de investir na mostra de Cinema para o fortalecimento das ações do fórum. Para tanto, a Coordenadoria elaborou um projeto de apoio financeiro à mostra Cinema de Quebrada, junto aos curadores da mesma, para tentar pleitear tanto a participação das ONG's parceiras, como também a participação de outras Secretarias no orçamento do Projeto. O projeto apresentado pela Coordenadoria da Juventude poderá contribuir para mostra apenas com o valor de R\$ 8000,00 já que estamos em cima hora.

O projeto de apoio financeiro baseia-se nas seguintes demandas:

- I. Remuneração da curadoria
- II. Transporte - Formação de público
- III. Documentário

I. Remuneração da curadoria:

A comissão de curadoria foi reeleita para continuar na produção da mostra. Foi discutido o valor para pagamento do trabalho realizado pela comissão e o cronograma de execução do trabalho a ser realizado pela mesma e pelos núcleos (que também receberão uma verba para a produção) em cada dia do evento.

A ABD e a Ação Educativa, mas preferencialmente a Kinofórum, ficaram responsáveis de passar o projeto e ou documentação que será necessária para o convênio com a Coordenadoria da Juventude para contratação dos curadores (até 3ª feira).

II. Transporte - Formação de público:

Sobre a Formação de Público, a Coordenadoria da Juventude tentará um convênio entre outras secretarias parceiras – PMSP – e a Secretaria de Transportes para viabilizar uma cota de passagens para cada núcleo e dia de evento, visto que a Sprans não faz parcerias com nenhuma ação pública.

Foi acertado que o ingresso não deveria ser trocado pela passagem de volta, mas também a passagem de ida para cada dia de evento.

III. Documentário:

Sobre o Documentário, apenas a fase de captação das imagens de cada dia do evento estaria inclusa no orçamento do projeto, sendo a parte de finalização – aluguel de ilhas - precisaria do apoio e parceria com outras instituições.

Foram levantadas três propostas para viabilizar este documentário como um produto final – e que seria uma espécie de avaliação pública e registro da iniciativa deste Fórum e desta

mostra. Todas as propostas visam a finalização do documentário mais como um processo educativo do que um processo profissional:

1ª: Parceria Poder Público: um convênio com outra secretaria – finalização do documentário com objetivo de formação – uma oficina de edição que não seja apenas pretexto para edição do documentário.

2ª: Junto iniciativa privada: (Sesc) pagar a oficina dada pela Kinofórum

3ª: Oficina dada pela Kinofórum, sem grana, só o empréstimo de ilhas (em caso de ausência de sucesso, segundo Luciano).

Musa sugeriu que se buscasse uma parceria entre o público ou privado para a oficina Kinofórum e para o documentário, seria então necessário um outro projeto de R\$8000,00.

Moira deu alguns informes da mostra formação do olhar (passará via mail para a lista):

- Assunção Hernandes – uma pessoa importante no meio audiovisual, quer dar um apoio ao Fórum, tanto em formação (assim como a Laís Bodansky já se ofereceu) como também apoio político)

Devido às várias propostas que surgiram neste encontro, foram organizados 3 Grupos de trabalho que ficarão responsáveis pelas seguintes ações:

GT 1: Itinerância da mostra Cinema de Quebrada, adaptação da programação para outros locais e salas; busca, articulação e agendamento dos mesmos para o formato da mostra.

Responsáveis: Flávio, Eder, Kelly, Alexandre.

GT 2: Projeto Oficina – Documentário – elaboração de projeto para captação de recursos para a finalização do documentário sobre a mostra. (SESC, Faculdades, Fnac, Secretaria de Cultura e do Transporte, estadual e municipal). Pensar uma oficina de formação também para a captação de imagens durante a mostra. (Moira)

Responsáveis: Moira, Cassius, Pari, Elton, Ale, Edu, Lilia.

GT 3: Planejamento dos espaços - núcleos de produção ocuparem os espaços e equipamentos públicos.

Responsáveis: Edu, Tio Pac, Eder, Musa, Pari.

O trabalho da curadoria para a Mostra Cinema de Quebrada continua, portanto, fica ainda por decidir os núcleos que ficarão responsáveis por cada dia do evento. Moira se propõe a dar um suporte pedagógico aos curadores da mostra. Grupos de Trabalho se comunicarão através da rede e por e-mail: forumcinema@yahoogrupos.com.br

Ata do encontro de 07/03

Presentes: Eder, Tio Pac, Musa, Marília, Luis, Fernanda e Gerson (os três últimos não participaram realmente da reunião).

Pelo baixo quorum as pautas propostas não foram discutidas. Apenas referente à formação, levantamos os seguintes temas para que os membros do fórum apresentem uma aula informal ao grupo:

- edição
- câmera
- roteiro
- produção
- direção
- direção de arte
- fotografia

Marcamos o próximo fórum para o **dia 22 de março às 19 horas**

REGISTRO DO VIII FÓRUM CINEMA DA QUEBRADA

Data: 07/11/2005

As atividades começaram as 19h30, na sala de reunião da Coordenadoria da Juventude, no 7º andar.

1. GT´s – itinerância, seminário, formação
2. votação do nome do Fórum
3. avaliação da mostra
4. apresentação do Mucca, Crespo – novos integrantes

O nome do fórum agora é Fórum Cinema da Quebrada
Mucca integrará o GT de Itinerância. (Jd. São Luis)
Crespo filmes – projeção (Sto André)

Falta debate sobre os filmes
Pouco tempo
Publico não era o esperado
Colocou o cinema de quebrada para o mundo
Propôs continuidade – ultimo sábado do mês

GT itinerancia:

4 objetivos : identificação de espaços/ identificação de grupos / evento / divulgação

- apoio da prefeitura (carta institucional / \$)
- resgatar logotipos

USP-ECA: espaço

USP-ECA: GT de formação

Vânia itinerância

Adriana – formação

Fazer vídeos temáticos

Instituições (equipamentos / filmes)

Espaços públicos

TVs

Entrega das propostas para serem discutidas com as sugestões prontas: 18/11

Próximo fórum 22/11

GT 1: Itinerância da mostra Cinema de Quebrada, adaptação da programação para outros locais e salas; busca, articulação e agendamento dos mesmos para o formato da mostra.

Responsáveis: Flávio, Eder, Kelly, Alexandre.

GT 2: Projeto Oficina – Documentário – elaboração de projeto para captação de recursos para a finalização do documentário sobre a mostra. (SESC, Faculdades, Fnac, Secretaria de Cultura e do

Transporte, estadual e municipal). Pensar uma oficina de formação também para a captação de imagens durante a mostra. (Moira)

Responsáveis: Moira, Cassius, Pari, Elton, Ale, Edu, Lilia.

GT 3: Planejamento dos espaços - núcleos de produção ocuparem os espaços e equipamentos públicos.

Responsáveis: Edu, Tio Pac, Eder, Musa, Pari.

O trabalho da curadoria para a Mostra Cinema de Quebrada continua, portanto, fica ainda por decidir os núcleos que ficarão responsáveis por cada dia do evento. Moira se propõe a dar um suporte pedagógico aos curadores da mostra. Grupos de Trabalho se comunicarão através da rede e por e-mail: forumcinema@yahoogrupos.com.br

ATA FÓRUM CINEMA - 19H00 DO DIA 09/08/2005

Fórum Paulistano de Audiovisual e Cinema Comunitário Jovem

Pauta do encontro: Fechamento da programação da mostra "Cinema da Quebrada" (nome provisório) e Seminário de Cinema a serem realizados entre os meses de outubro e novembro de 2005, no CCSP e na Galeria Olido, com a curadoria dos 4 representantes eleitos nesse Fórum (Tio Pac, Wilq, Elton, Luciano). Serão discutidas e definidas também, as propostas desenvolvidas pelas duplas sobre os temas que integrarão a mostra e os debates.

Início da reunião com a apresentação de todos. Indianara, nova representante do Instituto Criar, também representa o Núcleo Jovem dos alunos do instituto.

Leitura do dossiê elaborado pelos representantes sobre a mostra no CCSP "Cinema de Quebrada":

"Cinema de quebrada, um evento realizado com a intenção de divulgar os trabalhos dos núcleos e produtores envolvidos neste fórum, suscitando o debate para aplicação das atividades e formação dos mesmos.

O Fórum Paulistano de Produtores de áudio visual é uma reunião de realizadores do da Região Metropolitana de São Paulo. Visa dar multiplicação, ampliação, visibilidade e acesso aos meios de produção; Sensibilizando e Potencializando outros jovens interessados na linguagem."

Votação e aprovação do nome da mostra e do texto de introdução.

Luciano explica a ordenação dos temas da mostra que tem agora a seguinte configuração:

- 1- EXPRESSÃO data: 01/10 título: "fala tu !!!"
- 2- LINGUAGEM data: 08/10 título: Cinema "de" periferia "a olho nu: estética e linguagem sem frescura."
- 3- FORMAÇÃO DE PÚBLICO data: 15/10 título: "chega aí ou cola aí!!!!" Como promover o acesso ao cinema brasileiro na periferia?
- 4- PRODUÇÃO data: 22/10 título: "Na correria: os oposito se atraem... FAAP & Periferia".
- 5- FORMAÇÃO data: 29/10 título: "ampliando outros horizontes"
- 6- O PAPEL DAS ONG´S / MOBILIZAÇÃO data: 05/11 título: "quanto vale ou é por quilo" subtítulo: produção, formação, exibição. Como o terceiro setor se relaciona com a linguagem audiovisual e os jovens?
- 7- A MÁQUINA PÚBLICA DE CULTURA data: 12/11 título: "tá faltando grana!!!! O papel do poder público em questão".
- 8- SUSTENTABILIDADE / MERCADO DE TRABALHO data: 19/11

Luciano: Para abertura da mostra, os curadores escolheram o tema "expressão" para apresentar o trabalho de produção audiovisual na periferia e chamar a atenção. Depois da análise do quadro, o tema "linguagem" foi escolhido para discutir a forma e o conteúdo desse material audiovisual. Logo após, vem a discussão sobre a "Formação de Público", os potenciais consumidores desse cinema. Depois discutir o tema "Formação" para o nosso trabalho. E por fim, discutimos as nossas dificuldades com os temas "Mobilização das ONGs" e "Sustentabilidade".

Quem tiver sugestões sobre os títulos, enviar por e-mail.

Esses temas foram desenvolvidos por duplas de integrantes dos núcleos para que a comissão de curadoria pudesse avaliar, visando a proposta do audiovisual de periferia e pensando na formação de público. Então, para cada tema encontramos um nome que atenda à demanda de público

DISCUSSÃO DOS TEMAS:

Diretrizes para programação e debates

1. EXPRESSÃO Data da Mostra 01/10

Título: "Fala Tu !!!"

Descrição:

"E surge o vídeo como forma de manifesto, reivindicação ou sensibilização "

Sugestão de Nomes Para Debate:

M.V. Bill (CUFA)

* Rapp'n Hood (Rapper Paulista) (* suplência ou plano B)

* Ricardo Elias

J.C. (F.P)

Chiquinho Knofórum

Mediação Jamal

2. LINGUAGEM Data 08/10

Título "A olho Nu: estética e linguagem sem frescura".

Nomes sugeridos

Arlindo Machado (USP)

Jose Gatti

Jefferson De (Cinema e Feijoada)

André Costa (Olhar Periférico)

Mediador : Luciano Nerama ou Márcia J.F.

3. FORMAÇÃO DE PÚBLICO data: 15/10

“Chega Aí ou Cola Aí!!!”

– Como promover o acesso ao cinema brasileiro na periferia?

Debatedores:

Alfredo Manevi (assessor do vice-ministro da cultura)

CCBB

*Diogo Gomes (Centro Cineclubista de São Paulo)

Luciano (Nerama)

Mediador: Brazuca

4. PRODUÇÃO data: 22/10

“Na correria: os oposto se atraem... FAAP & PERIFERIA”.

Debatedores:

Wladimir ou Reinaldo (Cine Favela)

Rubens (Reitor da FAAP)

Mediador: Moira Toledo

5. FORMAÇÃO data 29/10

“Ampliando Outros Horizontes”

Debatedores:

Maurício - Extensão em Formação Técnica (Instituto Criar)

Leandro Monteiro: Incubação de Produtora Independente. (Boca de Filme

“incubada” pelo Cinemaneiro/Boteco Cinematográfico)

Produtora Independente auto-sustentável (Nós do Cinema)

Mediador: Banco de Talentos da Produtora Social Novolhar Comunica
(Associação Novolhar)

6. O PAPEL DAS ONG´S / MOBILIZAÇÃO Data 05/11

“Quanto Vale ou é Por Quilo” · Subtítulo: Produção, formação, exibição.

Como o terceiro setor se relaciona com a linguagem audiovisual e os jovens?

Sugestões para debate:

Maggi - Ação Educativa

Zita – Knofórum
* Novolhar

Mediador: Wilq

7. A MÁQUINA PÚBLICA DE CULTURA Data 12/11 “Ta Faltando Grana!!!! O Papel do poder público em questão”.

Sugestões de nomes para os debates

Representante do GEC - Tiopac
Representante da Secretaria Municipal De Cultura

Mediador: Edu Abad - Diretor Do Núcleo Educação/Audiovisual da ABD-SP

8. SUSTENTABILIDADE / MERCADO DE TRABALHO Data:19/11

Sugestões p/ debate

Calil - Secretário Municipal de Cultura
Jose Carlos Avelar
Maria do rosário (VAI)
Luis Nascimento ou Leandro Firmino (Nós do Cinema)
Representante do poder público (Coordenadora do CEU`s)

Mediador: Tio PAC

INFORMES:

Ajuda de custo:

A Associação Knofórum já contribuiu com a ajuda de custo dos 4 representantes. A ABD e Novolhar entregarão na 5ª-feira para o Musa. Ação Educativa ainda não se posicionou. Brazuca não poderá contribuir. A contribuição é voluntária.

Divulgação do evento:

Knofórum, Brazuca e Coordenadoria da Juventude (que irá tentar a divulgação no Jornal do ônibus).

Moira propôs que Chiquinho da Knofórum fosse convidado para alguma mesa por sua representatividade no audiovisual paulista e disse que tentaria o apoio da FCF Comunicações para a assessoria ou divulgação do evento.

Discussão do material complementar e tiragem, na 5ª.-feira com o Celso Curi, no CCSP. A arte do material poderia, como já foi sugerido, ser feita em

parceira com algum designer “da quebrada” com o padrão do CCSP. Nerama e Instituto Criar (Serginho) sugeriram nomes.

Transporte para o evento:

Instituto Criar tem parceria com a Gol, então Indianara e Moira conversarão com a Dani e ver a possibilidade de conseguir as passagens para os debatedores do evento.

Musa propôs que um dossiê entre todas as entidades pudesse servir para apoiar os representantes na captação desses recursos.

Formação do olhar:

Moira disse que a mesa para o debate na mostra Formação do olhar será composta por:

Edu Abad – ABD
Assunção Hernandez
Juliana (CEUs)
Orlando Senna

Agora, a mesa não terá mais um representante do nosso Fórum.

Ata do fórum de Cinema realizado em 13 de fevereiro de 2006

Pautas:

- O que será feito com o fórum?
- As antigas demandas (exibição, formação e público) ainda são válidas?
- Haverá curso livre de cinema na USP?
- Trabalhar com o documentário da mostra cinema de quebrada.

- As três antigas demandas foram majoritariamente avaliadas como pertinentes e uma quarta foi acrescida: a de haver sustentabilidade. Uma das possibilidades para garantir isso é a elaboração dum projeto para tornar o financiamento e apoio ao cinema de quebrada uma lei.

Encaminhamentos:

- Formação através de:

- a) parceria com a USP- *ir à assembléia* (data a confirmar).
- b) membros do fórum individualmente trocando informações.
- c) centro de cidadania da juventude/ parceria com a prefeitura.

- Será convocada uma assembléia (provavelmente em março) com as pessoas interessadas em construir um curso livre de áudio visual na USP.

- A formação pode (também) ser realizada num primeiro momento de forma simples, como uma troca de conhecimento entre os membros do fórum.

- Ocupação dos CEUs para também exibir a mostra itinerante.

- Buscar realizar exposições no CCSP aos sábados às 14hs tendo em vista que é um espaço onde existe facilidade para colocar uma mostra do cinema de quebrada em cartaz.

- Pensar numa "lei de fomento ao cinema de quebrada"- será jogada na lista a leis de incentivo à produção cultural para ilustrar.

- Editar documentário da mostra de cinema de quebrada (reunir as fitas, decupar o material, fazer o projeto...). Lembrando que existe alguma verba já destinada para isso no Projeto Mostra de Quebrada 2005.

- Tendo em vista que os núcleos do fórum já realizam exposições isoladas, o projeto de mostra itinerante pode ser facilmente realizado unindo as diferentes programações e divulgando como parte da *mostra itinerante do cinema de quebrada*. Cada núcleo deve organizar sua própria curadoria e organizar os filmes e datas de exibição trazendo essa relação no próximo fórum para se debater e criar uma programação unificada.

- Pensar na participação na "virada cultural" (prevista para maio)

-Pensar em como será feita a intervenção no centro de cidadania da juventude.

-Fazer contato direto com o CCSP em nome do Fórum para ocupação do espaço de Sábado à tarde (14h).

Próximo fórum: 7 de março às 19hs no mesmo bate local: Rua Libero Badaró, 119

Fórum de Cinema de Quebrada de 22/03/06

Propostas de atividades para realizar no Centro de Cidadania da Juventude:

- Exibição de filme, debate com workshop/ oficina.
- Cada núcleo organizar mensalmente a produção de um curta, exibi-lo e realizar a divulgação.
- Formação: palestras e workshops abertos ao público com membros do fórum e demais pessoas que atuem na área.
- Realizar atividades voltadas às escolas como forma de atrair jovens estudantes (a escola se responsabilizaria pelo transporte)
- É possível de os núcleos assumirem um departamento voltado ao áudio visual?
 - Enfatizando que as pessoas/ núcleos que trabalharem na realização desses eventos devem ser remunerados tal qual um profissional.
 - Pergunta pertinente: *quais núcleos vão realizar essas atividades?*
- Edu Abad está realizando um projeto junto a secretaria da cultura que consiste em unir curtas-metragens produzidos pelos núcleos, formando um longa (os núcleos ainda serão contatados).
- O AFCV vai editar o documentário da mostra do cinema de quebrada, portanto **é necessário unir as fitas.**
- A realização da virada cultural se dará diretamente entre os núcleos e o organizador do evento.

Próximo fórum: 05/04 às 19hs no mesmo bate local.

Registro do XI Fórum Cinema de Quebrada

– 22/11/2005, às 19h30, no auditório do 1º andar da SEPP da Prefeitura municipal de São Paulo.

A pauta do dia foi a seguinte:

INFORMES:

- Sobre o programa da Rede TV

Ficou definido que o Fórum irá apresentar uma proposta para a Rede TV! Mas a prioridade é garantir o prazo da inscrição (prazo: 28/11). Os materiais a serem enviados devem ter formatos curtos. Quem dos núcleos tiver interesse em participar em nome também do Fórum Cinema de Quebrada, deve procurar a Moira até Alexandre trouxe um instrumento para a cessão dos direitos dos programas e que deve ser enviado junto às fitas. Vai socializar na lista.

- Mostra Taguatinga

Moira informou sobre a possibilidade do I Fórum Nacional de Cinema de Quebrada ser sediado na Mostra Taguatinga. Pensando em todas as oportunidades, disse que a Kinofórum poderia disponibilizar as fitas para quem tivesse interesse em participar da mostra, também em nome do Fórum. Quem tiver interesse, também procurar a Moira até 6ª-feira.

- Edital da Prefeitura – documentários sobre História dos bairros da cidade:

Edital da Prefeitura (para pessoa jurídica) financiando documentários que registrem a história dos bairros da cidade. O Fórum decidiu participar e os núcleos terão que se agilizar com as ONG's para escreverem a pré-proposta em nome do Fórum (data: de 22/11 a 07/12). Ficou definido que um GT Edital será criado para analisar o edital, escolher os locais e escrever o pré-projeto. Foi discutido também que a pesquisa e a história dos locais devem ter uma continuidade com os locais do entorno – crescimento da cidade.

Locais pré-definidos: Leste e Sul:

- Cidade Tiradentes – FP e Joinha Filmes
- Jd São Luis – MUCCA
- Sto Amaro – Pary
- Bom Retiro/ Centro – Indianara / Novolhar
- Campo Limpo – Arrastão / Vânia / Nerama

Foi decidido que o prazo para envio de propostas será até 6ª, na lista forumcinema@yahoogrupos.com.br, e pré marcada uma reunião para as 14h na 6ª. (Confirmar na lista)

- Centro de Juventude

Moira convidou a todos os integrantes do Fórum para participar da discussão sobre o modelo de gestão e compra de equipamentos junto à comunidade da Vila Nova Cachoeirinha, onde está sendo construído o Centro de Referência da Juventude que será inaugurado em abril.

RELATÓRIOS DOS GRUPOS DE TRABALHO:

1. GT Seminário:

O seminário visa fortalecer o Fórum. Foi elaborado um formato de 3 dias para o ano que vem. Serão abordadas as discussões feitas na Mostra e o objetivo é tirar um manifesto para fortalecer o Fórum. Com mesas temáticas para Secretarias específicas (Participação, Cultura, Saúde, Trabalho, Educação).

Será uma oportunidade de articular a produção audiovisual na consolidação dos núcleos e da comunidade e de políticas públicas.

O registro das discussões do Fórum será usado no Seminário- Arnaldo do CCSP liberou os cassetes para o Fórum.

A intenção é que o manifesto tirado no seminário consolide o cinema de quebrada assim como aconteceu com o “Dogma Feijoadá”.

Sobre os convidados para os debates, teremos o cuidado de discutir políticas públicas sem a dependência de política partidária, articulando por exemplo, com a Câmara para que o nosso projeto vire lei.

Edu irá reenviar o relatório. A última questão do GT Seminário foi referente à sustentabilidade ou patrocínio para o Seminário para garantir quorum. Não haverá cachê para os convidados palestrantes e acontecerá, provavelmente, no Anhembi. Também surgiu a questão para ser levantada no Seminário sobre o audiovisual ser matéria transversal no currículo escolar do ensino médio.

2. GT Itinerância

Apresentada a proposta, foram discutidas as seguintes questões:

O projeto apresentado é para ser executado a longo prazo.

No entanto, existe uma vontade de aproveitar a demanda de lugares que querem exibir o cinema de quebrada. A curto prazo, é preciso formatar a programação pocket da Mostra Cinema de Quebrada para exibição – o que demandará trabalho e tempo.

Mesmo que o Fórum esteja consolidado para realizar a itinerância, a itinerância precisa de um apoio logístico e uma ajuda de custo. O fórum não faz uma apologia ao voluntarismo, mas quer fortalecer o trabalho dos núcleos, ao mesmo tempo que necessita do trabalho dos mesmos visto que eles é que irão executar esta mostra em sua quebrada. Alexandre deu a idéia de usar um viés de cineclubes e do Fórum poder comprar um equipamento de exibição.

Surgiram outras demandas de exibição em outros locais – USP, Cinemateca, Puc. Mas a prioridade do GT e do Fórum é ocupar e criar espaços de exibições na periferia. Sobre o projeto a longo prazo, pensar o patrocínio da Petrobrás, VAI, Caixa etc. A itinerância não acontecerá da mesma forma que foi feita a mostra do Cinema da Quebrada, colocando a carroça na frente dos bois.

Formataremos a mostra em um DVD para que a itinerância seja feita com os parceiros.
Apresentação do projeto a curto prazo: 15/12

3. GT de Formação:

Ao contrário do GT de Itinerância, o GT de Formação esta trabalhando o curso de 4 meses de formação para os participantes do fórum (núcleos) na USP, e a Escola Livre de Cinema, o projeto a longo prazo, foi preterido em nome deste curso, por hora. O curso será demandado pelos próprios núcleos e, na rede, será lançado questionário sobre o que demandas deverão serem contempladas neste curso? E outras questões do tipo: o que os participantes do Fórum podem querer da formação da USP? Vamos formar quem? O que esses jovens querem, ser artistas, produtores, roteiristas,icineiros? Para tanto, o desenho do projeto atende uma demanda? Guilherme da USP disse que será uma troca, a Universidade terá a ganhar.

O trabalho dos GTs continuam.

Próximo fórum, apresentação dos relatórios finais dos projetos a curto prazo – cronograma das ações. O seminário irá se responsabilizar pelos projetos a longo prazo de cada GT e, fundamental, os relatórios devem ser enviados para a lista e lidos antes do Fórum.

Próximo Fórum: 06/12

Ata do fórum de Cinema de Quebrada

Data: 23/01/2006

Local: Secretaria de Participação e Parceria, Coordenadoria da Juventude, sétimo andar.

Presentes: Vânia, Luciano, Alexandre, Pary, Musa e Marília.

Pauta:

O que deve ser feito frente às dificuldades:

- Baixo número de pessoas presentes nas últimas reuniões do fórum.
- Baixa representatividade junto aos núcleos de cinema de quebrada.
- Perda do foco do fórum e dos GTs. Quais as demandas? Quais as estratégias a se tomar?

Encaminhamentos

- Ligar para os diversos núcleos que trabalham com cinema nas periferias e marcar uma reunião para "refundar" o fórum. Faz-se necessário retomar o caráter de espaço de trocas entre os núcleos para então retomar o diálogo com o poder público, ONG´s, etc.
- Esta reunião deverá ser marcada para o mês de fevereiro em outro espaço (que não a Secretaria de Participação e Parceria) como Galeria Olido ou Centro Cultural Vergueiro.
- Nessa reunião deverão ser questionadas/reafirmadas as demandas da carta de intenções e repensadas as estratégias do fórum.
- Em um segundo momento poderíamos chamar alguém da secretaria de cultura para participar do fórum.



**PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA ESPECIAL PARA
PARTICIPAÇÃO E PARCERIA

Coordenadoria da Juventude

Ata do Cinema de Quebrada – Zona Norte

Aos dezessete dias do mês de fevereiro de dois e sete, no local de reunião, Centro Cultural da Juventude na Avenida Deputado Emilio Carlos, 3641, Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo/SP – Reuniram-se Renato Candido do Núcleo Popular da USP (NUPAU), Vanice Deise e Zytho Rastaromão ambos do Núcleo (Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo), Anderson, Vivian e Cecilia ambos do Núcleo de exibição (Cinema Itinerante), Gláucia Santos, Emerson Souza e Flávio Galvão ambos do Núcleo de Pesquisa (Cinetrans), Eduardo Paes do (Centro Cineclubista de São Paulo), Giordano Santos e Sidnei Alves ambos de um (Projeto de vídeo do CCJ), Djair Guilherme do (Cine Célula/ Movimento Humanista), Wagner Pereira e Jonas Ferreira ambos do (Sapo Cine/ Juventude Ativa), Miguel Gondim e Marie ambos do (Centro Cultural da Juventude/ CCJ), Rose Satiko antropóloga da (Universidade de São Paulo/ USP) e Wilq Vicente da (Coordenadoria da Juventude). A conversa inicia com a Rose Satiko professora e antropóloga da Universidade de São Paulo/ USP, pedindo autorização para gravação e citando que é uma pesquisa retomada por ela há dois anos e o tema da pesquisa é cinema de periferia, e que ela gostaria que as pessoas presentes autorizassem a gravação. As pessoas presentes não se oporão. Wilq Vicente da Coordenadoria da Juventude deu por iniciada a reunião no CCJ. Wilq Vicente entregou as propostas discutidas nas reuniões da Zona Sul e a idéia era discutir proposta por proposta e logo depois todos se apresentaram e falaram de qual grupo participava. Miguel Gondim do CCJ tomou a palavra e comentou um pouco do histórico do Centro Cultural da Juventude, Miguel ainda citou o Núcleo de Multimídia existente no espaço e que o CCJ está trabalhando com alguns projetos desde ano 2006 projetos como: Projeto Escuda, Produção Digital e Criando Universo e a idéia em 2007 é a de que os núcleos de produção independente ocupem o CCJ e desenvolver oficinas, mostras e bate-papo durante 04 (quatro) meses. Queremos lançar um mini edital de chamamento para os Núcleos de Produção, os grupos terão que entregar um projeto descrevendo as oficinas, mostras e bate papo, o Miguel comentou também que será contemplado um grupo a cada 04 (quatro meses) e que o grupo terá que desenvolver atividades e para isso terão um recurso x por mês. Esse edital será lançado entre março ou abril 2007 e o primeiro grupo contemplado será



**PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA ESPECIAL PARA
PARTICIPAÇÃO E PARCERIA

Coordenadoria da Juventude

conhecido em agosto 2007. Miguel salientou ainda que dessa forma começa-se a criar um acervo das produções feitas pelos núcleos nas atividades e mais que no edital existirá uma cláusula, que os projetos aprovados usarão os filmes do acervo nas oficinas por eles desenvolvidas e que as oficinas será fechada para 10 (dez) ou 20 (vinte) pessoas devidamente escritas com antecedência, e a mostra e bate-papo será aberta ao público. Djair Guilherme do núcleo de exibição Cine Célula comentou algumas questões. Primeiro, para se começa a montar o acervo independente vamos precisar no mínimo de cooperação mutua, todos os grupos terão que se esforça bastante. Segundo Djair Guilherme a proposta é também capacitar os núcleos de produção para fazerem esse trabalho, como oficinas temáticas de auto-ração de DVD, oficinas de legendas etc. E um outro trabalho que Cine Célula faz a algum temo o de menta reciclagem de computadores, segundo Djair Guilherme terá que ter no mínimo alguns computares só pra gravar as mídias do acervo e que uma das propostas é reciclar computadores. Vanice Deise do núcleo Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo, salientou que é necessário disseminar os trabalhos produzidos pelos núcleos de produção independente, ela ainda comentou da preocupação de formação de público que é importante, montar um acervo e fazer a segunda mostra cinema de quebrada. O Renato do núcleo popular da USP tomou à palavra citando é preciso melhorar a comunicação entre os grupos de produção da periferia para se buscar vãos mais altos. Eduardo Carioca do Centro Cineclubista de São Paulo tomou a palavra e comentou que os filmes produzidos pelos núcleos têm um papel muito importante e é preciso retrata os filmes com intensidade, discutir o contexto das produções. Wilq Vicente retomou a palavra comentando sobre os núcleos da região sul estipularem uma data na segunda quinzena de maio para entrega dos vídeos para começar a montar o acervo de vídeos independentes, foi perguntado aos núcleos presentes se mantêm, os participantes responderam que sim, mas, que é necessário estipular um prazo, uma data, e ficou decidido o dia 19 da maio como prazo final para todos os interessados em compor o acervo independente. A Vanice Deise do núcleo Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo perguntou se existem critérios? Wilq Vicente retomou a palavra e respondeu que teremos alguns critérios, por exemplo, limite de vídeos por núcleos, o autor da obra terá que assinar um termo se responsabilizando pela sua obra, sabendo que a obra será copiada e distribuída pra vários lugares. O Flávio Galvão do grupo Cinetrans citou que neste primeiro momento teremos que nos preocupar



**PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**

**SECRETARIA ESPECIAL PARA
PARTICIPAÇÃO E PARCERIA**

Coordenadoria da Juventude

com divulgação e distribuição do acervo e posteriormente com a mostra cinema de quebrada nas quebradas. Eduardo Carioca perguntou se a mostra ocorreria só no centro. Wilq Vicente respondeu que a mostra vai acontecer nas 04 (quatro) regiões da cidade e centro, teremos que privilegiar a quebrada também e a data pra mostra será no mês de outubro, e que a Coordenadoria da Juventude está correndo atrás dos espaços públicos para exibir os vídeos da mostra. Djair Guilherme retomou a palavra, comentando a importância de se fazer algo neste momento, mostras itinerantes nos núcleos de exibição. Wilq Vicente retomou a palavra e comentou que teremos uma semana de realização da mostra e que possivelmente terá vídeos de todas as cidades e não só de São Paulo. Miguel Gondim do CCJ tomou a palavra e citou que irá vê com a PRODAM o esquema de um computador para usar na formação do acervo. Wilq Vicente se responsabilizou em procurar junto a PRODAM um computador e espaços públicos e privados de exibições, divulgação impressa do acervo e orçamento para mostra. Vanice Deise se responsabilizou em encontrar os contatos dos realizadores fora de São Paulo para mostra cinema de quebrada. Djair Guilherme do núcleo Cine Célula também ficou de vê o computador. Wilq Vicente deu por encerrado os trabalhos e na ocasião foi deliberada a data de 10 de março de 2007 para o próximo encontro do Fórum Cinema de Quebrada – Zona Norte e a Coordenadoria da Juventude às 14h30 no núcleo de exibição Sapo Cine – na Cohab Jardim Antartica – Zona Norte.

#####



**PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA ESPECIAL PARA
PARTICIPAÇÃO E PARCERIA

Coordenadoria da Juventude

Ata do Fórum Cinema de Quebrada – Zona Sul

Aos **dez dias do mês de fevereiro do ano de dois e sete, às dez horas e trinta minutos** no local de reunião, na sede do núcleo de exibição Cine Becos e Vieiras localizado no município de São Paulo, situado na Avenida Ivirapema, 42 A – Jardim Ranieri – Distrito do Jardim Ângela, reuniram-se, **Diego Francisco do Núcleo de Comunicação Alternativo (NCA), Renato Candido do Núcleo Popular de Audiovisual da USP (NUPAU), Juliana Santos do Cineclube Cine Becos e Vieiras, Fernando Solidade Núcleo de Comunicação Alternativo (NCA), Peu Pereira no Núcleo Arte na Periferia, Elizandra Batista do Jornal Becos e Vieiras, Marie do Centro Cultural da Juventude (CCJ), Daniela Embón do Núcleo Arte na Periferia, David Alves do Núcleo Arte na Periferia e Wilq Vicente da Coordenadoria da Juventude.** A reunião inicia-se com a Rose Satiko professora de antropologia da Universidade de São Paulo (USP), pedindo autorização aos grupos participantes que autorizassem a gravação. Todos presentes não se opõem à gravação. Mas, Diego Soares do núcleo N.C.A, fez a seguinte pergunta para a professora Rose Satiko. Qual é o objetivo da gravação? Rose Satiko, respondeu que a gravação é uma pesquisa que ela está retomando sobre produção independente e que todos os grupos terão acesso ao material bruto e pos editado, se assim os núcleos desejarem. Wilq Vicente teu por iniciada a reunião, citou a pauta da reunião anterior no dia 27 de janeiro e entregou a ATA e as propostas para todos presentes e que naquele momento foi lida em voz baixa. Logo após a leitura os núcleos presentes comentaram as propostas sugeridas pela Coordenadoria da Juventude na reunião anterior que foram as seguintes. 01. Montar acervo independente, 02. Il mostra cinema de quebrada, 03. Possível edital para produção e 04. Pontêcializar o festival cine-favela em Heliópolis. Os comentários foram surgindo com naturalidade. Primeiro comentário foi feito pelo David Alves do Núcleo Arte na Periferia, citou por que o fórum teria que pontêcializar o cine-favela, qual é o objetivo? Wilq Vicente comentou que o festival é interessante e que a proposta é ser discutida conjuntamente com o Fórum Cinema de Quebrada e se o fórum não apóia o projeto, a Coordenadoria da Juventude possivelmente não apoiará a iniciativa por que não tem sentido apoiar um projeto de cinema sem o apóio do fórum. Juliana do Cine Becos comentou que é melhor a Coordenadoria da Juventude apoiar só o cine-favela. A Marie do CCJ tomou a palavra e comentou a idéia do acervo independente, que a Coordenadoria da Juventude, CCJ e Fórum Cinema de Quebrada estão discutidos juntos. A Marie falou de que o CCJ é um equipamento público, e que precisa ser utilizado, citou também que os núcleos precisam estipular um prazo para mandarem os vídeos para CCJ e demais locais indicados pelo fórum. O David do Núcleo Arte na Periferia citou o quanto é interessante fechar uma data limite para



**PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**

**SECRETARIA ESPECIAL PARA
PARTICIPAÇÃO E PARCERIA**

Coordenadoria da Juventude

entregar os vídeos e catalogá-los. O Fernando do Núcleo N.C.A tomou a palavra e salientou que só estamos discutindo isso, craças ao barateamento da produção e advento da tecnologia digital e que precisamos incorporar ao nosso dia-a-dia, somos produtores independentes e precisamos usar essas ferramentas à nosso favor e o poder público têm que ser nosso parceiro. Peú do Núcleo Arte na Periferia, comentou que precisamos centralizar, ou melhor, descentralizar as informações, criar uma espécie de cinemateca na periferia, encontrar um espaço público e ocupá-lo, no qual seria o ponto de encontro de todos os grupos da zona sul, um espaço para exibição, acervo de livros e vídeos um espaço cultural na verdade, existe essa necessidade, afirmou o Peú. Wilq Vicente retomou a palavra e comentou, que a proposta do Peú é na verdade uma quinta proposta. Mas, que o poder público pode verificar a possibilidade dessa proposta. O Renato do Núcleo da Popular da USP tomou a palavra e comentou que era melhor voltamos nossas forças para a formação do acervo independente e da mostra cinema de quebrada. Diego do Núcleo N.C.A tomou a palavra falando do edital de fomento, dizendo que o valor do prêmio é muito baixo e como serei a distribuição da verba sendo que o prêmio é de R\$ 8.000 (oito) mil reais. Wilq Vicente retomou a palavra falando que essa possível proposta para fomentar a produção dos núcleos de produção independente é na verdade a de incentivar os núcleos a lidarem com recursos públicos e como usar esse recurso e mostrar para Secretaria de Cultura que é possível um edital de fomento exclusivo para esse tipo de produção periférica. Juliana do Cine Becos retomou a palavra dizendo como seria a logística da mostra e comentou também se é possível centralizar em dois ou mais espaços na Zona Sul. Wilq Vicente retomou a palavra e citou que para o Fórum Cinema de Quebrada e para a Coordenadoria da Juventude é melhor ser em poucos lugares. Os grupos presentes estipularam o mês de maio como data limite para entrega dos vídeos para formação do acervo independente e o mês de outubro para realização da Mostra Cinema de Quebrada. Wilq Vicente comentou que a Coordenadoria vai correr atrás de cartazes e flyer para os realizadores mandarem seus vídeos. Sem mais para o momento Wilq Vicente deu por encerrada os trabalhos e na ocasião foi deliberada a data de 03 de março de 2007, para o próximo encontro do Fórum Cinema de Quebrada e a Coordenadoria da Juventude às 11h no Cine

Becos.#####

#####



**PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA ESPECIAL PARA
PARTICIPAÇÃO E PARCERIA

Coordenadoria da Juventude



**PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA ESPECIAL PARA
PARTICIPAÇÃO E PARCERIA

Coordenadoria da Juventude

Ata do Cinema de Quebrada – Zona Norte

Aos dez dias do mês de março de dois e sete, no local de reunião, no núcleo de exibição Sapo Cine, Localizado na rua São Roque de Minas número xxx – Jardim Antartica – São Paulo/SP – Reuniram-se Flávio Galvão, Emerson de Souza e Gláucia Santos ambos do núcleo (Cinetranse), Marie do CCJ, Djair Júnior, Sergio e Jonas ambos do Núcleo de exibição Sapo Cine e Wilq Vicente da Coordenadoria da Juventude. A conversa inicia com os participantes Wilq Vicente da Coordenadoria da Juventude informando um pouco do histórico do Fórum de Cinema, as atividades que estavam rolando e as que rolaram, como por exemplo, reuniões regionais nas comunidades que todo processo de reuniões está sendo registrado em ATA's. E que o Fórum de Cinema já organizou em parceria com a Coordenadoria da Juventude e Centro Cultural São Paulo uma Mostra de Vídeos em 2005, chamada Cinema de Quebrada. Mas, em 2006 o Fórum de Cinema esvaziou devido às dificuldades de locomoção encontradas pelos participantes dos coletivos. Em função desse detalhe, houve uma iniciativa de regionalizar as reuniões do Fórum de Cinema, neste contexto, ocorreram duas reuniões na Zona Leste em dezembro de 2006, da qual compareceram alguns representantes dos coletivos, como Filmagens Periféricas e Pombas Urbanas os dois grupos da Cidade Tiradentes, duas reuniões ocorreram na Zona Sul, no Cine Becos e Velas com os coletivos daquela região e uma na Zona Norte no Centro Cultural da Juventude (CCJ) com os coletivos daquela região e de outras. Foi comentado ainda que a Coordenadoria da Juventude está buscando parcerias, já que a mesma (coordenadoria) fica na Secretária de Participação e Parceria, e que a reunião no Jardim Miriam em Cidade Ademar, está com esse intuito buscar parcerias e fazendo um mapeamento de todos os coletivos de audiovisual organizado naquela região da cidade e região metropolitana. Que a Coordenadoria pretende montar uma agenda prepositiva em 2007, com a participação de todos os coletivos de cinema. Como a Coordenadoria levou apenas propostas, em todas as reuniões para tentar fechar um calendário de atividades em 2007. E discutir com os coletivos essas propostas, a primeira um Acervo Independente de vídeos dos coletivos e possivelmente a partir da criação do Acervo, cria-se um circuito de exibição nas quebradas, a outra proposta é uma mostra, a segunda Mostra Cinema de Quebrada, que também irá compor as quebradas dos coletivos. A Thais Scabio



Coordenadoria da Juventude

do Núcleo Com Olhar comentou das dificuldades de acesso aos meios de Cultura em Cidade Ademar, que a maioria dos jovens moradores da região se locomovem até Diadema para acessar esses meios, município que fica na divisa de Cidade Ademar. Thais ainda comentou que na região não existe equipamento de cultura, como Casa de Cultura, comentou que só existe um CEU próximo, mas não acontecer nada nela, virou escola comenta. Leonardo do JAMAC citou que gostaria de criar uma demanda na região, que os jovens ficassem na cidade e não se locomovessem até Diadema e que o JAMAC pode ser um espaço para exibição da Mostra Cinema de Quebrada. Gilberto do Núcleo Com Olhar comentou que a prefeitura fez algumas oficinas no CEU, mas parou sem saber o motivo. Daniel do N.C.A perguntou qual seria o intuito da reunião. Wilq da Coordenadoria informou que aquela reunião especifica tinha como foco o mapeamento de novos grupos, principalmente naquela região (cidade Ademar) e também levar as propostas para serem discutidas. Ficou combinado na reunião que os grupos presentes iriam buscar contatos de novos grupos na região, para começar um mapeamento mais sério. Daniel do N.C.A citou que seria legal, interessante, fazer oficinas e debates, gravação de todas as ações do Fórum, como foi feito na Mostra Cinema de Quebrada em 2005, só assim legitimaremos nossas ações. Wilq da Coordenadoria comentou que umas das propostas da Coordenadoria são os coletivos se escreverem no Ofício Social, uma espécie de Edital da Prefeitura Municipal, na qual se cadastram para serem remunerados nas atividades do Fórum. Ficou combinado que os coletivos de cinema e vídeo daquela região, vão fazer propostas de oficinas e debates para a próxima reunião e propostas para compor o Acervo Independente e a Mostra Cinema de Quebrada 2007. E o coletivo deu por encerrado os trabalhos e na ocasião foi deliberada a data de 31 de março de 2007, para o próximo encontro do Fórum Cinema de Quebrada – Zona Sul – Cidade Ademar e a Coordenadoria da Juventude às 15h na Subprefeitura de Cidade Ademar.

#####.



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA COORDENADORIA DA JUVENTUDE

Ata do Fórum Cinema de Quebrada

Aos **vinte e sete dias do mês de janeiro do ano de dois e sete, às dez horas e trinta minutos** no local de reunião, na sede do Cineclubes Cine Becos e Viegas localizado no município de São Paulo, situado na Avenida Ivirapema, 42 A – Jardim Ranieri – Distrito do Jardim Ângela, reuniram-se, **Diego Francisco do Núcleo de Comunicação Alternativo (NCA), Renato Candido do Núcleo Popular de Audiovisual da USP (NUPAU), Juliana Santos do Cineclubes Cine Becos e Viegas, Gláucia Santos do Núcleo de Estudos Cinetrans, Fernando Solidade Núcleo de Comunicação Alternativo (NCA), Aline Gueiros e Wilq Vicente ambos da Coordenadoria da Juventude.** Aline e Wilq apresentaram-se e falaram da importância dos fóruns para a prefeitura em especial a Coordenadoria da Juventude e da necessidade de retomar o Fórum de Cinema. Wilq Vicente iniciou a reunião falando do histórico do Fórum de Cinema, dizendo que uma das causas que fizeram o Fórum se esvaziar, como uma das principais dificuldades, era a financeira para se chegar até o centro e que as ONG's estavam ocupando muito espaço no Fórum de Cinema, e que essa não era a intenção da Coordenadoria da Juventude e sim promover políticas públicas de audiovisual nas quebradas. Citou a necessidade de criar-se políticas públicas de audiovisual exclusiva para os Núcleos de Produção Independente, comentou também das duas reuniões ocorridas na Zona Leste da cidade em dezembro de 2006. E a principal demanda para este ano é fazer o Fórum de Cinema regionalizado nas quebradas e que as demandas sejam centralizadas na Coordenadoria da Juventude (propostas) e que contemplem todas as regiões tais como: **sul, leste, norte e oeste.** Leu as propostas feitas pela Coordenadoria da Juventude, que eram discutidas no Fórum de Cinema 2005/2006. E foi lida proposta por proposta. A proposta um para o primeiro semestre deste ano, seria a de fazer um acervo dos vídeos realizados pelos Núcleos de Produção Independente, sendo, que a proposta é distribuir o pacote de vídeos com ficha técnica, conteúdo sinopse, duração do vídeo etc. Juliana do Cine Becos e Viegas, tomou a palavra e comentou do acervo produzido pelas oficinas Kinoforum, que a maioria dos núcleos não tem acesso. O Fernando do núcleo N.C.A tomou a palavra, e perguntou como viabilizar o projeto do acervo? Wilq da coordenadoria da Juventude comentou, que usaríamos a estrutura da Coordenadoria da Juventude, como telefone, Internet e divulgação, sendo que as duas primeiras como prévio agendamento e a segunda com o projeto devidamente escrito para disponibilizar ajuda financeira. Fernando do núcleo N.C.A retomou a palavra, citou que temos que usar a linguagem da periferia, e que o acervo tem que ser dividida entre os Núcleos de Produção Independente e os espaços culturais. Wilq retomou a palavra e comentou de fazer um pacote e distribuir entre os núcleos, bibliotecas,



**SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA
COORDENADORIA DA JUVENTUDE**

CEUS, CCJ entre outros. E que a coordenadoria buscava parceiros como Centro Cultural da Juventude, estrutura para física para fazer este acervo. O Renato do NUPAU tomou a palavra e comentou de usar a estrutura do CCJ, como o pessoal da Cidade Tiradentes utilizar a estrutura do CEU, o Renato comentou também de fazer um lançamento dos pacotes com os vídeos dos Núcleos de Produção, nas CEUS e CCJ. Juliana do Cine Becos retomou a palavra e citou de passar uns curtas, fazer uma mostra, não só centro, mas, também nas quebradas. Wilq retomou a palavra e citou o edital para realização audiovisual, mas, que é uma proposta em desenvolvimento, e que esse edital seria de no máximo R\$ 8.000,00 (oito mil reais) para dividir entre dois ou mais Núcleos Produção Independente. O Renato do NUPAU retomou a palavra e citou, que não seria saudável uma concorrência entre os Núcleos de Produção Independente. O Fernando do Núcleo N.C.A retomou a palavra, comentando que às vezes o problema não é a produção, mas, sim a exibição do vídeo e citou também que a Mostra Cinema de Quebrada teria que acontecer em todas as regiões e região central. Lançou a proposta dar Mostra Cinema de Quebrada acontecer em outubro de 2007. O Renato do NUPAU retomou a palavra e comentou como seria a logística da mostra, atender todas as regiões da cidade em uma semana, como seria viabilizado. Wilq retomou a palavra e citou que o Fórum de Cinema vai ter que se articular melhor para atender as demandas surgidas. O Diego do Núcleo N.C.A comentou da possibilidade de acontecer uma mostra ao ar livre, nas praças, locais abertos. Juliana do Cine Becos comentou da apropriação dos espaços públicos de cultura e citou o CEU. O Wilq comentou, da possibilidade de articular o Festival Cine Favela de Curtas Metragens na comunidade de Heliópolis e que a mostra é um provável espaço de exibição e difusão dos vídeos realizados pelos Núcleos. O Renato do Núcleo NUPAU retomou a palavra e perguntou qual era à possibilidade de trazer a galera do Cine Favela para uma conversar com o Fórum de Cinema. Wilq comentou, é ligar e agendar uma conversar. Fernando do Núcleo N.C.A retomou a palavra e citou, a periferia tem que conseguir integrar os vídeos realizados nas quebradas para as quebradas. Fernando ainda comentou, as quebradas são isoladas, é preciso políticas públicas de cultura, contemplar as quebradas. Encerramento. Wilq Vicente deu por encerrada os trabalhos e na ocasião foi deliberada a data de 10 de fevereiro de 2007 para o próximo encontro do Fórum Cinema de Quebrada e a Coordenadoria da Juventude às 10h no Cine Becos.

#####



**SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA
COORDENADORIA DA JUVENTUDE**

#####

Alguns informes,

Fórum Cinema de Quebrada!

Aos dois dias do mês de abril de dois e sete, no local de reunião, na rua Libero Badaró, 119 – Prédio da Secretária de Especial de Participação e Parceria – Centro – reuniram-se Frank Ferreira e Felipe Macedo ambos do projeto Pop Cine e Wilq Vicente da Coordenadoria da Juventude. Pauta, discutir a proposta da Mostra Cinema de Quebrada 2007 e ocupar as salas de exibições. A conversa inicia com o Felipe Macedo explicando o projeto Pop Cine. Segundo Felipe Macedo é um projeto que pretende criar um circuito de exibição no estado de São Paulo, falou um pouco das dificuldades do público em comparecer as salas de cinema devido há alguns fatores como, por exemplo, distância e preço do ingresso, afirma Macedo. E que o projeto Pop Cine é uma tentativa de acabar com o monopólio das grandes salas e do circuito concentrado, principalmente nos centros das grandes metrópoles e nos Shopping Center nas salas do tipo multiplex, da qual o público está relegado a poucas opções de filmes. O Frank toma a palavra e comenta que o Pop Cine se interessa em exibir a Mostra Cinema de Quebrada, no circuito Pop Cine. Wilq Vicente da Coordenadoria, pergunta aos representantes do Pop Cine, qual a possibilidade real dos vídeos produzidos pelo Fórum Cinema de Quebrada, ser exibir nas salas do Pop Cine. Felipe Macedo retoma a palavra e comenta, que o Fórum interessa e muito ao Pop Cine, que na inauguração da sala na Maria Antonia, foi feita uma programação sobre o Cinema de Quebrada, afirma Macedo. Macedo ainda confirma o interesse do Pop Cine, que também é uma distribuidora. **E afirma que gostaria que o Fórum de Cinema, se não se opor, que gostaria de comprar os direitos de exibição dos filmes, enquanto a Mostra Cinema de Quebrada durar, que o realizado da obra terá um retorno de trinta e cinco por cento (35%) da renda bruta das salas, e que até o outubro será inaugurada mais ou menos dez (10) novas salas e que pode rolar uma previa da Mostra na Sala Maria Antonia, antes. Se o Fórum Cinema de Quebrada, se interessar.** O Pop Cine está muito interessado em colaborar com o Fórum Cinema de Quebrada. O que vocês do Fórum acham das propostas, levantadas pelo Pop Cine?

Posso saí daqui, pra me organizar,
posso saí daqui, pra desorganizar. [...]
Chico Science

Vamos no organizar...

Abs,

Wilq.

Fórum do Audiovisual Jovem de São Paulo
Reunião com os gestores do Centro Cultural São Paulo

Data: ? de julho de 2005

Local: Centro Cultural São Paulo

Presentes:

- Celso Curi – diretor do Centro Cultural São Paulo;
- Arnaldo ? – departamento de cinema e vídeo do CCSP;
- Renato Musa – Coordenadoria da Juventude;
- Moira ? – Associação Cultural Kinoforum;
- Elton Rhymes – Joinha Filmes;
- Wilke ? – Vídeo, Cultura e Trabalho;
- Alexandre Kishimoto – Ação Educativa – Cinema e Vídeo Brasileiro nas Escolas;
- Eduardo Abad – Associação Brasileira de Documentaristas/SP;
- ? (amigo do Elton)

Pauta:

1. Espaço de exibição de vídeo
2. Seminário do Fórum

Wilke, jovem em formação pelo projeto Vídeo, Cultura e Trabalho e integrante do Fórum de Audiovisual Jovem, entregou aos representantes do Centro Cultural São Paulo, documento da Coordenadoria da Juventude de apresentação das propostas de atividades do Fórum.

Celso Curi, diretor do Centro Cultural São Paulo dá as boas vindas ao grupo, e junto com o responsável pelo Departamento de Cinema, reiterou a vontade do CCSP de colaborar e participar da rede formada pelo Fórum, bem como de integrar a produção audiovisual dos grupos juvenis representados pelo grupo em sua programação cultural pública.

Arnaldo ?, do Departamento de Cinema do CCSP, explicou aos presentes o processo de reestruturação da programação da sala de cinema e vídeo: a partir de agosto de 2005, a programação de mostras em cinema e vídeo não preencherá o horário das 14:00 às 16:00, incluindo-se as sessões de sábado.

Frente à possibilidade de utilização desse horário, durante a semana, para atividades relacionadas ao Fórum, seus representantes levantaram a dificuldade dos participantes dos grupos em freqüentar o espaço nesses dias e horários.

Representantes do CCSP ofereceram então o horário de sábado como possibilidade de atividades em parceria, obtendo concordância de todos os presentes. Combinou-se então a realização de uma mostra de vídeo, que ocorrerá no horário das 14:00 em 8 (oito) sábados, como uma primeira experiência tendo como perspectiva a consolidação de um espaço permanente de exibição e debate das produções audiovisuais dos grupos de jovens realizadores.

Representantes do Fórum lembraram a existência de 7 grupos ativos de produção audiovisual em São Paulo, considerando que as 8 sessões poderiam ser preenchidas pelas produções destes grupos. Lembrou-se também da existência de um grupo de professores da rede pública da Zona Leste que produzem documentários a partir de projeto da Ação Educativa (a produção deste educadores poderia integrar a programação).

Responsabilidade do CCSP: infra-estrutura (sala de projeção), divulgação (arte e impressão próprias do CCSP), parceria na curadoria. Responsabilidade do Fórum – proposta de curadoria, sistematização das informações dos vídeos e dos grupos, formulação do conceito da mostra, seleção dos vídeos, articulação dos grupos;

Plano de divulgação diferenciada para os bairros das diferentes regiões representadas pelos grupos; compromisso do CCSP em elaborar catálogo de apresentação da mostra;

Data prevista para a realização da mostra: outubro e novembro de 2005; prazo para envio das informações: 15 de agosto;

Seminário: CCSP não dispõe de espaço na programação para a realização do Seminário nos horários propostos; diretor do CCSP se propôs a articular com o Cine Olido para a realização do seminário lá; definir o quanto antes data e formato do seminário;

ANEXO 6

O Fórum Paulistano de Cinema de Quebrada é uma reunião permanente de realizadores da Região Metropolitana de SP que visa multiplicar, ampliar, dar visibilidade e acesso aos meios de produção, sensibilizando e potencializando outros jovens interessados na linguagem audiovisual.

Foram levantadas quatro demandas pelos membros do fórum:

1. *Exibição*: ocupar os espaços públicos de projeção audiovisual para que esses equipamentos não se percam no tempo, para que os produtores jovens e sem acesso ao circuito comercial possam exhibir seu trabalho e suas idéias, e para que a comunidade da região possa ter acesso ao cinema, em especial, não holywoodiano. Portanto...
2. É necessário *formar um público* interessado nessa produção, fazer brotar na população o hábito de freqüentar o cinema, começando por peças de autoria e temática daquela região a fim de despertar interesse dentro de uma linguagem que para muitos é totalmente nova.
3. *Formação*: multiplicação e ampliação da formação de produtores de cinema, sensibilizando outros jovens potencialmente interessados na linguagem e formando o olhar do público para a produção cinematográfica, além de permitir o desenvolvimento de estética própria àquela comunidade que se comunique com o mundo globalizado a partir de seu próprio ponto de vista.
4. *Sustentabilidade*: que o trabalho desenvolvido relativo ao áudio visual garanta o sustento dos realizadores.

O fórum ainda objetiva consolidar núcleos e demais interessados para discutir e pensar sobre políticas públicas voltadas propriamente às produções de quebrada.



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA
COORDENADORIA DA JUVENTUDE

Fórum Paulistano de Audiovisual e Cinema Comunitário Jovem

Carta de Intenções

O barateamento dos custos de produção cinematográfica com o advento da tecnologia digital trouxe uma nova realidade para essa linguagem artística. O que antes era restrito a poucos e grandes produtores agora é acessível a muitos e pequenos, sem no entanto alcançar a maior parte da população e gerando uma espécie de abismo cinematográfico.

Existe na cidade de São Paulo um sem número de jovens produtores de audiovisual cujo acesso às salas de exibição para o público e até mesmo aos equipamentos públicos de produção é limitado de diversas maneiras. E existe um público potencial para o cinema que não tem o hábito de freqüentá-lo e têm dificuldade de se identificar nos filmes estrangeiros ou mesmo nacionais que não sejam de sua própria comunidade. São na verdade, dois abismos: um do lado do acesso aos meios de produção e outro do lado do acesso ao produto.

Em vista disso, a Coordenadoria da Juventude vêm conversando com ONG's e atores do movimento de produção audiovisual nas Periferias de SP desde o início do ano para identificar e unificar as demandas que surgiram em diversas frentes.

Foram realizadas diversas reuniões, nas quais compareceram Ação Educativa, Associação Cultural Kinofórum, Brazucah Filmes, Funarte, CAAC (Centro de Artes Alternativas e Cidadania), Instituto Criar, Fundação Gol de Letra, Projeto Casulo, Associação Novolhar e ABD-SP (Associação Brasileira de Documentaristas – seção São Paulo), instituições que trabalham com a formação de jovens produtores na linguagem audiovisual como forma de expressão e trabalho ou com a democratização do acesso à produção nacional de cinema, além de alguns dos núcleos de produtores formados pelas mesmas, tais como Joinha Filmes, Tio Pac Produções, Filmagens Periféricas, Vídeo, Cultura e Trabalho (VCT), "Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo", MUCCA (Mudança com Conhecimento, Cinema e Arte).

Durante essas conversas foi criado o Fórum Paulistano de AudioVisual e Cinema Comunitário Jovem cujo diagnóstico se resume em 3 demandas principais, identificadas por esta Coordenadoria.

Essas 3 demandas são:

1. É preciso ocupar os espaços públicos de projeção audiovisual para que esses equipamentos não se percam no tempo, para que os produtores jovens e sem acesso ao circuito comercial possam exibir seu trabalho e sua idéias, e para que a comunidade da região possa ter acesso ao cinema. Para esse último aspecto cabe ainda notar que é necessário criar o hábito de freqüentar o cinema, começando por peças de autoria e temática daquela região a fim de despertar interesse dentro de uma linguagem que para muitos é totalmente nova.
2. Acesso aos equipamentos públicos de produção audiovisual que, estando fisicamente disponíveis para uso, não o estão de fato. Isso acontece por falta de quem os saiba operar, por falta de quem se responsabilize por aquele patrimônio, ou pela mera falta de políticas e procedimentos para sua liberação e uso.
3. Multiplicação e ampliação da formação de produtores de cinema, sensibilizando outros jovens potencialmente interessados na linguagem e formando o olhar do público para a produção cinematográfica, além de permitir o desenvolvimento de estética própria àquela comunidade que se comunique com o mundo globalizado a partir de seu próprio ponto de vista.

Cinema de Quebrada

A nova produção audiovisual
das periferias de São Paulo

Mostra de Cinema
Debates

CINEMA

DE QUEBRADA



Centro Cultural São Paulo
Sala Lima Barreto
Rua Vergueiro, 1000
Metrô Vergueiro
3277-3611 - ramal 221
www.centrocultural.sp.gov.br

01 de outubro a 19 de novembro
sábados - 14h

Entrada franca

apoio



realização

Fórum Paulistano de Audiovisual
e Cinema Comunitário Jovem.



PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA
SECRETARIA DE
PARTICIPAÇÃO E PARCERIA

Grupo	Representante	Email	site	fone
Associação Cultural Artística de Heliópolis	Reginaldo	acahscultural@yahoo.com.br	www.acahs.amatriz.com.br	6914-2275
Joinha Filmes	Elton Ferraz	joinhafilmes@yahoo.com.br		6282-3652
Filmagens Periféricas	Kelly Regina	filmagensperifericas@hotmail.com		6558-7310
Kinofórum	Maira Toledo	olhar@kinoforum.org	www.kinoforum.org	3034-5538
ABD	Edu Abad	eduabad@uol.com.br	www.abdsp.org.br	3727-2867
FUNARTE	Fabiolla Duarte	fabiolladuarte@yahoo.com.br	www.funarte.gov.br	3662-5177
CAAC	Max Mu	maxmu@caac.com.br	www.caac.com.br	
Ação Educativa	Alexandre Kishimoto	alexandrekishimoto@gmail.com	www.acaoeducativa.org	3151-2333
Instituto Criar	Danielle Fiabane	danielle@institutocriar.org	www.institutocriar.org	7716-0658
Fundação Gol de Letra	Tatiana Travisani	tati_travi@yahoo.com.br	www.goldeletra.org.br	6991-2361
Tio- Pac	Cláudio Nunes de Souza	tiopac_lee@yahoo.com.br		6516-7586
Brazucah Filmes	Camila de Freitas	brazucahproducoes@yahoo.com.br		3875-6345
VCT	Wilq Vicente	wilqthecat@bol.com.br	www.acaoeducativa.org	3151-2333
MUCCA	Luciano Oliveira	anjo.luciano@ig.com.br		9181-2635
Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo	Éder Augusto	ederaugusto20@bol.com.br		8402-3675
Associação Novolhar	Gisele Raulino	gi.raulino@gmail.com		3253-6851
Fábricas do Futuro	Tuka Lofredo	tukalofr@plugnet.com.br		3097-0483
Cinema e Vídeo nas Escolas	Inês Silva dos Santos	lua.ignes@ig.com.br	www.acaoeducativa.org	6154-1899
Projeto Casulo	Guiné / Alexandre Carfer	guine@projetocasulo.org.br	www.projetocasulo.org.br	3758-0506
Coordenadoria da Juventude da PMSP	Renato Musa	renatomusa@oycos.com.br	www.prefeitura.sp.gov.br/juventude	3113-9725
Sala 5	Letícia	leticia_stankus@yahoo.com.br	3082-7819	9624-8804
Sala 5	Soninha	soninhabr@aol.com	3673-8119	
Projeto Perifa	Helena	projetoperifa@uol.com.br	3865-8890 / 3814-6176	9256-7267
Cineclubes Kauffman	Vera	veravalgas@ig.com.br	3944-1024	9538-3721
Cineclubes Rio Pequeno	Sandra		3714-1076 (rec)	
ACEPUSP	Igor		3801- 3567/ 32310692	
Ação Educativa - Cinema e Vídeo Brasil	Luiz Barata	luizbarata@hotmail.com	3151-2333 r. 115 / 173	

Pessoas	Grupo	Email	fone
Adriane	Associação Novolhar	adricriart@ig.com.br	6957-3813 9679-0535
Alexandre Kishimoto	Ação Educativa	alexandrekishimoto@gmail	3151-2333
Ananda Stucker	ECA-USP	anandastu@terra.com.br	8297-4148
Andre Ragusa F.	Sub Pinheiros	aragusa@prefeitura.sp.gov.br	3095-9556
Camila de Freitas	Brazucah Filmes	brazucahproducoes@yahoo.com.br	3875-6345
Carlos Pires Santos		carlos_social@yahoo.com.br	9933-8748 6141-8451
Cassius C.P. Nogueira	Projeto Arrastão	cassius@amarelo.org.br	3221-4036
Cláudio Nunes de Souza	Tio- Pac	tiopac_lee@yahoo.com.br	6516-7586 8378-1570
Clemie Blaud	ABD	clemie@uol.com.br	9698-2724
Cynthia Alario	Brazucah Filmes	brazucahproducoes@yahoo.com.br	3875-6345
Éder Augusto	Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo	ederaugusto20@bol.com.br	8402-3675
Edu Abad	ABD	eduabad@uol.com.br	9659-3780
Elton Ferraz	Joinha Filmes	erhymes@gmail.com	9886-4805 errado
Ester Hamburguer	ECA-USP	ehamb@uol.com.br	8193-2720
Fabiolla Duarte	FUNARTE	fabiolladuarte@yahoo.com.br	9307-4693
Flávio Galvão	Espaço arterial / Bib Mont. Lobato	flavio.galvao@gmail.com	
Gisele Raulino	Ass. Novolhar	gi.raulino@gmail.com	8234-7535
Gleice Medeiros	Joinha Filmes	tielyqueen@gmail.com	9802-7323
Guiné / Alexandre Carfer	Projeto Casulo	guine@projetocasulo.org.br	7314-1115
Helena	Projeto Perifa	projetoperifa@uol.com.br	3865-8890 9256-7267
Igor	ACEPUSP		3801- 3567/ 32310692
Indianara	Instituto Criar	pretaindi@yahoo.com.br	
Inês Silva dos Santos	Cinema e Vídeo nas Escolas	lua.ignes@ig.com.br	6154-1899
Jamal	Ouro Negro Filmes	jamalunatico@hotmail.com	7161-7330 3284-7152
Jefferson Ferreira	Fábricas do Futuro		4704-1003 3097-0483
Kelly Regina	Filmagens Periféricas	filmagensperifericas@hotmail.com	6558-7310 8347-2580
Letícia	Sala 5	leticia_stankus@yahoo.com.br	3082-3750 9624-8804
Lilia Olmedo Monteiro	Coord.da Juventude da PMSP	liliaolmedo@uol.com.br	3113-9727
Luciano Oliveira	NERAMA	anjo.luciano@ig.com.br	9181-2635
Luiz Barata	Ação Educativa - Cinema e Vídeo Br	luizbarata@hotmail.com	3151-2333 r. 115 / 173
Márcia Izzo	Joinha Filmes/ Pontos de Cultura	alfamarcia@gmail.com	3331-8399
Marcos Katudjian	ABD	katudjian@terra.com.br	9608-0695
Maria Gutierrez	ECA-USP	mariaalgutierrez@hotmail.com	3873-5271
Max Mu	CAAC	maxmu@caac.com.br	8286-9962
Maya	Instituto Criar	maya@institutocriar.org	7716-0658
Maira Toledo	Kinofórum	olhar@kinoforum.org	8372-3229
Nadia Mangolini	Kinofórum	oficinas@kinoforum.org	9577-1198
Pary (M. Ap.)	VAI	parysouza@yahoo.com.br	9502-7465
Paula Takada	Projeto Casulo	paulatakada@proketocasulo.org.br	
Paulo Eduardo Silva Sant	Núcleo Instituto Criar	edupaulo@gmail.com	333-7676

Reginaldo	Ass. Cultural Artística de Heliópolis e	acahscultural@yahoo.com.br	6914-2275
Renato Musa	Coord.da Juventude da PMSP	renatomusa@oycos.com.br	3113-9725
Sandra	Associação Novolhar	sandrarz@uol.com.br	8116-5355
Sandra	Cineclube Rio Pequeno		3714-1076 (rec)
Simone Rebeque	CAAC	simonerebeque@yahoo.com.br	6862-2163
Soninha	Sala 5	soninhabr@aol.com	3673-8119
Tatiana Cavalcante	Oficinas Kinoforum	tatimidia@yahoo.com.br	
Tatiana Travisani	Fundação Gol de Letra	tati_travi@yahoo.com.br	6991-2361
Tiago Oliveira	Proeto casulo	caretagrafh@yahoo.com.br	
Tuka Lofredo	Fábricas do Futuro	tukalofr@plugnet.com.br	3097-0483
Valdimir Modesto	Associação Cultural Artística de Heli	acahscultural@yahoo.com.br	
Vania	MUCCA	vaniasilvalab@yahoo.com.br	7308-7528
Vanice Deise	Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo	vanicedeise@yahoo.com.br	8402-3675
Vera	Cineclube Kauffman	veravalgas@ig.com.br	3944-1024 9538-3721
William Hinestrosa	Kinofórum	brasil@kinoforum.org	7247-4012
Willian S Santos	Crespo Filmes	triosuss@yahoo.com.br	7382-8438
Wilq Vicente	VCT/ Ação Educativa	wilqthecat@bol.com.br	9378-9348 .

Grupo	Representante	Email	site	fone
Associação Cultural Artística de Heliópolis	Reginaldo	acahscultural@yahoo.com.br	www.acahs.amatriz.com.br	6914-2275
Joinha Filmes	Elton Ferraz	joinhafilmes@yahoo.com.br		6282-3652
Filmagens Periféricas	Kelly Regina	filmagensperifericas@hotmail.com		6558-7310
Kinofórum	Maira Toledo	olhar@kinoforum.org	www.kinoforum.org	3034-5538
ABD	Edu Abad	eduabad@uol.com.br	www.abdsp.org.br	3727-2867
FUNARTE	Fabiolla Duarte	fabiolladuarte@yahoo.com.br	www.funarte.gov.br	3662-5177
CAAC	Max Mu	maxmu@caac.com.br	www.caac.com.br	
Ação Educativa	Alexandre Kishimoto	alexandrekishimoto@gmail	www.acaoeducativa.org	3151-2333
Instituto Criar	Danielle Fiabane	danielle@institutocriar.org	www.institutocriar.org	7716-0658
Fundação Gol de Letra	Tatiana Travisani	tati_travi@yahoo.com.br	www.goldeletra.org.br	6991-2361
Tio- Pac	Cláudio Nunes de Souza	tiopac_lee@yahoo.com.br		6516-7586
Brazucah Filmes	Camila de Freitas	brazucahproducoes@yahoo.com.br		3875-6345
VCT	Wilq Vicente	wilqthecat@bol.com.br	www.acaoeducativa.org	3151-2333
MUCCA	Luciano Oliveira	anjo.luciano@ig.com.br		9181-2635
Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo	Éder Augusto	ederaugusto20@bol.com.br		8402-3675
Associação Novolhar	Gisele Raulino	gi.raulino@gmail.com		3253-6851
Fábricas do Futuro	Tuka Lofredo	tukalofr@plugnet.com.br		3097-0483
Cinema e Vídeo nas Escolas	Inês Silva dos Santos	lua.ignes@ig.com.br	www.acaoeducativa.org	6154-1899
Projeto Casulo	Guiné / Alexandre Carfer	guine@projetocasulo.org.br	www.projetocasulo.org.br	3758-0506
Coordenadoria da Juventude da PMSP	Renato Musa	renatomusa@oycos.com.br	www.prefeitura.sp.gov.br/juventude	3113-9725
Sala 5	Letícia	leticia_stankus@yahoo.com.br	3082-7819	9624-8804
Sala 5	Soninha	soninhabr@aol.com	3673-8119	
Projeto Perifa	Helena	projetoperifa@uol.com.br	3865-8890 / 3814-6176	9256-7267
Cineclube Kauffman	Vera	veravalgas@ig.com.br	3944-1024	9538-3721
Cineclube Rio Pequeno	Sandra		3714-1076 (rec)	
ACEPUSP	Igor		3801- 3567/ 32310692	
Ação Educativa - Cinema e Vídeo Brasil	Luiz Barata	luizbarata@hotmail.com	3151-2333 r. 115 / 173	

Pessoas	Grupo	Email	fone	
Adriane	Associação Novolhar	adricriart@ig.com.br	6957-3813	9679-0535
Alexandre Kishimoto	Ação Educativa	alexandrekishimoto@gmail	3151-2333	
Anahí Borges	ECA-USP	anahyborges@yahoo.com.br		7105-2622
Ananda Stucker	ECA-USP	anandastu@terra.com.br	8297-4148	
Andre Ragusa F.	Sub Pinheiros	aragusa@prefeitura.sp.gov.br	3095-9556	
Camila de Freitas	Brazucah Filmes	brazucahproducoes@yahoo.com.br	3875-6345	
Carlos Pires Santos		carlos_social@yahoo.com.br	9933-8748	6141-8451
Carolina Mendes	Instituto Criar	carolina@institutocriar.org	3333-7676 r. 26	
Cassius C.P. Nogueira	Projeto Arrastão	cassius@amarelo.org.br	221-4036/ 8221-4086	
Cláudio Nunes de Souza	Tio- Pac	tiopac_lee@yahoo.com.br	6516-7586	8378-1570
Clemie Blaud	ABD	clemie@uol.com.br	698-2724/ 3812-2809	
Cynthia Alario	Brazucah Filmes	brazucahproducoes@yahoo.com.br	3875-6345	
Éder Augusto	Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo	ederaugusto20@bol.com.br/ arrofeija	352-7470/ 6236-1939	
Edu Abad	ABD	eduabad@uol.com.br	9659-3780	
Elton Ferraz	Joinha Filmes	erhymes@gmail.com	9886-4805	errado
Ester Hamburguer	ECA-USP	ehamb@uol.com.br	8193-2720	
Fabiolla Duarte	FUNARTE	fabiolladuarte@yahoo.com.br	9307-4693	
Flávio Galvão	Espaço arterial / Bib Mont. Lobato	flavio.galvao@gmail.com	3256-3057	
Geneci Ledo Tulio	Cine Favela	acahscultural@yahoo.com.br	6914-2275	
Gisele Raulino	Ass. Novolhar	gi.raulino@gmail.com	8234-7535	
Gleice Medeiros	Joinha Filmes	tielyqueen@gmail.com	9802-7323	
Guiné / Alexandre Carfer	Projeto Casulo	guine@projetocasulo.org.br	7314-1115	
Helena	Projeto Perifa	projetoperifa@uol.com.br	865-8890 / 3814-617	9256-7267
Igor	ACEPUSP		3801- 3567/ 32310692	
Indianara Nonzamo	Instituto Criar	pretaindi@yahoo.com.br	388-4270/ 4461-3960	
Inês Silva dos Santos	Cinema e Vídeo nas Escolas	lua.ignes@ig.com.br	6154-1899	
Jamal	Ouro Negro Filmes	jamalunatico@hotmail.com	7161-7330	3284-7152
Jefferson Ferreira	Fábricas do Futuro		4704-1003	3097-0483
Junior	MUCCA	juniordm@hotmail.com	5854-1695	9236-7035
Kelly Regina	Filmagens Periféricas	filmagensperifericas@hotmail.com	6558-7310	8347-2580
Laura Carvalho	ECA-USP	lilitchka_av@yahoo.com.br	5562-3996	9108-7877
Letícia	Sala 5	leticia_stankus@yahoo.com.br	3082-3750	9624-8804
Lilia Olmedo Monteiro	Coord.da Juventude da PMSP	liliaolmedo@uol.com.br	3113-9727	
Luciano Oliveira	NERAMA	anjo.luciano@ig.com.br	9181-2635	
Luiz Barata	Ação Educativa - Cinema e Vídeo Br	luizbarata@hotmail.com	151-2333 r. 115 / 173	
Márcia Izzo	Joinha Filmes/ Pontos de Cultura	alfamarcia@gmail.com	3331-8399	
Marcos Katudjian	ABD	katudjian@terra.com.br	9608-0695	
Maria Gutierrez	ECA-USP	mariaalgutierrez@hotmail.com	3873-5271	
Max Mu	CAAC	maxmu@caac.com.br	8286-9962	
Maya	Instituto Criar	maya@institutocriar.org	7716-0658	

Moira Toledo	Kinofórum	olhar@kinoforum.org	8372-3229
Nadia Mangolini	Kinofórum	oficinas@kinoforum.org	9577-1198
Pary (M. Ap.)	VAI	parysouza@yahoo.com.br	9502-7465
Paula Takada	Projeto Casulo	paulatakada@proketocasulo.org.br	
Paulo Eduardo Silva Santos	Núcleo Instituto Criar	edupaulo@gmail.com	333-7676
Reginaldo de Túlio	Ass. Cultural Artística de Heliópolis e	acahscultural@yahoo.com.br	6914-2275
Renato Musa	Coord.da Juventude da PMSP	renatomusa@oycos.com.br	3113-9725
Rodrigo Luiz de Souza	Cine Favela		6162-6161
Rômulo Santos	(participou do cinedeguerrilha)	lix_editora@hotmail.com	8374-1977
Sandra	Associação Novolhar	sandrarz@uol.com.br	8116-5355
Sandra	Cineclube Rio Pequeno		3714-1076 (rec)
Simone Rebeque	CAAC	simonerebeque@yahoo.com.br	6862-2163
Soninha	Sala 5	soninhabr@aol.com	3673-8119
Tatiana Cavalcante	Oficinas Kinoforum	tatimidia@yahoo.com.br	(13) 9104-2760
Tatiana Trvisani	Fundação Gol de Letra	tati_travi@yahoo.com.br	6991-2361
Tiago Oliveira	Projeto casulo	caretagrafh@yahoo.com.br	
Tuka Lofredo	Fábricas do Futuro	tukalofr@plugnet.com.br	3097-0483
Valdimir Modesto	Associação Cultural Artística de Heli	acahscultural@yahoo.com.br	
Vania	MUCCA	vaniasilvalab@yahoo.com.br	7308-7528
Vanice Deise	Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo	vanicedeise@yahoo.com.br	8402-3675
Vera	Cineclube Kauffman	veravalgas@ig.com.br	3944-1024 9538-3721
William Hinestrosa	Kinofórum	brasil@kinoforum.org	7247-4012
Willian S Santos	Crespo Filmes	triosuss@yahoo.com.br	7382-8438
Wilq Vicente	VCT/ Ação Educativa	wilqthecat@bol.com.br	9378-9348

CINEMA de QUEBRADA NO CCSP

Cinema de quebrada, um evento realizado com a intenção de divulgar os trabalhos dos núcleos e produtores envolvidos neste fórum, suscitando o debate para aplicação das atividades e formação dos mesmos.

O Fórum Paulistano de Produtores de áudio visual é uma reunião de realizadores do da Região Metropolitana de São Paulo. Visa dar multiplicação, ampliação, visibilidade e acesso aos meios de produção; Sensibilizando e Potencializando outros jovens interessados na linguagem.

DIRETRIZES PARA PROGRAMAÇÃO E DEBATES

1- " Expressão" Data da Mostra 01/10

Titulo: "Fala Tu !!!"

Descrição:

"E surge o video como
forma de manifesto, reivindicação ou sensibilização "

Sugestão de Nomes Para Debate:

M.V. Bill (CUFA)

* Rapp'n Hood (Rapper Paulista) (* suplência ou plano B)

Juliana Penna (Revista Rap Brasil)

Ricardo Elias

Daiane Minutti (Professora e Realizadora)

J.C. (F.P)

Mediação Jamal

A Programação para a data depende da aprovação do fórum.

2 – Linguagem Data 08/10

1- Tema

Cinema "DE" Periferia.

Titulo " A olho Nu: estetica e linguagem sem frescura

2-Questões

-O que é linguagem estética se tratando de cinema?

-Quais são as características dos filmes de periferia?

-Existe uma unidade na produções?

-A estética das produções esta ligada aos meios utilizados para produzir?-

-Qual a unidade destes produtores ou destes produtos?

-Se existe uma unidade, esta pode ser entendida como referencia á

todos envolvidos com cinema "De" periferia?

-E se não existe o que une estes produtores ou estas produções?

3- Nomes sugeridos

Arlindo Machado

Jefferson De (Cinema e Feijoada)

Eduardo Aguilar

André Costa (Olhar Periférico)

Mediador : Luciano Nerama ou Márcia J.F.

4- Proposta de Filmes

Cidadão Silva (Nois do cinema)

O Banho(Atiely Santos)

Um monte em mim (Nerama)

O Ultimo da Fila (Kinoforum)

O dia que....enfrentou a guarda.(preciso verificar quem fez e o nome correto)

OBS: Sobre a escolha do nome do tema, nós pensamos em tratar de produções feitas por pessoas da periferia e dialogar também com quem faz filmes sobre a periferia. E também falar sobre a mobilidade e a diversidade que envolve essas produções.

Bem acho que é isso.

3. FORMAÇÃO DE PÚBLICO data 15/10

"Chega Aí ou Cola Aí!!!"

- Como promover o acesso ao cinema brasileiro na periferia?

1) Apresentação dos problemas que impedem grande parte da população de ter acesso ao cinema brasileiro:

- Concentração de salas de cinema no centro
- Preço do ingresso
- Desconhecimento do cinema brasileiro

2) Apresentação de projetos que apresentam alternativas a esse quadro:

Brazucah Produções – Cynthia Alario

Cinema no Recreio nas Férias

Cinescola

Cine Viagem Latino

Cinema BR em Movimento

Lançamento de filmes com foco na formação de público

Laís Bodansky e Luis Bolognesi

Cine Mambembe

Cine Tela Brasil

Centro Cineclubista de São Paulo – Diego Gomes

Cineclube Assunção Hernandez

Cinescola

Espaço Unibanco – Patrícia Durães

Clube do Professor

Sugestões de curadoria: Filmes produzidos por núcleos de produção comunitários, e ou participantes do fórum.

Debatedores:

Alfredo Manevi

Orlando Senna

CCBB

Diego Gomes Centro Cineclubista de São Paulo

Luciano Oliveira Nerama (Mediador)

4. Produção data 22/10

“Na correria: os oposto se atraem... FAAP & PERIFERIA”.

(debatedores)

Wladimir ou Ednaldo do Cine Favela

Rubens Reitor da FAAP

(filmes)

Produções dos dois espaços

5. FORMAÇÃO data 29/10

Título: “Ampliando Outros Horizontes”

Apresentação do tema central

Como propiciar extensão/aprofundamento na formação dos jovens artistas e seus núcleos?

(mediador)

Apresentação de modelos e resultados de iniciativas existentes em “formação continuada e produção em audiovisual”.

(experiências)

- 1.) Extensão em Formação Técnica (Instituto Criar)
- 2.) Banco de Talentos da Produtora Social Novolhar Comunica (Associação Novolhar)
- 3.) Incubação de Produtora Independente. (Boca de Filme "incubada" pelo Cinemaneiro/Boteco Cinematográfico)
- 4.) Produtora Independente auto-sustentável (Nós do Cinema)

5.) Alguém da E.C.A

Abertura para discussão sobre os temas:

- Diferenças no estágio de formação dos realizadores X desenvolvimento estético/linguagem dos trabalhos
- Importância da educação superior em audiovisual (tendo como referência a Universidade de Cinema/ Jornalismo) X formação técnica;
 - O papel do poder público na formação continuada;
 - Possibilidades de projetos de formação continuada, articulados às Universidades (projetos de extensão universitária);
 - Limite entre o papel das ONG's/ poder público em relação aos projetos das produtoras jovens (paternalismos X emancipação);
- Possibilidades de parcerias com o poder público no percurso de emancipação dos jovens produtores;

Proposta de sonho coletivo:

Sugerimos que pudessemos sonhar, seguindo os temas de cada mesa da Mostra, com a construção de uma Produtora Social Pública.

Para o tema formação discutiríamos:

- Por que esta produtora é pública?
- Que aspectos de formação aconteceriam?
- Que parcerias poderíamos estabelecer com ONG's ?
- Como funcionaria para ser uma incubadora de produtoras?

Sugestão de Vídeos:

Trabalhos que permitam o debate acerca da formação de seus realizadores, e trabalhos produzidos por esses modelos citados de atuação; incubadoras e etc.

OBS: A nossa sugestão é que a divisão exibição de filmes/debate seja variável. Por exemplo, nesse tema, que é muito amplo, valeria deixar bastante espaço/tempo para o debate.

Mediação: Moira.

6. O papel das ONG's / Mobilização Data 05/11

"Quanto Vale ou é Por Quilo"

Subtítulo: Produção, formação, exibição. Como o terceiro setor se relaciona com a linguagem audiovisual e os jovens?

Questões sobre o tema

1. Formação nas ONG's (produção, formação de público, exibição)
2. Produção
3. Sustentabilidade / Mercado de Trabalho
4. Relação com os equipamentos públicos
5. Democratização dos meios
6. Que construção da sociedade quer as ong's, sendo que ela cria a lógica neoliberal. (Mão de obra barata, competitividade, a criação de projetos.)

Sugestões para debate:

Ação Educativa

Novolhar

Sergio Bianchi

Wilqsedequis

Representação das ong's

Poder público

Sugestões para curadoria

O Espanto

O Ataque da Amoébar

É Natal

Big Bolão Contaminado

(É um grupo de crianças de Sorocaba, que vou vê se consigo pra mostra)

7. A MÁQUINA PÚBLICA DE CULTURA Data 12/11

Titulo "Ta Faltando Grana!!!! O Papel do poder publico em questão".

Questões sobre o tema

UTILIZAÇÃO DO EQUIPAMENTO PÚBLICO

GESTÕES PARTIDÁRIAS DA CULTURA E EDUCAÇÃO, COMO OS PARTIDOS TRATAM OS MOVIMENTOS ORGANIZADOS

LEIS DE INCENTIVO A CULTURA

GESTÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS COM DINHEIRO PÚBLICO

CONTRATAÇÃO DE OFICINEIROS

EDITAL DO VAI, LEI MENDONÇA, PROJETOS DE LEI, ETC

Sugestões de nomes para os debates

REPRESENTANTE DO GEC - TIOPAC

REPRESENTANTE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

REPRESENTANTE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

MEDIADOR: EDU ABAD _DIRETOR DO NÚCLEO EDUCAÇÃO/AUDIOVISUAL DA ABD_SP

4. Sugestões de curadoria

FILMES QUE FORAM PRODUZIDOS COM EQUIPAMENTO OU VERBA PÚBLICA

PS.: Podemos pensar uma forma que os realizadores dos filmes que forem escolhidos, dêem seu depoimento e oriente a pauta. Por outro lado, acho importante aproveitar a oportunidade para colocar na mesa, gente do governo com gente que faz. O que acham?

8. Sustentabilidade / Mercado de Trabalho 19/11

Questões sobre o tema

1º Leis de fomento.

2º Fontes de financiamentos.

3º Ampliar as leis de incentivo e financiamentos.

4º Transparências, prestação de contas dos cineastas (dinheiro público)

5º Formação, conteúdo, auto - crítica e currículo x mercado de trabalho.

6º Transparências das ong`s e continuidade no trabalho desenvolvido, e um aparato sustentável aos grupos formados.

Sugestões p/ debate

Secretário Municipal de Cultura

Representante do poder público (Coordenadora do CEU`s)

Sugestões p/ Curadoria

O tempo e o ritmo (VCT)

Angélica, Augusta e Consolação (VCT).

É tudo mentira

“Verdade é um monte de mentiras que os caras contam e que todos acreditam que é verdade” – Emília
in Memórias da Emília, de Monteiro Lobato

A Biblioteca Monteiro Lobato, em parceria com o Espaço Arterial/Cinetrans, Cinecélula e Cineclube Darcy Ribeiro, inicia neste mês de Abril uma nova temática dentro de sua programação de vídeo: *Verdades e Mentiras no Cinema*. Isso significa que, a partir de Primeiro de Abril, o Dia da Mentira¹, filmes que têm em seu conteúdo informações históricas importantes serão objeto de uma leitura crítica sobre como algumas narrativas mantêm-se honestas em relação àquilo que retratam, enquanto outras são “verdadeiras” mentiras. Não se trata de discutir “a verdade própria do cinema”, nem a “forma” dos filmes, mas o *conteúdo*: algumas características cinematográficas se defendem pelo próprio nome – a exemplo da *trucagem* – e não devem ser confundidas (podem sim, ser incluídas) nessa discussão.

A idéia de uma mostra intitulada “**É Tudo Mentira**” nasceu de bate-papos divertidos que os integrantes do Espaço Arterial tinham sempre enquanto acontecia o “É Tudo Verdade”, um dos mais prestigiados e “bem-sucedidos” festivais de documentários idealizado no país. Cientes da responsabilidade e do respeito que temos por esse festival, afirmamos que nossa intenção foi a de simplesmente brincar com o título, já que as circunstâncias apresentavam esses nomes por coincidência: É Tudo Verdade em Março, o primeiro Sábado de Abril coincidindo justamente com *o Dia da Mentira* e, por fim, o sarcasmo de Lobato nas frases de suas personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo – tudo isso em relação direta com os temas dos filmes. E por falar nos filmes, segue abaixo a programação do mês de Abril – estão todos convidados (de verdade!):

Entrada Franca!

Biblioteca Monteiro Lobato
Rua General Jardim, 485
Fone: 3256 4122

Local Humanista
Rua Albuquerque Lins, 306
Fone: 3872 0353

Obs: Os debates na Biblioteca têm início às 16h e a exibição dos filmes às 17h; no Local Humanista as sessões começam às 19h, seguidas de debate.

¹ http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/cur_1abr.htm – Primeiro de Abril: O dia da Mentira – da série FOLCLORE, editada pelo Departamento de Antropologia da FJN

Programação:

**Biblioteca
Monteiro
Lobato**

**Local
Humanista**

01/04 -
Rambo II

03/04 -
Mera
Coincidência

08/04 - O
que é isso
Companheiro

10/04 -
Excesso
(Surplus)

15/04 -
Sacco e
Vanzetti

17/04 - A
Corporação

22/04 -
Underground

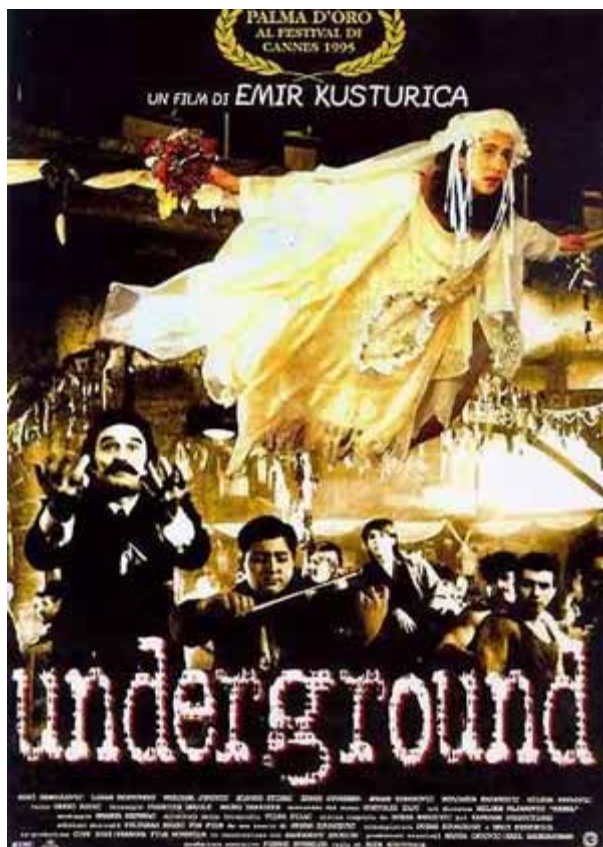
24/04 - O
Quarto
Poder

29/04 - O
caso dos
irmãos
Naves

01/05 -
Moralidade
Distorcida

UNDERGROUND

- MENTIRAS DE GUERRA



Vencedor da Palma de Ouro em Cannes, este drama se passa durante a Segunda Guerra Mundial, em Belgrado, no ano de 1941. Marko é um rapaz que lidera uma banda de músicos e ao mesmo tempo participa do submundo do tráfico de armas. Juntamente com seu amigo Blaky, Marco fornece armas aos membros da resistência e em pouco tempo consegue enriquecer.

diretor

EMIR KUSTURICA

roteiro

Emir Kusturica, Dusan Kovacevic

fotografia

Vilko Filac

montagem

Branka Ceperac

elenco

Miki Manojlovic, Lazar Ristovski, Mirjana Jokovic, Slavko Stimac

170 minutos minutos



RAMBO II



"Rambo II: a missão" retoma a história do primeiro filme. Rambo está na prisão, cumprindo pena de dez anos de trabalhos forçados, quando o seu ex-comandante, o coronel Trautman, aparece com uma proposta para libertá-lo. Ele deve ir numa missão ao Vietnã em busca de evidências de que ainda existem prisioneiros americanos por lá.

John Rambo agora está no seu elemento. Com a ajuda de uma guia local, Rambo não só consegue encontrar o campo de prisioneiros, como também liberta um deles. O problema é que a missão fora prevista para provar que NÃO existiam prisioneiros no Vietnã. Rambo então é abandonado à própria sorte por ordem direta do chefe da missão.

Prisioneiro dos vietnamitas ele é torturado por choque elétrico e tudo mais. Com a ajuda de sua linda guia, Rambo consegue fugir do acampamento. Na fuga, o inimigo mata a nova amiga do herói. Em sua vingança, espalha um rastro de destruição e morte de tal porte que levava as platéias do cinema ao delírio.

Embora a matança tenha demorado um pouco para começar, a média de mortes ficou em uma a cada 2,1 minutos. Contagem total: 44 ao todo. Foram cinco pela famosa faca dentada, dois por estrangulamento, catorze por arco e flecha, quinze por arma de fogo, três por explosões e dois no assalto ao helicóptero.

Não se pode classificar "Rambo II" como um clássico, mas é um filme que agrada os fãs do cinema de ação. Basta ver a quantidade de vezes que já foi apresentado nos canais de tv, abertos ou pagos. Fonte: www.arcadovelho.com.br

Ficha Técnica

Título Original: Rambo: First Blood Part II

Gênero: Aventura

Tempo de Duração: 95 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1985

Estúdio: Carolco Pictures / Anabasis N.V.

Distribuição: TriStar Pictures

Direção: George P. Cosmatos

Roteiro: Sylvester Stallone e James Cameron, baseado em estória de Kevin Jarre

Produção: Buzz Feitshans

Música: Jerry Goldsmith

Direção de Fotografia: Jack Cardiff

O Que É Isso, Companheiro?



Em plena ditadura militar, um grupo de jovens realiza um ousado sequestro do embaixador americano no Brasil, como forma de pressionar o governo a atender suas exigências. Dirigido por Bruno Barreto (Bossa Nova) e com Fernanda Torres, Matheus Natchergaele, Pedro Cardoso, Cláudia Abreu, Luiz Fernando Guimarães e Alan Arkin no elenco. Recebeu uma indicação ao Oscar.

▪Ficha Técnica

Título Original: O Que É Isso, Companheiro?

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 105 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1997

Estúdio: Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas /
Filmes do Equador / Pandora Cinema / Quanta / Sony
Corporation of America

Distribuição: Miramax Films / Riofilmes

Direção: [Bruno Barreto](#)

Roteiro: Leopoldo Serran, baseado em livro de Fernando
Gabeira

Produção: Lucy Barreto e Luiz Carlos Barreto

Música: Stewart Copeland

Direção de Fotografia: Félix Monti



O Caso dos Irmãos Naves

A reconstituição de um caso real, ocorrido no Estado Novo em 1937, na cidade de Araguari (MG). Tudo começa quando um homem foge levando o dinheiro de uma safra de arroz. Os irmãos Naves (Raul Cortez e Juca de Oliveira), sócios do fugitivo, denunciam o caso à polícia. De acusadores passam, no entanto, a réus, por obra e graça do tenente de polícia (Anselmo Duarte), que dirige a investigação. Presos e torturados, os Naves são obrigados a confessarem o crime que não cometeram.

Ficha Técnica

Título Original: O Caso dos Irmãos Naves

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 92 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1967

Distribuição: MC Filmes

Direção: [Luís Sérgio Person](#)

Assistente de direção: Sebastião de Souza

Roteiro: Jean-Claude Bernardet e Luís Sérgio Person

Produção: Mário Civelli, Glauco Mirko Laurelli, Luís Sérgio Person, Lauper Filmes e MC Filmes

Música: Cláudio Petráglia

Fotografia: Oswaldo De Oliveira

Sacco e Vanzetti



Boston, início dos anos 20. Nicola Sacco (Riccardo Cucciolla) e Bartolomeo Vanzetti (Gian Maria Volonté) são dois imigrantes italianos, sendo o primeiro um sapateiro e o outro um peixeiro, que são detidos pela polícia. Ninguém negava que eram anarquistas, na verdade eles mesmos admitiam. Porém era duvidoso que Sacco e Vanzetti fossem culpados de um assassinato, que aconteceu em 15 de abril de 1920. O

juízo deles deixou de ser algo baseado na justiça e sim na política, pois deviam ser condenados por serem estrangeiros e seguirem uma doutrina política que se opunha ao conservadorismo, que tinha as rédeas do poder nos Estados Unidos.

Ficha Técnica

Título Original: Sacco e Vanzetti

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 119 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 1971

Direção: Giuliano Montaldo

Roteiro: Fabrizio Onofri e Giuliano Montaldo, baseado em história de Giuliano Montaldo, Fabrizio Onofri e Mino Roli

Produção: Arrigo Colombo e Giorgio Papi

Música: Ennio Morricone

Fotografia: Silvano Ippoliti

Desenho de Produção: Aurelio Crugnola

Figurino: Enrico Sabbatini

Edição: Nino Baragli

Programação **SAPOCINE** para o Festival
ENTRETODOS

01/05 (Dia do Trabalho) às 17h, exibição dos filmes:

- **Um dia de corte** (Vídeo-criação coletiva – Homenagem aos trabalhadores rurais cortadores de cana. Oficina de vídeo da Estação USP; Mococa – 2006) *Bate-papo com os coordenadores da Oficina após a sessão.*
- **Direitos Esquecidos – Moradia na periferia** (Vídeo realizado pela Brigada de Guerrilha Cultural do MTST).

Foto do filme: *Um dia de corte*



06/05 às 17h – Curtas Entretodos

12/05 (SÁBADO) – sessão especial com apresentações de rap (Grupos Comando Criminal e CAGEBE) e bate-papo / debate:

14h – Curtas Entretodos (Bloco I – mostra competitiva);

16h:30min – apresentação do grupo I;

17h – bate-papo / debate com o convidado Dr. José Gregório, da CMDH – Comissão Municipal de Direitos Humanos;

18h – apresentação do grupo II;
19h – Curtas Entretodos (Bloco I – mostra competitiva)

13/05 (Dia Nacional da Luta Contra o Racismo) às 17h – Preto e Branco

20/05 às 17h – Segunda-feira ao Sol

27/05 às 17h – Eles não usam black tie

NÚCLEO AUDIOVISUAL SAPOCINE
RUA SÃO ROQUE DE MINAS, nº 233
JARDIM ANTÁRTICA / SP
TEL. 8354 3115 / 9428 7398

Contatos:

<http://br.groups.yahoo.com/group/juventudeativa2001/>

<http://br.groups.yahoo.com/group/cinetranse/>

www.entretodos.com.br

APOIO: AÇÃO EDUCATIVA
Centro de Mídia Juvenil
www.acaoeducativa.org

FESP
Fundação Escola de Sociologia e Política

CMDH
Comissão Municipal de Direitos
Humanos

MOSTRA CINEMA DE QUEBRADA

Programação

Centro Cultural São Paulo – sempre às 14h

Data: 01/10

Programa: "Fala Tu!" E surge o vídeo como forma de manifesto, reivindicação ou sensibilização.

VIDA NA RUA (Projeto Olho da Rua, POA-RS)

A PASSAGEM (VCT-SP)

ATITUDE NA CENA (JOINHA FILMES-SP)

MULHER DE AMIGO (BOCA DE FILME-RJ)

Convidados:

Jeferson De - Cineasta

Éder Augusto – Coordenador do Arroz Feijão Cinema e Vídeo

Data: 08/10

Programa: "A olho Nu: estética e linguagem sem frescura".

NAS CALÇADAS DO RIO (Nós do Cinema – RJ)

MENTAL, FISICO E ESPIRITUAL(VCT – SP)

O ULTIMO DA FILA (Oficinas Kinoforum/ Arroz Feijão Cinema e Vídeo –

SP)

MUROS DA MENTE (Oficina de Imagem Popular – DF)

UM MONTE EM MIM (NERAMA – SP)

ÍCARO (Secretaria de Cultura de POA – RJ)

Convidados:

Francisco Cesar Filho – Programador, Produtor e Cineasta

Paolo Gregori – Cineasta e Professor.

Data: 15/10

Programa: "Cola Aí!!!"

JOÃO CANDIDO (Nós do Cinema – RJ)

MAIS QUE UM NÚMERO (Cinema e Vídeo Brasileiro nas Escolas – SP)

IMPROVISE (Joinha Filmes – SP)

Convidados:

Giovanna Fernandes – Diretora da área de Cinema do CCBB

José Carlos Avellar – Intelectual de Cinema

Data: 22/10

Programa: "Na correria: os opostos se atraem... FAAP & PERIFERIA."

DEFINA-SE (Oficinas Kinoforum – SP)

TELEPATA (Gustavo Brandão – FAAP – SP)

TELE VISÕES (Oficinas Kinoforum – SP)

BIPEDES (Caetano Caruso – FAAP – SP)

MULHER DE AMIGO (Boca de Filme – RJ)

Convidados:

Reginaldo - Projeto CINEFAVELA - Heliópolis

José Gozze – Diretor do Curso de Cinema da FAAP

Data: 29/10

Programa: "Ampliando Outros Horizontes"

ARROZ, FEIJÃO E MACARRÃO (Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo - SP)

BAIRRO SEM CALÇADAS (MUCCA – SP)

O BANHO (Joinha Filmes - SP)

CINEMA DE PERIFERIA (Filmagens Periféricas - SP)

DIA DE VISITA (REALIDADE CRUEL) – (Instituto Criar- SP)

O TEMPO E O RITMO (VCT – SP)

Convidados:

Mauricio Cardoso – Instituto Criar

Christian Saghaard – Cineasta e Coordenador das Oficinas Kinoforum

Data: 05/11

Programa: Mobilização e o Papel das ONG's –

AQUI FORA (Oficinas Kinoforum - SP)

ANGELICA, AUGUSTA E CONSOLAÇÃO (VCT – SP)

PROGRAMA DE SENHORAS (Projeto Olho Vivo – PR)

Convidados:

Zita Carvalhosa – Associação Cultural Kinoforum

Alexandre Kishimoto – Ação Educativa

Data 12/11

Programa: Máquina Pública de Cultura –

VIDA LOKA (Filmagens Periféricas – SP)

GENTILEZA (Nós do Cinema – RJ)

BANDEIRA DE PAZ(VCT – SP)

FIQUEI (Video Brasileiro nas Escolas – Ação Educativa – SP)

Convidados:

Não há confirmação até o momento.

Data: 19/11

Programa: Mercado de Trabalho e Sustentabilidade

MATERIA Ltda (Boca de Filme – RJ)

OFICINA CINESCOLA (NERAMA – SP)

JOÃO CANDIDO (Nós do Cinema – RJ)

A JOGADA (Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo – SP)

Convidados:

Maria do Rosário – Coordenadora do VAI -

Alfredo Manevy – Assessor do Ministério da Cultura.

Realização

Fórum Paulistano de Cinema e Audiovisual Comunitário Jovem

Coordenadoria da Juventude

Secretaria Municipal de Participação e Parceria

Secretaria Municipal de Cultura

Centro Cultural São Paulo

Associação Cultural Kinoforum

Apoio Cultural

ABD –SP (Associação Brasileira de Documentaristas – SP)

Ação Educativa

Associação Comunitária Monte Azul

FCF Comunicações

Instituto Criar de TV e Cinema

NovOlhar

Curadoria e Produção

Cláudio Tio Pac (Filmagens Periféricas/Tio Pac Produções)

Elton Rhymes (Joinha Filmes)

Luciano Oliveira (NERAMA)

Wilq Vicente (VCT – Ação Educativa)

Supervisão de Projeto

Moira Toledo (Associação Cultural Kinoforum)

Nome do Grupo:		
Representante(s) do Grupo:		
Tem CNPJ próprio? _____	Se sim, qual: _____	
Há Instituições Parceiras?	Principal	Outras
Endereço:		
Site/ E-mail:		
Telefones:		
Região de Atuação:		
Histórico do Grupo (Como e quando surgiu):		
Objetivos do Grupo / Público Alvo		
Áreas de Atuação	Produção <input type="checkbox"/> Exibição <input type="checkbox"/> Oficinas: <input type="checkbox"/>	Outras:
Quantas Pessoas fazem parte do grupo ativamente?		
Possui Equipamento?	Quais?	
Tem acesso a Equipamentos?	Quais?	
Fontes de Financiamento (se houver):		
Informações sobre trabalhos produzidos: (título, duração, formato, equipe de coordenação, equipe de participantes, ano e local de produção, veiculação, observações):		
Como o seu Grupo poderia Atuar em algum espaço público da Cidade de São Paulo?		



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA
COORDENADORIA DA JUVENTUDE

O FÓRUM PAULISTA DE CINEMA E AUDIOVISUAL COMUNITÁRIO JOVEM

O Fórum Paulistano de Audiovisual e Cinema Comunitário Jovem é uma reunião permanente de realizadores da Região Metropolitana de São Paulo que visa multiplicar, ampliar, dar visibilidade e acesso aos meios de produção, sensibilizando e potencializando outros jovens interessados na linguagem audiovisual.

O advento da tecnologia digital trouxe uma nova realidade para essa linguagem artística devido ao barateamento dos custos de produção cinematográfica. O que antes era restrito a poucos e grandes produtores, agora é acessível a muitos e pequenos, sem, no entanto alcançar a maior parte da população.

Existe na cidade de São Paulo um sem número de jovens produtores de audiovisual cujo acesso às salas de exibição para o público e até mesmo aos equipamentos públicos de produção é limitado de diversas maneiras. E há ainda, um público potencial para o cinema que não tem o hábito de freqüentá-lo e têm dificuldade de se identificar nos filmes estrangeiros ou mesmo nacionais que não sejam de sua própria comunidade. São, na verdade, dois abismos: um do lado do acesso aos meios de produção e outro do lado do acesso ao produto.

Um diagnóstico descrito na carta de intenções do Fórum identifica três demandas principais do audiovisual e cinema comunitário para os jovens:

1. É preciso ocupar os espaços públicos de projeção audiovisual para que esses equipamentos não se percam no tempo, para que os produtores jovens e sem acesso ao circuito comercial possam exibir seu trabalho e suas idéias, e para que a comunidade da região possa ter acesso ao cinema. Para esse último aspecto cabe ainda notar que é necessário criar o hábito de freqüentar o cinema, começando por peças de autoria e temática daquela região a fim de despertar interesse dentro de uma linguagem que para muitos é totalmente nova.
2. Acesso aos equipamentos públicos de produção audiovisual que, estando fisicamente disponíveis para uso, não o estão de fato. Isso acontece por falta de quem os saiba operar, por falta de quem se responsabilize por aquele patrimônio, ou pela mera falta de políticas e procedimentos para sua liberação e uso.
3. Multiplicação e ampliação da formação de produtores de cinema, sensibilizando outros jovens potencialmente interessados na linguagem e formando o olhar do público para a produção cinematográfica, além de permitir o desenvolvimento de estética própria àquela comunidade que se comunique com o mundo globalizado a partir de seu próprio ponto de vista.



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA
COORDENADORIA DA JUVENTUDE

A MOSTRA CINEMA DE QUEBRADA

Identificação

Cinema de Quebrada, uma mostra organizada pelo Fórum que se realizará no Centro Cultural São Paulo durante os meses de outubro e novembro, tem como propósito a divulgação dos trabalhos de núcleos e produtores envolvidos neste fórum, suscitando o debate para ampliação das atividades e formação dos mesmos.

Objetivos

A Mostra tem por finalidade reunir os jovens produtores de audiovisual da cidade de SP, ONG's fomentadoras do movimento, representantes governamentais, e interessados em geral para discutir mais profundamente suas demandas, bem como elaborar propostas de exibição de filmes produzidos nas periferias das grandes cidades brasileiras, e por fim ampliar o debate com novos interlocutores, inclusive de outras cidades, possibilitando o entendimento dessas demandas e de seus desdobramentos em política pública de cultura e de juventude.

A Mostra visa identificar, discutir e elaborar soluções junto ao poder público municipal, em parceria com outros agentes governamentais, com a sociedade civil e com a iniciativa privada.

Sempre após a programação de filmes promoveremos uma conversa entre representantes do poder público, organizações não governamentais, produtores, realizadores, empresas privadas, universidades e demais participantes.

Justificativa

A primeira delas refere-se à necessidade de se ocupar os espaços públicos de projeção audiovisual para que esses equipamentos não se percam no tempo, para que os produtores jovens e sem acesso ao circuito comercial possam exhibir seu trabalho e suas idéias, e para que a comunidade da região possa ter acesso ao cinema, foi idealizada uma Mostra de Cinema, chamada de Mostra Cinema de Quebrada.

O CCSP foi escolhido para acolher os eventos pela tradição dentro do cinema e do audiovisual, por sua imagem pública e acessível diante do público jovem, por sua localização central e disponibilidade de sua Direção, que nos ofereceu o espaço, a divulgação e os equipamentos.



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA
COORDENADORIA DA JUVENTUDE

Resultados esperados

- Fomentar a produção audiovisual, bem como estimular a formação de público para essa produção;
- contribuir para autonomia dos núcleos de produção audiovisual das regiões periféricas da cidade de São Paulo que têm dificuldades de acesso aos circuitos de produção e exibição do cinema brasileiro;

Programação

1. Expressão – Data 01/10

Programa: “Fala Tu!” E surge o vídeo como forma de manifesto, reivindicação ou sensibilização.

Para abertura da mostra, os curadores escolheram o tema “expressão”, apresentando o trabalho de produção audiovisual nas quebradas da cidade como forma de expressão cultural, política e social.

2. Linguagem – Data 08/10

Programa: “A olho Nu: estética e linguagem sem frescura”.

Depois da análise do quadro dessa expressão, o tema “linguagem” foi escolhido para discutir a forma e o conteúdo desse material audiovisual.

3. Formação de Público – Data 15/10

Programa: “Cola Aí!!!”

Em seguida, vem a discussão sobre a “Formação de Público” e formas de cooptar os potenciais consumidores de cinema.

4. Produção – Data 22/10

Programa: “Na correria: os opostos se atraem... FAAP & PERIFERIA.”

Esse tema visa discutir as formas e meios recorrentes à produção audiovisual da quebrada, suas dificuldades e as soluções criativas que surgem daí.



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA
COORDENADORIA DA JUVENTUDE

5. Formação – Data 29/10

Programa: “Ampliando Outros Horizontes”

Depois, discutir a “Formação” técnica, artística e conceitual desses novos produtores e de sua produção.

6. Mobilização e o Papel das ONG's – Data 05/11

Programa: “Quanto Vale ou é Por Quilo”.

Nesse ponto discutiremos as parcerias necessárias ou desejáveis para a continuidade dos grupos formados como uma forma de emancipação e autonomia.

7. Máquina Pública de Cultura – Data 12/11

Programa: “Ta Faltando Graxa! O Papel do poder público em questão”.

Seguindo a lógica do tema anterior, discutiremos o papel do setor público nessa rede.

8. Mercado de Trabalho e Sustentabilidade – Data: 19/11

Por fim, discutiremos, à luz dos temas anteriores, como se dará a inserção desses grupos no mercado de trabalho e na indústria.

Parcerias

Núcleos participantes

Joinha Filmes,

Tio Pac Produções

Filmagens Periféricas

Vídeo, Cultura e Trabalho (VCT)

"Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo"

Nerama (Núcleo de Estudos e Realização Audiovisual Monte Azul)

Ass. Cultural Artística de Heliópolis

Cinema e Vídeo Brasileiro nas Escolas

Fábricas do Futuro

MUCCA (Mudança com Conhecimento, Cinema e Arte)

entre outros.



SECRETARIA DE PARTICIPAÇÃO E PARCERIA
COORDENADORIA DA JUVENTUDE

ONG's participantes

Instituições que trabalham com a formação de jovens produtores na linguagem audiovisual como forma de expressão e trabalho ou com a democratização do acesso à produção nacional de cinema.

Ação Educativa

Associação Cultural Kinofórum

Brazucah Filmes

Funarte

CAAC (Centro de Artes Alternativas e Cidadania)

Instituto Criar

Fundação Gol de Letra

Projeto Casulo

Associação Novolhar

ABD-SP (Associação Brasileira de Documentaristas – seção São Paulo)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)